# UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FFCLRP — DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

# Criatividade e cognição inventiva no primeiro ano do Ensino Fundamental

SERGIO ALEXANDRE LEMOS GIANNETTI

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofía, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP

#### SERGIO ALEXANDRE LEMOS GIANNETTI

# Criatividade e cognição inventiva no primeiro ano do Ensino Fundamental

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofía, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade

RIBEIRÃO PRETO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte

#### Catalogação na publicação

#### Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

#### Giannetti, Sergio Alexandre Lemos

Criatividade e cognição inventiva no primeiro ano do Ensino Fundamental, 2016.

197 p.: il.; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Andrade, Antônio dos Santos.

1. Criatividade. 2. Cognição inventiva. 3. Ensino Fundamental. 4. Psicologia da Educação.

Nome: Giannetti, Sergio Alexandre	Lemos
Título: Criatividade e cognição inve	entiva no primeiro ano do Ensino Fundamental
	Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofía, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
Aprovado em:/2016	Ó
	Banca Examinadora
Prof. Dr.	
Instituição:	Assinatura:
Prof. Dr.	
Instituição:	Assinatura:
Prof. Dr	
Instituição:	Assinatura:

#### **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as pessoas que constituíram a máquina que realizou este trabalho, da qual eu fui apenas uma pequena peça desta grande engrenagem. A todos, a minha gratidão.

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade, por quem fui acolhido e bem recebido em seu grupo de estudos, que me ensinou a olhar a vida de uma outra maneira e me ensinou não só para a pesquisa, mas também para a vida.

À Profa. Dra. Valéria Chechia e à Profa. Dra. Sylvia Barrera por terem enriquecido este trabalho no exame qualificação, demonstrando, com muita competência, real interesse em ajudar.

Ao programa de Pós-Graduação em Psicologia de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto e a todos os professores que fazem parte dele, pela oportunidade de realizar esta pesquisa e pelos ensinamentos dados.

À escola, professora, diretora, coordenadora e aos alunos e funcionários que contribuíram com esta pesquisa. Obrigado pela oportunidade e confiança de me deixarem entrar na vossa casa durante um ano.

À minha mãe, Palmira Alves de Lemos Borges, que dedicou toda a sua vida a mim, por quem fui por anos sustentado por sua "bolsa de estudos" e que bimestralmente exigia o famoso relatório chamado boletim. Todos os meus títulos são seus, minha mãe querida.

À minha namorada, Márcia Viana Amaral, que foi tão importante para a realização deste trabalho, que me ajudou tanto em tudo que era possível, desde o começo, acompanhando cada fase desta jornada ao meu lado. Muito obrigado, Pequenininha!

Ao professor Orlando Ribeiro, que revisou o abstract.

À Patrícia Rossi Carraro, que gentilmente me recebeu em sua residência para me treinar no formato de entrevista adotado pelo grupo.

Aos meus amigos e familiares, que sempre estiveram ao meu lado.

A todos que já se dedicaram ao estudo da Educação e da criatividade, que me mostraram este mundo e a quem espero retribuir, ainda que com pouco, com os resultados desta pesquisa.

#### **RESUMO**

Giannetti, S. A. L. (2016). Criatividade e cognição inventiva no primeiro ano do Ensino Fundamental. Dissertação de Mestrado, Programa de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

A presente pesquisa teve como objetivo verificar a ocorrência de criatividade, ou de aprendizagem por cognição inventiva, em alunos de uma sala de aula do primeiro ano do ensino fundamental I de uma escola pública estadual de uma cidade do interior paulista. Adotando uma metodologia de caráter qualitativo etnográfico, foi realizada uma entrevista com a professora e observações em sua sala de aula, durante todo o ano letivo, nas quais buscou-se descrever e analisar o desenrolar processual das atividades. A partir de Análise de Conteúdo, as atividades foram organizadas em categorias, classes de categoria e temas. Foram encontrados três grandes temas: Atividades Didático-Pedagógicas, Disciplina e Controle e Outras Atividades. No primeiro tema, foram reunidas todas as atividades em que se tentou ensinar alguma habilidade escolar ou passar algum conteúdo de cunho acadêmico, não importando a disciplina na qual a atividade estava inserida; no segundo tema, foram inseridas as atividades de controle de comportamento, aprendizado e de frequência e; por fim, no terceiro, foram inseridas as atividades que não se enquadraram nos temas anteriores, mas que de certa forma auxiliaram no realização da aula ou em outras atividades da escola. O primeiro tema foi o que conteve mais atividades e no qual estas aconteceram com mais frequência. Tais dados permitiram verificar que nas práticas de ensino adotadas nesta sala de aula foi dado grande valor às atividades de cópia, sendo estas as mais frequentes de todas. Tal fato pode ter prejudicado a ocorrência de atividades que pudessem permitir a expressão de criatividade pelos alunos, a ponto de pouquíssimas terem sido consideradas como detentoras desta qualidade. Além disto, a forma da condução das atividades pode ter sido prejudicial à criatividade, pois grande parte foi feita rapidamente, sem aprofundamento no conteúdo e com as respostas dadas pela própria professora. Por fim, observou-se, com frequência, emoções negativas na grande maioria dos alunos e na professora, como raiva, medo, ansiedade e de atos de agressividade entre os alunos, em decorrência de desentendimentos, durante a realização das atividades, podendo estes serem também fatores negativos ao desenvolvimento da criatividade. É possível, então, concluir que houve poucas oportunidades para ocorrência de criatividade, possivelmente devido ao grande valor dado às atividades de cópia e à didática com a qual estas foram desenvolvidas, e, assim, dificuldade de bons encontros entre os alunos e o conhecimento, como é defendido nas orientações teóricas. Ainda, houve muito espaço para o aparecimento de sentimentos inadequados e desentendimentos, dificultando o aparecimento da criatividade.

Palavras-chave: CRIATIVIDADE, ESQUIZOANÁLISE, ETNOGRAFIA EDUCACIONAL, ENSINO FUNDAMENTAL, ALFABETIZAÇÃO.

#### **ABSTRACT**

Giannetti, S. A. L. (2016). Creativity and inventive cognition in the first year of elementary school. Dissertation, Psychology Program, University of São Paulo, Ribeirão Preto.

This study aimed to verify the occurrence of creativity, or inventive cognition learning, in firstyear students in a classroom of an elementary public school in São Paulo State. Adopting an ethnographic qualitative methodology, visits to this classroom were conducted during the school year after one interview with the classroom teacher, in which it was attempted to describe and analyze the procedural conduct of activities. From Content Analysis, the activities have been organized into categories, category classes and themes. Three major themes were identified: Didactic-Pedagogical Activities, Discipline and Control and Other Activities. In the first theme, all activities related to teaching writing or reading skills or some schooling content, regardless the discipline, were inserted. In the second theme, activities associated to behavior management as well as learning and attendance control were included. Finally, in the third theme, the activities which were inserted could not be classified in the previous themes, but somehow they contributed to the classes or other school activities. The first theme presented more activities which also happened more often. Such data helped verifying that the teaching practices adopted in that classroom gave great value to copying activities, which were the most common of all. This fact may have affected the occurrence of activities that might allow the expression of creativity by the students, for only a few were considered as creative activities. Moreover, the way of implementing the activities may also have been detrimental to creativity because many were given quickly, without deepening the content, and the teacher provided the answers many times. Finally, there were often negative emotions in the great majority of the students and the teacher, such as anger, fear, anxiety and many acts of aggression among students as well, probably as consequence of disagreements during the activities. These facts may also be deemed as negative factors for the development of creativity. Therefore, it is possible to conclude that there were little opportunities for the occurrence of creativity, probably due to the great value given to the copying activities and the teaching strategies applied to them. In addition, with the difficulty of good meetings between students and knowledge, as it is advocated by the theoretical orientations, there was much space for the appearance of improper feelings and aggressions, hindering the emergence of creativity.

Key words: CREATIVITY, SCHIZOANALYSIS, EDUCATIONAL ETHNOGRAPHY, ELEMENTARY SCHOOL, LITERACY.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Expectativas de aprendizagem na disciplina de matemática, para os alunos do Ciclo
I do ensino fundamental, divididas em cinco grandes temas, conforme a Secretaria de Educação
do Estado de São Paulo44
Quadro 2 — Dados descritivos dos participantes
Quadro 3 — Cronograma das observações
Quadro 4 — Horário de aulas58
Quadro 5 — Classes de categoria e categorias analisadas no Tema I- (Atividades Didático-Pedagógicas)
· • • • • • • • • • • • • • • • • • • •
Quadro 6 — Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 1 (Cópia, escrita e
regras de pontuação) da Classe de Categoria A (Português) distribuídas nos quatro
semestres71
Quadro 7 — Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 2 (Leitura) da Classo
de Categoria A (Português) distribuídas nos quatro semestres
Quadro 8 — Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 3 (Identificação de
fonemas e associação de imagens a palavras) da Classe de Categoria A (Português) distribuídas
nos quatro semestres85
Quadro 9 — Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 4 (Raciocinar com
palavras e completar sentenças) da Classe de Categoria A (Português) distribuídas nos quatro
semestres92
Quadro 10 — Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 5 (Projetos
Propostos pela Diretoria de Ensino e Atividades Temáticas) da Classe de Categoria A
(Português) distribuídas nos quatro semestres94

Quadro 11 — Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 1 (Contagem) da
Classe de Categoria B (Matemática) distribuídas nos quatro semestres96
Quadro 12 — Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 2 (Aritmética e estrutura decimal) da Classe de Categoria B (Matemática) distribuídas nos quatro semestres
Quadro 13 — Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 3 (Cópia e escrita de numerais e associação de algarismos com numerais por extenso) da Classe de Categoria B (Matemática) distribuídas nos quatro semestres
Quadro 14 — Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 4 (Completar sequências numéricas e análise e elaboração de tabelas) da Classe de Categoria B (Matemática) distribuídas nos quatro semestres
Quadro 15 — Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 5 (Calendário e numerais ordinais) da Classe de Categoria B (Matemática) distribuídas nos quatro semestres
Quadro 16 — Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 6 (Comparações de grandezas numéricas e mensurações) da Classe de Categoria B (Matemática) distribuídas nos quatro semestres
Quadro 17 — Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 7 (Identificação de formas geométricas e numerais) da Classe de Categoria B (Matemática) distribuídas nos quatro semestres
Quadro 18. — Frequência observada das Atividades incluídas na Classe de Categoria C (Outras atividades) do Tema I (Atividades Didático-Pedagógicas) distribuídas nos quatro semestres
Quadro 19 — Classes de categoria e categorias analisadas no Tema II- Disciplina e Controle

Quadro 20 — Frequência observada das Atividades incluídas na Classe de Categoria A
(Avaliação e frequência) do Tema II (Disciplina e Controle) distribuídas nos quatro
semestres
Quadro 21 — Nível de alfabetização dos alunos ao final do ano, conforme observado pelo
pesquisador128
Quadro 22 — Frequência observada das Atividades incluídas na Classe de Categoria B
(Disciplina) do Tema II (Disciplina e Controle) distribuídas nos quatro semestres130
Quadro 23 — Frequência observada das Atividades incluídas no Tema III (Outras Atividades)
distribuídas nos quatro semestres135

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenho esquematizado	lo da sala observada	55

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	19
1 INTRODUÇÃO	20
1.1 Teorias sobre a criatividade	20
1.2 Pesquisas sobre a criatividade	29
1.3 A concepção deleuziana da criatividade	
1.4 O Ensino fundamental de nove anos e o primeiro ano	41
1.5 Foucault e a disciplina	46
1.6 Justificativa	49
2 OBJETIVOS	50
3 MÉTODO	51
3.1 Participantes	51
3.2 Local	53
3.3 Procedimento	55
3.4 Análise de dados	59
3.5 Considerações éticas	60
4 RESULTADOS	61
4.1 O cotidiano da sala de aula observada	61
4.2 Análise das atividades	68
4.2.1 Tema I: Atividades Didático-Pedagógicas	69
4.2.2 Tema II: Disciplina e Controle	121
4.2.3 Tema III: Outras Atividades	134
4.3 Análise da entrevista com a professora	139
4.3.1 Tema I: Minha Formação e Minhas Experiências Anteriores	139
4.3.2 Tema II: Meu Emprego Atual	143
4.3.3 Tema III: Minhas Práticas nas Aulas de Alfabetização	145
4.3.4. Tema IV: Facilidades e Dificuldades nas Minhas Aulas de	
Alfabetização	150
4.3.5 Tema V: A Criatividade nas Minhas Aulas de Alfabetização	152
4.3.6 Tema VI: Interação Professor-Aluno nas Minhas Aulas	157

5 DISCUSSÃO	161
5.1 As Diretrizes de Ensino.	162
5.2 A Criatividade em Sala de Aula	164
5. 3 A Questão da disciplina.	173
6 CONCLUSÕES	176
7 IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS	177
REFERÊNCIAS	180
ANEXOS	189
ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido (para professora)	190
ANEXO B – Temas desenvolvidos na primeira sessão da entrevista	192
ANEXO C - Termo de consentimento livre e esclarecido (para pais ou responsáveis	dos alunos)
	193
ANEXO D – Carta explicativa aos pais e mestres sobre a pesquisa	195
ANEXO E – Termo de consentimento livre e esclarecido (para funcionários)	196

## **APRESENTAÇÃO**

As sementes deste trabalho foram lançadas durante o meu quarto ano da graduação, em 2011, período em que estreitei minhas relações com o professor Antônio, durante um estágio de observação do cotidiano de uma sala. Foi neste período que comecei a aprender a observar uma sala de aula e me encantei com as acaloradas supervisões do professor, sempre recheadas de concepções fora do comumente visto, ao mesmo tempo empolgantes e desestabilizadoras. Daí até minha aceitação do convite para o ingresso no programa de mestrado, foi um passo.

Este estudo foi realizado em uma sala do 1° ano do Ensino Fundamental Ciclo – I, observada duas vezes por semana no período de um ano. Todas as atividades dadas em sala foram anotadas e analisadas, na busca de compreender quais delas propiciavam a criatividade ou a aprendizagem por cognição inventiva. Antes das observações, foi realizada uma entrevista com a professora.

Na Introdução serão descritas as teorias clássicas da psicologia sobre a criatividade, achados da literatura sobre este constructo, a visão esquizoanalítica sobre a criatividade, as diretrizes do MEC e da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo para o primeiro ano, a visão de Foucault sobre a disciplina e as justificativas da pesquisa.

Na seção de Metodologia serão descritos o método qualitativo, os participantes da pesquisa, o local, os métodos de coleta, análise de dados e as considerações éticas.

Na próxima seção, os Resultados, serão dadas as análises das atividades, divididas em três grandes temas, e a análise da entrevista com a professora.

Na quarta seção, a Discussão, os dados serão interpretados e confrontados com a literatura, em três granes eixos: o da adequação das atividades à diretrizes educacionais do país e do Estado, o da compreensão dos fatores que podem ter contribuído positiva ou negativamente para a ocorrência de criatividade em sala de aula e, por fim, o da análise da disciplina e indisciplina observada na sala durante o ano.

Por fim, serão apresentadas as Conclusões e, em sequência, as Implicações Educacionais que puderam ser extraídas deste estudo.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe uma investigação dos processos de alfabetização em uma sala do 1° ano do Ensino Fundamental Ciclo – I de uma escola pública estadual, buscando detectar a ocorrência de práticas criativas ou de "cognição inventiva", no sentido que será posteriormente esclarecido, como facilitadoras da aprendizagem dos alunos.

A seguir, será apresentada uma revisão das principais teorias psicológicas sobre a criatividade e, posteriormente, pesquisas desenvolvidas sobre o tema na área da Educação. A partir desta revisão, será desenvolvido um questionamento das concepções apresentadas, assumindo como perspectiva norteadora a Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze, que originou a concepção de "cognição inventiva", sobre a qual também serão apresentadas algumas pesquisas recentemente desenvolvidas.

#### 1.1 Teorias sobre a criatividade

O interesse em desenvolver a criatividade na educação está presente em muitos países, de forma crescente (Alencar e Fleith, 2003). Em função disto, busca-se uma técnica ou método que favoreça seu aparecimento em sala de aula. Porém, a definição de criatividade é controversa, uma vez que há muitas teorias que a abordam sob as mais diferentes perspectivas.

A criatividade, conforme o campo teórico em que está inserida, nem sempre é tomada em termos estritamente educacionais. Há também a clássica concepção de criatividade nas artes e no trabalho, além de sua implicação na saúde. Apesar das diferenças existentes nos diversos campos da experiência humana nos quais pode haver criação, as teorias psicológicas tentam formular uma concepção geral da criatividade, o que gera esta controvérsia apontada acima. A seguir, serão apresentadas, de forma sintética, as principais concepções teóricas: as Teorias Psicanalíticas segundo Freud e Winnicott, a Psicologia Analítica de Jung, a Teoria Humanista de Rogers, a Teoria da Gestalt, a Teoria Behaviorista, a Teoria Histórico-Social, a Teoria do Investimento em Criatividade, o Modelo Componencial de Criatividade e a Perspectiva de Sistemas e, por fim, a perspectiva psicométrica de Torrance.

#### A Teoria Psicanalítica de Freud e Winnicott

Segundo Birman (2008), tanto Freud, ao formar o conceito de sublimação, quanto Winnicott, ao formular o conceito de criatividade, pretendiam lidar com a entrada do homem na cultura, por meio do simbólico.

Primeiramente, Freud definiu a sublimação, conceito equivalente à criatividade, como a dessexualização de impulsos: impulsos sexuais que não poderiam ser realizados, devido à repressão social, seriam direcionados para outros objetos, de forma que fossem satisfeitos de maneiras socialmente aceitas. Freud, porém, encontrou problemas na formulação desta hipótese e a abandonou. Contudo, insistiu na existência da sublimação e a reformulou com a criação da hipótese das pulsões de vida e de morte. A sublimação passou a ser considerada como o domínio da segunda pela primeira. A pulsão de vida tentaria constantemente energizar a psique e tirá-la da inércia da pulsão de morte, que pode se manifestar como a preguiça ou o medo, por exemplo. Ao contrário da primeira conceituação de sublimação, na segunda haveria a criação de um novo objeto para investimento libidinal, e não apenas um redirecionamento da libido, o que permitiria a criação de jogos pela criança e a inseriria no campo cultural.

Para Winnicott, (apud Birman, 2008), a criatividade é consequência do sentimento de "segurança ontológica" para o bebê, que seria a crença na continuidade do ser, o que só seria possível na presença de uma mãe suficientemente boa. A presença da mãe suficientemente boa permite que o bebê tenha também a crença na ilusão da criação do objeto transacional, que é o primeiro objeto caracterizado como não-eu e que assume uma posição intermediária entre o mundo interno e o mundo externo que, para ser explorado, necessita da sensação de segurança.

Com esta segurança, o bebê pode dar múltiplos usos ao objeto transacional, permitindo o brincar e o fantasiar. Esta segurança também permite o investimento e reconhecimento de outros objetos, marcando a entrada na cultura. Caso isto não aconteça, o bebê começa a agir segundo um modo de funcionamento defensivo, buscando uma constante adaptação ao mundo externo, ao qual Winnicott chamou de *falso self*. Em *O Brincar e a Realidade*, Winnicott (1975) considera que a criatividade é um tipo de "apercepção colorida" que o indivíduo tem ao viver "uma vida que vale a pena ser vivida", e não o sentimento de submissão à realidade a qual devese constantemente adaptar-se. Aqui fica mais clara a função da mãe suficientemente boa: ela é a adaptação do ambiente ao bebê, que não necessita se esforçar para sobreviver e, em consequência, tem o sentimento de domínio sobre a realidade, livrando-o do sentimento de submissão.

Em síntese, para Freud a pulsão de morte teria o mesmo efeito que a insegurança tem para Winnicott, ou seja, a repetição e a incapacidade de criar. Para Freud, a arma contra a estagnação e a repetição é a pulsão de vida, que é a criação.

#### A Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung

Jung (2008), na primeira seção do livro "O Homem e seus Símbolos", apresenta uma concepção de criatividade extraída da análise da relação entre os sonhos e o inconsciente. Para ele, o inconsciente não é um mero depósito de informações, onde haveria somente conteúdos reprimidos, esquecidos ou com quantidade de energia insuficiente para virem à tona, à consciência. O inconsciente é para ele uma "natureza viva", que transforma e junta os conteúdos obtidos nas experiências do indivíduo, transformando-o juntamente. Deste modo, o inconsciente não é uma instância psíquica atrelada somente ao passado, pois nele estão também as primícias daquilo em que as pessoas se transformarão ao longo do processo de individuação. Tal processo pode ser analisado em sonhos, que são a "via régia para o inconsciente", e que podem ser portadores de mensagens do inconsciente para a consciência. Tais mensagens são constituídas de símbolos, produzidos nessa instância. Este ato do inconsciente juntar informações e produzir algo novo pode ser uma das bases da criatividade, para Jung.

Assim, Jung coloca a criatividade fora do eixo do "eu" e a insere no âmbito do *self*, ou seja, de tudo o que as pessoas são, mas que não está restringido ao "eu" intencional e consciente, conceitualizando-a como um processo natural e espontâneo.

Jung dá como exemplo de criatividade a descoberta feita pelo químico August Kekulé. Após passar longo tempo tentando identificar a forma assumida pelo benzeno, sem sucesso, e dizendo que seus pensamentos estavam em outro lugar, o químico dormiu. Ao dormir, sonhou com uma serpente que engolia a própria calda. Kekulé, deste modo, deduziu que esta poderia ser a forma do composto, o que veio a se confirmar.

#### Teoria Humanista de Rogers

Segundo Alencar (1986), Carl Rogers e Abraham Maslow, de maneira independente e inseridos no paradigma da Psicologia Humanista, propuseram que a criatividade tem como força motriz a tendência do ser humano à autorrealização. Esta ocorre naturalmente se dadas as condições propícias a ela e é a concretização dos potenciais individuais, que variam de pessoa para pessoa. Estas condições propícias seriam compostas pela segurança psicológica, que se estabelece em um ambiente de compreensão e aceitação, e pela liberdade psicológica, que é a liberdade de expressar.

Para Rogers, a criatividade só ocorre em pessoas psicologicamente saudáveis. Tais pessoas apresentam três características: 1) abertura à experiência — pouca rigidez, tolerância à ambiguidade e estar aberto a novos conceitos, opiniões, percepções e hipóteses; 2) habilidade para viver o momento presente, adaptadamente e com organização contínua do self; e 3)

confiança no organismo como meio de alcançar o comportamento mais satisfatório em cada momento.

#### Teoria da Gestalt

De acordo com Alencar (1986), a teoria da Gestalt considera a criatividade como a reestruturação do campo perceptual de uma pessoa. Tal reestruturação é estudada de duas formas: ou através da classificação de pensamentos como produtivos ou reprodutivos, ou através do conceito de *insight*. Segundo esta autora, para Wertheimer, o pensamento reprodutivo é o que carrega experiências do passado para o momento presente, e o pensamento produtivo é o que reestrutura as percepções passadas, reestruturando problemas e os solucionando. Para Köhler, o *insight* é a reestruturação súbita do campo perceptual. A autora também afirma que essa noção de aprendizagem, cujo viés é a cognição, contrastou com a aprendizagem por ensaio e erro dos behavioristas.

#### Teoria Behaviorista

Murari e Henklain (2013) apresentaram algumas contribuições da Análise do Comportamento para o estudo da criatividade, dentro do paradigma do Behaviorismo Radical de B. F. Skinner. Nesta teoria, a criatividade não é tida como uma propriedade interna do indivíduo, mas como o resultado de um comportamento como outro qualquer, que surge da interação do indivíduo com o ambiente, e que pode ser reforçado ou não segundo sua adaptabilidade. Os autores fazem duas ressalvas: a primeira de que nesta abordagem há a preferência pela expressão "comportamento criativo", para evitar concepções internalistas da criatividade; e a segunda, de que o "criativo" é um juízo de cunho social, que classifica certos tipos de comportamentos.

Para estes autores, as contribuições do Behaviorismo sobre o tema vêm principalmente dos estudos sobre variabilidade comportamental e de comportamento de resolução de problemas. A variabilidade comportamental é definida como a mudança constante na topografía, força, magnitude e direção do comportamento, e como mudanças comportamentais decorrentes de mudanças ambientais. Por sua vez, a resolução de problemas é definida por Skinner, conforme os autores, como "a manipulação do ambiente de modo a tornar mais provável a emissão da resposta que soluciona o problema, ou a ocorrência de combinações de repertório previamente aprendidos diante de uma situação nova", o que Murari e Henklain chamam de insight. Por fim, os autores defendem que a pessoa "só é livre, criativa e capaz de solucionar problemas no sentido de que, ao comportar-se (ou manipular variáveis) pode

produzir modificações ambientais de modo a tornar mais provável a ocorrência de outras classes de respostas de seu próprio repertório".

Murari e Henklain também descrevem como estas noções podem ser aplicadas na prática educacional e mostram quatro sugestões dadas por Skinner, apontadas por Barbosa (2003), para a formação de alunos criativos. As sugestões de Skinner são: descrever ao aluno a forma como alguém pensou ou agiu até chegar a uma descoberta; fornecer conhecimentos complementares para que o aluno possa utilizá-los na análise dos problemas; promover o comportamento exploratório individual do aluno, deixando-o em contato com as contingências referentes a um problema específico; e solicitar que o aluno estabeleça uma proposição ou descreva um fato de diferentes formas. Além disso, Murari e Henklain, em suas explicações sobre a aplicação destes conceitos, ressaltam o risco de se considerar a criatividade como uma propriedade interna e que não pode ser treinada e aprendida: numa visão assim, não haveria ensino para a formação de alunos criativos, mas apenas seleção de alunos especiais.

#### Teoria Histórico-Social

Segundo Mozzer e Borges (2008), a Psicologia sócio-histórica estuda o homem em sua relação com o ambiente social, sem negar suas bases biológicas. Conforme estes autores, Vigostski, no decorrer de suas pesquisas, estudou como o homem afeta e é afetado pelo ambiente. Na perspectiva deste autor, esta capacidade de afetar e ser afetado acontece devido à plasticidade do cérebro: este, ao receber estímulos do ambiente, se modifica e guarda as informações recebidas; no entanto, se o cérebro humano apenas guardasse as informações, ele estaria fadado à repetição. Como o cérebro também pode reelaborar, combinar, modificar e imaginar, ele também pode criar com os dados que recebeu do ambiente. O homem pode reproduzir e inventar.

Segundo a Psicologia sócio-histórica, o aparecimento de funções psíquicas superiores, entre elas a capacidade de criar, não se deve somente à maturação dos órgãos, mas também à interação destes com o ambiente. Se o ambiente não for propício à criação, esta não ocorrerá somente por vontade do indivíduo.

A criação, segundo esta teoria, pode ser descrita em quatro leis ou formas: 1) coleta de informações no meio; 2) imaginação, que faz o ser humano extrapolar os limites da experiência; 3) enlace emocional; e 4) materialização do que foi planejado.

Deste modo, a criação não é vista como algo espontâneo, como a capacidade da aranha de tecer teias, mas como algo planejado e que exige um conhecimento prévio, pois o homem não possui geneticamente repertório tão elaborado. Assim, seria possível explicar porque a

criação seria maior em adultos do que em crianças, segundo estes autores.

O processo de imaginar e de extrapolar a experiência empírica decorre de um processo educacional que passa por atividades histórica e culturalmente construídas, aprendidas com pais mestres, professores, etc. Isto significa que entre a maturação biológica e o ambiente há a mediação social, que modula e dá conteúdo ao imaginar, implicando na criatividade. Por isto, o papel da escola é fundamental para a formação do homem cultural, que pode usufruir do ápice atingido pela humanidade sendo um homem criador, que não apenas repete e é alienado de si mesmo em suas práticas de consumo.

#### Teorias recentes da criatividade

Atualmente, segundo Alencar e Fleith (2003), é possível citar três teorias recentes que levam em consideração fatores sociais e individuais que influenciam na criatividade: a Teoria do Investimento em Criatividade, de Sternberg e Lubart; o Modelo Componencial de Criatividade, de Amabile; e a Perspectiva de Sistemas, de Csikszentmihalyi.

#### a) Teoria do Investimento em Criatividade, de Sternberg e Lubart

Esta teoria, segundo seus autores, possui este nome devido a uma metáfora econômica de "quem compra barato, vende caro", no plano das ideias. A pessoa criativa seria aquela que persiste em levar em frente uma ideia que inicialmente é desconhecida e aparentemente de pouco valor (comprar barato) e cria projetos com esta ideia, que se torna valiosa, já com um retorno significativo (vender caro).

Sternberg e Lubart (1991, 1993, 1995) consideram que a criatividade é fruto da convergência de seis fatores: (a) inteligência, que é tida principalmente como a habilidade de selecionar ideias boas ou ruins e informar as ideias criadas aos demais; (b) estilos intelectuais, que se resumem entre os que criam, os que implementam e os que julgam ideias; (c) conhecimento, que tem a função de relevar o que já foi descoberto e propiciar material para novas descobertas; (d) personalidade, que se refere principalmente à capacidade de não desistir diante de dificuldades; (e) motivação, analisada em intrínseca e extrínseca; e (f) contexto social, que pode ser visto como favorecedor ou não ao pensamento criativo.

Segundo os autores, estes elementos não podem ser vistos de maneira isolada, mas sim em constante interação. Além disto, também alegam que possivelmente a presença mais incisiva de um elemento possa compensar a falta de outro. Por exemplo, uma alta motivação pode compensar deficiências do ambiente.

#### b) Modelo Componencial de Criatividade, de Amabile

A definição de criatividade de Amabile (1996) abrange a originalidade e a adequação da resposta a um problema. A teoria de Amabile tenta responder sobre quais são os fatores necessários para a ocorrência de criatividade, como é o processo de criação e o que pode ser feito para estimular a criatividade nas pessoas. Assim, sua teoria abrange três campos: o dos componentes do trabalho criativo, os estágios do processo de criação e as medidas que podem ser tomadas para tornar as pessoas mais criativas.

Segundo Amabile, são três os componentes necessários para o trabalho criativo: 1) habilidades de domínio, 2) processos criativos relevantes e 3) motivação intrínseca. As habilidades de domínios são o conhecimento prévio, formal ou informal, no qual a contribuição criativa está alicerçada, tendo no pensamento criativo o diferencial de transformar o campo no qual ele está inserido. No segundo componente estão inseridos o estilo de trabalho, o estilo cognitivo, domínio de estratégias que favorecem o trabalho criativo e traços de personalidade. A motivação intrínseca é referente a realização da tarefa em si. É levada em consideração a motivação intrínseca, porque a motivação extrínseca pode minar a criatividade, se for opressora.

Quanto ao processo de criação, são cinco os estágios descritos: 1) identificação de problema; 2) coleta de informações para a resolução do problema (habilidades de domínio); 3) geração de respostas e verificação da validade da qual melhor se encaixa (nível de originalidade); 4) comunicação e validação das respostas; e 5) verificação da solução ou não do problema.

As alternativas propostas por Amabile para a estimulação da criatividade, seja na escola ou no trabalho, são: (a) encorajar autonomia do indivíduo, evitando o controle em excesso; (b) cultivar a autonomia e independência enfatizando valores, ao invés de regras; (c) ressaltar realizações, ao invés de notas ou prêmios; (d) enfatizar o prazer no ato de aprender (evitar situações de competição); (e) expor os indivíduos a situações que estimulem a criatividade; (f) encorajar comportamento de questionamento e curiosidade; (g) usar feedback informativo; (h) dar aos indivíduos a opção de escolha; e (i) apresentar pessoas criativas como modelo.

#### c) Perspectiva de Sistemas, de Csikszentmihalyi

Para este autor, a criatividade não é resultante de um produto individual, mas de sistemas sociais que o julgam (Csikszentmihalyi, 1999). Seu modelo de sistemas propõe a criatividade como a intersecção de três fatores: indivíduo (bagagem genética e experiências pessoais), domínio (cultura) e campo (sistema social).

Sobre os indivíduos, Csikszentmihalyi (1999) diz que as pessoas criativas não se

encaixam rigidamente em um perfil, mas que variam conforme a situação, conforme as exigências desta. Os criativos passam por fases. Além disto, diz que tão importante quanto ter as características de personalidade, para um indivíduo criar é fundamental que este esteja inserido em um ambiente que o estimule e que dê acesso a mentores, livros, computadores, etc.

O domínio é o que contém as regras, conhecimentos estruturados, transmitidos e compartilhados. Contribuições criativas causam mudança nos domínios, por isto é essencial que os indivíduos tenham conhecimento dos domínios.

O campo julga as produções e pode ser defensivo ou incentivador. As atuações do campo podem variar e uma ideia pode ser julgada como não criativa em determinado tempo, mas depois passar a ser (ou vice-versa), uma vez que os critérios de interpretação e julgamento podem mudar de tempos em tempos. Isto faz com que o autor dê a seguinte recomendação: "assim, caso alguém desejar aumentar a criatividade, pode ser mais vantajoso trabalhar ao nível dos campos do que dos indivíduos" (Csikszentmihalyi, 1999, p. 327).

Conclui-se que este modelo sistêmico define a criatividade como algo que transforma os domínios e não está necessariamente envolvida com a solução de um problema.

#### Perspectiva Psicométrica de Torrance

Nas pesquisas sobre criatividade, não existe somente a tentativa de conceituar a criatividade, mas também de medi-la de alguma maneira. Torrance, um cognitivista influenciado por Guilford, criou um teste para medir a criatividade. Esse teste levava em consideração quatro fatores: a fluência (a quantidade de ideias que uma pessoa pode ter); a flexibilidade (diferenciação qualitativa das ideias); a originalidade (novidade ou não das ideias); e a elaboração (capacidade de detalhar as ideias). Esses fatores seriam os mesmos tanto para medir a criatividade verbal como a figurativa.

Insatisfeito com apenas essas categorias, Torrance passou a utilizar outras variáveis emocionais e cognitivas para o estudo da criatividade. Os novos indicadores propostos foram:1) Para a criatividade figurativa: a) fluência, quantidade de ideias; b) flexibilidade, diversidade na categoria de ideias; c) originalidade, ideias incomuns; d) elaboração, detalhamento das ideias; e) expressão de emoções, sentimentos diversos nos desenhos; f) fantasia, seres imaginários nos desenhos; g) combinação, síntese de estímulos; h) movimento, expressão de ação nos desenhos; i) perspectiva incomum, desenhos feitos em perspectiva; j) perspectiva interna, desenhos vistos por dentro; k) contexto, ambiente para desenhos; l) títulos expressivos, imaginação nos títulos; m) índice criativo: junção das características. 2) Para a criatividade verbal: a) fluência, quantidade de ideias; b) flexibilidade, diversidade na categoria de ideias; c) originalidade, ideias

incomuns; d) elaboração, detalhamento das ideias; e) emoção, expressão de sentimentos; f) perspectiva incomum, perguntas fora do estímulo; g) fantasia, menção a personagens imaginários; h) analogias, uso de comparações; i) índice criativo verbal, soma das características.

Em síntese, para a Psicanálise de Freud a criatividade é resultado da sublimação de impulsos reprimidos pela sociedade; para a de Winnicott, criatividade é o resultado dos cuidados de uma mãe suficientemente boa, que permite que o bebê sinta segurança para brincar e explorar o ambiente. Para a Psicologia Analítica de Jung, a criatividade é resultado de processos no inconsciente, que não só armazenam informações e são receptáculos de conteúdos reprimidos, mas também que criam e buscam respostas para problemas. Para as teorias Humanistas, a criatividade é resultado da tendência à autorrealização do ser humano, desde que sejam dadas as condições ótimas do ambiente. Para a Gestalt, a criatividade é fruto da reestruturação da forma de compreensão do mundo. Para o Behaviorismo, a criatividade é decorrente dos processos de reforçamento do comportamento diferencial, ou seja, o indivíduo é recompensado por dar uma resposta diferente das habituais para determinado estímulo, o que é chamado de variabilidade comportamental. Para a teoria Histórico-Social, a criatividade acontece devido à capacidade do cérebro de reorganizar informações e imaginar, sendo esses processos mediados pelo ambiente histórico e cultural. Para as teorias recentes, a criatividade é resultado da interação entre fatores pessoais como personalidade, inteligência e determinação e entre fatores ambientais facilitadores ou não. Por fim, há a perspectiva psicométrica, que toma a criatividade como habilidade que pode ser mensurada pela capacidade dos indivíduos de darem respostas diferentes aos mesmos estímulos, nos testes.

Em geral, é possível deduzir, a partir destas teorias, que a criatividade é considerada pela maioria das teorias psicológicas clássicas como uma qualidade humana única, que pode ser acessada, se forem dadas as condições suficientes. Talvez, este seja o aspecto determinante da coexistência desta diversidade de concepções sobre a criatividade. Na prática, cada autor parte de um contexto diferente de atuação para pensar a criatividade. Melhor seria talvez assumir que não existe "a" criatividade, como uma qualidade única do humano, mas sim diversos "transbordamentos" das habilidades cognitivas coerentes com os diversos contextos nos quais elas acontecem. Deveríamos pensar em atos criativos, cada um deles resultantes de um "ultrapassar" do que era esperado, num dado contexto cognitivo. Assim, talvez fosse melhor pensar na criatividade como uma multiplicidade, sem buscar jamais a sua identidade. Além disso, esse "transbordamento", tal como o irá conceber Gilles Deleuze (2006) implica numa

mudança de natureza na cognição: de recognição, ela se transforma em cognição inventiva, como veremos posteriormente.

Assim, parece necessário ultrapassar, de um lado, a busca de uma identidade para a criatividade, de uma qualidade única, mas, ao mesmo tempo, deixar de considerá-la como uma qualidade específica e interna aos indivíduos, talvez pensando em "contextos" e processos criativos" múltiplos, que, evidentemente, se materializam, efetivam-se em indivíduos, mas que não provém exclusivamente desses. Parece que ainda estamos distantes de tal modo de conceber a criatividade.

#### 1.2 Pesquisas sobre a criatividade

Segundo Briceno (1998), com as pesquisas sobre as estratégias para desenvolver a criatividade nas escolas, ou na busca de fatores isolados que podem colaborar para que a criatividade apareça mais frequentemente no ambiente escolar, espera-se contribuir não somente para o nível educacional dos alunos, mas também para seu bem estar social e saúde física, pois pessoas criativas tenderiam a olhar para seus problemas de maneira diferente e poderiam encontrar melhores maneiras de solucioná-los e de lidar com eles. No que concerne a estas pesquisas, é a última perspectiva teórica apresentada na seção anterior, a das três teorias recentes apresentadas por Alencar e Fleith (2003), aliadas à visão psicométrica da criatividade, influenciada pelo teste de Torrance, que gerou a maioria delas.

No contexto educacional, muitas pesquisas sobre criatividade têm como objetivo investigar as condições que favorecem os alunos a desenvolverem seu potencial criativo, conforme a teoria que as embasa. É importante, então, diferenciar o aprender criativo do ensinar criativo (Corner, 2012). O aprender criativo pode ser definido como o tipo de aprendizagem na qual os alunos não simplesmente aprendem regras, normas e fórmulas para simplesmente aplicá-las, o que caracterizaria este tipo de aprendizagem como de memorização, mas sim como um tipo de aprendizagem que envolveria a imaginação, que estimulasse o aluno a investigar, a problematizar, a descobrir diferentes maneiras de lidar com o que aprendeu. Já o ensinar criativo estaria relacionado à maneira como os professores transmitem os conteúdos de suas disciplinas, que pode ser de maneira heterodoxa e criativa, mas que não necessariamente promove a criatividade em seus alunos.

Para delinear um quadro geral sobre as pesquisas sobre criatividade no Brasil, Silva e Nakano (2012) realizaram uma revisão bibliográfica com o objetivo de investigar a produção científica sobre criatividade no contexto educacional nos anos de 1995 a 2010. O levantamento

foi realizado nas bases da CAPES, SCIELO, PePISC e PsycINFO, na busca por teses, dissertações e artigos. De todos os trabalhos encontrados, foram selecionados oitenta e dois. De cada uma das bases, respectivamente, foram selecionados 20, 35, 9 e 18 trabalhos, com as palavras-chave "educação", "criatividade" e "psicologia", cruzadas ou em separado. O montante dos trabalhos foi analisado em seis grandes temas: a frequência de produção dos trabalhos ao longo dos anos, a região brasileira onde a criatividade é mais pesquisada, a modalidade dos trabalhos, as amostras utilizadas, as técnicas mais utilizadas e os temas mais investigados.

Em relação à frequência de trabalhos publicados, houve um exponencial aumento no número de pesquisas a partir do ano de 2000. Se comparados os quinquênios dos anos de 1995 a 2000 (n=16) com o quinquênio de 2001 a 2005 (n=51), houve um aumento de 418% na publicação de trabalhos sobre criatividade. Nos anos de 2006 a 2010, foram contabilizados 39 trabalhos, mas a CAPES ainda não havia disponibilizado suas teses e dissertações. A região onde mais se pesquisou o assunto foi a Centro-Oeste, com 38 publicações, seguida pela Sudeste, com 18. Da modalidade de trabalhos encontrados, 75,6% são artigos, 20,7% são dissertações e 3,7% são teses. Do total, 85,5% são estudos empíricos e 19,5% são teóricos. As amostras mais utilizadas são de adultos (n=39), jovens (n=22), crianças (n=17) e adolescentes (n=8). Não houve estudos com idosos. Em relação às técnicas de coleta de dados mais utilizadas em estudos empíricos, 46% utilizaram instrumentos como testes e questionários, 14% avaliaram programas e 10% utilizaram entrevistas. As observações foram utilizadas em apenas 5%. Os temas pesquisados foram divididos em seis: criatividade no processo de educação, percepção dos professores sobre o uso da criatividade em sala de aula, percepção dos alunos em face da criatividade de seus professores, desenvolvimento da criatividade, clima da criatividade em sala de aula e inclusão por meio da criatividade.

A seguir, serão apresentados os trabalhos encontrados na revisão bibliográfica nas bases de dados SciELO, LILACS, ERIC e Web of Science. Estas pesquisas tentam traçar as condições de aparecimento de criatividade em sala de aula, que são estudadas no âmbito do tipo de plano pedagógico da escola; da atitude do professor; do clima e métodos para o ensino da criatividade em sala de aula, que envolve alunos, professores e toda a escola; dos tipos de criatividade que podem emergir durante uma aula e, por fim, no âmbito dos alunos. Há também as pesquisas que propõem e avaliam programas de incentivo à criatividade. As pesquisas são realizadas com todos os sujeitos envolvidos no processo educacional, como professores e alunos, que passam suas impressões de um sobre o outro e sobre a escola como um todo.

#### O Projeto Político Pedagógico

Para Matos e Fleith (2006), o projeto pedagógico de uma escola pode ser classificado como aberto, intermediário ou tradicional. Os projetos abertos seriam aqueles que dão mais atenção à individualidade de seus alunos, que são focados em uma aprendizagem significativa e menos avaliativa e com estrutura mais flexível. Os projetos tradicionais são aqueles que têm estrutura hierárquica rígida, com foco na avaliação e método de ensino menos individualizado. Os projetos intermediários apresentam características de ambos.

Apesar de não se tratar de pesquisas que levam em consideração apenas os projetos pedagógicos das escolas, há estudos que fazem comparação entre a criatividade na escola pública e particular (Otaviano, Alencar & Fukuda, 2012), indicando que a segunda tende a fomentar mais a criatividade em seus alunos.

#### A atitude do professor

Nakano (2009), ao realizar uma revisão bibliográfica das pesquisas brasileiras que tinham os professores como tema, utilizou a palavra-chave "criatividade", em uma busca na base de dados Scielo, encontrou 34 artigos e selecionou para análise aqueles que cumpriam o critério de fazer menção ao professor, seja como participante de pesquisa ou em alguma referência ao longo do texto. Tal revisão, segundo a autora, permite dizer que o professor é tido como uma das principais figuras responsáveis pela estimulação ou não da criatividade dos alunos, além dos próprios alunos e da organização escolar. Foi observado que muitas pesquisas procuravam traçar como seria o professor ideal para estimular a criatividade, e não só o professor que "ensina criativamente". Tal professor é visto como criativo, amigo, pesquisador e atualizado. Em oposição a este, o professor tido como real e que não estimula a criatividade nos alunos é visto como cansado, despreparado, desatualizado, agressivo, que não sabe lidar com os alunos desobedientes e com os que pensam por si mesmos.

Outros estudos com professores têm o objetivo de verificar quais são suas concepções de criatividade. Na Inglaterra, Bolden, Harries e Newton (2010) investigaram junto a professores em pré-serviço de matemática quais seriam suas concepções de criatividade nesta disciplina. As respostas dos professores foram classificadas em duas categorias, cada uma com duas subcategorias. A primeira categoria é referente ao ensinar criativo, que é subdividida em "ensinar com tecnologia" e "ensino com exemplos relacionados ao mundo real", como comparar quadros de frações em círculo a pizzas. A segunda categoria é referente ao aprender criativo, que foi dividida em "alunos passam por atividades práticas e de investigação" e "alunos desenvolvem flexibilidade computacional".

Alencar e Fleith (2004), com o intuito de estudar a avaliação das práticas docentes que favorecem a criatividade, desenvolveram um inventário para a pesquisa deste construto em ambiente universitário. Nesse inventário seriam avaliados o incentivo à criação de novas ideias, o clima para expressão de ideias, a avaliação e metodologia de ensino e o interesse pela aprendizagem do aluno.

#### Clima e métodos para o ensino da criatividade

Os estudos de clima criativo em sala de aula podem ser realizados por meio de entrevistas ou escalas e respondidos por alunos e professores. Fleith e Alencar (2005) desenvolveram uma escala para este constructo que faz tal medida levando em consideração cinco fatores: suporte da professora à expressão de ideias do aluno, autopercepção com relação à criatividade, interesse do aluno pela aprendizagem, autonomia do aluno e estímulo da professora à produção de ideias do aluno.

Segundo professores de História do ensino fundamental, entrevistados por Mariani e Alencar (2005), as barreiras à promoção da criatividade em sala de aula mais citadas são referentes ao comportamento dos alunos e ao interesse de aprendizagem destes; as menos citadas referem-se à falta de oportunidade para a expressão e autonomia para a promoção da criatividade, assim como à falta de entusiasmo para a prática pedagógica. Tal concepção pode criar uma caracterização de aluno real e ideal, tal qual a caracterização de professores reais e ideais.

A alegria também foi considerada como uma variável de medida de clima favorável à criatividade. Soleimani e Tebyanian (2011), no Irã, investigaram a correlação entre a criatividade de gestores de escolas e a criatividade de seus alunos e encontraram uma correlação positiva. Estes autores partiram do princípio de que escolas felizes levam os alunos a aprenderem mais e a serem mais motivados para o aprendizado, e fizeram o seguinte questionamento: por que as escolas não são lugares felizes? Afinal, alunos e professores passam grande parte de suas vidas na escola, e só podemos produzir bem onde nos sentimos bem. A conclusão geral dos autores é que a criatividade seria o oposto da ortodoxia e do tradicionalismo, que dificultariam a alegria.

À pedido do governo da Escócia, Davies et. al (2013), realizaram um estudo sistemático de revisão de literatura procurando por fatores chave e condições em ambientes de aprendizagem que promovessem o desenvolvimento de habilidades criativas em crianças e jovens. Por "ambiente de aprendizagem" entendeu-se a arquitetura do lugar onde o ensino acontece, o ambiente psicossocial, características pedagógicas e pessoas e ambientes fora da

escola. Já as "habilidades criativas" foram consideradas como processos de pensamento criativo, habilidades de resolução de problemas, pensamento criativo, aprendizado criativo e pensar possibilidades. Os autores fizeram a ressalva de que não há uma definição na literatura do que sejam "habilidades criativas".

Em relação ao ambiente físico, os resultados apontaram que: o ambiente dentro da sala deve ser utilizado com flexibilidade, que se deve evitar ambientes temáticos para os anos mais novos, de forma que utilizem a imaginação, que haja somente o suficiente de mobília na sala, que a luz e a temperatura sejam adequadas, etc. Com a ressalva de se deve deixar claro que se trata de um ambiente de aprendizagem, os autores também sugerem a disponibilidade de materiais para a confecção de objetos e que haja aulas em ambientes ao ar livre.

Em relação ao ambiente pedagógico, os resultados apontaram que as crianças devem ter certo controle em seu aprendizado, que devem ser oferecidas tarefas que apresentem certo caráter de novidade e sentido, e que o ambiente deve propiciar segurança para que possa haver exploração e imaginação. São destacados também o uso de jogos na aprendizagem, o bom uso do tempo para que as crianças possam imergir nas tarefas, durante o tempo necessário; a criação de relações de respeito entre os alunos e professores; a oportunidade para que os alunos trabalhem em conjunto; e, por fim, que haja aulas em ambientes extraescolares, como museus.

Peng, Cherng e Chen (2013) realizaram um estudo cujo objetivo foi observar quais são os efeitos de aulas estruturadas para um objetivo, no nível de criatividade apresentado por alunos. Para isto, 142 estudantes de seis salas da sétima série vindos de duas escolas da cidade de Taipei foram divididos randomicamente em três grupos. Eles participaram de um curso de matemática fora do horário de aula, com duração de seis semanas, no qual cada um dos grupos recebeu aulas baseadas em diferentes estruturas. Um grupo teve foco apenas no domínio do conhecimento matemático, indicando os objetivos de cada tarefa e fornecendo *feedbacks* sobre o andamento dos alunos. O segundo grupo, além do realizado no primeiro, teve como objetivo o aprimoramento e estímulo da capacidade de expressão do conteúdo aprendido. O terceiro grupo, que foi o controle, passou por aulas com objetivos gerais, sem chegar a dominar um conhecimento específico, sem indicar o objetivo da tarefa que estava sendo passada e sem os *feedbacks* sobre o andamento dos alunos. Antes e depois do curso, foi aplicado um teste de pensamento divergente. Os resultados apontaram que os dois grupos experimentais obtiveram resultados superiores em fluência, flexibilidade e originalidade, sugerindo que as aulas estruturadas para um objetivo propiciam aumento na criatividade dos alunos.

#### Tipos de criatividade que podem emergir durante uma aula

Com o objetivo de analisar as características de criatividade de estudantes que emergem durante as aulas em escolas elementares na Coréia, Cho et. al (2013) realizaram observações em aulas de estudos sociais e ciências, em 14 classes de 3 escolas, sendo uma privada e duas públicas. Após as observações e análise dos dados, os autores encontraram três tipos de criatividade: heurística, interpretativa e integrativa, A criatividade heurística seria o aprendizado de novos conceitos com embasamento nas experiências de vida dos alunos; ela ocorreu quando professores atrelaram a explicação destes conceitos com as experiências dos alunos, o que teria gerado pensamento divergente devido a diferenças nas experiências. A criatividade interpretativa seria a emergência de novas interpretações baseadas em conhecimento pessoal; segundo os autores, ela foi retratada através de pensamento crítico (como análise, ponderação e uso de metáforas) assim como por atitudes criativas (como curiosidade, interesse e perseverança). Este tipo de criatividade ocorreu quando os alunos tiveram que observar ou manusear materiais e deles descobrirem suas propriedades, antes que estas fossem explicadas. A criatividade integrativa seria a criação de novas ideias ou produtos baseados em conhecimentos prévios; ela ocorreu quando os alunos tiveram que criar soluções ou materiais com o conhecimento que já possuíam. Os autores finalizaram dizendo que não havia uma tarefa específica para cada tipo de criatividade observada, mas que uma atividade pode gerar os três tipos em ciclos.

#### Os alunos

Quanto aos alunos, os estudos sobre criatividade tendem a investigar a relação desta com outras variáveis, como a inteligência (Nakato, 2012; Wechsler et al, 2010), a personalidade (Batey, Chamorro-Premuzic & Furnham, 2009, Batey, Furnham & Safiullina, 2010; Hoseninifar et. al, 2011), seu comportamento em sala de aula (Kim & Van Tassel-Baska, 2010) e dificuldades de aprendizagem (Dias & Enumo, 2006). Há também estudos que visam a encontrar práticas que poderiam ser realizadas pelos alunos e que aumentariam seus níveis de criatividade, como a pesquisa de Wang (2012). Esta pesquisa teve o objetivo de verificar se a prática pessoal de ler e escrever no cotidiano tem alguma relação com os resultados em testes de criatividade, pois assim poderia ser obtido algum tipo de evidência científica para que alunos que não passam por nenhum tipo de treinamento específico possam se aperfeiçoar. Neste sentido, foram comparados questionários sobre leitura e escrita cotidiana com o teste de criatividade de Torrance. Participaram 196 universitários de Taiwan, com idades que variavam de 19 a 21 anos. Os resultados mostraram que houve correlação positiva apenas com a

habilidade de elaboração, que é a capacidade de detalhar ideias. A originalidade e a flexibilidade apareceram de forma menos diferenciada.

Como exemplo de estudo que mede características dos alunos, pode-se citar o estudo de Nakano e Castro (2013), cujo objetivo foi identificar como as características de temperamento se relacionam com o desempenho criativo em uma amostra de estudantes do ensino fundamental. Participaram desta pesquisa 142 alunos, igualmente divididos entre os sexos, com idades que variavam de 11 a 14 anos, do sexto, sétimo e oitavo ano de uma escola pública e de uma escola privada de São Paulo. Os instrumentos utilizados foram o Teste Figural de Criatividade Infantil e o Student Styles Questionnaire. No primeiro, são avaliadas 12 categorias que se agrupam em 4 fatores: enriquecimento de ideias, emotividade, preparação criativa e aspectos cognitivos. O segundo instrumento, segundo as autoras, "tem a proposta de avaliar a personalidade por meio das tensões bipolares de temperamento". Os temperamentos avaliados são: introversão x extroversão, crítica x percepção, intuição x sensação e pensamento x sentimento. Os resultados apontaram que os fatores de temperamento que mais se relacionaram com fatores de criatividade de forma positiva foram a extroversão e a intuição. Estes fatores de criatividade foram a "elaboração de ideias" e "preparação criativa". Inversamente, no que tange aos fatores de temperamento, com relação a estes mesmos fatores de criatividade, se relacionaram a introversão e a sensação.

### Programas de incentivo da criatividade

Outros estudos pretendem avaliar a eficácia de programas de incremento de criatividade em alunos (Dias et al, 2004; Webb & Rule, 2012; Corner, 2012; Hammershooj, 2014; Newton, 2013; Karwowski & Soszynki, 2008).

Corner (2012), como professora pesquisadora, realizou uma pesquisa-ação na Inglaterra em que conduziu um grupo de motivação para aprender, para alunos que se desengajaram do processo educacional de sua escola, cuja meta foi a padronização do ensino. As atividades deste grupo consistiam em contar histórias a partir de objetos selecionados aleatoriamente de uma caixa de objetos, que representavam sua personalidade, e por um cenário, de modo que fossem misturados elementos da realidade e da fantasia. Este estudo foi baseado na concepção de que o ato de contar histórias fosse capaz de liberar "as cem crianças que há dentro de uma criança", ao contrário do método proposto pela escola, no qual a criança deveria ser "uma", ou seja, uma criança idealizada. Como resultado, é narrada a maneira como as crianças aprenderam a lidar com a emersão de novas ideias, com as "falhas" que tiveram, como aprenderam a lidar com a criatividade como fluxo, como tentavam evitar a desestabilização do grupo e a transformar a

imaginação em realidade. E, por outro lado, como a autora/professora teve que se transformar ao longo do processo grupal.

Já o programa de Hammershooj (2014) é baseado no conceito alemão de *Bilding*, ou educação, e na interpretação feita pela teoria analítico-social sobre o processo de criatividade, segundo Poincaré. O objetivo foi criar um programa a partir da conceituação do processo de criatividade, e não a partir da descrição de "pessoas criativas" ou "objetos criativos". O *Bilding* é a entrada do indivíduo no meio social e é composto por duas fases: a transcendência, a quebra de um modo de pensar atual; e o julgamento, a análise da validade ou não desta quebra, pois o *Bilding* não é apenas mudança, mas mudança para melhor. Associada a esta noção de *Bilding* está a interpretação da teoria analítico-social das quatro fases da criatividade de Poincaré, sendo elas: a Preparação (um problema é investigado com profundidade); a Incubação (um trabalho inconscientemente realizado e acompanhado de uma sensação de inquietação, de que algo acontece); a Iluminação (há a revelação de uma ideia) e a Verificação (a testagem da ideia). Estas fases descrevem a cristalização de uma transcendência.

O autor diz que o "mistério" da criatividade está na Incubação: como é selecionada a ideia que surge na Iluminação? A seleção ocorre de maneira inconsciente, seguindo critérios de prazer-desprazer gerado por um conjunto de forças chamadas de sensórias, que são a imaginação, o julgamento estético, a transcendência e a vitalidade. Desta combinação de conceitos é montado o programa, utilizando como metáfora a Divina Comédia, composto por quatro fases: a Descida aos Infernos (o questionamento de verdades, a busca por conhecimentos e a estimulação à independência de pensamento), a Purificação no Purgatório (a avaliação e seleção dos conhecimentos e ideias obtidos na fase anterior), a Iluminação dos Céus (a elaboração do novo com os elementos selecionados) e, por fim, o Retorno à Realidade (a hora de testar e aprimorar a nova ideia).

Newton (2013) propõe um programa de ensino para a criatividade baseado na concepção de que as emoções que surgem ao se realizar uma tarefa modulam a cognição e podem aproximar ou afastar os alunos da atividade, devido ao seu caráter avaliativo. Deste modo, as emoções têm efeito na motivação e na cognição dos alunos. Sobre o caráter motivacional é dito que tarefas que propiciam emoções positivas são realizadas com motivação intrínseca, e tarefas que propiciam emoções negativas, com motivação extrínseca. Sobre a influência na cognição, citando outros pesquisadores, o autor diz que humores positivos promovem o pensamento criativo e a solução de problemas e, em geral, são consistentes com situações seguras e propícias à exploração. Seus efeitos na cognição são de expandir a atenção, flexibilizar o pensamento e reduzir a preocupação com o julgamento. Contudo, o autor diz que os humores negativos não

são necessariamente inimigos da criatividade, mas podem promovê-la de outra maneira. A atenção relacionada a humores negativos é focal, o pensamento é convergente, analítico, cuidadoso, sistemático, persistente e detalhista.

Além disto, são apresentados outros autores com visões diferentes dos efeitos dos humores nas capacidades de produção de foco atencional, ativação e aproximação ou não da tarefa. A ativação é a capacidade de gerar ação. Por exemplo, a ansiedade é ativadora, promove foco atencional, mas afasta da tarefa. No esquema de aula proposto pelo autor, baseado sobre estas concepções, os professores devem fornecer tarefas que propiciem emoções favoráveis à criatividade, levando em consideração que as emoções existem em fluxo, devem ter um conhecimento apropriado sobre o que é a criatividade e saber reconhecer as emoções, humores e disposições de seus alunos.

Karwowski e Soszynki (2008) realizaram um estudo em que apresentaram e avaliaram um método de fomento da criatividade que não se baseia em meios acadêmicos, mas em *hobbies* que alunos podem ter. Com vistas nisto, o segundo autor do artigo desenvolveu o RPTC (*Role Play Training in Creativity*), método baseado no jogo de RPG. O RPG é um jogo em que um grupo de participantes assumem papéis dentro de uma história imaginária e são direcionados por um "mestre", que tem a função de regular o avanço da história e intermediar as relações e acontecimentos desta. O treino desenvolvido assume o jogo como segunda parte. Na primeira, é realizada uma exposição sobre o jogo, sobre a imaginação e sobre a criatividade, com a tentativa de mostrar aos participantes a importância deste constructo e que talvez este tipo de programa pudesse ajuda-los a serem mais criativos.

O experimento aconteceu da seguinte maneira: 47 estudantes de graduação foram divididos em dois grupos. Em um grupo foi realizado o pré-teste, a exposição sobre imaginação e criatividade e o treino para o jogo, com a duração total de oito horas. No segundo grupo foram realizados os mesmos procedimentos, porém o jogo foi realizado em quatro encontros semanais de duas horas. Não houve grupo controle. Os testes utilizados foram o Teste de Imaginação Criativa de Kujawiski e o Teste de Pensamento Criativo por Produção de Desenho, de Urban e Jeller. O primeiro teste mede a criatividade por fluência, elaboração e originalidade, e o segundo por fluência, originalidade, elaboração, capacidade de sintetizar, não conformismo e disponibilidade para correr riscos. Os resultados apontaram que houve melhoras nos resultados do primeiro grupo, no Teste de Pensamento Criativo por Produção de Desenho, e nos dois grupos nos fatores fluência e originalidade, no Teste de Imaginação Criativa. O segundo grupo não respondeu ao Teste de Pensamento Criativo por Produção de Desenho por não ser ingênuo em relação a ele.

De acordo com as pesquisas analisadas, para avaliar se um programa de desenvolvimento da criatividade favorece ou não a expressão desta nos alunos, ou se determinado plano pedagógico favorece mais ou menos a criatividade, ou ainda qualquer outro constructo sobre esta, são utilizados instrumentos de medida como o Teste de Torrance. Para ser bem sucedido no teste, o aluno deve dar uma resposta diferente a um problema padronizado. Então, a criatividade estudada nestas pesquisas é tida como a habilidade de dar respostas diferentes aos mesmos problemas. Tal é o que acontece também nas salas de aula, nas quais o professor passa um problema para todos resolverem. A criatividade surge como a habilidade de encontrar novas respostas para um problema posto por outro, uma necessidade de ser criativo.

Pode-se questionar também se a criatividade envolveria a produção de algo original e aprovado pela sociedade ou se poderia ter um valor intrínseco ao indivíduo em sua singularidade. Boden (2004) divide a criatividade em criatividade histórica, em que o indivíduo deixa um legado para o mundo (e aqui poderia estar a importância da originalidade da criatividade); e criatividade psicológica, em que o indivíduo descobre algo que possa ser valoroso e significativo para si mesmo, como as frações que uma criança estuda e se admira com o que aprendeu.

Além disto, pode-se observar que pouquíssimos estudos ou propostas de programas de implementação da criatividade buscam compreender ou fomentar a criatividade por meio da compreensão de seu desenrolar processual e dinâmico no meio e em interação com o meio em que estão inseridos os alunos. Há a preferência por avaliar o método, o objeto criado, o aluno, o professor e o meio ideais para a criatividade, estendendo o que seria a seleção de alunos criativos ou não para todo o âmbito escolar. Com a incompreensão do caráter processual da criatividade, fica difícil responder como transformar os alunos, professores ou métodos considerados como "não criativos" em criativos.

Como ocorre a transformação dos alunos e, em decorrência desta transformação, a criatividade? A resposta para tal questão é empreendida com base na concepção de cognição proposta pelo filósofo francês Gilles Deleuze, redirecionada à criatividade por Virgínia Kastrup (1999). A concepção de criatividade como o ato de transformar-se a desubjetiva e, assim, em tese, todos os alunos seriam capazes de criar. Assim como também afasta a criatividade da resolução de problemas, já que a resolução dos problemas seria o fim da criatividade, e não seu início. A emblemática afirmação de Deleuze "ninguém sabe como alguém aprende" poderia estender-se à criatividade ("ninguém sabe como alguém cria")?

## 1.3 A concepção deleuziana da criatividade

Virginia Kastrup (1999, 2000, 2001, 2004, 2005, 2007, 2009), com base na filosofia de Gilles Deleuze, propõe uma nova concepção que não toma a criatividade como uma habilidade ou qualidade de um indivíduo e que não a subjetiva. Nesta concepção, sujeito e objeto resultam do processo de criação, e não são suas condições. Pois, a questão que se levanta é: como algo novo pode ser criado se o sujeito e objeto já estão dados? Ou seja, como se pode buscar a diferença se o ponto de partida são instâncias previamente diferenciadas e fixadas?

Para esta nova proposta de estudo da criatividade, Kastrup parte de um novo conceito: o de "cognição inventiva". Ao propor este conceito, a autora assume que a cognição pode funcionar de duas maneiras distintas: ora se repetindo, ora se modificando. Quando a cognição se repete, ou seja, utiliza esquemas antigos e representa novas experiências com base em experiências passadas, há o que a autora chama de "recognição", que é um *hábito* da cognição. Quando a cognição se modifica, por não utilizar mais esquemas antigos, há uma experiência de problematização e invenção. A recognição gera sempre reprodução, nunca o novo.

Para que a experiência de problematização possa acontecer, a cognição deve passar por um processo de ruptura (de *breakdown*, para Kastrup; ou de desterritorialização, para Deleuze e Guatarri (1995, p. 51)). A problematização é a quebra do hábito da cognição. As memórias não servem mais aos dados do sensível e uma nova qualidade de cognição surge. A cognição não opera mais com os esquemas do passado. É uma experiência de entrada em um novo mundo. Assim, a invenção não é uma qualidade a mais da cognição, uma habilidade, mas sim a sua própria capacidade de diferenciar-se de si mesma. O processo de recognição é importante para que não haja a necessidade de se reaprender a viver num novo mundo a todo instante, mas, por outro lado, ele impede que a novidade autêntica surja. Na cognição inventiva, ao mesmo tempo em que um novo mundo surge, um novo si mesmo se constitui diante dele, o si mesmo de aprendiz, sempre em constante descoberta de si.

É importante salientar que não se trata de uma reestruturação da cognição, mas de um novo tipo de funcionamento da mente. Para Deleuze (2006), não é o indivíduo ou sujeito que encontra em si as condições para a invenção, é um processo que se passa fora dele, fora de sua consciência, num encontro dos signos como partes notáveis do seu corpo. No exemplo citado por Deleuze, ao tentar nadar no mar, o indivíduo se descobre conectando partes notáveis do seu corpo (tronco, braços, pernas e cabeça) com signos da água do mar (as ondas). Esta conexão se faz de uma forma que o indivíduo não precisa pensar, ter consciência, do que está se passando, ele precisa apenas deixar que ela se dê.

Deleuze (2006), em *Diferença e Repetição*, ao tratar dessa aprendizagem inventiva, a coloca como anterior à recognição, é sempre daquela que esta resulta. Daí a importância de se pensar em processos, entre as duas um processo se faz. A cognição inventiva é anterior à diferenciação sujeito-objeto. Ela se passa ao nível de signos e partes do corpo, é diferencial e diferenciante e se realiza no plano das virtualidades, das experimentações inconscientes, involuntárias, num tempo pequeno demais para poderem ser percebidas pela consciência, como diz o autor. Só uma vez ocorridos os acoplamentos virtuais, é que então a consciência se faz, e esta será sempre uma recognição, uma repetição, suportada pela diferenciação simultânea de um sujeito e de um objeto. A cognição inventiva, que é do plano das virtualidades, expressa a Diferença em si, enquanto a recognição, que é do plano das atualidades, expressa a Repetição para si. A Diferença, em si, ao se expressar instaura o novo, o diferente, realiza a invenção, cria.

A repetição, que é sempre para si, pois se refere ao que já foi criado, representa aquilo que já é, não pode, portanto, dar origem à criatividade ou a invenção. Por isso, a importância de não confundir criatividade com recognição. Jamais criaremos, ou seja, expressaremos a Diferença, enquanto insistirmos em recognições. Dizer que é dar uma nova resposta a um problema antigo, que é encontrar respostas mais adequadas, ou melhores, para os mesmos problemas, é não sair do campo da recognição. Pois, para o autor, o modo de expressão da Diferença reside exatamente na colocação dos problemas e não na busca das respostas. Um problema quando é bem colocado leva necessariamente a sua resposta. O problema é da ordem da Diferença, enquanto a(s) resposta(s) é(são) da ordem da repetição ou da recognição. Ao se buscar novas respostas para os mesmos problemas, não se sai da recognição, se repete a colocação de um mesmo problema, não se cria o novo, não se inventa.

Pesquisas com este novo conceito vêm sendo realizadas, compreendendo que, como veremos nos exemplos a seguir, isto não acontece apenas na aprendizagem de habilidades psicomotoras. De-Nardin e Sordi (2007) buscaram diferenciar formas de atenção recognitivas e formas de atenção inventivas em sala de aula. A primeira é definida como um não acolhimento ao novo e inesperado que surge, retornando à recognição. A segunda é o acolhimento ao novo e inesperado, que gera uma experiência de problematização. Um exemplo de atenção recognitiva é dado no relato de um caso em que a professora pediu a seus alunos que fizessem a ligação de palavras com imagens. Um aluno fez a ligação da palavra "hospital" com a imagem de um menino, a professora, sem fazer a hipótese de que o menino já pudesse ter tido alguma experiência em hospitais, não indicou a lógica de seu raciocínio e já deu a resposta correta, que seria a imagem de um prédio hospitalar. Tal ação poderia ser importante, porque forçaria o pensamento do aluno a pensar de outra maneira. O exemplo de atenção inventiva é dado em um

relato de um aluno que não aceitou a resposta evidente a um problema e descobriu que havia outra possível. Houve uma discussão na sala e todos concordaram que a ideia fazia sentido, evidenciando uma abertura ao inesperado.

Com o intuito de verificar se a escola favorece mais momentos de recognição ou problematização, Cassiano (2011) realizou uma investigação na qual participou por um ano de aulas com uma turma da quarta série em uma escola pública do interior do estado de São Paulo. Como resultado destas observações, constatou-se que a recognição era a regra. Ou seja, em geral, não havia estímulo para a criatividade, para encontros dos pontos notáveis das mentes dos alunos com os signos de aprendizagem. Havia cópia e supervalorização da disciplina, em detrimento da aprendizagem. Durante a pesquisa, no entanto, em algumas situações particulares, a observadora pôde interagir com os alunos provocando neles cognições inventivas.

Nas pesquisas baseadas na concepção deleuziana é possível observar que em todas tentou-se verificar em quais momentos ocorre a possibilidade de aprendizagem por cognição inventiva e se há possibilidade para que estes momentos ocorram, de acordo com as atividades e a forma como estas são apresentadas, de maneira que, talvez, seja possível formar estratégias de ensino alicerçadas neste mapeamento de encontros. Isto aconteceu porque o importante é a maneira como se dão os encontros entre partes da cognição das crianças e partes da tarefa, que podem gerar algo novo na cognição, sem destruir o que havia antes. Por exemplo, a criança que aprende a escrever "árvore" não esquece o modo de desenhá-la. Assim, o bom professor seria aquele que consegue proporcionar encontros entre o conhecimento e os alunos, de forma que um modifique o outro, sendo esta a criatividade como aprendizado, um aprendizado no sentido extremo do termo, para além da mera memorização.

Por todos estes aspectos supracitados, sobre a cognição inventiva, o presente estudo foi planejado com a finalidade de investigar se esta concepção de criatividade poderia ocorrer em uma sala de aula de primeiro ano do Ensino Fundamental Ciclo – I.

A seguir serão apresentados alguns aspectos sobre o primeiro ano do Ensino Fundamental de nove anos.

## 1.4 O Ensino fundamental de nove anos e o primeiro ano

A proposta do Ensino Fundamental de nove anos, com a matrícula de crianças de seis anos no primeiro ano, foi implementada gradualmente segundo a Lei 10. 172/2001, que aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE) e o Ensino Fundamental de nove anos tornou-se meta

progressiva da educação nacional; a Lei 11.114/2005, que tornou obrigatória a matrícula de crianças de seis anos no ensino fundamental e a Lei 11.274/2006, que ampliou a duração do Ensino Fundamental de oito para nove anos, com a matrícula das crianças aos seis, e estabeleceu o prazo de implementação desta nova configuração pelo sistema até 2010.

O Ensino Fundamental teve seu período de duração ampliado com os objetivos de: 1) oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período de escolarização obrigatória (Lei nº 10.172, 2001); 2) assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, as crianças prosseguissem nos estudos, não abandonando a escola e alcançando maior nível de escolaridade (Lei nº 10.172, 2001); e 3) em decorrência das maiores oportunidades de aprendizagem e do maior nível de escolaridade, oferecer para as classes sociais mais baixas, mais oportunidades de ascensão econômica e inclusão social.

Tal mudança exigiu que o Sistema de Ensino se adaptasse para receber estas crianças mais novas, incluindo-as de maneira correta, levando em consideração as peculiaridades de seu novo público. Desta forma, foram necessárias mudanças no Projeto Pedagógico do Ensino Fundamental, para que o tempo estendido fosse melhor aproveitado e também para que as crianças pudessem se adaptar à nova rotina.

O documento "Ensino Fundamental de Nove Anos, orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade" (Ministério da Educação, 2007) discute e define o que é a infância e, fundamentado nesta definição, aponta e formula princípios que devem nortear as práticas pedagógicas relativas a este período em que crianças mais novas são inseridas no Sistema de Ensino. Segundo este documento, tais práticas, além de enfatizarem a aprendizagem da alfabetização e letramento, devem dar atenção ao desenvolvimento da criança na escola, considerar suas diversas formas de expressão e também integrar o lúdico ao sistema de ensino, pois, como está definido nas diretrizes "é da natureza da criança o brincar".

Baseados nestes princípios dados pelo Ministério da Educação e Cultura, a Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo, em um documento intitulado "Orientações Curriculares do Estado de São Paulo" (2008) estabeleceu objetivos gerais, expectativas de aprendizagem e orientações didáticas para o ensino de Língua Portuguesa e Matemática nos anos inicias do Ensino Fundamental, para as escolas públicas estaduais.

Nos objetivos gerais do ensino de Língua Portuguesa, ao longo do Ciclo I, (1° ao 5° ano) constam que as crianças sejam capazes de integrarem uma comunidade de leitores, adequar seus discursos a diferentes situações de comunicação oral ler e escrever diferentes textos. Já as expectativas de aprendizagem para o primeiro ano, segundo o próprio documento, são:

Ao final da 1<sup>a</sup> série do Ciclo I, o aluno deverá ser capaz de:

- participar de situações de intercâmbio oral, ouvindo com atenção e formulando perguntas sobre o tema tratado;
- planejar sua fala, adequando-a a diferentes interlocutores em situações comunicativas do cotidiano;
- apreciar textos literários;
- recontar histórias conhecidas, recuperando algumas características da linguagem do texto lido pelo professor;
- ler, com ajuda do professor, diferentes gêneros (textos narrativos literários, textos instrucionais, textos de divulgação científica e notícias), apoiando-se em conhecimentos sobre o tema do texto, as características de seu portador, do gênero e do sistema de escrita;
- ler, por si mesmo, textos conhecidos, tais como parlendas, adivinhas, poemas, canções, trava-línguas; além de placas de identificação, listas, manchetes de jornal, legendas, quadrinhos e rótulos;
- compreender o funcionamento alfabético do sistema de escrita, ainda que escreva com erros ortográficos (ausência de marcas de nasalização, hipo e hipersegmentação, entre outros);
- escrever alfabeticamente textos que conhece de memória (o texto falado e não a sua forma escrita), tais como: parlendas, adivinhas, poemas, canções, trava-línguas, entre outros;
- reescrever ditando para o professor ou colegas e, quando possível, de próprio punho histórias conhecidas, considerando as ideias principais do texto fonte e algumas características da linguagem escrita;
- produzir textos de autoria (bilhetes, cartas, instrucionais), ditando para o professor ou colegas e, quando possível, de próprio punho;
- revisar textos coletivamente com a ajuda do professor.

Nas orientações didáticas dadas no documento, são sugeridas tarefas para todos os anos sem especificá-los. De maneira resumida, com foco no primeiro ano, são estas as tarefas sugeridas: 1- Práticas de linguagem oral (redes de conversa, saraus literários, apresentações orais de cartazes, debates e conversas sobre a distinção da linguagem oral e escrita); 2- Práticas de leitura (leitura diária para os alunos, rodas de opinião sobre livros, leitura pelos alunos, criação de um acervo para a sala, leituras de alunos para alunos, atividades com jornais e análise de textos); 3- Análise e reflexão sobre a língua (leituras feitas pelos alunos que não sabem ler

convencionalmente de textos conhecidos de memória, para que descubram o que está escrito, escrita de textos conhecidos de memória por alunos de hipótese não-alfabética, para que não se preocupem com o conteúdo, apresentação do alfabeto em diversas formas, como a associação de letras com o nome de colegas, atividades em que os alunos tenham que utilizar a ordem alfabética, atividades em dupla com letras móveis e outras para alunos já mais avançados); e por fim, 4- Práticas de produção de texto (apresentação de diferentes gêneros textuais pelo professor, atividades em que o professor escreva um texto ditado pelos alunos, atividades de escrita e reescrita, atividades de elaboração de textos para diferentes situações e outras para alunos já mais avançados).

Em matemática, os objetivos gerais para o Ciclo I, resumidamente, são que os alunos compreendam, utilizem, observem aspectos quantitativos e qualitativos, comuniquem-se e construam conhecimentos matemáticos. As expectativas de aprendizagem estão divididas em cinco grandes temas, conforme o quadro abaixo (Quadro 1), dado no próprio documento.

*Quadro 1*. Expectativas de aprendizagem na disciplina de matemática, para os alunos do Ciclo I do ensino fundamental, divididas em cinco grandes temas, conforme a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Conteúdos	Expectativas de Aprendizagem
Números	Utilizar números para expressar quantidades de elementos de uma coleção e para expressar a ordem
	numa sequência. Utilizar diferentes estratégias para quantificar elementos de uma coleção: contagem,
	formar pares, estimativa e correspondência de agrupamentos. Organizar agrupamentos para facilitar
	a contagem e a comparação entre coleções. Contar em escalas ascendentes e descendentes de um em
	um, de dois em dois, de cinco em cinco, de dez em dez, etc. Reconhecer grandezas numéricas pela
	identificação da quantidade de algarismos e da posição ocupada por eles na escrita numérica. Produzir
	escritas numéricas identificando regularidades e regras do sistema de numeração decimal. Ler,
	escrever, comparar e ordenar números pela compreensão das características do sistema de numeração.
0	Contar em escalas ascendentes e descendentes a partir de qualquer número dado.
Operações	Interpretar e resolver situações-problema, compreendendo significados da adição. Construir fatos básicos da adição a partir de situações-problema, para constituição de um repertório a ser utilizado no
	cálculo. Utilizar a decomposição das escritas numéricas para a realização de cálculos que envolvem a
	adição. Interpretar, resolver e formular situações-problema, compreendendo significados da
	subtração. Construir fatos básicos da subtração a partir de situações-problema para a constituição de
	um repertório a ser utilizado no cálculo. Utilizar a decomposição das escritas numéricas para a
	realização de cálculos que envolvem a subtração. Resolver situações-problema, compreendendo
	significados da multiplicação e da divisão, utilizando estratégias pessoais.
Espaço e	Localizar pessoas ou objetos no espaço, com base em diferentes pontos de referência e também em
Forma	indicações de posição. Identificar a movimentação de pessoas ou objetos no espaço, com base em
	diferentes pontos de referência e também em indicações de direção e sentido. Observar e reconhecer
	figuras geométricas tridimensionais presentes em elementos naturais e nos objetos criados pelo
	homem e identificar algumas de suas características.
Grandezas	Identificar unidades de tempo – dia, semana, mês, bimestre, semestre, ano – e utilizar calendários.
e Medidas	Comparar grandezas de mesma natureza, por meio do uso de instrumentos de medida conhecidos –
<b></b>	fita métrica, balança, recipientes de um litro, etc.
Tratamento	Coletar e organizar informações, por meio de registros pessoais (idade, números de irmãos, meses de
da informação	nascimento, esportes preferidos, etc.).
informação	

As orientações didáticas seguem o modelo do quadro acima e são sugeridos exercícios para cada grande tema, para todos os anos, sem especificá-los. Serão citadas resumidamente apenas as tarefas que mais se parecem apropriadas ao primeiro ano e algumas de outros anos, presentes em grupos pequenos de sugestões. Sobre os Números, são sugeridas atividades de contagem, comparação de tamanhos de coleções, de ordenação de objetos em listas, construção de cartazes, etc. Sobre Cálculo, são sugeridas tarefas nas quais são utilizadas a calculadora, atividades de estimação de resultados, atividades em que os alunos devem identificar a operação aritmética a ser utilizada, etc. Em Espaço e Forma (geometria), são sugeridos jogos em que seja necessário situar-se no espaço, relatos de trajetos, adivinhação de objetos segundo suas formas, dobraduras, classificação de sólidos, montagem e desmontagem de caixas. Em Grandezas e Medidas, sugere-se a observação de embalagens, a elaboração de livros de receitas, a organização de uma exposição de instrumentos de medidas (termômetros, balanças) comparação de ofertas em folhetos de mercados, ensino do uso de escalas, relação entre perímetro e área de diferentes objetos, etc. Por fim, em Tratamento da Informação, é sugerida a leitura e discussão de sobre dados relacionados à saúde, educação, cultura e lazer, alimentação, meteorologia, etc., a organização de pesquisas, a preparação e simulação de um jornal que tenha tabelas e gráficos e a solução de problemas simples em que os alunos devam fazer previsões por meio de dados.

Para que os objetivos e expectativas sejam cumpridos, além destas atividades sugeridas pelas diretrizes dadas pela Secretaria de Educação, os professores devem completar com os alunos todas as atividades dos livros Ler e Escrever, para a disciplina de Língua Portuguesa, e EMAI (Educação Matemática nos Anos Iniciais), para matemática, sendo que ambos já contam atividades estruturadas e que seguem o mesmo modelo das tarefas sugeridas nas Orientações Curriculares. Em específico ao livro Ler e Escrever, há o livro de atividades e o livro de textos, que contém parlendas, poemas e canções populares que devem ser utilizadas em sala de aula para leitura, seja pela professora ou pelos alunos que supostamente já conhecem alguns textos e podem "verificar" como são escritos.

Há também projetos pedagógicos sugeridos pela Secretaria que visam, por meio de diferentes atividades, a proporcionar o aprendizado de conteúdos pedagógicos e incluir o aspecto lúdico necessário ao processo educacional. Para ambas as disciplinas também são dadas no documento orientações para a avaliação do aprendizado dos alunos.

A despeito desta inovação, o sistema de ensino público no Brasil continua sendo o mesmo. Porém, os índices de seu fracasso não se medem mais pelas reprovações na primeira série do primeiro grau, como se fazia antes. Talvez possa ser medido pela evasão, mas

principalmente pelos baixos resultados nas avaliações do tipo Prova Brasil, SARESP e outros, a ponto de situar o país em posições muito inferiores, quando avaliado por rankings internacionais. A própria inovação do Ensino Fundamental de nove anos, apesar das justificativas dos documentos oficiais, parece ter como finalidade última melhorar a posição do país nos índices de avaliação de leitura e escrita, o que levaria a conquista de maiores financiamentos internacionais para a Educação.

Sem entrar na análise de todos os fatores explicativos para tal situação, mas assumindo a Educação como um ato político, serão apresentadas a seguir as concepções de Michel Foucault a respeito da Sociedade Disciplinar, aquela na qual a Escola Moderna, como é conhecida até hoje, surgiu. Tal apresentação será feira por considerar-se tais concepções de fundamental importância para compreender o modo de como ainda são organizadas as atividades cotidianas das escolas.

## 1.5 Foucault e a disciplina

Foucault (1987), em *Vigiar e Punir*, analisa quais e como eram as técnicas aplicadas no sistema prisional que foi instaurado para substituir o sistema anterior de punição dos criminosos, que deixou gradualmente de ser o suplício para se tornar o adestramento, através da disciplina. O adestramento não vinha somente da imposição de normas e regras, mas já se iniciava desde a arquitetura da própria prisão, que delimitava espaços, obstruía os caminhos e permitia a vigilância constante, instaurando o medo. A prisão toda, em cada uma das suas partes constituídas, era uma máquina impessoal de disciplinar. Tal impessoalidade é destacada na definição de disciplina dada n'*A Ordem do Discurso*:

Uma disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isso constitui uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele, sem que seu sentido ou sua validade estejam ligados a que sucedeu ser seu inventor. (Foucault, 1996, p. 30)

Segundo o autor, são três os pilares da disciplina prisional: o quadriculamento do espaço, do tempo e dos corpos. O quadriculamento do espaço se refere à delimitação de cada um em seu lugar, com o local específico para a realização de cada atividade; o quadriculamento do tempo é a delimitação específica do horário específico do início e fim de cada atividade. O

quadriculamento dos corpos refere-se ao fazer garantir que todos cumpram suas funções determinadas no espaço e tempo também já determinados. Este quadriculamento acontece por meio de técnicas de vigilância que não só prendem os indivíduos em suas funções e no espaço-tempo, mas também, através de exames pelos quais são qualificados e classificados os "mais e menos ordenados" e, de acordo com estas classificações, seriam punidos os que não se enquadraram, seja com o fim pedagógico de "ensinar os corpos a se enquadrarem", ou como pura medida punitiva, ou ainda, premiados e recompensados os que agiram conforme as regras.

A disciplina cria indivíduos, ela os individualiza, qualificando-os e taxando-os segundo uma mesma norma que todos devem cumprir. Deste modo, a disciplina solapa toda diversidade e multiplicidade em função de um modelo.

Esta foi uma das grandes intuições de Foucault: a de que o poder não busca recalcar e reprimir pela punição os desobedientes, isto é, na verdade, apenas uma estratégia. O que o poder quer é incentivar e premiar, produzir indivíduos que "agem como deveriam". Deste modo, o poder age diretamente na subjetividade dos indivíduos, produzindo-as. Outro bom exemplo dado por Foucault sobre isso está na *História da Sexualidade* (Foucault, 2009), que trata da disciplina e produção de subjetividades através do incentivo e demarcação de territórios onde certas práticas são permitidas e outras não. Estudando a sociedade vitoriana, o filósofo afirma que a sociedade não reprimia o desejo sexual, mas o incentivava, desde que acontecesse da maneira correta e no lugar correto. A este poder sobre os corpos, sobre o controle da expressão dos desejos e pensamentos, Foucault dá o nome de *biopoder*, o poder sobre a vida. Este é o poder de produzir a vida em sociedade, um poder maquínico, tal como é também para Deleuze e Guattari, em *O Anti-Édipo* (Deleuze&Guatarri, 2011).

Se o poder vigia, examina, pune e premia, significa que há uma hierarquia, alguém que manda e alguém que obedece. Foucault não pretendeu estudar quem é o dono do poder, mas quais são suas práticas, porque o poder acontece em redes, e quem em determinado momento manda, em outro, obedece. O superior na hierarquia do poder não só possui apenas práticas de poder, mas também um saber. Ele detém o saber-poder que legitima outras práticas e outros saberes, outras verdades. Para Foucault, todo saber implica um poder. E este contínuo estabelecimento de práticas e verdades cria outros indivíduos que as replicam, encadeando o poder e transformando-o em uma rede. Em consequência disto, para o filósofo, o conhecimento nem sempre liberta, porque também legitima um poder. É válido ressaltar que sempre haverá resistência ao poder, sempre um contra poder, um contra saber, que o poder instituído sempre combaterá.

Deleuze, amigo e admirador da obra de Foucault, no capítulo V, intitulado "Política", da

coletânea de entrevistas *Conversações* (2008) questionou a vigência deste modelo de Sociedade Disciplinar e sugeriu que esta poderia estar sendo substituída pela Sociedade de Controle. Ele apontou que nas Sociedades Disciplinares, as instituições são bem delimitadas e cada uma tem suas regras, mas que na Sociedade de Controle os espaços são mesclados, as instituições comunicam-se e interconectam-se: há o "operário-aluno", o "executivo-universitário", por exemplo, indicando que a empresa e a instituição se uniram e não há espaço entre elas. Deste modo, os indivíduos não conseguem sair das instituições, e o que acontece em uma repercute nas outras, podendo levar ao impedimento do acesso uma a outra, caso o indivíduo não cumpra as regras.

Tal fenômeno se intensifica e se potencializa com os avanços tecnológicos, que tornam as comunicações quase instantâneas e a possibilidade de controle vai ao infinito, já que os indivíduos não precisam estar mais confinados em um estabelecimento para serem vigiados; eles podem ser controlados "em liberdade". Será possível que fora das instituições haja o controle, e dentro dela, a disciplina? Seria este um sinal de um momento de transição, em que as regras de controle ainda não se desenvolveram o suficiente para se imporem por completo? Por exemplo, é possível que em um sistema educacional operando pelas práticas de controle o aluno possa "fazer sua grade horária" e estudar quando quiser, mas seja obrigado a passar nas provas, que daria acesso aos anos ou a outras instituições de ensino. Tal regime pode dar a impressão de que o aluno é mais livre, mas ele é apenas controlado por rédeas mais longas, ou seja, o controle se dá de maneira não presencial, como nas sociedades disciplinares.

Contudo, a descrição de Foucault ainda é muito válida, pois as práticas disciplinares continuam sendo amplamente aplicadas, em especial na instituição escolar. É possível observar isto na forma como o espaço na escola é organizado: há o lugar de cada um para se sentar, há o lugar de correr, o lugar de comer e a professora senta-se na frente dos alunos demonstrando um nível diferente de hierarquia, por exemplo. O tempo é disciplinado, há o tempo para cada conteúdo pedagógico, há o tempo para o recreio, cada atividade tem um tempo, há o tempo de falar quando a professora pergunta e o tempo de silenciar quando é ela que fala. Os corpos são disciplinados, os alunos devem ficar sentados, devem prestar atenção, devem escrever e devem copiar. Nas avaliações, são classificados os bons e maus alunos, os que se comportam bem e os desobedientes. Os que se sujeitam às regras são premiados, os que as enfrentam e as ignoram, são punidos, seja para "aprenderem" ou como simples forma de intimidação. A intenção é a de produzir os já citados "corpos dóceis", que possam aprender a ficar longos tempos parados e aborrecidos, tal como ficarão nas empresas em que trabalharão e produzirão.

#### 1.6 Justificativa

A pergunta que se coloca neste estudo é: há espaço para o aparecimento da criatividade como cognição inventiva, que compreende ao mesmo tempo criação e aprendizagem, na escola pública, no momento da alfabetização? Ou na maioria das vezes o ensino ocorre por métodos mnemônicos, que buscam a fixação por meio da repetição?

Tal questionamento tem por base o tipo geral de pesquisa encontrada sobre a criatividade. Se há a condição ideal de ensino, o aluno ideal, o professor ideal e o problema ideal para ensinar, talvez haja uma constante busca por recognições, que são a busca do mesmo, não havendo espaço para o surgimento da diferença nos alunos, que aqui é tida como a origem de todo o aprendizado e de toda criatividade, fundidas no conceito de cognição inventiva.

O momento da alfabetização pode ser considerado como um dos melhores para se observar a ocorrência ou não da cognição inventiva, pois é necessário que ocorra um *breakdown* nas crianças, para que não reconheçam mais as palavras como desenhos de imagens, e sim como desenhos de sons.

A alfabetização, que é tida nesta pesquisa como aquisição dos princípios básicos e rudimentos de como lidar com os signos da linguagem escrita, é crucial no processo escolar de toda criança, pois dela dependerá, de alguma maneira, o acesso das crianças aos conteúdos escolares. O processo de alfabetização não é o simples aprendizado de um conteúdo, mas sim a possibilidade de acesso a um novo mundo de conteúdos. Pode-se então afirmar que a alfabetização, para se constituir de forma efetiva, exige que a aprendizagem seja do tipo inventiva, a partir da qual todo um novo mundo, o da escrita, abre-se diante de um novo si mesmo, o do leitor. Paulo Freire, na Pedagogia do Oprimido (1981), já defendia a ideia de que a alfabetização não é apenas a aquisição de uma habilidade, mas a entrada em um novo mundo, aquele da escrita. Assim, seria de grande importância investigar como os professores e professoras alfabetizadoras estão respondendo ao desafio de favorecer o surgimento de uma aprendizagem inventiva em seus alunos. Isto é o que se pretende realizar no presente estudo.

Desta forma, espera-se contribuir para o desenvolvimento de processos de alfabetização mais eficientes e produtivos, ao mesmo tempo em que se espera também desenvolver esta importante área da pesquisa em Psicologia da Aprendizagem Escolar.

## **2 OBJETIVOS**

# Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo é verificar se em uma sala de alfabetização de uma escola pública estadual são desenvolvidas estratégias que favoreçam o surgimento da criatividade, como cognição inventiva.

# Objetivos específicos

- Verificar se há ou não estratégias que favoreçam o surgimento da aprendizagem por cognição inventiva, no processo de alfabetização;
- Analisar os processos que favoreçam a cognição inventiva neste contexto.

# 3 MÉTODO

A estratégia de pesquisa qualitativa tem sua origem nos estudos antropológicos (André, 2001). Estes possuíam, no início, o objetivo de compreender as culturas e sociedades não pertencentes às sociedades ocidentais industrializadas, tarefa que cabia à sociologia, do ponto de vista dos próprios nativos, ou seja, dos indivíduos pertencentes àquelas culturas, em suas próprias sociedades. Os antropólogos buscavam compreender, principalmente, quais eram os significados atribuídos por estas pessoas às suas atitudes, ações, crenças, sentimentos e quais seus valores e ordem em seus relacionamentos. Deste modo, os antropólogos moviam-se até onde viviam as pessoas às quais pertencia a cultura a ser estudada e travavam uma relação de confiança com elas, na esperança de obter seus segredos, mas tomando o máximo de cuidado possível para não se tornarem "nativos", o que exigia deles uma postura, ao mesmo tempo, de máxima tentativa de aproximação, mas também de distanciamento. Após participarem das atividades locais, os pesquisadores descreviam tudo o mais pormenorizadamente possível em seus diários de campo, de modo que nenhum detalhe fosse perdido.

Assim, fica evidente que neste tipo de investigação, o investigador é o seu próprio instrumento, o mais importante e valioso, com seu olho treinado para sutilezas, com o raciocínio indutivo arguto e com a capacidade de estabelecer relações próximas e ao mesmo tempo distantes. Também fica evidente o caráter essencialmente subjetivo da estratégia de pesquisa qualitativa, pois o pesquisador é parte integrante da pesquisa, que é descritiva e interpretativa, pois não se estuda relações entre variáveis, e os fatos por si só não dizem nada fora de seu contexto.

Deste modo, outros pesquisadores, com as devidas adaptações, utilizaram-se destas mesmas técnicas e fundamentos teórico-filosóficos (entrevista, observação participante, análise de documentos e objetos, e pesquisa em campo natural e de caráter compreensivo e descritivo) para estudar grupos de nossa própria sociedade, aproximando assim a antropologia da sociologia e, também, da psicologia, buscando investigar, assim como os antropólogos, as crenças, práticas, significados, sentimentos e valores pertencentes a estes.

Uma parte destes pesquisadores aplicou estas técnicas e premissas ao cotidiano escolar, fundando a Etnografía Educacional, campo em que se encaixa a presente pesquisa, que se serve muito bem de seus fundamentos e técnicas para alcançar os objetivos almejados, pois é necessário que o pesquisador se mova à própria escola, participe das aulas, compreenda o modo de funcionamento da escola e da classe e verifique como a criatividade é compreendida e como são as práticas que podem promovê-la.

## 3.1 Participantes

Participaram desta pesquisa a professora responsável pela sala de aula observada e 26 alunos, sendo 14 meninos e 12 meninas, regularmente matriculados no 1° ano do Ensino Fundamental Ciclo – I de uma escola pública estadual de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Destes 26 alunos, 21 participaram durante todo o período. No início do segundo semestre, três alunos entraram e dois saíram. Com exceção de uma aluna com sete anos, no início do ano todos os alunos estavam com seis anos de idade. Também participaram da pesquisa a diretora e a coordenadora da escola.

A participação da diretora da escola aconteceu principalmente no começo do ano, quando foi feito o pedido de autorização para a realização da pesquisa. A diretora também apresentou a professora responsável pela classe ao pesquisador, com a qual este trabalhou durante todo o período letivo. Já a coordenadora realizou algumas visitas esporádicas à sala participante deste projeto. Tais visitas foram importantes, porque, ao observar como era a aula da professora, a coordenadora mudou o esquema de atividades padrão que era dado e deu informações importantes sobre o método de ensino que a escola utiliza.

A professora responsável pela classe, que será chamada de Tereza, tem aproximadamente 60 anos de idade. Por apresentar problemas no joelho e no tornozelo, ela apresenta uma leve dificuldade para andar. Tereza é formada em Pedagogia e no ano de 2014 matriculou-se em um curso de Letras. Sua experiência de ensino conta com dez anos como professora na primeira escola em que trabalhou, um intervalo de dez anos sem dar aula, e o retorno à pratica docente há dez anos, período no qual passou oito anos ministrando como substituta e os dois últimos como professora fixa, de categoria F, na Rede Estadual de Ensino.

Os nomes dos participantes são fictícios, de modo a resguardar-lhes a identidade.

Seguem abaixo (Quadro 2) os nomes fictícios dos alunos, suas idades no início no ano e o período de participação de cada um.

Quadro 2. Dados descritivos dos participantes.

N	Nome	Idade no início do ano	Período de participação
1	Alice	6 anos	1° e 2° semestre
2	André	6 anos	1° e 2° semestre
3	Ângela	7 anos	1° e 2° semestre
4	Bruna	6 anos	1° e 2° semestre
5	Caio	6 anos	1° e 2° semestre
6	Carlos	6 anos	1° e 2° semestre
7	Fabiane	6 anos	2° semestre
8	Francisco	6 anos	1° e 2° semestre
9	Gabriel	6 anos	1° e 2° semestre
10	Giovanna	6 anos	2° semestre
11	Helena	6 anos	1° e 2° semestre
12	Lívia	6 anos	1° e 2° semestre
13	Lorena	6 anos	1° e 2° semestre
14	Lucas	6 anos	1° e 2° semestre
15	Lúcia	6 anos	1° e 2° semestre
16	Luísa	6 anos	1° e 2° semestre
17	Mário	6 anos	1° e 2° semestre
18	Marta	6 anos	2° semestre
19	Olavo	6 anos	Transferência para outra escola
20	Otávio	6 anos	Desistente
21	Reinaldo	6 anos	1° e 2° semestre
22	Ricardo	6 anos	1° e 2° semestre
23	Sílvio	6 anos	1° e 2° semestre
24	Tadeu	6 anos	1° e 2° semestre
25	Tatiane	6 anos	1° e 2° semestre
26	Willian	6 anos	1° e 2° semestre

# 3.2 Local

Este estudo foi realizado em uma sala de aula do 1° ano do Ensino Fundamental Ciclo - I. A escola conta com boas condições estruturais, como pintura, limpeza, disponibilidade de materiais, número de funcionários, sala de computação, pátio amplo e coberto, sala de artes,

refeitório, sala de reforço (somente para alunos a partir do segundo ano) e disponibilidade de professores.

A sala de aula possui chão de tacos de madeira dispostos de forma em que há pequenos vãos entre eles. As paredes são altas e há grandes janelas de vidro com cortinas. Há dois ventiladores de teto que são insuficientes para resfriar a sala, que ficou bastante quente em muitas tardes. A porta da sala é grande e se abre em duas partes.

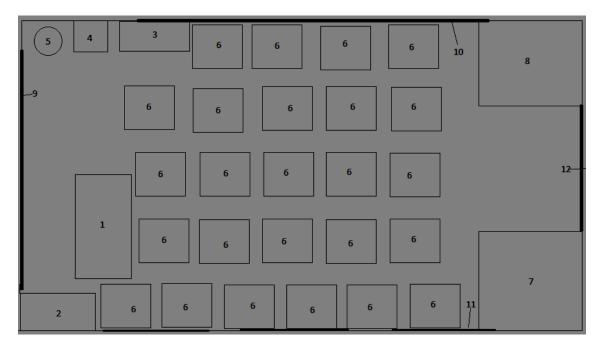
Há duas lousas na sala, justapostas uma a outra em um ângulo de noventa graus. Uma é utilizada para passar as tarefas, e na outra estão colados cartazes com o nome das crianças da turma da manhã e da tarde, alguns trabalhos feitos, um calendário e um quadro de números. Acima da lousa onde são dadas as tarefas, há um relógio de ponteiros cuja bateria acaba frequentemente e um alfabeto pendurado como se fosse em um varal. No alfabeto, as letras estão coladas em fundos de Etil Vinil Acetato (E.V.A.), mesmo material que as compõe, e as vogais são destacadas em cores diferentes.

As carteiras e cadeiras são novas. A tampa das mesas é composta de madeira na cor cinza, e embaixo delas há uma grade de metal na cor azul, para as crianças colocarem livros e cadernos. As cadeiras têm encosto e assento de plástico cinza e pés azuis, tal como os pés das carteiras. Elas estão dispostas em cinco fileiras, compostas por cinco ou seis cadeiras, defronte à lousa e à mesa da professora, que fica à direta da sala. Ao lado da mesa da professora há um armário utilizado para guardar seu material; do lado oposto da sala há o armário utilizado pela professora da manhã, onde fica a lixeira.

No fundo da sala, nos cantos opostos, fica o cantinho da leitura e o da matemática. Em cada um deles há mesas e cadeiras. No cantinho da leitura, ficam livros didáticos e de história; no cantinho da matemática, há ábacos e caixas com tampinhas de garrafa pet, que estão dentro de caixas de sapato. Em cada um eles há um fundo na parede em Tecido Não Tecido (T.N.T.), com inscrições em E.V.A.: "cantinho da matemática" e "cantinho da leitura".

Nos espaços entre as janelas, esporadicamente são colados trabalhos e desenhos de alunos. Segue um desenho aproximado da sala, com a disposição das carteiras próxima à real.

Figura 1. Desenho esquematizado da sala observada



### Legenda:

- 1- Mesa da professora
- 2- Armário da professora
- 3- Armário da professora da manhã
- 4- Mesa com potes de letras de plástico
- 5- Lixeira
- 6- Carteiras

- 7- Cantinho da leitura
- 8- Cantinho da matemática
- 9- Lousa principal
- 10- Lousa auxiliar
- 11- Janelas
- 12- Porta

#### 3.3 Procedimento

O procedimento desenvolveu-se nas seguintes etapas:

1ª Etapa: Foi realizado o contato com a escola em setembro de 2013. Após a exposição dos objetivos e métodos que seriam empregados na pesquisa, foi apresentada, logo no primeiro contato, a autorização para a realização do projeto, com início previsto para fevereiro de 2014. Na ocasião, a autorização foi dada pela coordenadora, responsável por estes assuntos na escola, segundo a ex-diretora. Atualmente, a coordenadora que deu o aceite para a pesquisa tornou-se a diretora da escola.

A autorização foi assinada e enviada ao Comitê de Ética em Pesquisa, junto com o projeto de pesquisa, que recebeu aprovação em 13 de dezembro de 2013.

2ª Etapa: A segunda etapa teve início após o carnaval de 2014, quando a diretora

apresentou o pesquisador à professora que, após a apresentação e explicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A), já aprovado pelo Comitê de Ética, assinou o documento, dando início efetivo à pesquisa. Os funcionários que tiveram mais contato com o pesquisador também assinaram o Termo (ANEXO E).

O primeiro passo desta etapa foi a realização da entrevista com a professora, que ocorreu em quatro sessões, por solicitação desta, nas seguintes datas: 10/03/14, 13/03/14, 17/03/14 e 20/03/14. Estas datas foram escolhidas porque nestes dias havia aulas de educação física e de artes, períodos em que a professora estava disponível. A entrevista foi dividida em seis temas (ANEXO B): "Minha Formação e minhas Experiências Anteriores"; "Meu Emprego Atual"; "Minhas Práticas nas Aulas de Alfabetização"; "Interação Professor-Aluno nas minhas aulas"; "Facilidades e Dificuldades nas minhas Aulas de Alfabetização"; e "A Criatividade nas minhas Aulas de Alfabetização". Os três primeiros e os três últimos temas formam grupos distintos, e a apresentação dos últimos só ocorreu após a investigação dos primeiros por completo. Dentro dos grupos não houve ordem de apresentação dos temas, que foram escolhidos pela professora.

Como forma de apresentação dos temas, foram utilizados três cartões de cada grupo temático, nos quais estavam escritos apenas um dos temas a ser investigado. Os três cartões foram colocados lado a lado sobre a mesa e foi solicitado à professora que escolhesse o cartão pelo qual gostaria que a entrevista fosse iniciada; os outros dois cartões foram guardados para serem utilizados posteriormente. Em seguida, foi solicitado a ela que deixasse vir a sua mente tudo que lhe ocorria quando lia o tema escrito no cartão, tanto os pensamentos como as ideias e os sentimentos. Foi sugerido à entrevistada que se dedicasse, pelo tempo que desejasse, a pensar sobre o tema, em silêncio.

No segundo momento da entrevista, foi oferecida à professora uma folha de papel pautado que continha, na parte superior, o nome do tema escolhido, e foi solicitado que ela escrevesse as palavras ou expressões que viessem a sua mente, diferente da primeira fase, a da associação livre, em que ela somente pensava sobre o tema escolhido.

No terceiro momento, a professora foi informada de que, mediante sua autorização, um audiogravador seria ligado e que ela seria solicitada a explicar o sentido de todas as palavras ou expressões anotadas na folha de papel na fase anterior, uma a uma. Para iniciar, foi perguntado: "o que te fez lembrar esta palavra ou expressão quando você a escreveu?" Procedemos dessa forma para cada uma das palavras ou expressões anotadas na fase anterior. Essa "expansão" representou a fase da entrevista propriamente dita, pois é nela que foi aprofundada a investigação, que foi muito além das palavras e expressões

registradas. Todas as palavras ou expressões foram explicadas pela própria entrevistada, e o pesquisador explorou os assuntos, com intervenções de esclarecimento, quando julgou necessário, mas sempre tomando o cuidado de utilizar as próprias palavras e expressões já mencionadas pela entrevistada.

Esta estratégia de entrevista tem sido utilizada nas pesquisas do Grupo de Estudos e Pesquisas "Subjetividade e Educação" - GEPSEd, coordenado pelo Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade, desde 2002, pelos seguintes pesquisadores: Carraro (2003), Silva (2003), Garde (2003), Luciano (2006), Peres (2006), Carraro (2008), Petersen (2008), Pires (2008) e Pupin (2014).

Apesar destas orientações, em quase todos os temas a professora ateve-se pouco às palavras e já disse tudo sobre cada tema sem recorrer às palavras-chave.

No segundo passo, foram entregues os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido aos pais ou responsáveis pelos alunos (ANEXO C). Eles foram entregues em uma reunião que a própria escola faz para apresentar o curso e a professora a eles. Compareceram dez pais de alunos, que assinaram os termos imediatamente, após a explicação do objetivo e da metodologia empregada no projeto. Para os pais que não compareceram à reunião, os termos foram entregues por meio de envelopes que continham em sua face pequenas cartas explicativas (ANEXO D). A maioria dos pais reenviou os termos assinados. Os alunos que não obtiveram a autorização não foram incluídos nos dados que serão apresentados.

Por fim, o terceiro passo foi o primeiro contato com os alunos, que aconteceu por meio da apresentação da professora. Os alunos pareceram bastante contentes com a presença do pesquisador, dando muitas cartinhas e desenhos nas visitas iniciais. Alguns alunos confessaram ao pesquisador que tinham a esperança de que ele os ajudassem a lidar com os conflitos que tinham com outros colegas.

**3ª Etapa:** Esta etapa consiste nas observações em sala propriamente ditas, após a adesão da professora e dos alunos à pesquisa.

Foram realizadas 48 observações em sala de aula, realizadas no período entre 27/3/2014 e 08/12/2014. Destas, duas foram realizadas no primeiro bimestre (fevereiro e março); 14 no segundo trimestre (abril, maio e junho); 18 no terceiro (julho, agosto e setembro); e 14 no quarto (outubro, novembro e dezembro). As férias ocorreram, naquele ano, no período de 09/06/2014 a 10/07/2014, devido à Copa do Mundo. Não houve critério lógico para a escolha dos dias das visitas, que foram realizadas de acordo com a disponibilidade do pesquisador. Segue o quadro das datas das visitas e seus dias na

semana (Quadro 3).

Quadro 3. Cronograma das observações.

Data	Dia da semana	Data	Dia da semana
27/03/2014	Quinta-feira	13/08/2014	Quarta-feira
28/03/2014	Sexta-feira	14/08/2014	Quinta-feira
04/04/2014	Sexta-feira	21/08/2014	Quinta-feira
10/04/2014	Quinta-feira	27/08/2014	Quarta-feira
11/04/2014	Sexta-feira	28/08/2014	Quinta-feira
17/04/2014	Quinta-feira	03/09/2014	Quarta-feira
24/04/2014	Quinta-feira	04/09/2014	Quinta-feira
08/05/2014	Quinta-feira	10/09/2014	Quarta-feira
09/05/2014	Sexta-feira	11/09/2014	Quinta-feira
15/05/2014	Quinta-feira	25/09/2014	Quinta-feira
22/05/2014	Quinta-feira	02/10/2014	Quinta-feira
23/05/2014	Sexta-feira	08/10/2014	Quarta-feira
29/05/2014	Quinta-feira	09/10/2014	Quinta-feira
30/05/2014	Sexta-feira	03/11/2014	Segunda-Feira
05/06/2014	Quinta-feira	23/10/2014	Quinta-feira
06/06/2014	Sexta-feira	04/11/2014	Terça-feira
17/07/2014	Quinta-feira	05/11/2014	Quarta-feira
18/07/2014	Sexta-feira	11/11/2014	Terça-feira
23/07/2014	Quarta-feira	12/11/2014	Quarta-feira
24/07/2014	Quinta-feira	17/11/2014	Segunda-Feira
30/07/2014	Quarta-feira	18/11/2014	Terça-feira
31/07/2014	Quinta-feira	24/11/2014	Segunda-Feira
06/08/2014	Quarta-feira	25/11/2014	Terça-feira
07/08/2014	Quinta-feira	08/12/2014	Segunda-Feira

Na sala de aula observada, cada dia da semana recebia uma estrutura de aulas diferente, conforme uma grade horária semanal pré-estabelecida. Segue abaixo o quadro de horária da sala observada (Quadro 4).

Quadro 4. Horário de aulas

	Segunda-Feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
13h00-13h50	Edu. Física	Português	Português	Português	Português
13h50-14h40	Português	Edu. Física	Português	Português	Português
14h40-15h30	Português	Português	Artes	Artes	Português
15h30-15h50	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
15h50-16h40	Matemática	Matemática	Matemática	Matemática	Matemática
16h40-17h30	Matemática	Matemática	Matemática	Matemática	Matemática

Por vezes, houve a tentativa de alternar os períodos das aulas de português e matemática em dias distintos, conforme sugerido pela Secretaria de Educação, porém tal prática não foi levada adiante e praticamente todas as semanas seguiram a disposição exposta no quadro acima.

**4ª Etapa:** Nesta etapa foi realizada a despedida dos alunos. Foi planejada uma reunião com os dirigentes, com a finalidade de fazer uma avaliação da participação do pesquisador durante o ano letivo. Nesta oportunidade, também realizou-se uma "devolutiva", nos termos que a pesquisa permitiu, sobre os principais dados obtidos a partir das análises produzidas por meio da observação.

#### 3.4 Análise de dados

As visitas foram registradas na forma de diário de campo, no qual buscou-se descrever o que foi observado com o maior detalhamento possível.

As atividades realizadas foram destacadas e analisadas uma a uma, segundo critérios descritos por Spradley (1980), em seu livro *Participant Observation*, que compuseram a chave de análise utilizada:

- Atividade: corresponde ao nome dado à atividade que foi analisada;
- <u>Tipo</u>: corresponde à classificação recebida pela atividade analisada. O
   "tipo" serviu de base para a criação dos temas, classes de categorias e categorias de atividades, descritos adiante na seção Resultados;
- Atos: corresponde à sequência de ações que compõem a atividade analisada;
- Metas: corresponde às metas supostamente intencionadas na atividade analisada. As metas das atividades foram inferidas a partir dos comportamentos expressos ou obtidas por meio de entrevista informal;
- Atores: corresponde à indicação dos participantes da atividade analisada;
- <u>Duração</u>: corresponde ao tempo de duração da atividade analisada;
- <u>Lugar</u>: corresponde ao local onde a atividade foi realizada;
- <u>Sentimentos e ações complementares</u>: corresponde aos sentimentos expressos durante a atividade analisada, inferidos segundo o comportamento e expressões dos atores envolvidos. Neste item também

estão descritos alguns atos considerados importantes por parte de algum ou alguns dos participantes.

Atividade foi considerada como toda ação proposta ou empreendida pela professora ou por alguém com a permissão dela. Tal ação pode estar estruturada para um fim pedagógico, disciplinar ou de atividades relacionadas ao cotidiano da sala, com ou sem a participação dos alunos.

Após a coleta e análise das atividades descritas, cada uma delas foi classificada dentro de *temas de categorias*, subdivididos em *classes de categoria*, subdividido em *categorias*, que contêm as *atividades* propriamente ditas.

A entrevista foi analisada segundo a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1979).

Não foram feitas análises de documentos da escola, e as observações de cadernos foram realizadas apenas rapidamente, com a intenção de observar se os alunos faziam ou não suas tarefas e para verificar de maneira rápida e geral o quão adiantados estavam os alunos no processo de alfabetização.

## 3.5 Considerações éticas

Este estudo atende às normas da Resolução nº 196/96, do CONEP, e ao disposto na Resolução nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (Processo CEP- FFCLRP nº de parecer 445.700 – CAAE – 20803613.2.0000.5407).

A coleta de dados somente teve início após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por parte da professora (ANEXO A) e dos pais dos alunos (ANEXO C), nos quais foram informadas as garantias de esclarecimentos a qualquer momento sobre os métodos, objetivos, riscos, beneficios, fossem eles coletivos ou individuais, reais ou potenciais, e também o direito a retirar seu consentimento em qualquer momento da pesquisa, sem acarretar punição ou qualquer outra consequência. Além disto, este estudo buscou comprometer-se ao máximo com os benefícios que poderia trazer para a escola, pais, alunos e professores, pois, como já fora detalhado na Introdução, a revelação e a implementação das estratégias de favorecimento da cognição inventiva é de grande importância na alfabetização dos alunos. O direito ao acesso aos resultados da pesquisa está resguardado e foi assegurado aos participantes.

#### **4 RESULTADOS**

#### 4.1 O cotidiano da sala de aula observada

Por meio desta contextualização, será feita a tentativa de descrever, através do que poderia ser chamado de "um dia na sala de aula observada", desde a entrada até a saída, aspectos da escola e da sala de aula observada que possam revelar o modo de funcionamento das mesmas, uma "estrutura do funcionamento escolar": aspectos invariáveis ou de pouca variação ao longo do ano que embasaram os modos em que os relacionamentos interpessoais e das pessoas com os conteúdos escolares aconteceram. Isto é importante para tentar favorecer a compreensão sobre o porquê de as coisas terem acontecido da maneira que aconteceram. Talvez seja possível dizer que se trata de um pequeno "mapa" da escola e da classe, que foi construído ao longo de todo o ano letivo, como um viajante que não conhecia o caminho que seguia e foi traçando linhas em um papel, que formaram o trajeto da jornada apenas ao final desta.

Na entrada, os alunos de cada sala ficavam perfilados no pátio, as meninas em uma fila e os meninos em outra. Todas as salas esperavam por suas respectivas professoras da mesma maneira. As filas eram organizadas por ordem de ano, com os últimos anos mais ao fundo do pátio e com os primeiros mais próximos à entrada da escola; tal organização era de responsabilidade das inspetoras. Nestas filas, os alunos que ficavam mais à frente, mais próximos às professoras, tendiam a ficar mais parados e em silêncio, ao contrário dos que estavam mais atrás, que corriam, brincavam de luta, mostravam figurinhas ou faziam alguma outra atividade. Algumas desavenças entre os alunos também ocorriam nelas, principalmente na fila das meninas, onde elas discutiam quem seria ou não amiga de quem. As excluídas dos grupos de amizades choravam. Às vezes, era realizada uma oração padronizada, feita muitas vezes aos gritos por alguns alunos, que tonificavam as últimas sílabas de cada palavra, o que parecia irritar a diretora, que coordenava esta prática. Quando necessário, a diretora utilizava também a entrada para dar advertências verbais nas turmas de alunos, devido ou à indisciplina em sala de aula ou à indisciplina na própria entrada, apontando claramente as salas e os alunos. Nas segundas-feiras, o Hino Nacional era cantado. Não foi observada a existência de comportamentos consistentes por parte das inspetoras para manter os alunos em perfeita ordem, até que começasse a fala da diretora e a oração.

Para subir até as salas, as professoras ficavam frente a frente com sua turma, os

alunos da frente davam as mãos para a professora e as turmas subiam uma a uma, cada uma por uma das duas escadas mais próximas à cada respectiva sala. A fila era parcialmente mantida, mas também não se observou grande esforço para que isto acontecesse. A professora cuja sala foi observada durante todo o ano tinha certa dificuldade para subir as escadas e o fazia com certa lentidão, pois tinha problemas de articulação em seus joelhos e tornozelos.

Quando as crianças chegavam na porta da sala a professora abria a porta e as crianças entravam, algumas andando e outras correndo, nem sempre obedecendo a um lugar fixo na hora de se sentarem. Em determinadas ocasiões, a professora fazia o remanejamento de alunos para que os que conversavam em excesso ficassem separados.

Quando estavam todos sentados, a professora iniciava a leitura que fazia cotidianamente. Em geral, era de algum livro que ela mesma trazia, mas havia espaço para que os alunos trouxessem algum que desejavam, o que acontecia com relativa frequência. Os textos eram curtos e lidos de uma vez. Muitas vezes não foram lidos livros inteiros, mas contos que estavam reunidos num mesmo volume. A professora fazia a leitura sentada em sua mesa e mantendo um mesmo tom de voz na maioria dos momentos, com poucas pausas para explicar a história e os personagens, ou para mostrar as ilustrações. Enquanto lia, a maioria dos alunos não parecia prestar atenção, pois ou ficavam de cabeça baixa ou olhavam para outros pontos que não a professora. Alguns se levantavam para apontar seus lápis, mostrar brinquedos ou figurinhas, ou simplesmente andar pela sala. Conforme o passar do tempo, alguns alunos começaram também a adiantar o cabeçalho durante esta leitura, atividade que a professora reprovava, mas que os alunos insistiam em fazer. Os alunos considerados indisciplinados e que perturbavam a leitura eram quase sempre os mesmos: Lucas, Ângela, Helena, André, Otávio. A questão de mostrar ou não as ilustrações durante a leitura parecia um tanto dilemática, pois percebia-se que os alunos olhavam mais para o livro quando estas eram expostas, mas havia a concepção de que, segundo a professora, os alunos tinham que imaginar a história e a presença da ilustração poderia interromper este processo.

Após a leitura, a professora mostrava as ilustrações e recontava a história, mas nem sempre. Na maioria das vezes, ela deixava o livro aberto na barra inferior da lousa que serve como suporte para o apagador e os gizes, e deixava os alunos irem até lá verem as figuras para copiarem ou se inspirarem na ilustração que deveriam fazer da história em seus cadernos, o que formava um pequeno grupo de alunos na frente da sala. Ela também fazia, às vezes, perguntas aos alunos sobre o que eles entenderam da história. Em geral,

as respostas dos alunos eram bastante pontuais e sobre as cenas mais marcantes do livro. Também foram quase sempre os mesmos alunos que responderam melhor, como Reinaldo, Lúcia, Tatiane. Quando a professora perguntava para algum outro aluno em específico, ela impedia os outros alunos de falarem.

Feita a leitura, a professora entregava os crachás, que eram tiras coloridas de uma cartolina um pouco mais grossa, dobradas como em um triângulo. Em cada uma das faces havia o nome do aluno: em uma delas em letra cursiva, na outra em letra de forma. Para fazer a entrega, a professora ia até o armário, pegava os crachás, ia até sua mesa, sentavase ou ficava em pé e chamava cada um dos alunos. Enquanto os alunos não eram chamados, a maioria andava pela sala, apontava seus lápis, corria ou lutava. Com o passar do tempo, a prática de entregar os crachás deixou de ocorrer e ele só era entregue para os alunos quando a atividade exigia que copiassem seus nomes.

Terminada a entrega, a professora começava a escrever o cabeçalho na lousa. Nele estava o nome da escola, o nome da professora, a data e o clima. Após o cabeçalho, a professora passava um resumo muito pequeno da história lida, feito a partir das respostas dos alunos dadas às perguntas da professora sobre o livro lido. Ela dava também um desenho que representava a história, que podia ser uma cópia direta ou não do livro, e a rotina, que é a listagem de todas as tarefas que seriam realizadas durante o dia. Ao longo do ano, a professora não desenhou mais na lousa e deixou somente o livro aberto para os alunos observarem.

O resumo também deixou de ocorrer ao longo do período letivo. A coordenadora da escola, após assistir uma aula, disse que a função da leitura era fazer com que as crianças aprendessem a ouvir e prestar atenção, e que o restante das atividades deveria se basear no livro.

No segundo semestre, a professora passou a fazer mais vezes o gráfico de frequência e a contagem dos alunos. Para fazer o gráfico, a professora pedia para que cada um dos alunos fosse até a sua mesa munidos de um lápis de cor para pintarem um quadradinho de uma coluna que era indicada pelo nome da criança. Este gráfico era composto por uma folha branca com a tabela de colunas colada em um sulfite preto. Por vezes as crianças pintavam quadradinhos referentes até a três dias passados. A chamada não deixou de ser feita por causa desta atividade. Já a contagem de alunos era realizada da seguinte maneira: a professora pedia a um menino para contar os meninos e a uma menina para contar as meninas. Em seguida, a professora montava uma adição com os números obtidos e a efetuava, explicando-a. Por fim, fazia o desenho de uma criança ao

lado da conta, que as crianças também deveriam copiar. Ao final do ano, a professora não fez mais a pintura do gráfico e chamou a contagem dos alunos de gráfico de frequência. Também parou de explicar como efetuava a conta e passou a dar o resultado diretamente. Durante a contagem, alguns alunos, em especial Ângela, tentavam fazer a contagem junto com a criança que era escolhida pela professora, o que parecia irritar a professora. Havia também alguns alunos que não conseguiam contar. Nestes casos, ou a professora os ajudava, ou escolhia outro aluno.

Poucos alunos copiavam a lousa toda. Em geral, ou porque não conseguiam, já que alguns alunos faziam com as letras grande dificuldade, ou porque se recusavam, dizendo que era chato e que não gostavam. Alguns copiavam somente o começo da lousa. Em poucas situações foi lido o que estava escrito na lousa. Era uma cópia pura. Quando a lousa estava cheia, a professora se sentava ou andava pela sala com o intuito de organizar a turma. Era um grande esforço, porque a bagunça era grande.

Feito isto, na maioria das vezes havia longos períodos sem atividade alguma. Quando isso acontecia, algumas crianças se batiam, corriam, pegavam brinquedos, ajuntavam-se em turmas para conversas, ou, em poucos casos, ficavam com a cabeça baixa. No entanto, algumas vezes ocorria algo chamado de "leitura clandestina": algumas crianças, geralmente lideradas por Ângela, sentavam-se no cantinho da leitura e brincavam de aula. Elas pegavam livros e os olhavam. Ângela fazia de conta que era uma professora dura e exigente, que demandava bastante ordem em sua sala. E ficavam lá por um tempo. A professora não os impedia de imediato, mas depois de um certo tempo os chamava para fazerem suas tarefas.

Os períodos sem aula eram momentos também em que havia bastante gritaria, barulho e bagunça. Contudo, houve também os alunos que saíam para conversar porque já haviam terminado suas tarefas e não tinham outra atividade para fazer.

No começo do ano, quando havia atividades após a cópia da lousa, estas eram dadas em pequenas folhas fotocopiadas, diferentes para cada um dos alunos: eram atividades para circular, completar palavras, copiar palavras, copiar sílabas, ligar palavras a imagens correspondentes e figuras para serem coloridas. Com o passar do tempo, a professora suprimiu estas atividades e passou a utilizar o livro didático "Ler e Escrever". Muitas destas atividades eram passadas rapidamente e a professora mesmo respondia aos exercícios que, predominantemente, eram de observação de imagens e elaboração de legendas.

Os alunos faziam com maior frequência as atividades em folhas separadas do que

a cópia da lousa. Porém, algumas eram de um nível além da capacidade dos alunos, o que dificultava bastante a sua realização.

A professora entregava as folhas da mesma maneira que entregava os crachás e fazia uma breve explicação para cada aluno. Este método demandava bastante tempo e, em sua maioria, os alunos que estavam esperando serem chamados saíam de suas carteiras para bagunçar ou brigar.

Quando era dado o tempo para a saída do recreio, a professora ia até a porta e chamava os alunos para formarem uma fila, tal qual a fila da entrada. Ela dava as mãos aos alunos que estavam na frente, e todos desciam pela escada. Alguns alunos levavam alimento de casa; outros compravam salgadinhos na cantina, alguns outros comiam a merenda da escola, quando, segundo eles, era servido algo que gostavam.

Houve "festas" ao longo do ano com o objetivo de arrecadar dinheiro para a escola: a festa do cachorro-quente, do sorvete e da pizza. Os alunos davam o dinheiro para a professora, que lhes entregava fichas que eram trocadas pelos produtos na cantina. Era por meio dos pedidos prévios que a escola se organizava para não comprar os alimentos em excesso. Muitos alunos faziam as compras. A organização das fichas e do dinheiro tomava um tempo relevante da professora durante a aula.

O retorno para a sala acontecia como na entrada. Após o retorno, às vezes passavase um longo período sem atividade alguma. Em geral, a professora esperava que as crianças ainda copiassem o que havia sido passado no primeiro período. Também havia esta demora porque, por vezes, a professora preparava novas folhinhas de atividades, ou fazia algo para os alunos levarem para a casa, como o presente que foi dado no dia das mães. Era um intervalo de bastante bagunça e barulho. Com o passar do ano, este período sem atividades diminuiu, sendo deixado para o final do período.

Após o recreio eram dadas, principalmente, atividades de matemática. No entanto, percebia-se que a aplicação dessas atividades tinham o objetivo de tentar controlar a sala e, aparentemente, não apresentavam um fim pedagógico específico.

As atividades eram quase sempre para que os alunos fizessem continhas de adição, sejam elas "em pé" ou "deitadas", ou para que os alunos escrevessem todos os numerais de 0 a 100. Os alunos tinham um quadro na lousa com estes numerais, mas se atrapalhavam na identificação dos números.

Nas atividades de matemática, a explicação da tarefa ocorria com mais frequência. A professora ensinava as crianças que para somarem poderiam desenhar risquinhos ao lado de cada numeral e, depois, contá-los como um todo, que resultava na solução da

adição.

Quando a professora respondia as continhas oralmente na lousa, alguns alunos também falavam mais que outros e, quando a professora se dirigia especificamente a algum aluno, ela também impedia que outra criança resolvesse a adição. Assim como após as outras atividades, havia um período de considerável inatividade, em que os alunos repetiam os mesmos comportamentos.

Nas atividades de matemática, com o passar do ano, passou a ser feito o uso do livro didático do Projeto EMAI, por pressão da coordenadora, pelo que se pode observar, já que todas as crianças da rede estadual têm que terminar os dois livros EMAI até o final do ano. Em geral, as atividades eram realizadas muito rapidamente e sem um aprofundamento no conteúdo que estava sendo passado em cada uma delas.

Próximo ao fim da aula, a professora passava a lição de casa que, basicamente, consistia na repetição escrita de um numeral, por exemplo, o 50, e sua escrita por extenso (cinquenta). Também havia atividades em que os alunos deviam escrever cinco palavras referentes ao que poderiam encontrar na praia ou no clube, por exemplo. Com o passar do ano, a professora passou a dar lições de casa do livro EMAI, porque era preciso adiantar as lições do livro. Várias crianças relatavam que seus pais ou irmãos faziam estas lições. Quando a professora perguntava a alguns alunos se não iriam copiar o enunciado da lição, estes respondiam que já haviam feito a tarefa. Isso pode indicar que eles nem sabiam o que estava sendo passado.

No horário da saída, a professora chamava os alunos para formarem filas do lado de fora da sala e todos saíam juntos, por outra escada que não se direcionava ao pátio diretamente, mas que passava por um corredor subterrâneo. Os momentos que antecediam a saída eram, na maioria das vezes, bastante conturbados, com manifestações de agressividade e barulho.

Quanto à indisciplina da sala, com o passar do tempo, também houve uma tendência à diminuição, ocorrendo menos brigas e barulho. Dos relacionamentos em que houve desentendimentos entre a professora e os alunos, o que mais perdurou foi com Ângela.

No período entre setembro e outubro, o desentendimento entre Ângela e a professora parecia se intensificar. Era visível o estresse da professora, que aparentava estar muito irritada e extremamente sensível à indisciplina dos alunos, reagindo com gritos, remanejamento dos lugares dos alunos, proibições para saírem para o recreio ou simplesmente ficando em silêncio. Ângela comportava-se de maneira muito agressiva

com os alunos em geral e agredia fisicamente a maioria. Por ser muito maior que eles, não tinha rival na sala. Além disto, ela e a professora ofendiam-se mutuamente com frequência. Alguns comportamentos da garota irritaram muito a professora, como girar pela sala com uma garrafa de água aberta e passar o dedo sangrando no caderno de outros alunos, além de outros atos de indisciplina mais comuns. Após a mãe de Ângela ter sido chamada várias vezes e o acionamento constante da direção, o desentendimento se acalmou e a professora passou a ignorar alguns atos da aluna que a incomodavam antes.

No auge desse conflito, o pesquisador passou a sentar-se próximo à garota, na tentativa de ajudar a professora de algum modo. Tal tentativa surtiu certo efeito durante um tempo, pois o pesquisador tentava fazer com que a aluna retomasse sua atenção à tarefa, nos momentos em que se dispersava e queria fazer outra coisa que não sua lição ou atividades ligadas a esta. Tal atitude do pesquisador também pareceu acalmar a professora, que passou a se desentender menos com Ângela.

A professora também teve desentendimentos com outros alunos, como Lucas, que parecia irritá-la por não fazer as tarefas, além de bagunçar e trazer brinquedos e figurinhas para a sala, mas este desentendimento não se mostrou tão intenso quanto o anterior.

É interessante notar que a professora parecia emitir alguns comportamentos de birra com alguns alunos. Com Mário, por exemplo. Muitas vezes este aluno estava quieto e em silêncio, enquanto havia bagunça na sala, mas a professora chamava sua atenção independentemente disto.

Os alunos também tinham muitos conflitos entre si. Entre os meninos eles se manifestavam na forma de perseguições ostensivas, como com Carlos, que sofreu alguns ataques organizados de outros alunos durante certo tempo, mas que também se unia a eles para atacar outros meninos. Entre as meninas estes desentendimentos se manifestavam na forma de exclusões do grupo: quem era e quem não era amiga da turminha.

Havia também um desentendimento velado entre a escola e a professora, manifestado com desconfiança. A professora reagia contando sobre a sua faculdade, como estava interessante seu estudo e como gostava das aulas.

Estes desentendimentos perduraram por todo o ano, com períodos de abrandamento, e era em meio a eles que as atividades aconteciam. Predominava um clima de tristeza e raiva, propiciando as recusas de cumprir as tarefas, o desinteresse, a pressa para ir embora, expressadas nos constantes "tio, falta muito para acabar a aula?" e na agressividade entre grupos e indivíduos e entre indivíduos contra indivíduos.

Além da agressividade, foi possível observar intensa manifestação de carência

afetiva por parte de alguns alunos, que disputavam um lugar perto do pesquisador para abraçá-lo e também mostrar suas tarefas, algumas vezes palavra por palavra, que demoravam um tempo considerável para escrever. Os alunos também repetiam estes comportamentos com a professora, com a professora auxiliar e com a coordenadora, quando elas estavam na sala de aula. No começo do ano, o pesquisador recebeu muitas cartinhas e desenhos dos alunos. Alguns deixavam de fazer suas lições para escrevê-las. Com o passar do tempo, o número de cartinhas diminuiu, mas não cessou.

Por fim, um ponto positivo a ser destacado foram os repentes de solidariedade que houve entre os alunos em muitas situações, apesar de todos os conflitos. Por exemplo, quando se ajudavam a completar as suas tarefas, inclusive poucos momentos depois de brigarem, o que acontecia principalmente quando não havia o que fazer. Estes momentos de solidariedade foram observados quando os alunos conseguiam fazer as tarefas sem dificuldade, como a contagem de ovos faltantes em caixinhas, e quando utilizavam um material não convencional, como as letras móveis. O uso de materiais não convencionais também parecia aumentar o entusiasmo dos alunos em aprender, como quando foi utilizado o ábaco para ensinar adição. Isto pode demonstrar que não havia um sentimento de raiva persistente que motivasse as brigas, mas que, na maioria dos casos, os conflitos eram movidos por emoções superficiais e fugazes. No entanto, também havia o desejo de aprender nos alunos, que poderia ter sido melhor aproveitado por outras estratégias.

## 4.2 Análise das atividades

Após a coleta dos dados, todas as atividades foram organizadas em *temas*, *classes de categoria* e *categorias*. O principal critério de classificação das atividades foram as metas às quais elas eram subjacentes. As metas se referem diretamente ao conteúdo das atividades. É a partir das metas que são definidas a forma e os objetos das atividades. Por exemplo, pode haver atividades de cópia tanto em português quanto em matemática, porém, na primeira as metas podem ser o ensino da escrita; na segunda, dos números. Conforme explicitado no método, as atividades foram analisadas segundo critérios definidos por Spradley (1980). São eles: tipo, atos, metas, atores, duração, lugar e sentimentos e ações complementares.

### 4.2.1 Tema I: Atividades Didático-Pedagógicas

Dentro do tema das atividades Didático-Pedagógicas foram inseridas todas as atividades cujas metas foram passar aos alunos algum tipo de conhecimento ou habilidade escolar, independente da disciplina nas quais se enquadraram ou da forma que assumiram. Este é o maior tema da pesquisa. Nele foram categorizadas o maior número de tipos de atividade e o maior número de atividades observadas, visto que algumas atividades foram observadas mais de uma vez.

Esse tema está dividido em três classes de categorias, são elas: "Português", "Matemática" e "Outras Atividades". As classes foram divididas em 15 categorias, nas quais foram categorizados 129 diferentes tipos de atividades, que foram observados 406 vezes.

Português foi a classe de categoria cujas atividades foram observadas mais frequentemente em todo o estudo, num total de 228 vezes, de 46 tipos de atividade. Ela também abrangeu a categoria mais frequente de todas, a "cópia, escrita e regras de pontuação", cujas atividades foram observadas 139 vezes, pouco mais da metade de todas as atividades observadas desta classe.

Matemática foi a classe em que mais tipos de atividade diferentes foram registrados 76, porém observados 118 vezes, e também foi a que conteve o maior número de categorias, sete.

Quadro 5. Classes de categoria e categorias analisadas no Tema I.

Classe de Categoria A: Português

Categoria 1: Cópia, escrita e regras de pontuação

Categoria 2: Leitura

Categoria 3: <u>Identificação de fonemas e associação de imagens a palavras</u>

Categoria 4: Raciocinar com palavras e completar sentenças

Categoria 5: Projetos propostos pela Diretoria de Ensino e atividades temáticas

Classe de Categoria B: Matemática

Categoria 1: Contagem

Categoria 2: <u>Aritmética e estrutura decimal</u>

Categoria 3: Cópia e escrita de numerais e associação de algarismos com numerais por extenso

Categoria 4: Completar sequências numéricas e análise e elaboração de tabelas

Categoria 5: <u>Calendário e numerais ordinais</u>

Categoria 6: Comparações de grandezas numéricas e mensurações

Categoria 7: <u>Identificação de formas geométricas e numerais</u>

Classe de Categoria C: Outras atividades

Categoria 1: Desenho e pintura

Categoria 2: Lição de casa

Categoria 3: Atividades atrasadas

#### Classe de Categoria A: Português

Esta classe conta com cinco categorias, que contêm juntas 46 tipos de atividades, que foram observados 228 vezes. Nela foram incluídas todas as atividades pertencentes à disciplina de português. Foram consideradas atividades de português aquelas cujas metas estavam direcionadas principalmente à aquisição das habilidades de leitura e escrita.

#### Categoria 1: Cópia, escrita e regras de pontuação

Esta categoria conta com 20 tipos de atividade, que foram observados 139 vezes. O critério de classificação seguido para o agrupamento destas atividades foi o de que estas tivessem como meta, principalmente, ensinar a habilidade e regras de escrita aos alunos.

Quadro 6. Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 1 (Cópia, escrita e regras de pontuação) da Classe de Categoria A (Português) distribuídas nos quatro semestres.

Título da Atividade	1°	2°	3°	4°	Total
	<b>Bimestre</b>	<b>Bimestre</b>	<b>Bimestre</b>	Bimestre	
a) Cópia do cabeçalho	1	11	16	12	40
b) Cópia do resumo	1	6	6	0	13
c) Cópia da rotina	1	4	5	11	26
d) Cópia de verbete de	0	0	3	0	3
dicionário					
e) Cópia do título da	0	0	7	11	18
história					
f) Cópia de	0	0	1	0	1
caracterização de					
personagens					
g) Cópia de parlendas	0	1	1	12	14
h) Cópia do alfabeto	0	1	3	6	10
i) Cópia de legendas de	0	0	2	0	2
fotografias					
j) Cópia de canção	0	1	0	0	1
k) Cópia de lista de	0	0	1	0	1
qualidades das mães					
1) Atividades do dia das	0	1	0	0	1
mães					
m) Atividade do dia dos	0	0	1	0	1
pais					
n) Cópia do nome do	0	0	0	1	1
autor do livro de					
histórias					
o) Cópia de lista e frases	0	0	1	0	1
com nomes de frutas					
p) Escrita livre	0	1	0	0	1
q) Escrever o próprio	0	0	1	0	1
nome completo e o de					
colegas					
r) Escrita de palavras	0	0	0	1	1
formadas unicamente					
por vogais					
s) Elaboração de	0	0	0	1	1
legendas para foto de					
natal					
t) Ensino do uso de	0	0	1	1	2
pontuação					

O cabeçalho foi, na maioria das vezes, a primeira atividade a ser passada na lousa. Com maior frequência, ele foi escrito na lousa pela própria professora, mas houve casos em que ela pediu isto para algum aluno, especialmente Luísa, ou em que pediu para os alunos copiarem de um dia anterior, do próprio caderno. O cabeçalho era composto pelo nome da escola, nome da cidade e data, nome da professora, nome do aluno e pelo tempo do dia. Por vezes, a professora perguntou aos alunos quais as informações do dia, como a data ou o tempo, mas, na maioria das vezes, escreveu sem perguntar. Foi observado em sala que a maior parte dos alunos fez a cópia, mas a maior parte também não sabia o que estava copiando, visto a dificuldade que tinham para copiar o cabeçalho de outra data do caderno, sempre dizendo que "não sabiam". Com o passar do tempo, alguns alunos, por volta de um quarto da sala, começaram a escrever o cabeçalho durante a leitura feita pela professora, o que atrapalhou a participação destes nesta outra atividade e, por vezes, irritou a professora, que insistia que no momento em que ela estivesse lendo nenhuma outra atividade deveria ser realizada. Segue um exemplo de análise desta atividade:

ATIVIDADE: cópia do cabeçalho. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- A professora escreveu o cabeçalho na lousa; 2-os alunos copiaram o cabeçalho; 3- a professora escreveu mais atividades na lousa; 4-foi dado um tempo para os alunos copiarem. As METAS da atividade foram que os alunos aprendessem a copiar o cabeçalho e a escrever através da cópia. Os ATORES foram: a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h15 às13h35. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES Foram os seguintes: em geral, as crianças ficaram tranquilas, com algumas fazendo toda a tarefa, outras fazendo a metade desta e fazendo algum tipo de bagunça, e a minoria fazendo somente bagunça. Há também os que só ficaram sentados em suas cadeiras sem fazer nada. (08/05/14).

## b) Cópia do resumo

O resumo é um pequeno texto, de uma ou duas frases curtas, que diz algo sobre a história lida pela professora no começo da aula. Ele era escrito imediatamente após o cabeçalho. Durante alguns meses, ele foi constituído por frases ditadas por alunos, quando a professora fazia perguntas para que se lembrassem do que foi lido; porém, com o passar do tempo, a professora passou a escrevê-lo por si mesma. No início do mês de agosto, tal atividade foi extinta. Isso porque em uma visita da coordenadora à sala de aula, ela advertiu que a ênfase da aula deveria estar no livro didático, e não na lousa. Segue um exemplo de análise desta atividade:

ATIVIDADE: cópia do resumo da história. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora escreveu o resumo da

história na lousa; 2- os alunos copiaram o resumo no caderno. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a elaborar e copiar um resumo e a escrever através da cópia. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h25 às17h10. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, lápis grafite e caderno. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: durante este período, poucos alunos pareceram fazer a lição e houve muitos episódios de agressividade, principalmente por parte de Ângela, que bateu em Tadeu e Reinaldo, e por parte de outros alunos, que batiam em Carlos. Muitos alunos ficaram de pé e havia barulho. Alguns jogaram materiais uns nos outros, e outros brincaram de se chutar. A professora permaneceu por um longo período recortando folhas sulfite e, de vezes em quando, chamava a atenção dos alunos. Como é frequente, certa hora chamou a atenção de Francisco e Victor, que estavam quietos, mas não faziam suas atividades. (17/07/14)

#### c) Cópia da rotina

A rotina é uma lista das atividades realizadas pela sala durante o período de aula. Foi, em geral, dada depois do cabeçalho, resumo da história lida e ilustração. Quando era realizada alguma atividade no livro didático, a professora colocava o nome do livro, o nome da atividade e as páginas onde a atividade estava. Também era colocado o nome do livro lido pela professora no início da aula. Segue um exemplo de análise desta atividade:

ATIVIDADE: cópia da rotina. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora escreveu a rotina na lousa; 2- os alunos copiaram a rotina no caderno; 3- foi dado um tempo para os alunos fazerem as cópias. As METAS desta atividade foram que os alunos registrassem as atividades do dia e aprendessem a escrever através da cópia. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 14h35 às14h50. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: enquanto a professora escrevia a rotina, boa parte dos alunos começou a cantar "atirei o pau no gato", a professora chamou a atenção, eles param por um momento, mas continuam depois. A professora voltou a escrever a rotina e disse para eles pararem. Eles pararam, mas Ângela continuou cantando. Carlos ficou de pé na mesa de Ricardo, e Tadeu de pé em seu lugar. Mais ao final da atividade, os alunos estavam mais tranquilos. (17/07/14)

#### d) Cópia de verbete de dicionário

Um verbete de dicionário foi escrito na lousa pela professora e substituiu o resumo, que foi banido. Trata-se de um verbete alguma palavra relevante na história lida no início da aula, extraído de um dicionário ilustrado infantil. Segue um exemplo de análise desta atividade:

ATIVIDADE: cópia de verbete de dicionário. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora escreveu um verbete de dicionário infantil na lousa; 2- a professora leu o verbete; 3- os alunos copiaram o verbete. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem definições de

dicionários e a escrever através da cópia. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 14h13 às14h40. Os OBJETOS utilizados foram: dicionário escolar ilustrado Larrousse, lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: no momento em que a professora leu somente o verbete, Gabriel foi o único a se manifestar de alguma forma, no entanto, a professora foi até a frente da sala releu o verbete e mostrou a figura que o ilustra, nisto dez alunos se levantaram para ver. No momento da cópia, a sala reagiu como já estava reagindo, poucos alunos copiando e alguns andando e falando alto. Vele lembrar que neste momento muitos alunos já haviam acabado. A coordenadora veio visitar a sala e ela e a professora se irritaram com Otávio, que caiu sozinho de sua cadeira. Alguns alunos foram contentes mostrar seus cadernos para a professora. (13/08/14)

## e) Cópia do título da história

Com a extinção da cópia do resumo da história, a professora passou a escrever em algumas datas somente o título do livro lido. Segue um exemplo de análise desta atividade:

ATIVIDADE: cópia do título da história. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram: 1- a professora escreveu o nome da história na lousa; 2- os alunos copiam o nome da história no caderno. As METAS desta atividade foram que os alunos registrassem o nome da história lida e aprendessem a escrever através da cópia. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h33 às 14h40. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: boa parte dos alunos copiou a lousa, o restante, em sua maioria, ficou sentado sem fazer nada. André, Lucas e Ângela andaram pela sala. Em alguns momentos, houve barulho. (28/08/14)

## f) Cópia da caracterização de personagens

Também em substituição ao resumo, os alunos fizeram a cópia de algumas breves descrições de personagens da história lida no início da aula, que foram escritas na lousa pela professora. Segue a análise:

Atividade: cópia da caracterização de personagens. TIPO: Atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora escreveu na lousa o título da história lida e a caracterização de seus personagens; 2- a professora explicou o que foi escrito; 3- os alunos copiam no caderno. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a caracterizar os personagens de uma história e aprendessem a escrever através da cópia. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h50 às14h40. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: o período em que a professora passou esta atividade na lousa foi conturbado, com atividades de controle da sala que interromperam a explicação e escrita. Ângela jogou o estojo de Otávio no chão e a professora pediu para que ela pegasse. André pegou a borracha de Lucas e este reclamou com a professora. Tatiane estava com um machucado no joelho e a professora disse a ela para ir até a secretaria. Otávio perguntou se a professora tinha um ferro de passar. A professora pareceu irritada com tudo isso e disse que anotaria em uma ficha o

## g) Cópia de parlendas

A professora pediu para as crianças copiarem em seus cadernos parlendas selecionadas no livro Ler e Escrever de Textos, lidas previamente ou não por ela. Segue um exemplo de análise da atividade:

ATIVIDADE: cópia de parlendas. Tipo: didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora pediu para que os alunos pegassem seus livros Ler e Escrever de textos; 2- A professora selecionou parlendas para os alunos copiarem; 3- os alunos fizeram a cópia das parlendas. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a escrever através da cópia. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 14h05 às 15h15. Os OBJETOS utilizados foram: caderno, lápis grafite e livro didático Ler e Escrever de textos. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: as crianças pareceram, em sua maioria, terem sido afetadas negativamente por esta atividade, que pode ter despertado sentimentos de frustração e incapacidade nelas, pois diziam que não faziam porque não conseguiam. Poucas crianças fizeram, e destas que fizeram, pouco foi feito. Além disto, a cópia era muito longa e, pelo que pode ser observado, as crianças em sua grande maioria não sabem ler, o que também pode ter contribuído para esta afecção triste. (09/05/14)

# h) Cópia do alfabeto

Nesta atividade, a professora pediu aos alunos que copiassem o alfabeto. Na data de 22/05, de maneira estruturada, com indicação na lousa para ser feita após a cópia do cabeçalho; na data de 21/08, possivelmente como maneira de controlar o comportamento dos alunos. Nas demais, a professora sugeriu a tarefa verbalmente. Segue um exemplo de análise:

ATIVIDADE: cópia do alfabeto. TIPO: atividade didático pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora escreveu "alfabeto" na lousa, logo abaixo do cabeçalho; 2- os alunos somente copiaram a palavra "alfabeto", apesar do aviso da professora para escreverem todas as letras; 3- a professora viu o ocorrido em alguns cadernos e disse que os alunos deveriam escrever o alfabeto, como ele está escrito, acima da lousa, pendurado; 4- os alunos fizeram o alfabeto. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem as letras do alfabeto. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi 13h15-14h40, pois é dado um tempo para os alunos copiarem toda a lousa. Os OBJETOS utilizados foram: caderno, lousa e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: de início os alunos simplesmente copiaram a palavra "alfabeto" e não o completaram, pensando que a atividade consistia na simples cópia desta palavra. Com a explicação da professora, boa parte da sala realizou a tarefa com tranquilidade. (22/05/14)

#### i) Cópia de legendas de fotografías

Na data de 18/07, a professora simplesmente escreveu as legendas na lousa sem

realizar nenhum tipo de discussão; na data de 24/07, a tarefa foi realizada de maneira mais aprofundada, com participação mais evidente dos alunos. Segue um exemplo de análise.

ATIVIDADE: Cópia de legendas de fotografias. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora pediu para que os alunos pegassem o livro Ler e Escrever e abrissem na página da tarefa a ser realizada; 2- a professora leu o enunciado da tarefa; 3- a professora e os alunos fizeram juntos a análise de uma fotografia, indicando os objetos nela presentes; 4professora elaborou com os alunos uma lista de palavras com os nomes dos objetos encontrados na fotografia; 5- a professora escreveu na lousa uma legenda para a fotografia; 6- os alunos fazem a cópia de legenda para fotografia; 7- professora passou a legenda para outra fotografia na lousa; 8- os alunos copiam a legenda. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a analisar imagens e que aprendessem a escrever através da cópia. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 14h15 às 14h35. Os OBJETOS utilizados foram: livro Ler e Escrever, cadernos e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: no momento em que a professora analisava a fotografia e elaborava a lista de objetos, houve um princípio de alvoroço na sala, contudo, durante o período da cópia, boa parte da sala fez e apenas quatro alunos ficaram em pé. (24/07/14)

# j) Cópia de canção

Foi pedido aos alunos que copiassem em seus cadernos uma canção que estava escrita em uma folha sulfite. Segue a análise:

ATIVIDADE: Cópia de canção. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora entregou a folha com a letra da canção em sua mesa, chamando os alunos um a um em sua mesa; 2- a professora pediu para que os alunos copiassem no caderno o cabeçalho de outro dia; 3- os alunos colaram a folha em seus cadernos; 4- os alunos pintaram a figura que havia na folha; 5- os alunos copiaram a letra da canção no caderno. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a escrever através da cópia. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h15 às 14h20. Os OBJETOS utilizados foram: lápis grafite, lápis de cor, caderno, cola e tesoura. LUGAR: sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: poucos alunos pareceram fazer a lição da folha, mesmo porque a maioria teve dificuldades de copiar o cabeçalho de outro dia que está no caderno. Em geral, os alunos bagunçaram. Contudo, a bagunça da sala era maior enquanto a tarefa não foi dada a todos, pois a professora entregou a folha uma a uma, e o processo foi muito vagaroso. (05/06/14)

#### k) Cópia de lista de qualidades das mães

A professora foi até a lousa e perguntou aos alunos, um a um, qualidades que pensavam que suas mães possuíam. Conforme os alunos foram dizendo as palavras, a professora compôs uma lista. Ao final, pediu aos alunos que copiassem. Segue a análise:

ATIVIDADE: cópia de lista de qualidades das mães. TIPO: atividade didáticopedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram os seguintes: 1- a professora perguntou aos alunos qualidades de suas mães, eles estavam sentados em suas carteiras e a professora perguntou aos alunos um a um; 2- a professora escreveu as palavras na lousa conforme os alunos as disseram, vez ou outra introduzindo alguma por si própria e 3- os alunos fizeram a cópia da lista. Esta atividade teve como METAS que os alunos aprendessem a escrever através da cópia. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h55 às 17h10. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR de seu acontecimento foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: no período em que a professora pedia para os alunos dizerem as qualidades, os alunos ficaram sentados e participando. Alguns gritavam as palavras, mas a professora dizia que só chamaria os que estivessem em silêncio. Em geral, os alunos repetiam o que a professora ou os outros alunos diziam. No momento da cópia, a sala ficou bastante desorganizada, com boa parte dos alunos em pé: ou chutando uma tampinha ou brincando de empurrar um ao outro, para ver quem é o mais forte. A sala se organizou rapidamente após a professora dizer que descontaria na saída, mas foi por um curto intervalo de tempo. Poucos alunos pareceram copiar. Ângela jogou água nos alunos com uma garrafa e furou o dedo de Giovanna. Tal ocorrido irritou muito a professora, que chamou a diretora, que também se irritou. (14/08/14)

#### 1) Atividade do dia das mães

A professora preparou uma lembrancinha para as mães dos alunos (uma lixa de unha guardada em um T.N.T. com formato de picolé) e escreveu na lousa um bilhete para os alunos copiarem e entregarem junto com a lembrança. Segue a análise:

ATIVIDADE: Atividade do dia das mães. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora fez a preparação das que deu aos alunos; 2- a professora passou na lousa um bilhete para os alunos copiarem para as mães 3- os alunos fizeram a cópia dos bilhetes. A META desta atividade foi presentear as mães dos alunos com uma lembrancinha e um bilhete. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 15h55 às 16h40. Os OBJETOS utilizados foram: materiais para a lembracinha, lousa, giz, folha sulfite e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: no longo período sem atividades, o da preparação das lembranças, os alunos não só fizeram bagunça, mas também procuraram preenchê-lo com atividades didáticas a seu modo. Ângela montou uma turma de estudos com quem era rígida, e outros alunos quiseram ler gibis, o que talvez possa significar uma espécie de inquietação e desejo de aprender. A professora em certos momentos se irritou com a bagunça dos alunos, mas dirigia sua irritação para alunos que estavam mais quietos. No momento da cópia do bilhete, os alunos fizeram-na tranquilos, mas houve aqueles, como Lucas e Helena, que pareciam estar frustrados por não conseguirem copiar seus bilhetes do modo que desejavam (08/05/14)

#### m) Atividade do dia dos pais

A professora preparou um cartão como lembrança e escreveu na lousa um bilhete para os alunos copiarem embaixo do cartão. Segue a análise:

ATIVIDADE: Atividade do dia dos pais; TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora recortou cartões que continham recadinhos para o dia dos pais; 2- a professora entregou os cartões para as crianças; 3- a professora falou que pai é pai independente de morar junto ou não; 4- a professora leu o recado para as crianças; 5- a professora passou uma frase para as crianças copiarem debaixo dos cartões; 6- os alunos fizeram a cópia de frase. A META

desta atividade foi presentear os pais dos alunos. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 15h55 às 16h47. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, cartão de dia dos pais e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: em geral, os alunos fizeram, ora ficando mais agitados, ora menos. Mais perto do tempo final da tarefa, os alunos ficaram mais agitados. Ângela pareceu agitada a maior parte do tempo, em certa altura, ela foi até a frente da sala e passou uma lição para as crianças. A professora, vez ou outra, ficou irritada e deu uma bronca nos alunos. (07/08/14)

## n) Cópia do nome do autor do livro da história

Em um dia de aula de reforço no qual havia apenas oito alunos na sala, a professora, após terminar a leitura da história (leitura inicial), escreveu o nome de seu autor na lousa, ao lado do título, e pediu para os alunos copiarem. Segue a análise.

ATIVIDADE: cópia do nome do autor do livro de história. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram os seguintes: 1- a professora escreveu o nome do autor na lousa; 2- a professora pediu para os alunos copiarem; 3- os alunos copiaram. Esta atividade teve como METAS que os alunos aprendessem a escrever através da cópia e que registrassem o no do autor da história lida. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 14h30 às 14h35. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR de seu acontecimento foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: havia apenas oito alunos na sala, por se tratar de uma aula de reforço. Imediatamente após a professora propor a atividade, alguns alunos começaram a forçar seus bíceps para vê-los, e a professora se sentou e fez um comentário sobre a história, de que na interação entre uma árvore e um menino, somente a árvore fazia algo pela criança. Alguns alunos responderam jocosamente dizendo: "para nooossa alegria", imitando um vídeo da internet.

## o) Cópia de lista e frases com nomes de frutas

A professora foi até a lousa e perguntou nomes de frutas para os alunos. Conforme eles diziam, ela escrevia. Ao terminar de escrever, pediu aos alunos que copiassem a lista e escrevessem três frases com os nomes de frutas que escolhessem. Após ver que os alunos não conseguiam escrever as frases, a professora as escreveu na lousa, para que fossem copiadas. Segue a análise:

ATIVIDADE. Cópia de lista e frases com nomes de frutas. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram os seguintes: 1- a professora foi até a lousa e pediu para os alunos dizerem nomes de frutas; 2- os alunos disseram os nomes e a professora os escreveu; 3- a professora pediu para que os alunos copiassem a lista e fizessem três frases com nomes de frutas escolhidas; 4- os alunos copiaram a lista, mas não fizeram as frases; 5- a professora escreveu as frases na lousa para os alunos copiarem; 6- os alunos copiaram. Esta atividade teve como METAS que os alunos aprendessem a escrever através da cópia e que aprendessem a elaborar frases. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h00 às.17h00. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR de seu

acontecimento foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: esta tarefa teve uma longa duração e aconteceu ao mesmo tempo de muitas outras. Durante a realização da lista, alguns alunos ignoravam a professora, porque olhavam gibis que a professora havia dado antes para eles; contudo, com o andamento da tarefa, e conforme foram sendo perguntados, passaram a participar mais. Todos os alunos souberam nomes de frutas. Em um dado momento, após a professora terminar a lista, Ângela disse "morango" para a professora, que a ignorou por duas vezes. Sete alunos começaram a copiar imediatamente após a professora pedir.

# p) Escrita livre

Após voltar do recreio, a professora dividiu a sala em duplas, buscando deixar sempre um aluno mais adiantado com um outro menos, distribuiu potes de letras de plástico e pediu aos alunos que formassem palavras de maneira livre, mas que não escrevessem seus nomes ou os nomes de amigos. A atividade foi muito produtiva e os alunos se ajudaram bastante a escrever, apesar de alguns casos em que uma dupla simplesmente copiava da outra. Segue a análise:

ATIVIDADE: escrita livre. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora entregou potes de letras de plástico para alguns alunos; 2- a professora fez a formação de duplas compostas por um aluno mais adiantado na escrita e um outro menos adiantado; 3- os alunos formaram palavras com as letras, que não poderiam ser seus nomes ou de outros alunos; 4- a professora averiguou a tarefa andando de mesa em mesa. A META da atividade foi que os alunos aprendessem a escrever. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h00 às 16h30. Os OBJETOS utilizados foram letras de plástico. O LUGAR onde a tarefa ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: os alunos pareceram bastante comprometidos com a tarefa de formar as palavras e se ajudavam uns aos outros, indicando a forma de como as palavras deveriam ser escritas. Esta ajuda de aluno para aluno, ora foi o ensino efetivo da grafia de determinada palavra, ora foi a mera cópia. Apesar da ajuda dupla a dupla ter ocorrido com bastante frequência, nem sempre as duplas queriam ajudar umas às outras. Entretanto, mesmo assim os alunos copiavam as palavras destas duplas que os ajudavam. (05/06/14)

#### q) Escrever o próprio nome completo e o de colegas

Após escrever o enunciado da tarefa na lousa, a professora pediu aos alunos que escrevessem seus nomes completos e os de alguns de seus colegas. Após algum tempo, ela percebeu que alguns alunos tinham dificuldades com seus nomes e, então, entregou os crachás para que os copiassem. Segue a análise:

ATIVIDADE: escrever o próprio nome completo e o de colegas. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora escreveu o enunciado na lousa; 2- a professora disse o que os alunos deveriam fazer; 3- os alunos escreveram seus nomes e o de colegas; 4- professora emprestou o crachá para os alunos copiarem seus nomes; 5- a professora conferiu os cadernos. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a escrever o próprio nome e o de amigos. Os

ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 5h15/15h20 às 15h55/16h25. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno, lápis grafite e crachás. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: boa parte dos alunos fez a tarefa e a sala permaneceu relativamente organizada. Alguns alunos perguntaram ao pesquisador constantemente como se escrevia o nome de alguns de seus colegas e para isso andaram bastante pela sala. Durante a atividade, a professora conferiu e corrigiu os cadernos dos alunos. (04/09/14)

#### r) Escrita de palavras formadas unicamente por vogais

A professora, sentada, pediu a alguns alunos que se levantassem, fossem até a lousa e escrevessem uma palavra ditada por ela. Todas as palavras eram compostas somente por vogais. Segue a análise:

ATIVIDADE: Escrita de palavras formadas unicamente por vogais. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram:1- a professora chamou um aluno e pediu para que escrevesse a palavra "ai" na lousa; 2- o processo se repetiu com outros alunos e outras palavras por seis vezes; 3- a professora pediu para os alunos copiarem as palavras. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a escrever palavras formadas com vogais. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h00 às 16h10. Os OBJETOS utilizados foram: caderno, lápis grafite, lápis de cor, giz e lousa. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a maior parte dos alunos pareceu tranquila e a professora também. Contudo, Marta pareceu um pouco receosa de ire até a lousa escrever. Quando necessário, a professora soletrou as palavras para os alunos, como "ioiô". (08/12/14)

#### s) Elaboração de legenda para foto de natal

A professora distribuiu uma folha sulfite que continha uma imagem de tema natalino e pediu aos alunos que escrevessem uma legenda para a figura. A maior parte da sala apresentou bastante dificuldade para completar a atividade. Segue a análise:

ATIVIDADE: elaboração de legenda para foto de natal. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora distribuiu uma folha que continha uma foto de tema natalino e um espaço embaixo para escrita; 2- a professora explicou o que é uma legenda e disse que os alunos deveriam escrever o que "veem e o que imaginam" em baixo da fotografia. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a escrever uma legenda. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das14h55 às 15h20. Os OBJETOS utilizados foram: folha de atividades e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: boa parte da sala tentou fazer a atividade, mas a maioria ou só conseguiu escrever algumas palavras relacionas à imagem ou perguntou ao pesquisador ou à professora a maneira de como escrever o que queriam. Em geral, os alunos tiveram bastante dificuldade. (17/11/14).

#### t) Ensino do uso de pontuação

A professora explicou rapidamente o uso da pontuação. Segue a análise:

ATIVIDADE: ensino do uso de pontuação. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora explicou o uso da exclamação; 2- a professora explicou o uso da interrogação; 3- a professora explicou o uso da vírgula; 4- a professora explicou o uso do ponto final. A META da atividade foi que os alunos aprendessem a utilizar a pontuação. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h20 às 13h21. Os OBJETOS utilizados foram: lousa e giz. O LUGAR em que a atividade ocorreu foi as ala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a explicação pareceu ter pouco efeito na sala e somente Luísa pareceu prestar atenção. Contudo, vale destacar que a explicação foi praticamente instantânea, sem um trabalho mais aprofundado. (30/07/14)

## Categoria 2: Leitura

Esta categoria conta com seis tipos de atividade, que foram observados 61 vezes. Tais atividades foram agrupadas segundo dois critérios, nos quais a leitura foi o meio utilizado para que os objetivos fossem atingidos. O primeiro critério foi o de terem o objetivo de, por meio da leitura da professora, acostumar as crianças a ouvirem e prestarem atenção; o segundo, de propiciar que as crianças fizessem a leitura por si próprias.

*Quadro* 7. Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 2 (Leitura) da Classe de Categoria A (Português) distribuídas nos quatro semestres.

Títu	lo da ativida	de	1º Bimestre	2º Bimestre	3º Bimestre	4º Bimestre	Total
a)	Leitura	de	1	10	19	14	44
histo	ória						
b) L	eitura em ro	da	1	0	0	0	1
c)	Leitura	de	0	1	0	10	11
parle	endas						
d)	Leitura	do	0	0	1	0	1
alfal	oeto						
e) L	eitura de gib	ois	0	1	2	0	3
f) Lo	eitura de liv	ros	0	1	0	0	1

#### a) Leitura de história

Esta foi quase sempre a primeira atividade a ocorrer na sala. Quando as crianças

entravam na sala e já estavam todas sentadas, logo no início da aula, a professora iniciava a leitura. Em geral, a leitura era de algum livro que ela mesma trazia, mas houve espaço para que os alunos trouxessem algum que desejassem. A professora fazia as leituras, na maioria das vezes, com poucas pausas para explicar a história, os personagens ou para mostrar as figuras do livro. Enquanto era feita a leitura, em geral, os alunos não pareciam prestar atenção, pois ou ficavam de cabeça baixa ou olhando para outros pontos que não a professora. Alguns saíam de suas carteiras para apontar seus lápis, mostrar brinquedos ou figurinhas aos colegas ou simplesmente andar. Conforme o passar do tempo, alguns alunos começaram também a adiantar o cabeçalho durante a leitura. Os alunos indisciplinados foram quase sempre os mesmos: Lucas, Ângela, Helena, André, Otávio. A questão de mostrar ou não as figuras durante a leitura pareceu um tanto dilemática, pois foi possível perceber que os alunos olhavam mais para o livro quando estas eram expostas, mas também havia a concepção de que, segundo a professora, os alunos tinham que imaginar a história e a presença da figura poderia interromper este processo. Após a leitura, a professora mostrava as figuras e a história, mas nem sempre. Às vezes, ela também fazia perguntas aos alunos sobre o que eles haviam entendido. Em geral, as respostas dos alunos eram bastante pontuais e sobre as cenas mais marcantes. Também foram quase sempre os mesmos alunos que respondem melhor, como Reinaldo, Lúcia, Tatiane. Quando a professora perguntava para algum outro aluno em específico, ela impedia que os outros alunos falassem. Segue um exemplo de análise desta atividade:

ATIVIDADE: leitura de história. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora fez sentada a leitura da história; 2- a professora fez a apresentação das figuras do livro lido; 3 -a professora fez perguntas aos alunos sobre a leitura. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a ouvir e prestar atenção. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h05 às 13h15. O OBJETO utilizado foi um livro de história infantil. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: os alunos em geral pareceram prestar pouca atenção no que foi lido e a história pareceu fazer pouco sentido para eles. A professora se irritou com os alunos que não prestavam atenção e chamou a atenção deles. No momento de mostrar as figuras, os alunos pareceram entender mais e pareceram mais animados com o livro. Na hora das questões, os que responderam pareceram um pouco apreensivos. (08/05/14)

#### b) Leitura em roda

A leitura foi realizada como uma leitura convencional, descrita na atividade acima, com o único diferencial de ter ocorrido com os alunos em roda. Segue a análise:

ATIVIDADE: Leitura em roda. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os

ATOS que a compuseram foram: 1- a professora fez formação de roda, pedindo para cada um dos alunos levar suas cadeiras até a frente da sala; 2- a professora fez a leitura da história; 3- a professora fez perguntas aos alunos sobre a história. As METAS da atividade foram que os alunos aprendessem a ouvir e prestar atenção. Esta leitura também serviria de base para uma prova. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h00 às 13h20. O OBJETO utilizado foi um livro de história infantil. Seu LUGAR de ocorrência foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: alguns alunos apresentaram forte resistência em fazer a roda e em prestarem atenção na história, como o caso de André e Lucas. Poucos alunos pareceram prestar atenção e pouco foi dito durante o período das questões sobre a história. Não houve mais nenhuma tentativa de leitura em roda até o final do ano. A professora se irritou bastante com a situação e parecia sentir um pouco de vergonha por causa de minha presença. (28/03/14)

## c) Leitura de parlendas

A professora pediu para que as crianças abrissem seus livros Ler e Escrever de textos, indicou algumas parlendas e realizou a leitura, pedindo para que os alunos a acompanhassem em silêncio. Tal atividade ocorreu sob o pressuposto de que as crianças aprendem a ler por assimilar o som às palavras escritas. A leitura foi feita rapidamente e sem um aprofundamento. Segue a análise da atividade:

ATIVIDADE: leitura de parlendas. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora pediu para que as crianças abrissem seus livros Ler e Escrever de textos; 2- a professora fez leitura das parlendas e as crianças a acompanharam em silêncio. As METAS da atividade foram que os alunos aprendessem a ouvir e prestar atenção e que aprendessem a ler acompanhando a leitura. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h55 às 14h05. O OBJETO utilizado foi o livro didático Ler e Escrever de textos. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a leitura das parlendas em si não parece ter afetado as crianças de maneira positiva, pois pareciam bastante desorientadas, principalmente em relação àquelas que não conheciam. Os alunos pareciam participar melhor da atividade quando a parlenda era conhecida, não por lerem-na, mas sim por escutá-las. A professora parecia tranquila e esporadicamente chamava a atenção de alguns alunos. (09/05/14)

## d) Leitura do alfabeto

A leitura do alfabeto foi realizada pela professora, enquanto as crianças acompanharam observando as letras em uma folha sulfite que continha outras atividades. Segue a análise:

ATIVIDADE: leitura do alfabeto. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Seu único ATO foi a professora ter lido o alfabeto com os alunos, bastante rapidamente. A META da atividade foi a de ensinar o alfabeto às crianças. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das às 13h11 13h12. O OBJETO foi a folha sulfite que continha as atividades. O LUGAR onde a atividade

ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a sala estava tranquila e boa parte participou. A professora parecia irritada com pequenos atos de indisciplina. (18/07/14)

## e) Leitura de gibis

Os alunos fizeram a leitura individual de gibis, após a professora entregar um gibi para cada um. Segue a análise:

ATIVIDADE: leitura de gibis. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora entregou um gibi da Turma da Mônica para cada um dos alunos; 2- os alunos fizeram a leitura individual dos gibis. As METAS da atividade foram que os alunos aprendessem a ler e instigar neles a vontade de ler por meio da leitura de gibis. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h50 às 14h30. Os OBJETOS utilizados foram gibis. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula, Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: Alunos como Lucas, Carlos, André e Gabriel continuaram agitados e fazendo bagunça, desde a atividade anterior neste dia. Alguns outros alunos pareciam olhar curiosos as suas revistas e outros ficaram fazendo contas para saber quantas destas revistas já tinham em casa. Devido ao fato de os gibis serem diferentes, alguns alunos brigaram por causa de gibis que queriam. A professora ficou irritada com a bagunça e ameaçou tomar os gibis. (06/06/14)

## f) Leitura de livros

Os alunos fizeram a leitura individual de livros, após a professora entregar um livro para cada um. Segue a análise:

ATIVIDADE: leitura de livros. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora entregou um livro, para cada um dos alunos, retirando-os do cantinho da leitura; 2- os alunos fizeram a leitura individual dos livros. As METAS da atividade foram que os alunos aprendessem a ler e instigar neles a vontade de ler por meio da leitura de livros. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h50-17h05. Os OBJETOS utilizados foram livros infanto-juvenis. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula, Os SENTIMENTOS E AÇÕES: a professora distribuiu os livros depois de passar as outras atividades. Pouquíssimos alunos conseguiam ler, e com dificuldade. A maioria observou somente as gravuras. Contudo, houve aqueles que pareciam bastante interessados e se demoraram bastante nas páginas, olhando-as atentamente e tentando, de certa forma, decifrar as letras nelas contidas. Houve também aqueles que colocaram os livros de lado e foram brincar e conversar. (11/04/14)

#### Categoria 3: Identificação de fonemas e associação de imagens a palavras

Esta categoria conta com 14 tipos de atividades, que foram observados uma vez cada um. O critério de categorização destas atividades baseia-se no fato de que os alunos, para atingirem as metas das atividades, deveriam exercitar suas capacidades associativas,

seja entre sons e grafemas, seja entre imagens e grafemas.

Quadro 8. Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 3 (Identificação de fonemas e associação de imagens a palavras) da Classe de Categoria A (Português) distribuídas nos quatro semestres.

Título da atividade	1º Bimestre	2º Bimestre	3° Bimestre	4º Bimestre	Total
a) Circular vogais	0	1	0	0	1
b) Copiar e cantar	0	1	Ö	0	1
"aeiouu"	V	1	Ü	V	1
c) Cópia de lista	0	0	1	0	1
de palavras que	V	Ü	1	V	1
iniciam com a					
letra "L"					
d) Cópia e leitura	0	1	0	0	1
de lista de	Ü	•	· ·	v	•
palavras que					
iniciam com a					
letra "L"					
e) Leitura de	0	1	0	0	1
palavras iniciadas	J	1	U	V	1
com sílabas da					
mesma família					
f) Identificação de	0	0	1	0	1
letra mais	V	O	1	V	1
frequente em um					
poema					
g) Elaboração e	0	0	1	0	1
cópia de lista de	U	U	1	U	1
palavras iniciadas					
com BA					
h) Análise de	0	0	0	1	1
palavras	U	U	U	1	1
i) Análise de	0	0	0	1	1
palavras	O	U	U	1	1
começadas por					
"s"					
j) Cópia e leitura	0	0	0	1	1
de lista de	U	U	U	1	1
palavras iniciadas					
por "a"					
k) Identificação	0	0	0	1	1
de sílabas dos	U	U	U	1	1
nomes dos alunos					
l) Escrever lista	0	0	1	0	1
com nomes de	U	U	1	V	1
amigos em ordem					
alfabética					
m) Ligar palavras	0	1	0	0	1
a imagens	U	1	U	U	1
n) Colar palavras	0	0	1	0	1
embaixo de	U	U	1	U	1
imagens					
magens					

A professora já vinha fazendo tarefas no livro Ler e Escrever de atividades, antes de iniciá-la. A sala estava um pouco agitada pelas atividades anteriores, que eram difíceis para os alunos realizarem sozinhos, o que os fez pedirem ajuda e se levantarem o tempo todo. Contudo, pareceram se acalmar no momento desta atividade, que os alunos foram capazes de fazer. Segue a análise:

ATIVIDADE: circular vogais. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- professora pediu para os alunos virarem a página do Livro Ler e Escrever (já faziam uma atividade neste livro); 2- professora explicou a atividade; 3- alunos realizam a atividade. A atividade tinha como META que os alunos aprendessem a reconhecer as vogais. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h25 às 16h40. Os OBJETOS utilizados foram: livro didático Ler e Escrever e lápis grafite. O LUGAR onde a tarefa foi realizada foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a tarefa anterior a esta neste dia deixou os alunos agitados (ligar palavras a imagens), e foi neste clima que a atividade começou, de agitação. Contudo, por se tratar de uma atividade mais fácil e que não exigiu que os alunos constantemente procurassem por ajuda, os alunos se tranquilizaram. Ainda assim, alguns episódios de agressividade continuaram a acontecer. (10/04/14)

#### b) Copiar e cantar "aeiou"

Num período bastante conturbado, com agressões entre os alunos, foi feita a cópia de uma canção cujo conteúdo falava das vogais e que era uma paródia de "Terezinha de Jesus". Depois da cópia, a turma toda cantou. Segue a análise:

ATIVIDADE: copiar e cantar "aeiou". TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora escreveu a canção na lousa; 2- alunos fizeram a cópia da canção no caderno; 3- todos juntos cantaram a canção; 4- tempo de espera até o fim da aula. As METAS da atividade foram que os alunos aprendessem as vogais através de uma canção e que aprendessem a escrever através da cópia. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h40 às 17h20. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno, lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: as crianças fizeram a cópia durante um período cheio de atos de agressão, bagunça e barulho, ficando mais calmas somente no período em que cantaram a música; mas ainda assim a professora tinha que chamar a atenção de alguns alunos. No período de espera pelo término da aula, os atos de agressividade apareceram novamente e a professora se irritou muito no esforço de contê-los. (10/04/14)

# c) Cópia de lista de palavras que iniciam com a letra "L"

Esta foi a última tarefa contida em uma folha sulfite composta por pequenos exercícios relacionados à letra "L". Ela ocorreu da seguinte maneira: a professora foi até a lousa e perguntou aos alunos palavras que se iniciavam com a letra "L", conforme os alunos diziam, a professora elaborou uma lista e, no final, pediu aos alunos que

#### copiassem. Segue a análise:

ATIVIDADE: cópia de lista de palavras que iniciam com a letra "L". TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS foram os seguintes: 1- a professora foi até a lousa e perguntou aos alunos, um a um, uma palavra que se iniciava com "L"; 2- os alunos disseram as palavras; 3- os alunos fizeram a cópia. As METAS da atividade foram que os alunos aprendessem a identificar fonemas com "L" e que aprendessem a escrever através da cópia. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h40 às 14h00. Os OBJETOS utilizados foram: folha sulfite, lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR onde a tarefa ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a tarefa transcorreu tranquilamente com os alunos participando. Vez ou outra a professora ficou um pouco irritada com pequenos atos de indisciplina. (18/07/14)

# d) Cópia e leitura de lista de palavras que iniciam com a letra "L"

Nesta atividade, a professora fez uma lista de palavras que se iniciavam com a letra "L" na lousa e pediu para que os alunos copiassem. Passado algum tempo, a professora escolheu alguns alunos e leu uma palavra com cada um, dividindo-as em sílabas. Segue a análise:

ATIVIDADE: cópia e leitura de lista de palavras que iniciam com a letra "L". TIPO: Os ATOS que a compuseram foram: 1- A professora escreveu uma lista de palavras na lousa que se iniciavam com sílabas da família do "L"; 2- Os alunos fizeram a cópia da lista; 3- A professora escolheu alguns alunos e leu uma a uma as palavras com eles, pedindo que lessem dividindo as palavras em sílabas. As METAS da atividade foram que os alunos aprendessem a escrever através da cópia e a ler por divisão das palavras em sílabas. Os ATORES foram os alunos e a professora. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 14h25 às 14h40. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, lápis grafite e caderno. O LUGAR onde ocorreu a atividade foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: os alunos se comportaram durante a atividade e pareceram bastante dispostos a ler junto com a professora, que pedia para que não dissessem nada enquanto não fossem chamados, de tanto que gostariam de responder. Mesmo Ângela, que é bastante indisciplinada, participou ativamente da atividade. Os alunos pareciam satisfeitos ao conseguir ler as palavras. A professora, por sua vez, parecia irritada quando outros alunos, não os que ela pediu, diziam o que significavam as palavras. (05/06/14)

## e) Leitura de palavras iniciadas com sílabas da mesma família

Nesta atividade, a professora deu uma folha sulfite para cada criança, e cada folha continha uma lista de palavras iniciadas com a mesma consoante. As folhas diferiam entre si. As crianças leram as palavras, pintaram uma figura que havia e colaram as folhas nos cadernos. Segue a análise da atividade:

ATIVIDADE: leitura de palavras iniciadas com sílabas da mesma família. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora entregou folhas de atividades para os alunos que continham listas de palavras que se iniciavam com sílabas da mesma família (havia diferentes folhas com diferentes famílias silábicas); 2- os alunos fizeram a leitura das palavras das folhas; 3- os alunos

fizeram a pintura da ilustração das folhas; 4- os alunos colaram as folhas nos cadernos. A META da atividade foi que os alunos aprendessem a ler pela associação sílabas. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h45 às 17h05. Os OBJETOS utilizados foram: folha de atividades, lápis de cor, cola e caderno. O LUGAR onde a tarefa ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: alunas como Luísa e Tatiane pareciam bastante entretidas com a atividade, tanto que Luísa pareceu se surpreender que todas as palavras de sua folha começavam com a mesma letra, talvez por já lerem melhor. Os outros alunos estavam envolvidos mais com atividades paralelas, como brincadeiras de luta, pedidos para eu escrevesse bilhetes para as suas mães ou pintasse corações. (06/06/14)

## f) Identificação de letra mais frequente em um poema

Esta atividade foi dada em uma folha sulfite com pequenas tarefas relacionadas com palavras da letra "L". A professora ficou em pé na frente da sala, leu um poema e pediu aos alunos que indicassem a letra lida com maior frequência. Esta tarefa foi bem realizada e feita logo após ao pedido da professora. Segue a análise:

ATIVIDADE: identificação de letra mais frequente em poema. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Seus ATOS foram os seguintes: 1- a professora foi até a frente da sala e leu um poema contido na folha; 2- a professora pediu para que os alunos indicassem a letra que apareceu mais frequentemente; 3- os alunos indicaram a letra "L". As METAS da atividade foram que os alunos aprendessem a identificar uma letra. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h15 às 13h20. O OBJETO utilizado foi a folha sulfite. O LUGAR onde a tarefa ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: os alunos conseguiram identificar a letra sem problemas. (18/07/14)

# g) Elaboração e cópia de lista de palavras iniciadas com BA

Para a realização desta atividade, a professora foi até a lousa, escreveu o enunciado da tarefa e pediu para que os alunos dissessem palavras que começassem com a silaba "BA". Conforme os alunos diziam as palavras, a professora compôs uma lista que, ao final, pediu aos alunos que a copiassem em seus cadernos. Segue a análise da atividade:

ATIVIDADE: elaboração e cópia de lista de palavras terminadas com BA. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora foi até a lousa e escreveu o enunciado da tarefa; 2- a professora pediu para que os alunos dissessem palavras terminadas com a sílaba BA; 3- a professora escreveu as palavras ditadas pelos alunos; 4- a professora, após terminar a elaboração da lista, pediu para os alunos copiarem; 5- a sala esperou pela aula de artes no tempo restante. As METAS da atividade foram que os alunos aprendessem a escrever através da associação de sons e letras e aprendessem a escrever através da cópia. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 14h10 às 14h40. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR onde aconteceu a tarefa foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: alguns alunos como Gabriel e Reinaldo falaram mais palavras e os outros alunos tenderam a repetir as palavras já ditas por eles. Boa parte da sala participou da

atividade, principalmente na hora em que deviam falar para elaborar a lista, e não na hora de copiar. A professora se irritou com André e Ângela e não ouviu o que eles disseram, apesar de terem tentado bastante participar, dizendo repetidas vezes as palavras "Bavária" e "Babaca", respectivamente. (28/08/14)

## h) Análise de palavras

A professora, após deixar as crianças copiarem por um curto intervalo de tempo o cabeçalho e nome da história do dia, levantou-se e escreveu na lousa seu nome, mostrando cada uma de suas letras; em seguida, escreveu "bala" e perguntou aos alunos por quais sílabas é formada esta palavra. Por fim, repetiu o procedimento utilizando a palavra "bota". Segue a análise:

ATIVIDADE: análise de palavras. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora disse letra por letra o seu nome; 2- a professora escreveu "bala" na lousa e perguntou aos alunos as sílabas; 3- a professora escreveu "bota" na lousa e perguntou as sílabas. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a reconhecer sílabas. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h45 às 13h55. Os OBJETOS utilizados foram: lousa e giz. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes a professora realizou esta atividade sem explicar previamente aos alunos o que faria. Ao serem perguntados sobre as sílabas, boa parte da sala disse ao mesmo tempo apenas as letras que compunham as palavras. Alice foi quem disse corretamente as sílabas da palavra "bota". (25/11/14)

#### i) Análise de palavras começadas por "s"

A professora escreveu na lousa as palavras "selo, seda, sílaba e sapeca" e leu cada uma letra a letra com os alunos. Em seguida, foi realizada outra atividade e os alunos, então, fizeram a cópia das palavras. Segue a análise:

ATIVIDADE: análise de palavras começadas por "s". TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram:1- a professora escreveu na lousa as palavras "selo", "seda", "sílaba" e "sapeca"; 2- a professora leu as palavras letra por letra com os alunos; 3- foi realizada outra atividade; 4- os alunos copiaram as palavras. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a reconhecer o som das palavras começadas por "s". Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 14h32 às 14h35. Os OBJETOS utilizados foram: lousa e giz. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a tarefa foi realizada rapidamente e boa parte da sala participou. (08/12/14).

#### j) Cópia e leitura de lista de palavras iniciadas por "a"

A professora anunciou oralmente a tarefa, pedindo aos alunos que dissessem palavras iniciadas pela letra "a". Os alunos disseram as palavras e a professora as escreveu

na lousa de imediato. Terminada a lista, a professora leu cada uma das palavras, separando suas sílabas e perguntando aos alunos quais eram. Por fim, os alunos fizeram a cópia. Segue a análise:

ATIVIDADE: TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora anunciou oralmente a tarefa; 2- a professora perguntou aos alunos palavras iniciadas por "a" e as escreveu de imediato; 3- a professora leu as palavras com os alunos, separando as sílabas oralmente perguntando aos alunos quais eram; 4- a professora pediu para os alunos copiarem; 5- os alunos fizeram a cópia. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a identificar palavras que começassem com a letra "a", a identificar sílabas e a escrever através da cópia. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 14h55 às 15h20. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E ACÕES foram os seguintes: os alunos participaram bem durante a fase de dizer palavras, mas a professora aceitou somente as palavras de alunos que as disseram quando foram chamados. Quando os alunos não diziam mais palavra nenhuma, ela dava dicas como "olhem nos seus estojos", para que encontrassem seus apontadores; porém os alunos começaram a dizer o nome de outros materiais. No período da leitura, os alunos em sua maioria disseram sílabas de forma aleatória, e quando recebiam dicas como "que fruta é esta?", diziam frutas sem pensarem por qual letra as palavras eram iniciadas. Assim que a professora pediu para copiarem, os alunos começaram a conversar. (08/12/14).

## k) Identificação de sílabas dos nomes de alunos

A professora escolheu um aluno e escreveu na lousa seu nome e as famílias das sílabas que compunham o nome do aluno. Por exemplo, Lucas e LA-LE-LI-LO-LU e CA-CO-CU. Em seguida, perguntou à quais sílabas serviam para escrever o nome da criança. Feito isto, a professora repetiu o processo com outros nomes. Segue a análise:

ATIVIDADE: identificação de sílabas dos nomes dos alunos. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora escolheu um aluno, escreveu seu nome na lousa e toda a família de sílabas das sílabas que formam o nome; 2- a professora perguntou aos alunos qual serviam para escrever o nome da criança; 3- o processo se repetiu; 4- a professora pediu para os alunos copiarem; 5- os alunos fizeram a cópia. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a reconhecer sílabas e a escrever através da cópia. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 14h35 às 14h50. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a sala pareceu bastante interessada na hora apontar as sílabas. (08/12/14)

#### 1) Escrever lista com o nome de amigos em ordem alfabética

A professora pediu para os alunos escreverem uma lista com os nomes de seus amigos em ordem alfabética. Após perceber que alguns alunos tinham dificuldade, ela pediu aos que sabiam escrever melhor que ajudassem os seus colegas. A maior parte da

sala pareceu interessada nesta atividade. Segue a análise:

ATIVIDADE: Escrever lista com o nome de amigos em ordem alfabética. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora pediu para os alunos escreverem uma lista com os nomes dos colegas em ordem alfabética; 2- os alunos começaram a escrever; 3- a professore pediu para que os alunos que soubessem ajudassem os que não soubessem. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a reconhecer as iniciais de palavras e as organizassem em ordem alfabética e que aprendessem a escrever. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h50 às 15h20. Os OBJETOS utilizados foram: caderno e lápis. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: Os alunos em geral pareceram interessados em realizar esta tarefa, tanto os que ajudaram quanto os que que receberam ajuda. É comum o interesse dos alunos nas atividades em que têm que escrever seus nomes. Houve bastante conversa durante este período e muitos alunos andaram, mas boa parte destas andanças estava relacionadas com o exercício. Durante este período, a professora também corrigiu cadernos e livros, o que pode ter distraído os alunos. Todos os alunos que não terminaram a tarefa foram retidos em sala durante a aula de artes até chegar o recreio. (10/9/14)

## m) Ligar palavras a imagens

Utilizando o livro Ler e Escrever, os alunos ligaram palavras a imagens por meio de traços. Segue a análise:

ATIVIDADE: associação de imagens a palavras. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora pediu para os alunos abrirem o livro Ler e Escrever; 2- a professora explicou a tarefa de ligar palavras a frutas; 3- a professora explicou que agora seriam ligadas palavras a figuras de animais 4- professora deu as respostas. As METAS foram que os alunos aprendessem a ler por meio da associação de palavras e imagens. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h00 às 16h25. Os OBJETOS utilizados foram: livro didático Ler e Escrever e lápis grafite. O LUGAR onde a tarefa ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: os alunos, em sua maioria, pareceram um pouco desesperados com esta tarefa, pois não sabiam de forma alguma como realizá-la, já que, até aquele momento, ainda não sabiam ler. Assim, eles recorriam frequentemente ao pesquisador. Houve também atos de hostilidade dos alunos uns em relação aos outros e bagunça com muita correria e gritos. (10/04/14)

## n) Colar palavras embaixo de imagens

A professora distribuiu aos alunos folhas sulfite que continham nomes e imagens de frutas e pediu a eles que recortassem os nomes e os colassem logo abaixo da imagem da fruta correspondente. Feito isto, deveriam pintar as figuras. Segue a análise da atividade:

ATIVIDADE: colar palavras embaixo de imagens. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora distribuiu folhas sulfite com a atividade, que consiste em recortar nomes de frutas e colá-los embaixo das imagens das frutas correspondentes; 2- a professora leu o enunciado com os alunos; 3- os alunos colaram os nomes de frutas embaixo de suas respectivas imagens; 4- os alunos

pintaram as frutas; 5- os alunos colaram a folha no caderno. A META da atividade foi que as crianças aprendessem a ler associando imagens às palavras. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h25 às 16h55. Os OBJETOS utilizados foram: folha sulfite com atividades, lápis grafite, cola, tesoura, caderno e lápis de cor. O LUGAR em que a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: os alunos em geral pareciam contentes com a atividade, mas não sabiam ler os nomes das frutas, o que causou bastante dificuldade e fez com que a maioria desse ênfase na pintura das figuras. Os alunos andaram bastante durante a atividade, mas para buscarem cola e tesoura. Mais ao final desta, os alunos começaram a conversar mais. (30/07/14)

## Categoria 4: Raciocinar com palavras e completar sentenças

Esta categoria conta com quatro tipos de atividades, que foram observados quatro vezes. O critério de agrupamento destas atividades foi o de que nelas os alunos tiveram que raciocinar de alguma forma para encontrar a palavra ou palavras que completassem ou respondessem satisfatoriamente a uma sentença ou charada.

Quadro 9. Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 4 (Raciocinar com palavras e completar sentenças) da Classe de Categoria A (Português) distribuídas nos quatro semestres.

Título da	1° Bimestre	2° Bimestre	3° Bimestre	4° Bimestre	Total
atividade					
a) Resolução	0	1	0	0	1
de charadas					
b) Dedução de	0	0	1	0	1
palavra					
c) Completar	0	0	1	0	1
quadrinhas					
d) Completar	0	0	1	0	1
títulos de					
contos de					
fadas					

#### a) Resolução de charadas

Utilizando o livro didático Ler e Escrever, a professora ajudou os alunos a resolverem charadas. Segue a análise:

ATIVIDADE: resolução e charadas. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora fez a leitura de charadas; 2- os alunos esperaram a professora dar as respostas; 3- a professora deu as respostas. As METAS da atividade foram desenvolver o raciocínio dos alunos e o aprendizado da leitura. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h00 às 17h00. Os OBJETOS utilizados foram: livro Ler e Escrever e lápis grafite. O LUGAR onde ocorreu a tarefa foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: os alunos não conseguiram resolver a atividade e não reconheceram

as palavras-resposta. Eles pareciam não ter ideia do que estava acontecendo, só esperavam pela resposta. No entanto, ninguém prestou atenção na professora, todos ficaram aflitos em conseguir a resposta. Além disto, as respostas não eram definidas pelas palavras corretas, mas sim por "então vocês pintam o terceiro quadrinho", ao invés de "pintem a palavra rio". (24/04/14).

#### b) Dedução de palavra

Inserida em uma folha sulfite composta por pequenas atividades relacionadas a palavras com a letra "L", a resolução desta atividade estava na resposta à seguinte questão: "se do limão faço limonada, da laranja faço? ". Segue a análise da atividade:

ATIVIDADE: dedução de palavra. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Esta atividade ocorreu uma vez, na data de 17/07. Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora leu a questão "se do limão faço limonada, da laranja faço?\_\_\_\_\_\_\_; 2- os alunos não souberam responder e a professora deu a resposta na lousa; 3- os alunos copiaram a resposta. A META desta atividade foi ensinar os alunos a deduzirem uma palavra. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h15 às 13h20. Os OBJETOS utilizados foram: folha de atividades, lápis grafite, lousa e giz. O LUGAR em que a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: as crianças não souberam responder e ficaram aflitas pela resposta, dada pela professora. (17/07/14)

# c) Completar quadrinhas

A professora, enquanto conferia o livro de cada um dos alunos, escreveu as palavras que serviam como resposta para a atividade na qual os alunos deveriam completar pequenos poemas de quatro versos. Com isto, as crianças deveriam apenas copiá-las no lugar correto. Apesar disto, algumas ainda tiveram dificuldade em completar a tarefa. Segue a análise:

ATIVIDADE: completar quadrinhas. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora conferiu os livros dos alunos, escreveu as respostas do exercício no topo da página e pediu para que os alunos copiassem no lugar correto. A META desta atividade foi que os alunos completassem seus livros. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h55 às 14h40. Os OBJETOS utilizados foram: livro Ler e Escrever e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: esta atividade ocorreu em paralelo à atividade em que os alunos deveriam escrever uma lista com o nome de seus colegas em ordem alfabética. Em certo momento, a professora se levantou e disse que os alunos estavam copiando as respostas em um lugar diferente do qual ela apontou. Os alunos pareciam mais envolvidos com a atividade da lista do que da cópia das respostas. (10/09/14)

#### d) Completar títulos de contos de fadas

A professora escreveu nomes incompletos de contos de fadas na lousa e os completou oralmente com os alunos. A maior parte da sala soube os nomes, mas aparentemente só os escreveram após a professora tê-los escrito na lousa. Segue a análise:

ATIVIDADE: completar títulos de contos de fadas. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora passou o exercício na lousa; 2- a professora respondeu o exercício verbalmente com os alunos; 3- a professora deu um tempo para os alunos fazerem a tarefa; 4- a professora completou os nomes. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a escrever e relembrassem os nomes dos contos de fadas. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das14h45/14h50 às 15h55/16h07. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: os alunos em sua grande maioria souberam e disseram os nomes das histórias. Entretanto, aparentaram escrevê-los apenas após a professora tê-los escrito na lousa. (03/09/14)

## Categoria 5: Projetos Propostos pela Diretoria de Ensino e Atividades Temáticas

Esta categoria conta com dois tipos de atividades, que foram observados 10 vezes. Foram agrupadas as atividades de cunho pedagógico relacionadas às disciplinas de português e realizadas tendo como substrato um tema específico a ser explorado.

Quadro 10. Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 5 (Projetos Propostos pela Diretoria de Ensino e Atividades Temáticas) da Classe de Categoria A (Português) distribuídas nos quatro semestres.

Título da atividade	1º Bimestre	2º Bimestre	3º Bimestre	4° Bimestre	Total
a) Projeto sobre brincadeiras tradicionais	0	5	3	0	8
b) Atividade da Copa do Mundo	0	2	0	0	2

## a) Projeto sobre brincadeiras tradicionais

Foi feito ao longo do ano um projeto cujas atividades estavam relacionadas a entrevistar pessoas sobre suas brincadeiras favoritas na infância e listá-las, compondo cartazes que foram pendurados na sala. A lista de atividades ligadas a este projeto é a seguinte: os alunos tiveram que entrevistar pais ou responsáveis sobre suas brincadeiras favoritas na infância e escrevê-las; os alunos tiveram que elaborar uma lista de suas brincadeiras favoritas, em sala de aula, e escrevê-las; os alunos tiveram que escrever um convite a alguém para ir à sala de aula e ser entrevistado sobre suas brincadeiras favoritas

na infância, que no caso foi o pesquisador e, por fim, os alunos tiveram que copiar um cartaz que continha um programa de visitas à sala, nas quais seriam vistos os cartazes elaborados com todas estas brincadeiras ditas. Fotos dos cartazes foram enviadas para a Secretaria de Educação. A professora, em nenhuma das vezes, pareceu gostar de fazer esta atividade, pois alegava que não conseguia controlar a sala e realizar o projeto ao mesmo tempo. Além disso, era possível perceber seu incômodo pelo fato de a coordenadora estar presente na sala de aula algumas vezes. Nestas ocasiões, a professora fazia comentários sobre a faculdade de Letras que cursava. Os alunos gostavam de falar de suas brincadeiras, mas nunca apresentaram bom ânimo para fazer as cópias de listas de brincadeiras e do convite dado ao pesquisador. Um fato chamou a atenção do pesquisador: as brincadeiras que ele sugeriu na entrevista foram posteriormente trocadas pela coordenadora em uma nova lista, porque, segundo ela, elas não eram tradicionais (pião, pipa, amarelinha, queimada).

## b) Atividade da Copa do Mundo

Nesta atividade, houve a leitura de textos sobre jogadores importantes na história da Seleção Brasileira de Futebol, cópia de frases sobre jogadores, desenhos de jogadores, elaboração de listas com os nomes dos países participantes e com as cidades-sede da copa. Segue exemplo de análise:

ATIVIDADE: Atividade da Copa do Mundo. TIPO: atividade didático-pedagógica (português). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora apresentou um livro com os cem melhores jogadores da seleção; 2- a professora comentou sobre jogadores antigos; 3- a professora ameaçou não ler mais por causa da bagunça; 4- a professora leu sobre Pelé; 5- a professora mostrou figura de Pelé 6- a professora passou uma frase sobre Pelé na lousa; 7- os alunos fizeram a cópia da frase; 8- os alunos fizeram uma ilustração para a frase A METAS desta atividade foram informar os alunos sobre o futebol e Pelé, que os alunos aprendessem a desenhar e a escrever através da cópia. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h00 às 17h00. Os OBJETOS utilizados foram: livro dos cem maiores jogadores da seleção, lousa, giz, folha sulfite, lápis grafite e lápis de cor. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: no momento da leitura, os alunos pareciam prestar pouca atenção e conversavam bastante, de maneira que a professora ameaçou parar de ler, o que pode indicar que ela se irritou com a situação. Contudo, alguns alunos pareciam gostar de ouvir sobre Pelé. A professora pareceu gostar bastante do assunto e falou com gosto. No momento da cópia e do desenho, boa parte dos alunos pareceu pouco comprometida com a tarefa, mas devido ao longo período dado para cópia, a maioria fez. Foi um período bastante conturbado, principalmente pela indisciplina, pelas brigas com Ângela e por alguns alunos saírem pela sala em busca de material, como borracha e apontador. Ao final do período, a bagunça aumentou. (29/05/14)

Esta classe conta com sete categorias, que contêm juntas 76 tipos de atividades, que foram observados 118 vezes. Nela foram inseridas todas as atividades cujas metas estavam direcionadas principalmente ao aprendizado dos números, operações matemáticas, noções de maior e menor, de mais e menos e outros conhecimentos subjacentes ao campo de estudo da matemática.

## Categoria 1: Contagem

Esta categoria conta com 7 tipos de atividades, que foram observados 27 vezes. Nela estão inseridas todas as atividades nas quais os alunos tiveram que realizar principalmente algum tipo de contagem.

*Quadro 11*. Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 1 (Contagem) da Classe de Categoria B (Matemática) distribuídas nos quatro semestres.

Título da	1º Bimestre	2º Bimestre	3º Bimestre	4°Bimestre	Total
atividade					
a) Contagem	0	1	7	5	13
de alunos					
b) Atividade	0	0	1	6	7
de contagem					
c) Contagem	0	0	1	0	1
por intuição					
d)	0	0	1	0	1
Elaboração					
de estratégias					
de contagem					
e) Contagem	0	0	2	0	2
e					
comparação					
de					
quantidades					
f) Contagem	0	0	0	1	1
e desenho de					
quadradinhos					
g) Contagem	0	0	0	1	1
e pintura					

## a) Contagem de alunos

Esta atividade acontecia, na maioria das vezes, após a ilustração da história. A professora escrevia na lousa as palavras "meninos" e "meninas", separando-as por um traço vertical, pedia para uma menina contar as meninas e para um menino contar os meninos, fazia a soma com a ajuda da sala e pedia para que todos copiassem. Segue um exemplo de análise:

ATIVIDADE: contagem de alunos TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática), Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora pediu para uma menina contar as meninas presentes; 2- a professora pediu para um menino contar os meninos presentes; 3- a professora fez a adição com os resultados de meninos e meninas; 4- os alunos copiaram a adição. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a contar e a fazer adições. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h00 às 16h04. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis de cor. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a professora pediu para que Helena contasse inicialmente, mas, por ser um pouco tímida, ela ficou um pouco assustada com a tarefa e não contou; então Ângela começou a contar em seu lugar, o que irritou a professora, que insistiu que Helena contasse. Carlos, que contou para os meninos, contou mais tranquilamente. (30/07/14)

#### b) Atividade de contagem

Nesta atividade os alunos tiveram que contar os mais variados tipos de objetos desenhados no livro EMAI: como figurinhas, bonés, ovos, bandeirinhas, etc., de acordo com a ocasião em que a atividade foi proposta. Segue exemplo de análise:

ATIVIDADE: contagem de ovos. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora pediu para os alunos abrirem o explicou a tarefa a ser feita, que se consistiu em que os livro EMAI; 2- a professora alunos contassem a quantidade de ovos faltantes em caixinhas que cabiam seis; 3- os alunos fizeram a tarefa 4- a professora resolveu a tarefa junto com os alunos na lousa. As METAS da atividade foram que os alunos aprendessem a contar. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h55 às 17h10. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. O SENTIMENTOS E AÇÕES foram: a sala se transformou com o início da atividade. Da grande confusão que estava, os alunos conseguiram se organizar, resolveram juntos e sozinhos a atividade, e a professora participou os ensinando na lousa. Quando a atividade terminou, a sala voltou a ficar bastante bagunçada. Nesta atividade, aconteceu algo que acontecia muito frequentemente, alguns alunos como Helena, ficaram muito preocupados em fazer a tarefa, e não prestaram atenção no que a professora dizia, o que os deixa bastante perdidos. Algo interessante que ocorreu também, foi que Caio e André, que antes se desentendiam com Otávio, passaram a ajudá-lo com a tarefa.(21/08/14)

#### c) Contagem por intuição

Esta atividade ocorreu rapidamente em meio a outras atividades realizadas com o livro EMAI. Foi pedido aos alunos que, "contando intuitivamente", ou seja, somente pela observação da quantidade de figuras de peixes em dois aquários, dissessem em qual deles havia mais peixes. Segue a análise:

ATIVIDADE: contagem por intuição. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram os seguintes: 1- a professora pediu para que a as crianças olhassem dois aquários desenhados no livro EMAI e, sem

contar, dissessem em qual havia mais peixes; 2- os alunos contaram os peixes e responderam 3- a professora se levantou e fez a atividade com os alunos. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a comparar quantidades por intuição. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h10 às 16h15. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: durante um relativamente curto período de tempo, foram realizadas muitas tarefas com as mais diferentes metas. Boa parte da sala pareceu bastante empenhada em fazer os exercícios, a maioria copiando somente, mas alguns alunos mais adiantados já conseguiam fazer os exercícios sozinhos. Estes já faziam a tarefa mesmo sem a professora pedir. Os que não conseguiam, esperavam a professora para copiar a resposta, mas poderiam copiar de maneira correta ou não. Houve atos de indisciplina, mas eles foram isolados e por vezes até os alunos mais indisciplinados participam da tarefa. Tal atividade mostrou que bastava que houvesse algum tipo de tarefa e que a professora se empenhasse nela com os alunos para que estes se interessassem mais. Entretanto, mostrou também como a necessidade de acabar o livro fez com que a professora corresse demasiadamente com as lições, não as aprofundando. (31/07/14)

## d) Elaboração de estratégias de contagem

Esta atividade foi realizada em meio a outras atividades contidas no livro EMAI e foi bastante interessante pela adesão dos alunos e da professora. O objetivo foi de que, observando os mesmos aquários utilizados na tarefa de contagem por intuição, os alunos criassem novas estratégias de contagem, excluída a de contar um por um. Segue a análise da atividade:

ATIVIDADE: elaboração de estratégias de contagem TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram os seguintes: 1- a professora pediu para que as crianças olhassem os dois aquários desenhados no livro EMAI, utilizados na tarefa anteriormente descrita; 2- os alunos aguardaram a professora 3- a professora fez a atividade com os alunos. A META da atividade foi que os alunos aprendessem novas estratégias de contagem. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h10 às 16h20. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os mesmos apresentados na tarefa acima. (31/07/14)

#### e) Contagem e comparação de quantidades

Nesta atividade, os alunos tiveram que contar e comparar quantidades de objetos desenhados no livro EMAI. Segue exemplo de análise:

ATIVIDADE: contagem e comparação do número de palhaços e gravatas. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora leu o enunciado; 2- os alunos fizeram as contagens e a comparação do número das figuras. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a contar e a comparar quantidades. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 14h25 às 14h35. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a professora leu o enunciado rapidamente após ter lido

outros dois e posteriormente mais um, depois deu um período para os alunos completarem as tarefas. Neste período, nove alunos estavam em pé e andando, e havia também barulho na sala. Logo chegou a professora de artes e não houve mais prosseguimento da atividade. (09/10/14)

## f) Contagem e desenho de quadradinhos

Os alunos contaram uma quantidade de quadradinhos em um quadro e desenharam o restante até que fosse atingido o número de 65 figuras. Segue a análise:

ATIVIDADE: contagem e desenho de quadradinhos. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora pediu para os alunos abrirem seus livros EMAI e leu o enunciado; 2- os alunos contaram a quantidade de quadradinhos; 3- os alunos desenharam mais quadradinhos até que fossem completados 65. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a contar. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 17h00 às 17h10. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a tarefa foi realizada muito rapidamente, e a professora estava visivelmente irritada por ter tido muitos problemas com Ângela neste dia. Contudo, boa parte da sala estava tranquila. (03/09/14)

## g) Contagem e pintura

Foi pedido aos alunos que copiassem um desenho estampado em um quadriculado, contando as casas com cada uma das cores presentes. Segue a análise:

ATIVIDADE: contagem e pintura. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram:1- a professora pediu para os alunos abrirem seus livros e leu o enunciado: foi dado o exemplo de uma pintura em um quadriculado para os alunos, mas a professora pediu para que o copiassem, contando o número de casinhas com cada cor; 2- os alunos realizaram a tarefa. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a contar e a pintar. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h25 às 17h05. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI e lápis de cor. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: assim que a tarefa foi dada a sala se acalmou. Todos os alunos se interessaram pela tarefa. Durante sua realização houve conversa e muitos alunos andaram, mas por precisarem pedir lápis emprestados. Em certo momento, Ângela e a professora discutiram e a professora se irritou bastante. Quando a professora começou a arrumar a sala para saírem, Helena disse que estava feliz por isto. (11/11/14)

## Categoria 2: Aritmética e estrutura decimal

Esta categoria conta com 7 atividades, que foram observados 28 vezes. Foram aqui agrupadas todas as atividades em que os alunos aprenderam ou exercitaram suas habilidades com as operações aritméticas básicas: adição, subtração, multiplicação e divisão.

*Quadro 12*. Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 2 (Aritmética e estrutura decimal) da Classe de Categoria B (Matemática) distribuídas nos quatro semestres.

Título da	1° Bimestre	2º Bimestre	3º Bimestre	4 <sup>a</sup> Bimestre	Total
atividade					
a) Adição	1	5	3	6	15
b) Ensino de	0	0	1	0	1
adição					
<ul><li>c) Subtração</li></ul>	0	0	4	0	4
d) Cálculo do	0	0	0	3	3
dobro de					
numerais através					
da soma					
e) Cálculo do	0	0	0	1	1
triplo de					
numeral					
f) Divisão de 10	0	0	0	1	1
reais em notas					
de 2					
g) Identificar	0	0	0	3	3
unidade, dezena					
e centena					

#### a) Adição

A atividade aconteceu em duas modalidades: a primeira consistiu na cópia e efetuação de adições escritas na lousa pela professora; a segunda, na contagem e somatória de objetos físicos (material dourado e ábaco) ou de objetos desenhados no livro EMAI. Segue um exemplo de análise de cada modalidade:

ATIVIDADE: efetuação de adições TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora escreveu o exercício na lousa; 2- os alunos fizeram a cópia do exercício; 3- a professora explicou o exercício e deu dicas; 4- os alunos fizeram as adições. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a efetuar adições. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h20 às 17h00. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: poucos alunos pareciam fazer e grande parte da turma estava envolvida com atividades paralelas, como conversa, brincadeiras e elaboração de cartinhas para o pesquisador. Houve alunos que não tiveram ideia de como realizar a tarefa e apresentaram grande dificuldade para copiar as contas com os números nos lugares corretos e com espaço entre uma conta e outra. (23/05/14)

ATIVIDADE: Adição com ábacos. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora passou adições na lousa; 2- os

alunos copiaram as adições; 3- professora pediu para que os alunos pegassem os ábacos no cantinho da matemática; 4- os alunos foram até a mesa da professora para que fosse dada a explicação de como utilizar este material. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a utilizar o ábaco e aprendessem a fazer adições. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 17h05 às 17h20. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno, lápis, borracha, apontador e ábaco. O LUGAR onde a tarefa ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: os alunos pareciam correr animados com os ábacos até a mesa da professora e prestavam atenção no que ela dizia. Tadeu ficou na mesa do pesquisador e parecia bastante alegre enquanto separava as continhas do ábaco e as contava. (06/06/14)

#### b) Ensino de adição

A professora escreveu 21+21 na lousa e explicou o processo para resolver a questão. Toda a sala pareceu prestar atenção. Segue análise:

ATIVIDADE: ensino de adição. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora escreveu 21+21 na lousa; 2- a professora explicou como resolver a questão. A META desta atividade foi ensinar aos alunos a efetuar uma adição. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 14h41 às 14h42. Os OBJETOS utilizados foram: lousa e giz. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a professora explicou como efetuar a adição sem aviso, logo após explicar aos alunos como somar com o material dourado. Enquanto explicava, todos os alunos pareciam prestar atenção. (03/09/14)

## c) Subtração

A tarefa realizada no dia 23/07 consistiu na cópia e efetuação das subtrações pelos alunos. A tarefa realizada no dia 14/08 ocorreu na mesa da professora e contou somente com a participação de Lucas. Em outra oportunidade, os alunos tiveram que solucionar problemas que exigiam que subtrações fossem utilizadas. Segue uma análise das subtrações puras e análise da subtração como forma de solucionar um problema:

ATIVIDADE: subtração. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora passou subtrações na lousa; 2- a professora explicou a tarefa a ser feita; 3- os alunos fizeram a cópia das subtrações; 4- os alunos efetuaram as subtrações. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a efetuar subtrações. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h52 às 17h10. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a sala estava muito bagunçada com muitos alunos andando e conversando. A professora tentou organizar a turma, mas seus esforços foram em vão e isto a irritou. Em relação à tarefa, os alunos estavam bastante confusos quanto ao que tinham que fazer e em geral só fizeram a cópia. Alguns alunos levaram os cadernos para a professora corrigir. (23/07/14)

ATIVIDADE: Problema envolvendo subtração. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora pediu para que os alunos pegassem os livros EMAI; 2- a professora fez a leitura do enunciado, as crianças deveriam descobrir quantos reais faltavam para que uma menina que tem 27 reais comprasse uma boneca que custa 30; 3- a professora escreveu na lousa a subtração 30-27, explicando o motivo de utilizar esta operação, e pediu as respostas para os alunos; 4- os alunos deram respostas aleatórias, sem pensar na conta aparentemente; 5- a professora resolveu a conta e deu o resultado de três reais faltantes 5- os alunos fizeram o desenho das notas que a menina possui e das que faltavam para que comprasse a boneca, de duas maneiras diferentes (usando diferentes notas e moedas). As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a resolver problemas por meio de subtrações e que aprendessem maneiras diferentes de desenhar a mesma quantidade de dinheiro. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 14h30 às 14h45. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI, lápis grafite e lápis de cor. O LUGAR onde a tarefa ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: com uma atividade aparentemente feita de súbito, pois já estava quase no final do período, a sala ficou um pouco mais organizada. Os alunos que participam tentaram dar muitas respostas, mas sem refletir sobre o que estavam dizendo, aparentemente, com ânsia de acertar. A maior parte das crianças desenhou as notas. A atividade foi realizada muito rapidamente, com um tempo para o desenho maior que o da explicação. (27/08/14)

## d) Cálculo do dobro de numerais através de soma

Nesta atividade, os alunos tiveram que calcular o dobro de numerais através da soma, somando um número com ele mesmo. O mesmo processo foi utilizado para o cálculo do quádruplo dos numerais. Segue exemplo de análise:

ATIVIDADE: cálculo do dobro de numerais através da soma. TIPO: atividade didáticopedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora leu o enunciado da tarefa: havia no livro uma tabela com duas colunas, com 10 itens cada, uma azul e uma rosa. Na coluna azul havia 10 adições do tipo (1+1), (2+2), (3+3)... E na rosa, pequenas frases como "O dobro de 1 é?", "o dobro de 2 é?"...; 2- a professora perguntou aos alunos os resultados das adições e em seguida estes responderam no livro, completando a coluna azul; 3- a professora foi até a lousa, escreveu duas adições, (1+1)e (2+2,) e respondeu com os alunos os dois primeiros itens da coluna rosa, mas sem dizer que o dobro de um número é alçando com a soma dele com ele mesmo; 4- a professora disse para os alunos terminarem em casa o restante da tarefa. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a calcular o dobro de um número. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h45 às 16h45. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: de modo geral, a sala permaneceu em silêncio durante a realização da tarefa. Apenas Ângela gritou e falou alto, exigindo silêncio enquanto todos estavam quietos. No momento de responder as adicões, Tatiane e Gabriel acertaram, enquanto outros diziam números aleatoriamente. Mário conseguiu fazer sozinho. Quando a professora disse que os alunos deveriam terminar a tarefa em casa, Ângela disse que não faria porque não é empregada. No final, alguns alunos levaram seus livros para a professora verificar. (23/10/14)

Em um teste de múltipla escolha, os alunos responderam qual era o triplo de 10. Segue a análise.

ATIVIDADE: cálculo do triplo de numeral. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora leu um teste no qual era perguntado qual o triplo de 10; 2- os alunos responderam. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a calcular o triplo de um número. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h47 às 16h48. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a professora estava em pé e diante da lousa quando leu o teste. Os alunos permaneceram sentados e com seus livros abertos, participando quando foi perguntado a eles, porém com boa parte tentando acertar a resposta dizendo números aleatórios. (12/11/14)

## f) Divisão de 10 reais em notas de 2

Os alunos calcularam quantas notas de dois reais são necessárias para conseguir 10 reais. Segue a análise:

ATIVIDADE: divisão de 10 reais em notas de 2. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora leu o enunciado do exercício no qual os alunos deveriam calcular quantas notas de 2 são necessárias para conseguir 10 reais; 2- os alunos responderam. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a divisão. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das14h25 às 14h26. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a tarefa foi realizada rapidamente, e a os alunos já tentavam responder de forma aleatória mesmo antes de a professora terminar de ler o exercício. (09/10/14)

#### g) Identificar unidade, dezena e centena

Após a professora passar na lousa alguns números, ela desenhou "casinhas" que continham as letras C, D, U (centena, dezena e unidade) e explicou aos alunos como utilizá-las. Segue um exemplo de análise:

ATIVIDADE: identificar unidade, dezena e centena. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora desenhou na lousa duas casinhas C, D, U; 2- a professora explicou o que significam as casinhas e como funcionam, inserindo numa delas o número 212; 3- a professora pediu para os alunos encaixarem em outras duas casinhas os numerais 113 e 428. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a identificar os números que representam unidade, dezena e centena em numerais. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 15h55 às 16h55. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade correu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: enquanto a professora passou a lição na lousa, a maioria da sala permaneceu sentada e em silêncio, com exceção de Otávio, com quem a professora se irritou. Quando a professora perguntou para os alunos quais

eram os numerais que representavam a unidade, dezena e centena, (o momento do exemplo) os alunos acertaram a unidade, mas estavam confusos com relação às duas outras.(18/07/14)

# Categoria 3: Cópia e escrita de numerais e associação de algarismos com numerais por extenso

Esta categoria conta com 3 tipos de atividades, observados 14 vezes. O critério de agrupamento baseou-se no fato de que os alunos, por meio destas atividades, aprenderam a reconhecer e a escrever os numerais.

Quadro 13. Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 3 (Cópia e escrita de numerais e associação de algarismos com numerais por extenso) da Classe de Categoria B (Matemática) distribuídas nos quatro semestres.

Título da atividade	1° Bimestre	2º Bimestre	3° Bimestre	4º Bimestre	Total
a) Cópia de números	0	0	3	1	4
b) Escrever números	0	1	3	5	9
c) Associar numerais	0	0	1	0	1
em algarismos					
arábicos com					
numerais por					
extenso					

# a) Cópia de números

Nesta atividade, os alunos tiveram que copiar números. As sequências copiadas foram do tipo 0 a 10, 10 a 100, somente as dezenas, e 100 a 900, somente as centenas; de acordo oportunidade em que a atividade foi proposta. Segue exemplo de análise:

ATIVIDADE: Cópia de lista de números de 1 a 10, 10 a 100 e 100 a 900. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora escreveu os números na lousa; 2- a professora explicou que da unidade para a dezena, e da dezena para a centena, um zero é acrescido no final dos números; 3- a professora inseriu um número na casinha CDU; 4- a professora disse para os alunos copiarem; 5- os alunos copiaram. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem os números e que cada algarismo ocupa uma posição lógica dentro dos números. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h37 às 16h45. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: boa parte dos alunos já começou a escrever junto com a professora. Na hora da explicação, Ângela ficou falando e alguns alunos pareceram ter dificuldade em prestar atenção e com as centenas. (25/11/14)

#### b) Escrever números

Os alunos tiveram que escrever diferentes sequências numéricas, de acordo com

oportunidade em que a atividade foi proposta. As sequências foram do tipo 0 a 10, 0 a 50, 0 a 100, de 10 a 100 com somente as dezenas e de 100 a 900, somente as centenas. Segue um exemplo de análise:

ATIVIDADE: escrever os números de 0 a 100. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram:1- a professora pediu aos alunos que escrevessem os números de 100 a 150; 2- os alunos disseram que não sabiam; 3- a professora pediu para os alunos que não sabiam que escrevessem do 0 ao 100; 4- os alunos fizeram. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem os números. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h10 às 17h00. Os OBJETOS utilizados foram: caderno e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a professora pediu para os alunos escreverem estes números e efetuarem cinco adições ao mesmo tempo, por isto a longa duração desta atividade. Neste tempo, boa parte da sala pareceu fazer, e a sala se acalmou quando a atividade foi proposta. Mais ao final do período, alguns alunos começaram a se levantar e a brincar de luta, e a professora chamou a atenção dos alunos que estavam quietos. (24/11/14)

## c) Associar numerais em algarismos arábicos com numerais por extenso

Utilizando o livro EMAI, os alunos tiveram que associar numerais escritos em algarismos com numerais escritos por extenso. Segue a análise:

ATIVIDADE: associar numerais em algarismos arábicos com numerais por extenso. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora explicou que os alunos deveriam associar as formas extensas com as formas numéricas dos valores dados aos bonés; 2- a professora, logo após, deu as respostas. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a identificar os números em suas duas formas de escrita, em algarismos e extensa. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 15h55 às 16h05. Os OBJETOS utilizados foram o livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: A sala ficou alvoroçada durante a atividade, devido aos alunos participarem bastante. Algo que se repetiu em relação a outras atividades é que a professora mesma deu as respostas e o exercício foi feito muito rapidamente. (27/08/14)

#### Categoria 4: Completar sequências numéricas e análise e elaboração de tabelas

Esta categoria conta com cinco tipos de atividades, que foram observados 13 vezes. Tais atividades foram agrupadas porque nelas os alunos tiveram, de alguma forma, que reconhecer o critério lógico para o posicionamento de determinados números dentro de um contexto.

Quadro 14. Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 4 (Completar sequências numéricas e análise e elaboração de tabelas) da Classe de Categoria B (Matemática) distribuídas nos quatro semestres.

Título da atividade	1º Bimestre	2º Bimestre	3° Bimestre	4º Bimestre	Total
a) Completar sequências numéricas	0	1	5	3	9
<ul><li>b) Andares</li><li>do prédio</li></ul>	0	0	1	0	1
c) Idades de uma família	0	0	0	1	1
d) Análise de tabela de classificação de gincana	0	0	0	1	1
e)Elaboração de tabela de temperaturas	0	0	1	0	1

## a) Completar sequências numéricas

Nesta atividade, foram dadas aos alunos sequências de números ordenadas logicamente e com elementos faltantes a serem completados. De acordo com a ocasião em que a atividade foi proposta, a sequência poderia ser crescente ou decrescente, em um quadro de números ou em apenas uma linha, inserida ou não em problemas com base cotidiana, como descobrir os números de figurinhas já coladas. Segue exemplo de análise:

ATIVIDADE: completar sequências numéricas. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora distribuiu uma folha com a atividade; 2- a professora leu o enunciado com os alunos; 3- os alunos completaram três linhas com números faltantes, em uma segue-se uma sequência normal de números, em outra segue-se uma sequência de apenas números pares e em outra, apenas números ímpares; 4- a professora pediu para os alunos dizerem as respostas 5- os alunos colaram as folhas nos cadernos. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a sequência dos números. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi 16h10 às 16h25. Os OBJETOS utilizados foram: folha sulfite com atividades, lápis grafite, cola, tesoura, caderno e lápis de cor. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: durante a fala explicativa da professora, houve um tumulto com Ângela; contudo, metade da sala parecia prestar atenção e a maioria participou da atividade. A professora participou ativamente, copiando os números na lousa e explicando a lógica de funcionamento de cada sequência dada. (30/07/14)

## b) Andares do prédio

Foi dada aos alunos uma folha de atividades que continha o desenho de um prédio e algumas perguntas do tipo: "Maria mora no oitavo andar e Francisco no décimo terceiro, quantos andares Francisco mora acima de Maria?", "José mora quinto andar e Ana mora no terceiro, quantos andares Ana mora abaixo de José?" e "Miguel mora no sétimo andar e Rafael mora 4 andares acima, em qual andar Rafael mora?". Contudo, a atividade foi essencialmente de pintura, já que a professora deu as respostas, explicando como chegou a elas. Segue a análise:

ATIVIDADE: Andares do prédio. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora leu os exercícios de matemática; 2- a professora respondeu os exercícios; 3- os alunos escreveram as respostas na folha; 4- os alunos fizeram a pintura do desenho na folha; 5- a professora fez a correção da tarefa; 6- a professora colou a folha de exercícios nos cadernos dos alunos. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a fazer adições, subtrações e os numerais ordinais. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h10 às 14h17. Os OBJETOS utilizados foram a folha de exercícios, lápis grafite, lápis de cor, cola e caderno. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: em sua maioria, os alunos fizeram a tarefa e permaneceram disciplinados; quando a professora organizou a sala, o fez calmamente, o que repetiu ao longo do tempo, ficando mais irritada ao final da atividade. A necessidade de apontar os lápis fazia com que os alunos se levantassem mais. Conforme foi passando o tempo, mas próximo o final da atividade, os alunos começaram a conversar mais e a se levantar mais, talvez porque a tarefa tivesse sido concluída. Ângela fez muito barulho batendo sua mochila no chão e falou bem alto em certos momentos. (17/07/14)

### c) Idades de uma família

Os alunos tiveram que descobrir as idades de diferentes pessoas de uma família a partir de informações como "Enrico é três anos mais velho que Sofia, que tem nove anos" ou "a mãe é seis anos mais velha que o marido, que tem 36", escrever as idades na frente do nome de cada familiar, coloca-las em ordem crescente e analisar a relação entre a idade do pai, de 36 anos, e a de Enrico, 12. Poucas crianças participaram ativamente, sendo que a maioria esperava somente pela resposta. Segue a análise:

ATIVIDADE: idades de uma família. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora leu o enunciado da primeira parte do exercício, em que as crianças deveriam deduzir as idades de pessoas de uma mesma família a partir de sentenças como: "Enrico é 3 anos mais velho que Sofia, que tem 9 anos, a mãe é 6 anos mais velha que o marido, que tem 36 anos, ou a avó tem o dobro da idade da mãe", e escrever os números correspondentes em frente ao nome de cada um; 2- os alunos responderam; 3- a professora leu a segunda parte do enunciado, em que os alunos deveriam colocar as idades em ordem crescente; 4- os alunos responderam; 5- a professora leu a terceira parte do enunciado, em que os alunos deveriam analisar a

relação entre a idade do pai (36) e a de Enrico (12); 6- a professora subtraiu as idades e disse que a relação era que a idade do pai era 24 anos maior. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a fazer cálculos com adições e multiplicações, aprendessem a ordenar os números e a analisar as relações de tamanho dos números. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h35 às 17h00. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a maior parte da sala esperou pelas respostas e poucos alunos participaram ativamente quando a professora pediu para que respondessem, como Mário e Tatiane. Ângela gritou para os alunos ficarem em silêncio enquanto todos estavam quietos. Quando deveriam fazer a subtração, poucos alunos conseguiram fazer com a professora. (23/10/14)

### d) Análise de tabela de classificação de gincana

Os alunos tiveram que preencher uma tabela de classificação de uma gincana escolar com números ditados pela professora e, em seguida, analisar as relações entre as pontuações das salas participantes, como, por exemplo, quantos pontos o terceiro lugar fez a mais que o quinto. Poucos alunos conseguiram preencher a tabela somente ouvindo os números, o que forçou a professora a escrevê-los na lousa. Foram utilizadas subtrações para resolução das questões. Segue a análise:

ATIVIDADE: análise de tabela de classificação em gincana. TIPO: atividade didáticopedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora leu o enunciado da questão, na qual as crianças deveriam primeiramente ouvir números ditados e com eles preencher uma tabela onde era mostrada a colocação final das turmas que participaram de uma gincana em uma escola 2- os alunos não conseguiram fazer somente ouvindo, e a professora escreveu os números na lousa; 3- os alunos copiaram os números; 4- os alunos deveriam observar a tabela e responder quantos pontos o terceiro lugar fez mais que o quinto 5- a professora respondeu explicando com uma subtração feita na lousa; 6- os alunos deveriam observar a tabela e responder quantos pontos o primeiro lugar fez mais que o segundo; 7- a professora respondeu explicando com uma subtração feita na lousa; 8- a professora se sentou. As METAS desta atividade foram que os alunos ouvissem e escrevessem números, que aprendessem a fazer subtrações e que aprendessem a observar uma tabela. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h25 às 13h35. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: durante a cópia dos numerais na lousa, houve bastante barulho na sala, o que irritou a professora, que ficou ainda mais irritada quando mandou Ângela sentar-se em seu lugar, e a aluna se recusou. Contudo, enquanto a professora efetuava as subtrações, muitos alunos participaram ativamente tentando responder, inclusive Ângela. Assim que a atividade terminou, sete alunos se levantaram. (02/10/14)

#### e) Elaboração de tabela de temperaturas

Os alunos pintaram uma tabela composta pelos dias da semana e três quadrados para cada dia, representado manhã, tarde e noite, utilizando diferentes cores que indicavam se, na semana que havia passado, cada um destes períodos estava mais quente,

ameno ou frio. Após isto, responderam perguntas sobre a tabela como "como estava a temperatura na terça-feira de manhã?" e "em quantos períodos o clima estava ameno?". Segue a análise:

ATIVIDADE: variação de temperatura ao longo do dia. TIPO: atividade didáticopedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora pediu para as crianças abrirem seus livros EMAI; 2- a professora explicou a tarefa: havia uma tabela com os nomes dos dias da semana e na frente destes três pequenos quadradinhos que representam a manhã, tarde e noite. Os alunos deveriam pintar cada um destes quadradinhos conforme a temperatura que houve nestes períodos da semana anterior, utilizando cores diferentes para indicar se estava mais frio ou mais quente. 3- a professora copiou a tabela na lousa. 4- a professora perguntou aos alunos a temperatura referente a cada período de cada dia. 5- as crianças responderam e pintaram; 6- as crianças responderam a perguntas como: "como estava a temperatura na manhã de terça-feira?", "em quantas tardes a temperatura ficou amena?". As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem os dias da semana e a organizar uma tabela. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h20 às 16h50. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, livro EMAI, lápis grafite e lápis de cor. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: durante a realização da pintura dos quadradinhos a maior parte da sala pareceu estar interessada no exercício, prestando atenção e pintando os quadradinhos. Em certos momentos a professora chamou a atenção de alunos que estavam dispersos, mas com tranquilidade. Na fase em que a professora se sentou e os alunos apenas copiavam as respostas, alguns começaram a se levantar e a andar. (04/09/14)

### Categoria 5: Calendário e numerais ordinais

Esta categoria conta com seis tipos de atividades, que foram observados 19 vezes. O critério de agrupamento utilizado foi o de que estas atividades, de certa forma, trabalham com o ordenamento dos números aplicados a contextos do cotidiano.

*Quadro 15*. Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 5 (Calendário e numerais ordinais) da Classe de Categoria B (Matemática) distribuídas nos quatro semestres.

1º Bimestre	2º Bimestre	3° Bimestre	4º Bimestre	Total
0	1	8	5	14
1	0	0	0	1
		_		
0	0	1	0	1
0	0	0		
0	0	0	1	l
0	0	1	0	1
U	U	1	U	1
0	0	1	0	1
U	O	1	U	1
	0	0 1 1 0 0 0 0 0 0 0	0       1       8         1       0       0         0       0       1         0       0       0         0       0       1         0       0       1	0       1       8       5         1       0       0       0         0       0       1       0         0       0       0       1         0       0       1       0         0       0       1       0

#### a) Completar o calendário

O objetivo dos alunos era completar todos os dias o calendário com a data e o tempo do dia (sol, chuva ou nublado). Durante certo tempo, a professora entregou o calendário de cada aluno para que fosse feito o preenchimento, mas, então, colou um calendário no caderno das crianças, o que acabou com a entrega diária deste material. A atividade era realizada rapidamente e boa parte dos alunos, na maioria das vezes, esquecia de desenhar o sol ou a nuvem de chuva, o que deixava a professora levemente irritada. Em geral, a adesão a esta atividade foi grande. Segue um exemplo de análise:

ATIVIDADE: completar o calendário TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATO que a compuseram foram: 1- a professora distribuiu os calendários chamando os alunos pelo nome; 2- os alunos inseriram a data e desenho do tempo do dia no calendário; 3- a professora passou conferindo quem fez; 4- a professora pediu para Luísa recolher os calendários. As METAS desta atividade foram que os que os alunos aprendessem a ver a data, os numerais e a observar o clima. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 14h23 às 14h30. Os OBJETOS utilizados foram: calendário, lápis grafite e lápis de cor. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMEMTOS E AÇÕES foram os seguintes: a maioria dos alunos fez de imediato esta tarefa, apesar de alguns alunos terem esquecido de pintar ou desenhar o sol. Pouco antes de Luísa começar a recolher, oito alunos estavam em pé, e boa parte da sala conversava.

(17/07/14)

#### b) Enumerar e ordenar os meses do ano

Nesta atividade, os alunos respondiam perguntas como "qual é o número utilizado para o mês de agosto?", "qual mês vem antes de novembro?". Segue a análise:

ATIVIDADE: enumerar e ordenar os meses. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora escreveu perguntas na lousa sobre a ordem dos meses do ano; 2- a professora leu as perguntas aos alunos; 3os alunos copiaram a lousa e responderam. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem os meses, os seus números correspondentes e a sua ordem. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h00 às 17h10. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR onde a tarefa ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a lição foi dada. A gritaria estava alta e alguns alunos se batiam e outros brincavam com carrinhos. Era perceptível que as crianças não sabiam ler e não tinham a mínima ideia do que se trata na tarefa, tanto as indisciplinadas quanto as que faziam o que foi pedido. Quando a professora fez as perguntas, as crianças pareceram tentar responder tudo intuitivamente, no "chute", não conseguindo o resultado esperado. A professora não os abandonou e tentou auxiliá-los, mas a tarefa estava além do nível das crianças. Um dos "alunos problema" foi e mostrou seu caderno, quando foi possível ver que ele copiou todas as lições e após isto saiu bagunçando. Outros perguntaram sobre a idade e o endereço do pesquisador. (28/03/14)

### c) Calcular dias do mês

A partir de informações dadas no enunciado da tarefa, os alunos tiveram que calcular quais seriam os números dos dias de determinadas datas do mês. Segue a análise:

ATIVIDADE: calcular dias do mês. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram:1- a professora leu o primeiro enunciado: "sextafeira foi dia 13. Que dia será no domingo?"; 2- os alunos responderam; 3- a professora leu o segundo enunciado: "uma menina fará aniversário uma semana depois do dia 15. Quando será seu aniversário?"; 3- os alunos responderam. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a calcular os dias do mês. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 15h55 às 16h05. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: Alguns alunos já haviam feito estes exercícios em casa. Quando perguntados, os alunos que responderam mais energicamente foram os que tendem a bagunçar mais, como Carlos, que acertou as duas respostas. (10/09/14)

## d) Explicação sobre o calendário

A professora explicou como o calendário funciona. Para isto, desenhou na lousa uma barra, dividiu-a em sete partes, nas quais foram inseridas as iniciais dos dias da semana, e escreveu o nome do mês acima desta. Segue a análise:

ATIVIDADE: explicação sobre o calendário. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora desenhou uma barra na lousa e a dividiu em sete, colocando a inicial do nome de cada dia da semana dentro de cada espaço; 2- a professora colocou o nome do mês de novembro em cima da barra; 3- a professora explicou o que significava cada letra e o mês; a professora preencheu com os alunos o calendário que acabara de colar no caderno deles. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a observar um calendário e a preenche-lo com os números. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 14h55 às 15h15. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, calendários e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: boa parte da sala fez a tarefa com a professora e alguns alunos andaram durante este período. A professora se irritou bastante com alguns incidentes, como a necessidade de Mário de trocar o calendário por ter rasgado o seu, por Lucas haver derrubado água e por alguns alunos colocarem as letras fora do espaço especificado em seus calendários. (08/11/14)

## e) Cópia do cardápio da semana

Nesta atividade, os alunos tiveram que copiar o cardápio servido no refeitório, dando ênfase na ordenação dos dias da semana. Segue a análise:

ATIVIDADE: cópia do cardápio da semana. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora fez a entrega dos livros EMAI um a um em sua mesa; 2- a professora explicou a tarefa a ser feita, que consistiu em dizer os dias da semana e o prato servido no refeitório em cada dia; 3- a professora e alunos tentaram relembrar o cardápio da semana servido no refeitório; 4a professora e os alunos não se lembraram, e professora pediu para Luísa buscar uma cópia do cardápio no refeitório; 5- a professora copiou o cardápio na lousa; 6- os alunos copiaram o cardápio no caderno. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem os dias da semana e os numerais ordinais. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h07 às 16h50. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI, lousa, giz, lápis grafite e cardápio do refeitório. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: toda a sala permaneceu sentada, menos Caio, Ricardo, Otávio, Lucas, Mário e André, que jogavam com uma borracha, o que deixou a professora irritada, que colocou Carlos de castigo. Somente eles perturbavam a sala. Dos outros alunos, alguns tentaram relembrar o que foi servido e outros apenas ficaram sentados em suas carteiras sem fazer nada. (24/07/07)

## f) Encontrar objetos com coordenadas matemáticas

Nesta atividade, os alunos tiveram que ajudar um personagem fictício a encontrar um objeto na sala de aula, dando informações como "o objeto está na segunda carteira da primeira fileira". Conforme o item do exercício, o objeto mudava de posição. Após isto, Ângela fez a encenação do personagem. Segue a análise:

ATIVIDADE: encontrar objetos com coordenadas matemáticas. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora fez a distribuição dos livros EMAI chamando um a um os alunos até a sua mesa; 2- a professora explicou a tarefa; 3- os alunos indicaram as coordenadas para que um

objeto fosse encontrado, dizendo algo como "o aluno deve ir até a terceira carteira da segunda fileira"; 4- o exercício repetiu-se; 5- Ângela atuou na sala como agia o menino no exercício, para que fosse feita uma contagem de passos do menino do exercício até o objeto. As METAS da atividade foram que os alunos aprendessem os numerais ordinais e a contar. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h00 às 16h20. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a tarefa ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: durante a realização da tarefa, todos os alunos permaneceram sentados. Gabriel, Ângela, Reinaldo e outros participaram ativamente. André, Carlos e Caio conversaram e a professora foi até a mesa de André chamar sua atenção. Em certos momentos a professora ficou irritada, como quando Lorena foi até sua mesa perguntar o que deveria ser feito, depois que toda a explicação havia sido dada. (23/07/14)

# Categoria 6: Comparações de grandezas numéricas e mensurações

Esta categoria conta com 3 tipos de atividades, que foram observados 10 vezes. Foram aqui inseridas todas as atividades em que os alunos tiveram que comparar grandezas numéricas ou mensurá-las.

Quadro 16. Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 6 (Comparações de grandezas numéricas e mensurações) da Classe de Categoria B (Matemática) distribuídas nos quatro semestres.

Título da	1° Bimestre	2° Bimestre	3° Bimestre	4º Bimestre	Total
atividade					
<ul> <li>a) Comparação</li> </ul>	0	0	5	0	5
de tamanho e quantidades					
b) Estimação de volume	0	0	0	2	2
c) Medida de distância	0	0	1	2	3

#### a) Comparação de tamanho e quantidades

Nesta atividade, foi pedido aos alunos que comparassem grandezas numéricas, seja por numerais somente ou por quantidades de objetos, de acordo com a ocasião em que a atividade foi proposta. Segue exemplo de análise:

ATIVIDADE: comparação de características de animais. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora explicou a tarefa; 2- os alunos compararam figuras de animais, respondendo perguntas do tipo "quem pesa mais?", "quem é mais rápido?"; 3- a professora respondeu com os alunos. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a comparar objetos segundo grandezas matemáticas. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 15h55 às 16h30. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E

AÇÕES foram os seguintes: boa parte da sala pareceu bastante empenhada em fazer o exercício, a maioria copiando somente. Houve atos de indisciplina, mas eles foram isolados e por vezes até os alunos mais indisciplinados participam da tarefa. (28/08/14)

## b) Estimação de volume

Nesta atividade, foi pedido aos alunos que observassem desenhos de recipientes e indicassem seus volumes, seja dando uma indicação numérica dos volumes, ou apenas indicando quais destes tinham a maior capacidade. Segue exemplo de análise:

ATIVIDADE: estimativa do volume de recipientes em função de suas dimensões. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: I- a professora pediu para os alunos pegarem seus livros EMAI e indicou a página da tarefa ser feita 2- os alunos pegaram seus livros e abriram na página determinada 3- a professora leu o enunciado do exercício: os alunos deveriam observar dois copos de água desenhados e dizer em qual deles cabia mais água. Um é fino e comprido e o outro é curto e largo; 4- A professora disse que é no maior, porque ele era mais alto; 5- os alunos deveriam observar duas jarras do mesmo tamanho: uma mais larga e a outra mais fina. 6- a professora respondeu ser a mais larga desta vez, pois as duas tinham a mesma altura; 7- agora os alunos deveriam responder se o recipiente mais alto sempre comporta mais água; 8- a professora disse que não, porque o volume depende também da largura. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a estimar o volume de recipientes com base na percepção de suas dimensões. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: da abertura dos livros até o início efetivo da tarefa foram cinco minutos. Neste pequeno intervalo, Ángela começou a juntar as mesas das crianças, o que irritou a professora. Durante a realização da tarefa, a turma se acalmou, mas participou timidamente, pois alguns apresentavam certa dificuldade para entender o que acontecia ou esperavam as respostas da professora, que as dava rapidamente. Após o término da atividade recomeçou um certo burburinho, Ricardo e Isabela foram mostrar seus livros para a professora, e Ângela começou a mudar alguns alunos de lugar. (02/10/14)

#### c) Medida de distância

Nesta atividade, foi pedido aos alunos que medissem o tamanho de objetos ou distâncias entre diferentes pontos da escola, utilizando diferentes unidades de medida, como pés, passos ou palmos, de acordo com a ocasião em que a atividade foi proposta. Segue exemplo de análise:

ATIVIDADE: medida de comprimento com palmos e fita métrica. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram:1- a professora pediu para os alunos pegarem os livros EMAI, e a professora auxiliar escreveu o exercício na lousa: foi pedido para que os alunos estimassem a medida de objetos encontrados na sala de aula em palmos e, após a estimativa, fizessem a medição com a mesma escala; 2- a professora pediu para um aluno fazer a medição da lousa e sala contou cada palmo com ele; 3- a professora auxiliar interviu e disse que em primeiro lugar deveria ser feita uma estimativa e depois a medição, com isso ela assumiu a sala e

a professora permaneceu em pé ao seu lado em silêncio; 4- a professora auxiliar pediu para os alunos fazerem a estimativa do tamanho das carteiras; 5- os alunos fizeram as estimativas; 6- a professora auxiliar disse aos alunos para medirem as suas carteiras; 7os alunos mediram; 8- a professora auxiliar explicou a diferença entre medida e estimativa; 9- em nova parte do exercício, dois alunos mediram a sala com uma fita métrica;10- a professora auxiliar explicou a diferença das notações em metro e em centímetro; 11- a professora passou a resposta na lousa; 12- a professora auxiliar saiu com dois alunos para medir com a fita métrica a distância da sala até o refeitório; 13a resposta foi escrita na lousa e a professora auxiliar foi embora. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a fazer estimativas e medições com medidas em palmos e em metros. Os ATORES foram a professora, os alunos e a professora auxiliar. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h05 às 16h50. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, livro EMAI, lápis grafite, palmos e fita métrica. Os LUGARES onde a atividade ocorreu foram a sala de aula e o corredor que liga o refeitório à sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a professora efetiva da sala permaneceu em silêncio e apenas observando a professora auxiliar passar a tarefa durante a maior parte do tempo. A professora auxiliar foi rígida com os alunos e exigiu disciplina, mas também cumpriu bem sua função pedagógica, ensinando aos alunos os conteúdos que o exercício pedia, como a explicação da diferença em estimar e medir, a explicação de que devido ao fato de as mãos dos alunos serem de tamanhos diferentes, os palmos também seriam, e a explicação da diferença entre as notações em metro e em centímetros. Além disso, ela não simplesmente passou a resposta, mas fez com que os alunos raciocinassem e participassem. Ao longo do exercício, a professora auxiliar, enquanto caminhava entre as carteiras, deu "indiretas" para a professora, dizendo frases como: "alguém precisa por limite nessa sala". Os alunos, por sua vez, enquanto a professora auxiliar liderava a tarefa, ficaram sentados em seus lugares e a maior parte da sala participou. Esta situação permaneceu assim até que a professora auxiliar saiu da sala para fazer a medida até o refeitório; neste momento Ângela se levantou e começou a dar ordens. Terminada a tarefa, muitos alunos foram abraçar a professora auxiliar para se despedirem. (18/11/14).

#### Categoria 7: Identificação de formas geométricas e numerais

Esta categoria conta com 3 tipos de atividades, que foram observados cinco vezes, todas no quarto bimestre. O critério de agrupamento foi o de que os alunos tiveram que realizar identificações, seja de formas ou de números.

*Quadro 17*. Frequência observada das Atividades incluídas na Categoria 7 (Identificação de formas geométricas e numerais) da Classe de Categoria B (Matemática) distribuídas nos quatro semestres.

Título da atividade	1º Bimestre	2º Bimestre	3ª Bimestre	4º Bimestre	Total
a) Identificação de	0	0	0	3	3
forma geométrica					
b) Recortar e formar	0	0	0	1	1
figuras					
c) Pintura de	0	0	0	1	1
números ditados					
pela professora					

## a) Identificação de forma geométrica

Nesta atividade, foi pedido aos alunos que identificassem formas geométricas, uma forma diferente para cada ocasião em que a atividade foi proposta. Segue exemplo de análise:

ATIVIDADE: identificação de forma de caixa de sapato; TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram:1- a professora leu o enunciado do exercido, que pedia aos alunos que identificassem qual era a figura geométrica correspondente à forma de uma caixa de sapato; 2- os alunos responderam. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a identificar formas geométricas em objetos do cotidiano. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 14h26 às 14h27. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a atividade aconteceu rapidamente, com a professora fazendo-a em pé frente aos alunos, que não tiveram dificuldade em identificar a forma. (09/10/14)

## b) Recortar e formar figuras

Os alunos recortaram e formaram figuras com formas geométricas diversas como triângulos, quadrados, losangos, etc. Segue a análise:

ATIVIDADE: recortar e formar figuras. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora se levantou e mostrou no livro EMAI uma página que as crianças deveriam recortar as formas geométricas que estavam lá e formar figuras; 2- a professora mostrou exemplos e disse que as crianças poderiam inventar; 3- as crianças realizaram a tarefa; 4- a professora volta a mostrar exemplos. A META desta atividade foi que os alunos conhecessem as formas geométricas e formassem figuras com elas. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h25 às 17h00. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI, tesoura, cola e papel para colagem. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: de início a sala pareceu bastante animada com a tarefa; por exemplo, Helena que não queria escrever a tarefa anterior passou a fazer o recorte das figuras. Contudo, o tempo passou, e a maior parte da turma apenas recortou as figuras, e boa dos alunos começou a correr e a andar pela sala. Durante este período, a professora ajudou as crianças a recortarem. Mais ao final, percebendo que as crianças apenas recortaram e começaram a andar, a professora mostrou novamente os exemplos e boa parte da sala voltou ao trabalho. (17/11/14)

### c) Pintura de números ditados pela professora

Os alunos pintaram em uma tabela os números ditados pela professora. Os números eram crescentes e aleatórios, e houve um padrão de pintura em que era pintado um número sim e outro não. Para casa, os alunos responderam questões como, quais eram os números menores que 20 e os maiores que 30. Segue a análise:

ATIVIDADE: pintura de números ditados pela professora. TIPO: atividade didático-pedagógica (matemática). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora leu o

enunciado: as crianças deveriam ouvir números ditados pela professora e pintarem seus correspondentes em uma tabela no livro EMAI. Os números eram crescentes, porém aleatórios. As casinhas dos números eram pintadas uma sim, outra não; 2- a professora ditou os números e as crianças pintaram; 3- a professora escreveu os números na lousa para os alunos que se perderam; 4- perguntas sobre a tabela foram dadas para casa, como quais eram os números menores que 20 e os maiores que 30. As METAS desta atividade foram que os alunos ouvissem e reconhecessem números e distinguissem os maiores e menores, dados certos referenciais. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h30 às 16h50. Os OBJETOS utilizados foram: o livro EMAI, lápis de cor, lousa e giz. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: praticamente toda a sala participou da tarefa e durante sua realização ficou tranquila, quadro que mudou com seu término. (02/10/14)

### Classe de Categoria C: Outras atividades

Esta classe conta com três categorias, que contêm juntas sete tipos de atividades, que foram observados 60 vezes. Nela foram inseridas as atividades didático-pedagógicas que não foram incluídas nas outras classes deste tema, ou por não apresentarem um conteúdo específico de uma disciplina, ou por não terem sido cumpridas em sala de aula, ou por se tratarem de atividades passadas individualmente a alunos que não estavam com suas tarefas feitas dentro do cronograma seguido, seja por qual motivo for.

*Quadro 18.* Frequência observada das Atividades incluídas na Classe de Categoria C (Outras atividades) do Tema I (Atividades Didático-Pedagógicas) distribuídas nos quatro semestres.

Título da	1º Bimestre	2° Bimestre	3ª Bimestre	4º Bimestre	Total
atividade		Nata 1 - D	1		
		Categoria 1: Deser			
<ul><li>a) Ilustração da leitura inicial</li></ul>	0	8	12	12	32
b) Desenho com inspiração em leitura	0	0	1	0	1
c) Ilustração de parlenda	0	2	0	0	2
d) Pintura de coelho da Páscoa	0	1	0	0	1
		Categoria 2: Liç	ão de casa		
a) Lição de casa	0	8	8	10	26
-	Са	tegoria 3: Ativida	ides atrasadas		
a) Terminar atividades atrasadas do livro Ler e Escrever I	0	0	1	0	1
b) Terminar atividades atrasadas do livro EMAI	0	0	0	1	1

## Categoria 1: <u>Desenho e pintura</u>

Esta categoria conta com quatro tipos de atividades, observados 36 vezes. Foram inseridas aqui todas as atividades em que os alunos realizaram principalmente desenhos ou pinturas.

## a) Ilustração da leitura inicial

Foram feitos desenhos para a ilustração da história que a professora leu todos os dias no começo da aula. Mais ao começo do ano, a professora fazia um desenho na lousa, após o cabeçalho e resumo. Com o passar do tempo, a professora optou por deixar o livro aberto no porta giz da lousa; assim, toda criança podia ir até lá, olhar o livro e escolher alguma figura para copiar ou se inspirar. Segue um exemplo de análise:

ATIVIDADE: ilustração da leitura inicial TIPO: atividade didático-pedagógica (Outras atividades). Os ATOS que a compuseram foram: 1- A professora desenhou uma figura da história lida para ser copiada; 2- Os alunos copiaram a figura no caderno. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a desenhar. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h10 às 17h10. Os OBJETOS utilizados foram: caderno, lápis grafite, lápis de cor, giz e lousa. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a metade da sala mais próxima à professora, à direita, permaneceu disciplinada, sem demonstrar emoções, ao contrário da parte à esquerda, composta em sua maioria por meninos. Em geral, os alunos pareceram gostar de realizar tal atividade, contudo, como ela foi a última a ser feita, dentre as atividades de cópia da lousa, parte da sala não chegou a realizá-la porque não terminou de fazer as cópias anteriores. (04/04/14)

### b) Desenho com inspiração em leitura

Nesta atividade, foi pedido aos alunos que se lembrassem das tarefas anteriores sobre os índios e que prestassem atenção na leitura que seria feita sobre a vida deles, para que compusessem um desenho em uma folha sulfite e um outro no livro Ler e Escrever. Segue a análise:

ATIVIDADE: desenho com inspiração em leitura. TIPO: atividade didático-pedagógica (Outras atividades). Os ATOS que a compuseram foram 1- a professora pediu para as crianças pegarem seus livros Ler e Escrever; 2- a professora indicou a tarefa a ser feita; 3- a professora pediu para os alunos relembrarem as atividades sobre índios realizadas em aulas anteriores; 4- a professora leu um texto para os alunos tirarem ideias para elaborarem um desenho, junto com as lembranças das outras atividades; 5- a professora distribuiu uma folha sulfite para cada um; 6- a professora indicou que os alunos deveriam fazer o desenho também em uma página de livro; 7- a professora desenhou uma oca na lousa e deu dicas de desenho; 8- a professora disse que penduraria o desenho mais bonito; 9- a professora chamou um a um os alunos para entregarem o desenho; 10- a professora disse que os desenhos estavam bonitos. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem sobre os índios e que aprendessem a desenhar. OS ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das

16h00 às 16h55. Os OBJETOS utilizados foram: livro didático Ler e Escrever, lápis grafite, lápis de cor e folha sulfite. O LUGAR onde a tarefa foi realizada foi na sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: esta foi uma atividade bem longa com muitos atos diferentes envolvidos. Em geral, os alunos pareciam gostar da atividade, principalmente Reinaldo. Reinaldo, Mário e Gabriel relembraram muitas informações sobre os índios e seus barcos. Muitos alunos pareceram entretidos com o desenho e aparentemente gostaram de fazê-lo. Ângela aparentou ser curiosa quanto aos modos de vida dos índios e os achou engraçados, tal como a maior parte da sala, ao a professora dizer que os índios conversam com o sol e com a lua. Em muitos momentos os alunos se levantavam e conversam, mas pareciam entretidos com a tarefa. Um fato que deixou Reinaldo aparentemente preocupado: a professora disse que penduraria o desenho mais bonito, e ele quis saber que aconteceria se dois ficassem bonitos. A professora disse que escolheria um. Ângela foi a que pareceu menos participar do desenho, mas não das falas sobre o tema. Como forma de controle, em certo momento, a professora disse que abaixaria a nota do boletim. Ângela perguntou se era do "boletim de ocorrência". (14/08/14)

## c) Ilustração de parlenda

A professora pediu aos alunos que ilustrassem a parlenda lida previamente, após terem-na copiado. Segue exemplo de análise:

ATIVIDADE: ilustração de parlenda. TIPO: atividade didático-pedagógica (Outras atividades). Os ATOS que a compuseram foram:1- a professora leu a parlenda "as flores"; 2- a professora pediu para os alunos copiarem a parlenda; 2- a professora pediu para os alunos desenharem uma flor ao lado da parlenda. A META desta atividade foi que os alunos aprendessem a ilustrar um poema. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h40 às 15h20. Os OBJETOS utilizados foram: livro Ler e Escrever de textos, caderno, lápis grafite e lápis de cor. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: toda a turma permaneceu bem tranquila durante a maior parte do tempo, com boa parte cumprindo a tarefa. Mais ao final, quando a tarefa já estava terminada, alguns alunos começaram a se levantar e a andar. Durante a cópia do poema, alguns alunos falavam a linha em que estavam, como forma de competição para ver quem terminaria primeiro. (24/11/14)

#### d) Pintura de coelho da Páscoa

Foi dado aos alunos uma imagem de um coelho da Páscoa para pintura. Segue análise:

ATIVIDADE: pintura de coelho da Páscoa. TIPO: atividade didático-pedagógica (Outras atividades). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora distribuiu folhas com um coelho da Páscoa desenhado; 2- os alunos pintaram o coelho. As METAS desta atividade foram que os alunos aprendessem a pintar. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h40 às 14h40. Os OBJETOS utilizados foram: desenho do coelho da Páscoa e lápis de cor. O LUGAR onde a tarefa ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: depois de feita a leitura, muitos alunos não fizeram as atividades de cópias propostas. E o resumo ditado pelos alunos foi feito rapidamente. Porém aconteceu algo interessante, a aluna Ângela

organizou um grupo de leitura no "cantinho de leitura da sala", ela era uma espécie de professora que obrigava os alunos a ficarem quietos e lerem (mesmo ninguém sabendo) a professora viu aquilo e pediu para que o grupo fosse desfeito e retornassem a seus devidos lugares para a realização da tarefa. A aluna encarou a professora e a chamou de "velha coroca". E também, muitos alunos andavam com gibis que pegavam durante a aula. O número de alunos envolvidos nisto tudo devia chegar a 10. Enquanto isto, os outros faziam a tarefa, que consistia em pintar um coelho para a Páscoa. Vale destacar que, dos alunos que parecem carentes, Helena vinha insistentemente à mesa do pesquisador dizer que não gostava da aula e que queria ser modelo, e Lucas pedia para que corrigisse alguns erros seus de ortografia, o que ele sabia fazer por si mesmo. O pesquisador não os corrigia, apenas destacava. (17/04/14)

## Categoria 2: Lição de casa

Esta categoria conta com um tipo de atividade, observada 26 vezes. Nela foram inseridas todas as atividades em que foi indicada a lição de casa.

## a) Lição de casa

Como lição de casa, no começo do ano, foram dadas atividades de escrever muitas vezes um mesmo número ou fazer pequenas listas temáticas de palavras, por exemplo, referentes a objetos que poderiam ser encontrados em um clube. Mais ao final do ano, com a necessidade de terminar o livro EMAI, a professora passou a indicar quase que exclusivamente lições deste livro. Segue exemplo de análise:

ATIVIDADE: lição de casa TIPO: atividade didático-pedagógica (Outras atividades). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora passou adições na lousa; 2- os alunos fizeram a cópia das adições; 3- a professora fez a explicação de como se realizam as adições. A META desta atividade foi indicar a lição de casa. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 17h00 às 17h10. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, caderno e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES após do retorno do recreio, depois de um longo período sem tarefas e com muitos conflitos entre os alunos, a professora escreveu adições na lousa. Muitas crianças tiveram grande dificuldade em copiá-las tal como foram escritas. (17/04/14)

## Categoria 3: <u>Atividades Atrasadas</u>

Esta categoria conta com dois tipos de atividades, observados duas vezes. Foram aqui inseridas todas as atividades em que os alunos tiveram que colocar em dia as suas atividades que estavam atrasadas em relação ao cronograma da professora.

### Atividade a) Terminar atividades atrasadas do livro Ler e Escrever I

Nesta atividade os alunos terminaram as tarefas que ainda não havia realizado no livro Ler e Escrever. A professora conferiu os livros dos alunos, apontou as tarefas que ainda não estavam feitas e formou duplas para que os alunos que já haviam feito as

atividades ajudassem os que ainda não haviam. Segue a análise

ATIVIDADE: terminar atividades atrasadas do livro Ler e Escrever. TIPO: atividade didático-pedagógica (Outras atividades). Os ATOS que a compuseram foram:1- a professora chamou um a um os alunos até sua mesa e pontuou as atividades do livro que ainda precisavam ser feitas; caso o aluno não soubesse como fazê-las, deveria copiar de outro colega, sentando em duplas. A META desta atividade foi que os alunos terminassem o livro Ler e Escrever I. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h40 às 15h20. Os OBJETOS utilizados foram: livros Ler e Escrever e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a sala permaneceu calma durante a maior parte da realização da tarefa. Em geral, foram formadas muitas duplas. Ao se aproximar a aula de artes, os alunos começaram a se levantar e a conversar mais, o que levou a professora a esboçar certa irritação. Sete alunos não foram para artes para terminar a tarefa. (11/09/14)

## Atividade b) Terminar atividades atrasadas do livro EMAI

Alguns alunos não participaram da aula de educação física e permaneceram em sala de aula para terminar as atividades atrasadas do livro EMAI. Segue a análise:

ATIVIDADE: Terminar atividades atrasadas do livro EMAI. TIPO: atividade didático-pedagógica (Outras atividades). Os ATOS que a compuseram foram: I- a professora auxiliar ajudou os alunos a terminarem as atividades ainda por fazer do livro EMAI. A META desta atividade foi que os alunos terminassem seus livros EMAI. Os ATORES foram a professora auxiliar e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi o primeiro período do dia. Os OBJETOS utilizados foram: livro EMAI e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: esta atividade ocorreu com poucos alunos que não foram para a aula de educação física, para ficarem na sala de aula terminando suas tarefas atrasadas. Tanto os alunos quanto a professora pareciam tranquilos. (18/11/14)

## 4.2.2 Tema II: Disciplina e Controle

Dentro do tema das atividades de Disciplina e Controle foram inseridas todas as atividades cujas metas estavam voltadas principalmente para a avaliação e controle disciplinar dos alunos.

O tema foi dividido em duas classes de categorias, sendo elas: "Avaliação e Frequência" e "Disciplina". As classes foram divididas em cinco categorias, nas quais foram incluídos 16 tipos diferentes de atividades. Alguns tipos de atividades puderam ter sua frequência de observação contabilizadas, cujo total de observações é de 81. Já outras ocorreram durante todo o ano diversas vezes ao dia, como algumas atividades de controle de comportamento.

Quadro 19. Classes de categoria e categorias analisadas no Tema II.

Classe de Categoria A: Avaliação e Frequência

Categoria 1: Avaliações

Categoria 2: Controle de frequência

Classe de Categoria B: Disciplina

Categoria 1: Controle de produção

Categoria 2: Estratégias de controle de comportamento

Categoria 3: Atualização de dados dos alunos

# Classe de Categoria A: Avaliação e Frequência

Esta classe conta com duas categorias, que contêm juntas quatro tipos de atividades, que foram observados 49 vezes. Nela foram inseridas as atividades ligadas à avaliação dos alunos quanto à sua performance durante o curso, que são as notas obtidas em provas e a taxa de frequência.

Quadro 20. Frequência observada das Atividades incluídas na Classe de Categoria A (Avaliação e Frequência) do Tema II (Disciplina e Controle) distribuídas nos quatro semestres.

Título da atividade	1º Bimestre	2º Bimestre	3º Bimestre	4º Bimestre	Total
atividade		Categoria 1:	Avaliações		
-) D	1	1	1 Ivanações	<u> </u>	7
a) Prova	1	1	U	3	/
b)	1	0	1	1	3
Sondagem					
	Cat	egoria 2: Contr	ole de frequênc	cia	
a) Chamada	0	0	14	11	25
b) Gráfico	0	0	11	13	24
de					
frequência					

# Categoria 1: Avaliações

Esta categoria conta com dois tipos de atividades, que foram observados 10 vezes. Nela foram inseridas as atividades nas quais o aprendizado dos alunos foi avaliado, valendo ou não como critério de base para a média dos alunos.

## a) Prova

Esta atividade foi observada sete vezes, nas datas de: 28/03, 04/04, 04/11, 05/11, 08/11, 17/11, 25/11, uma no primeiro bimestre, uma no segundo e cinco no quarto.

Antes de dar início à descrição das provas, é importante salientar que, segundo a professora, o modo de aplicação individual da prova, em alguns casos, foi utilizado somente devido a sua dificuldade de controlar a sala toda de uma vez. Como consequência disto, a professora precisou aplicar a mesma prova em mais de um dia. Tal observação é válida também para as atividades de sondagem.

Na data de 28/03, no segundo dia de visitas do pesquisador, a professora realizou uma prova na qual os alunos deveriam copiar em uma folha sulfite frases escritas na lousa, conforme analisado no parágrafo abaixo:

ATIVIDADE: prova. TIPO: disciplina e controle (avaliação e frequência). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora escreveu frases na lousa para serem copiadas; 2- a professora distribuiu folhas sulfite; 3- os alunos fizeram a cópia das frases; 4- a professora recolheu as folhas. A META desta atividade foram verificar o aprendizado dos alunos. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h20 às 15h20. Os OBJETOS utilizados foram: folha sulfite, lousa, giz e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: alguns alunos apresentaram forte resistência em fazer a prova e realizaram muitas atividades paralelas, como fazer desenhos para pesquisador. Contudo, vale ressaltar que esta foi a sua segunda visita e os alunos estavam se adaptando sua presença e lhe dando as boas vindas por meio destes presentes. Tal fato pode ter contribuído para o desvio de atenção da prova. (28/03/14)

Na prova de 04/04, os alunos tiveram que ligar figuras às suas palavras correspondentes, completar palavras com vogais faltantes e completar um quadro numérico, como é visto na análise a seguir:

ATIVIDADE: prova. TIPO: disciplina e controle (avaliação e frequência). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora entregou mesa a mesa a primeira folha da atividade, que consistia em ligar figuras a palavras; 2- os alunos realizaram a atividade; 3- a professora entregou a folha com a nova atividade em sua mesa, a tarefa consistiu em completar palavras com vogais faltantes; 4- os alunos realizaram a atividade; 5- a professora fez a entrega, em sua mesa, da folha com a nova atividade, que consistiu em completar um quadro numérico; 6- os alunos realizaram a atividade. A META desta atividade foi verificar o aprendizado dos alunos. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h05 às 15h20. Os OBJETOS utilizados foram: folhas sulfite com as atividades e lápis grafite. O LUGAR em que a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: em geral, os alunos fizeram suas atividades disciplinadamente, vindo até mesa do pesquisador, contudo, para obter respostas. Lucas apresentou grande resistência à prova, ele esbravejou e chorou dizendo que não sabia responder, o que não parecia ser verdade. Como forma de resistência, Lucas chegou a rasgar suas folhas. (04/04/14)

Na data de 04/11, a professora realizou uma prova em três fases: na primeira fase, chamou alguns alunos um a um até a sua mesa para efetuarem operações aritméticas simples de adição e subtração, que deveriam ser montadas e efetuadas pelos alunos, após a leitura de problemas pela professora, e que também deveriam decidir qual operação utilizariam; na segunda fase, a professora distribuiu folhas sulfite aos alunos, pediu a eles que escrevessem seus nomes e data na folha e realizou um ditado de números; e na terceira fase, a professora, sentada em sua mesa, mostrou números escritos em folhas sulfite para os alunos, que deveriam reconhecer suas funções, dadas as suas formas. Por exemplo, os alunos deveriam dizer se o número 7975-1390 é um telefone, placa de carro ou preço de produto. Conforme a professora dizia as alternativas, os alunos diziam sim ou não.

Na primeira fase, em que alguns alunos puderam ser melhor observados, pode-se dizer que Helena foi bastante mal, pois não conseguiu fazer ao menos os sinais de mais, para a conta 2+5, mesmo a professora falando que se tratava de uma "cruzinha", e de menos na folha. A garota apresentou dificuldades mesmo com a professora utilizando alguns lápis para exemplificar a conta. Fabiane apresentou dificuldades para armar as contas, mas conseguiu realizar as operações. Ângela não teve problemas. Lúcia acertou as contas utilizando objetos. Caio sabia somente utilizar os sinais de mais ou de menos. E por fim, Alice, Tatiane e Ricardo foram muito bem. Como nem todos os alunos foram chamados neste dia, no dia 05/11, a professora repetiu o procedimento. Lorena não sabia quais eram os sinais de mais ou de menos.

As segunda e terceiras fases estão analisadas com mais detalhes respectivamente nos dois parágrafos abaixo:

ATIVIDADE: ditado numérico. TIPO disciplina e controle (avaliação e frequência). Os ATOS que a compuseram foram:1- a professora distribuiu uma folha sulfite; 2- a professora pediu para os alunos colocarem a data e nome na folha, e em seguida escreveu a data na lousa; 3- a professora deu as instruções dizendo que a atividade era um ditado de números, que os alunos deveriam escrever um número embaixo do outro, no canto da folha, que não deveriam fazer linhas na folha e que não deveriam utilizar a borracha caso errassem, mas que deveriam escrever o número novamente em baixo; 4- o ditado foi realizado A META desta atividade foi verificar se os alunos sabiam escrever os números. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 15h55 às 16h15. Os OBJETOS utilizados foram: lousa, giz, folha sulfite e lápis grafite. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: alguns alunos tiveram dificuldade em seguir as instruções dadas pela professora, o que a deixou bastante irritada. Por exemplo, Tadeu não fez os números no canto da folha e traçou linhas, e alguns alunos utilizaram a borracha. André não fez o ditado e disse que já havia terminado. Quando o ditado começou, boa parte da sala começou a fazer a tarefa também. Em números como "43", alguns alunos diziam em voz alta: "o 4 e o 3". Ao final, dez alunos pareciam fazer. Os números ditados foram: 0, 7, 15, 43, 80, 155, 754, 2014, 4044, 40514. (04/11/14)

ATIVIDADE: reconhecimento de números. TIPO: disciplina e controle (avaliação e frequência). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora se sentou, mostrou uma folha sulfite aos alunos que continha o número 24 e perguntou a eles se se tratava de uma quantidade de dinheiro, número de sapato ou telefone; 2- os alunos responderam dizendo sim ou não a cada uma das alternativas; 3- a professora mostrou 2,00 e perguntou se se tratava de tamanho de roupas, endereço ou dinheiro; 4- os alunos responderam; 5- a professora mostrou o número 3975-1390 e perguntou se se tratava de um telefone, placa de carro ou preço; 6- os alunos responderam; 7- a professora mostrou o número 08000 785 995 e perguntou se se tratava de uma placa de carro, número de telefone ou endereço; 8- os alunos responderam; 9- a professora mostrou o número 500 e perguntou se se tratava de um número de tamanho de sapato, casa ou número de roupa; 10- os alunos responderam; 11- a professora mostrou o número ½ e perguntou se se tratava de uma receita, telefone ou tamanho de sapato; os alunos responderam. A META desta atividade foi verificar se os alunos eram capazes de reconhecer os contextos em que determinados números podem ser observados, de acordo com a sua forma de escrita ou quantidade representada. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h15 às 16h20. Os OBJETOS utilizados foram folhas sulfite com numerais. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a maior parte da sala participou ativamente e dando respostas corretas, principalmente no início da atividade. Mais ao final, havia barulho e alguns alunos gritavam. O único número que a maioria dos alunos teve dificuldade de reconhecer e foi necessária uma explicação da professora foi o ½. (04/11/14)

Na data de 08/11, a professora também realizou uma prova chamando alguns alunos um a um para efetuarem uma conta de adição e uma de subtração, após a leitura de problemas feita pela professora. Em certos momentos, a professora ajudou os alunos a interpretarem os problemas e a fazerem as contas, praticamente dizendo as respostas. A observações foram feitas à distância e o que pôde ser visto dos alunos foi o seguinte: Luisa conseguiu ler os problemas e efetuar ambas as contas. Reinaldo, Sílvio e Mário obtiveram sucesso com ajuda da professora. Ricardo foi bem. Francisco não soube ler, escrever, somar, subtrair e aplicar as operações. Lucas não soube ler os enunciados e teve dificuldades em realizar a adição. Lorena não soube escrever os números pedidos, diferenciar ponto de traço, o sinal de mais e realizar 2+1, mesmo com o exemplo da professora feito com objetos. Tadeu teve desempenho parecido com o de Lorena.

Em 17/11, a professora realizou rapidamente uma chamada de números, chamando alguns alunos um a um até a sua mesa.

Em 25/11, a professora aplicou uma prova em que as crianças deveriam elaborar em uma folha sulfite uma lista de presentes que gostariam de ganhar no Natal. Bruna e Luisa conseguiram realizar bem a atividade, escrevendo uma lista bastante coerente. Além disto, o caso de Bruna foi bastante curioso, pois, primeiramente, ela fez uma carta ao Papai Noel bastante elaborada, mas que não pôde entregar, porque o que foi pedido era que somente uma lista fosse feita. No mais, apenas cinco alunos começaram a escrever

imediatamente após as instruções da professora. Alguns alunos escreveram com muitos erros de grafia, e outros entregaram a folha em branco. A prova foi realizada em 30 minutos e em alguns momentos houve bagunça e barulho, principalmente durante seu período final.

Os alunos com melhor desempenho nas provas tenderam a ser aqueles que faziam com mais facilidade as tarefas, como Tatiane, Bruna, Ricardo, Luisa, Lívia e outros. Já os que apresentaram grandes dificuldades com as tarefas obtiveram pouco ou nenhum sucesso, como Lorena, Caio, Francisco, Helena, etc. Ângela é um caso à parte, pois apesar dos problemas de comportamento e conflitos com a professora durante o ano, conseguiu realizar algumas das atividades propostas em prova, como no dia 4/11. O fator mais importante evidenciado pelas provas foi de que os alunos que já no começo do ano mostraram que possuíam os rudimentos da alfabetização conseguiram obter sucesso ao longo do ano letivo, contudo, aqueles que pouco ou nada sabiam evoluíram pouco ou se mantiveram estáveis.

## b) Sondagem

Esta atividade foi observada três vezes, nas datas de 10/04, 25/09 e 12/11, uma no primeiro bimestre, uma no terceiro e uma no quarto. A sondagem é uma atividade avaliativa que não visa aprovar ou reprovar os alunos, mas apenas acompanhar o aprendizado das turmas em geral, pois todos as séries da escola realizaram as mesmas tarefas como sondagem, segundo a professora. Esta atividade foi observada três vezes, nas datas de 10/04, 25/09 e 12/11, uma no primeiro bimestre, uma no terceiro e uma no quarto.

Na sondagem de 10/04, foi realizado um ditado de palavras, como exposto na análise a seguir.

ATIVIDADE: Sondagem. TIPO: disciplina e controle (avaliação e frequência). Os ATOS que a compuseram foram: 1- professora distribuiu folhas sulfite para os alunos, para os alunos escreverem um ditado; 2- a professora exemplificou como é o ditado; 3-professora ditou as palavras para turma, repetindo as que foram utilizadas na exemplificação, assim como uma frase também já dada; 4- os alunos escreveram as palavras uma a uma. A META desta atividade foi verificar o aprendizado dos alunos. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h05 às 14h40. Os OBJETOS utilizados foram: folha sulfite, lápis grafite, lousa e giz. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: A professora já parecia desanimada logo antes de começar a aula, devido ao comportamento dos alunos. A aula começou com a segunda sondagem para a Delegacia de Ensino. Os alunos deveriam escrever palavras e uma frase ditada pela professora em uma folha sulfite. As palavras eram: abobrinha, tomate, cebola e salsa; e a frase: "na horta da escola colhemos abobrinha e tomate". Ou algo assim. O mais curioso foi o fato

de a professora passar as palavras do ditado na lousa como "exemplos" de como funciona um ditado. Durante esta atividade, o pesquisador passou observando os cadernos e viu que somente uma aluna, Bruna, foi capaz de escrever todas as palavras corretamente, com o único erro de ter escrito "orta". (10/04/14)

Na sondagem de 25/09, também foi realizado um ditado de palavras, contudo, feito criança por criança, somente algumas, na mesa da professora. Dos alunos observados, Tatiane escreveu bem, mas cometeu alguns erros de grafia, como na palavra "jirassol". Francisco e Helena não souberam escrever palavra nenhuma e tiveram dificuldade para dizer as iniciais das palavras.

Na data de 12/11, mais uma sondagem foi feita criança por criança na mesa da professora. As crianças tiveram que escrever seus nomes completos, copiar "ditado de palavras" e escrever algumas palavras ditadas pela professora. Dos alunos observados, Fabiane teve que copiar seu nome da lousa e a professora escreveu para ela o nome da atividade. André não soube seu nome completo, teve dificuldade para copiar e não soube escrever nenhuma palavra. Helena soube escrever seu nome completo, porém com alguns erros, demorou para copiar e não soube escrever as palavras. Mário soube escrever seu nome completo, teve desenvoltura para copiar, mas não soube escrever as palavras. Por fim, Willian soube seu nome, fez a cópia, mas escreveu vogais aleatórias no momento de escrever as palavras. Todos os alunos que não souberam nenhuma palavra escreveram apenas as iniciais destas.

A sondagem evidenciou o mesmo fenômeno das provas. Os alunos que já tinham noções de alfabetização no começo do ano obtiveram sucesso ao longo do período, mas os que nada sabiam evoluíram pouco ou permaneceram no mesmo patamar.

Segue um quadro indicativo do nível de alfabetização dos alunos ao final do ano, conforme observado pelo pesquisador nas provas e sondagens. Entre os alunos que saíram antes do final do ano letivo, será mantida a indicação dos seus níveis no seu período de saída. Serão três níveis: "não alfabetizado" para os alunos que, por si mesmos, não conseguiam ler escrever nenhuma palavra; "quase alfabetizado" para os alunos que evoluíram um pouco e tinham apenas noções da correspondência entre fonemas e grafemas, ainda que estas noções ocoressem em diferentes níveis de compreensão, refletindo, em capacidades de leitura e escrita ainda a serem melhor desenvolvidas; e o nível "alfabetizado", para os alunos que já conseguiam escrever e ler palavras por si mesmos, ainda que com erros e dificuldade.

Quadro 21. Nível de alfabetização dos alunos ao final do ano, conforme observado pelo pesquisador.

Nome	Nível de alfabetização	Nome	Nível de alfabetização
Alice	Quase alfabetizado	Lucas	Quase alfabetizado
André	Não alfabetizado	Lúcia	Quase alfabetizado
Ângela	Quase alfabetizado	Luísa	Quase alfabetizado
Bruna	Alfabetizado	Mário	Quase alfabetizado
Caio	Não alfabetizado	Marta	Não alfabetizada
Carlos	Quase alfabetizado	Olavo	Quase alfabetizado
Fabiane	Não alfabetizado	Otávio	Não alfabetizado
Francisco	Não alfabetizado	Reinaldo	Quase alfabetizado
Gabriel	Quase alfabetizado	Ricardo	Quase alfabetizado
Giovanna	Quase alfabetizado	Sílvio	Quase alfabetizado
Helena	Não alfabetizado	Tadeu	Não alfabetizado
Lívia	Quase alfabetizado	Tatiane	Alfabetizado
Lorena	Não alfabetizado	Willian	Não alfabetizado

Como se pode observar no quadro acima, dos 24, apenas dois alunos (8,3%) puderam ser considerados **alfabetizados**, 14 (56%) quase alfabetizados e 10 (41,7%) *não alfabetizados*. Esses números indicam que quase metade dos alunos (41,7%) não haviam se beneficiado do ensino da professora, não demonstravam sequer rudimentos do processo de alfabetização. No outro extremo, menos de dez por cento tinham sido alfabetizados.

## Categoria 2: Controle de frequência

Esta categoria conta com dois tipos de atividades, que foram observados 39 vezes. Nela foram inseridas todas as atividades cujo objetivo foi controlar a frequência dos alunos.

#### a) Chamada

A chamada foi geralmente feita pela professora durante algum período em que os alunos faziam suas tarefas. Além disto, o pesquisador ouviu dela que, por vezes, esta atividade foi realizada em silêncio, sem chamar os alunos pelo nome. Segue um exemplo

de análise:

ATIVIDADE: chamada TIPO: disciplina e controle (avaliação e frequência). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora chamou os alunos um a um pelo nome; 2- a professora marcou a presença ou ausência dos alunos. A META desta atividade foi controlar a presença dos alunos. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h40 às 13h43. Os OBJETOS utilizados foram: diário de classe e caneta esferográfica. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a sala estava tranquila. Ângela passava um batom em Luísa, e Lucas e Otávio andavam. (14/08/14)

## b) Gráfico de frequência

Nesta atividade os alunos foram chamados até a mesa da professora, para pintarem um gráfico que continha o nome das crianças e uma coluna de quadradinhos para cada. Esta atividade, por vezes, foi realizada rapidamente, mas houve casos em que demorou bastante tempo, porque as crianças pintaram datas anteriores, que por algum motivo ainda não haviam sido preenchidas. Segue um exemplo de análise:

ATIVIDADE: gráfico de frequência. TIPO: disciplina e controle (avaliação e frequência).Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora foi até o armário e pegou um pedaço grande de cartolina preta, onde estava colada uma outra folha; 2- a professora se sentou e chamou cada um dos alunos, que deviam trazer consigo um lápis de cor; 3- os alunos chegaram na mesa, pintaram um quadrinho na fileira em que estava seu nome e saíram, para que outros alunos fossem chamados. A META desta atividade foi controlar a frequência dos alunos. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 13h50 às14h00. Os OBJETOS utilizados foram: gráfico de frequência e lápis de cor. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: durante esta atividade, cinco alunos continuaram copiando, e por volta de outros cinco começaram a se levantar por um momento. Alguns alunos foram apontar seus lápis, e Ângela começou a andar batendo os pés no chão. No final da atividade, todos os alunos estavam sentados, mas todos conversavam virando-se para trás ou para os lados. (18/07/14)

### Classe de Categoria B: Disciplina

Esta classe conta com três categorias, que contêm juntas 12 tipos de atividades, algumas ocorrendo com frequência restrita, outras, durante todo o ano. Nela foram inseridas as atividades cujas as metas foram principalmente controlar e avaliar o comportamento dos alunos e também a atualização de informações pessoais destes.

*Quadro 22*. Frequência observada das Atividades incluídas na Classe de Categoria B (Disciplina) do Tema II (Disciplina e Controle) distribuídas nos quatro semestres.

Título da atividade	1º Bimestre	2º Bimestre	3° Bimestre	4º Bimestre	Total		
Categoria 1: Controle de produção							
a) Verificação de cadernos e livros	1	1	12	5	19		
b) Conferir as tarefas mesa a mesa	0	0	1	5	6		
	Categoria 2: E	stratégias de cor	trole de compoi	tamento			
a) Brincadeira de criticar ou comentar mudanças necessárias nos colegas	0	0	1	0	1		
b) Cantar	0	2	0	0	2		
c) Rearranjo de sala		Т	odo o período				
d) Broncas e chamadas de atenção		Т	odo o período				
e) Ameaças de deixar sem recreio ou aulas de artes		Γ	Codo o período				
f) Testemunhos de atos de indisciplina dos colegas	0	0	2	0	2		
g) Conselhos e advertências	0	2	2	0	4		
h) Reter os alunos durante a aula de artes	0	0	4	2	6		
	Categoria	3: Atualização o	de dados dos alu	nos			
a) Atualização de dados por entrevista	0	0	1	0	1		
b) Atualização de dados por ficha	0	0	1	0	1		

# Categoria 1: Controle de produção

Esta categoria conta com dois tipos de atividades, que foram observados 25 vezes. Nela foram inseridas todas as atividades em que foi verificado se os alunos estavam ou não cumprindo suas tarefas.

### a) Verificação de cadernos e livros

Após o término de determinadas atividades, ou até mesmo durante sua realização, a professora chamou por ordem de fileira todos os alunos para verificar o andamento das tarefas. A professora também utilizou este período para fazer explicações mais pontuais aos alunos e ajudá-los nas tarefas. Após a verificação, a professora dava um visto ou, se a tarefa estivesse corretamente realizada, escrevia expressões como "parabéns!" ou "continue assim!". Um fato interessante que começou a ocorrer foi que alguns alunos começaram a pedir a caneta do pesquisador emprestada, para darem visto a si mesmos. Segue exemplo de análise:

ATIVIDADE: verificação dos cadernos. TIPO: disciplina e controle (disciplina). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora fez a verificação cadernos dos chamando os alunos um a um; 2- a professora fez a colagem da folha da primeira atividade 3- a professora reexplicou a lição na mesa. A META desta atividade verificar se os alunos fizeram a lição. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h03 às16h45. Os OBJETOS utilizados caderno, cola e caneta. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: enquanto a professora verificava cadernos, mais próximo ao começo da atividade, a professora demonstrou sinais de irritação com Ângela, que de certa forma a provocou, perguntando se haveria aulas no sábado e que ficou andando pela sala. Ela também se irritou com Willian, que conversava com Ângela e com Helena, que não fazia a tarefa. Mais próximo ao final da atividade, por volta de metade da sala estava em pé e ninguém fazia a tarefa, o que também deixou a professora bastante irritada. Carlos riu para a professora quando esta disse que chamaria sua mãe. Por um momento, Ângela começou a "policiar" a sala, dando broncas e fazendo com que os alunos ficassem quietos, sem que a professora pedisse isto a ela. André e Carlos chutaram um apontador por muito tempo. Não parece que a reexplicação da tarefa tenha surtido algum efeito para que os alunos a fizessem. (18/07/14)

#### b) Conferir as tarefas mesa a mesa

Com menos frequência do que a conferência de livros e cadernos na mesa da professora, ela também conferiu e deu visto nas tarefas andando pela sala. Em geral, a professora andou pouco pela sala. Certas vezes, dizia que tinha problemas no joelho e no tornozelo que atrapalhavam sua locomoção.

## Categoria 2: Estratégias de controle de comportamento

Esta categoria conta com oito tipos de atividades, alguns observadoss durante todo o ano e outras com frequência restrita. Foram inseridas todas as estratégias de controle de comportamento utilizadas pela professora.

#### a) Brincadeira de criticar ou comentar mudanças necessárias nos colegas

Esta atividade ocorreu no final do dia, quando todas as tarefas já haviam sido dadas e havia bastante bagunça na sala. A brincadeira consistiu em um aluno dizer para o outro o que ele teria de mudar para ser um aluno melhor. A professora escolheu os alunos que aconselharam e os que eram aconselhados dizendo, por exemplo: "Luísa, o que o Mário tem que mudar para ser um aluno melhor?". Segue a análise:

ATIVIDADE: brincadeira de apontar. TIPO: disciplina e controle (disciplina). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora fez com que os alunos se sentassem e ficassem quietos; 2- a professora explicou a atividade: um aluno deveria dizer ao outro o que ele deveria fazer para ser um bom aluno; 3- a professora escolheu um aluno para dizer o que deveria ser feito e um para ser comentado; 4- repetiu-se a atividade. A META desta atividade foi controlar os alunos após período de bagunça. Os ATORES foram a professora e os alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 17h15 às 17h25. Nenhum OBJETO foi utilizado. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: os alunos pareceram bastante constrangidos, principalmente Mário, a quem a professora escolhia mais para ser apontado, apesar de ter se comportado bem. (31/07/14)

#### b) Cantar

Ao final da aula, quando todas as tarefas já haviam sido dadas, a professora chamou alguns alunos até a frente da sala e fez com que a sala toda cantasse uma música que, pelo observado, era de conhecimento geral da turma. Segue um exemplo de análise:

ATIVIDADE: cantar TIPO: disciplina e controle (disciplina). Os ATOS que a compuseram foram: 1- A professora chamou Tadeu, Mário e Reinaldo até a frente da sala para cantarem uma música; 2- os outros alunos se sentaram e cantam por pouco tempo; 3- a bagunça e as agressões aconteceram novamente. A META desta atividade foi controlar a sala. Os ATORES foram a professora e alunos. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 17h00 às 17h20. Nenhum OBJETO foi utilizado. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a professora conseguiu controlar os alunos por apenas um curto período de tempo, e a música escolhida para cantarem não pareceu chamar a atenção deles. No período da bagunça, alguns alunos estavam bastante agressivos, outros apenas conversavam e alguns alunos perguntavam quanto tempo faltava para irem embora. A professora demonstrou bastante irritação com a situação. (05/06/14)

## c) Rearranjo de sala

Quando a sala estava muito bagunçada, um ou mais alunos poderiam ser rearranjados na sala de uma só vez pela professora. Tanto os alunos mais bagunceiros quantos os mais calmos, tudo dependendo da situação da sala. Tal estratégia não pareceu surtir grande efeito sobre o comportamento das crianças.

#### d) Broncas e chamadas de atenção

As broncas foram muito frequentes durante todo o ano e direcionadas especialmente a alguns alunos como Ângela, André, Carlos, Lucas, Lorena e outros. Muitas vezes as broncas atrapalharam o andamento de atividades, como a leitura, que a professora interrompia para chamar a atenção de alunos que não prestavam atenção ou bagunçavam. A professora também chamou injustamente a atenção de alunos que estavam mais quietos do que muitos que bagunçavam, especialmente de Mário.

#### e) Ameaçar deixar sem recreio ou aula de artes

Esta atividade foi observada durante todo o ano, mas poucas foram as vezes em que a ameaça se concretizou.

## f) Testemunho de atos de indisciplina de colegas

Após Ângela ter realizado atos com jogar água pela sala, passar o dedo com sangue no caderno de outros alunos e atrapalhar muito o andamento das atividades, a professora ficou extremamente irritada e quis registrar tais atos em seu diário de classe. Para isto, ela convocou alguns alunos, o pesquisador e a professora auxiliar para assinarem como testemunhas. Segue a análise:

ATIVIDADE: testemunho de indisciplina. TIPO: disciplina e controle (disciplina). Os ATOS que a compuseram foram: 1- a professora selecionou alguns alunos para assinar o diário de classe, confirmando que viram certos atos de indisciplina de Ângela; 2- os alunos foram até a mesa da professora; 3- os alunos selecionados assinaram o diário de classe; 4- a professora repetiu o procedimento com pesquisador e com a professora auxiliar. As METAS desta atividade foram obter o registro de assinaturas de alunos e de outras testemunhas que presenciaram a indisciplina de Ângela. Os ATORES foram a professora, alunos selecionados, o pesquisador e a professora auxiliar. O TEMPO DE DURAÇÃO foi das 16h15 às 16h20. Os OBJETOS utilizados foram: diário de classe e caneta esferográfica. O LUGAR onde a atividade ocorreu foi a sala de aula. Os SENTIMENTOS E AÇÕES foram os seguintes: a professora estava muito irritada com certos atos de Ângela em dias anteriores, por isso ela pediu para que alguns alunos assinassem em seu diário de classe como testemunha dos ocorridos. Ao assinarem, eles pareciam tranquilos. (27/07/14)

## g) Conselhos e advertências

A professora deu conselhos a todos os alunos visando a fazer com que estes pensassem sobre filmes, livros e conhecimentos em geral. Com exceção do ocorrido no dia 14/08, que se pareceu mais com uma bronca, pois a professora quis avisar para algumas crianças brincarem longe dos botijões de gás da escola.

### h) Reter os alunos durante a aula de artes

Em algumas ocasiões, a professora reteve em sala de aula os alunos que não terminaram suas tarefas, não permitindo que eles participassem da aula de artes.

# Categoria 3: Atualização de dados dos alunos

Esta categoria conta com dois tipos de atividades, que foram observados duas vezes. Foram inseridas aqui todas as atividades em que os dados cadastrais dos alunos foram atualizados.

#### a) Atualização de dados por entrevista

A professora, sentada em sua mesa, perguntou aos alunos, um a um e por ordem de fileira, se fizeram ou não creche, seus endereços e se recebiam ou não bolsa família.

## b) Atualização de dados por ficha

Foram entregues fichas de atualização de dados para os alunos levarem para casa, para que os pais ou responsáveis as preenchessem.

#### 4.2.3 Tema III: Outras Atividades

Este tema conta apenas com uma categoria: a "Atividades complementares gerais", que agrupa 19 tipos de atividades. Foram inseridas aqui todas as atividades que não tiveram um fim pedagógico, mas que foram importantes para o funcionamento das aulas. Também foram inseridas as atividades como apresentações de dança, filmes, etc.

Quadro 23. Frequência observada das Atividades incluídas no Tema III (Outras Atividades) distribuídas nos quatro semestres.

Título das atividades	1º Bimestre	2º Bimestre	3º Bimestre	4° Bimestre	Total
a) Preparação de atividade	0	1	0	0	1
b) Passar as notas	0	0	1	0	1
no diário de classe c) Coleta de dinheiro para as	0	0	3	3	6
festas da escola d) Organização de dinheiro	0	0	2	0	2
e) Entrega dos	0	2	8	3	13
cadernos de artes f) Entrega de material escolar em geral		Т	odo o período		
g) Entrega dos livros EMAI 2	0	0	1	0	1
h) Entrega de crachás	2	10	3	0	15
i) Entrega dos cartões para a Feira do Livro	0	1	0	0	1
j) Entrega de gibis, livros e revistas	0	1	2	0	3
k) Entrega de autorizações para visita à Feira do Livro	0	1	0	0	1
l) Entrega ou coleta de bilhetes	0	0	3	1	4
m) Distribuição de doces para o dia	0	0	0	1	1
das crianças n) Organização de materiais		Т	odo o período		
o) Pendurar enfeites para a copa do mundo.	0	1	0	0	1
p) Cartaz de aniversário	0	0	1	0	1
q) Apresentação de dança	0	1	0	0	1
r) Filme	0	0	0	1	1
"Paranorman" s) Atividade com dentistas	0	1	0	0	1

## Categoria 1: Atividades complementares gerais.

## a) Preparação de atividade

Em determinadas ocasiões, a professora preparou durante as aulas atividades que seriam realizadas no dia seguinte. Por vezes, esta preparação tomou uma longa parcela de tempo.

#### b) Passar as notas no diário de classe

Durante a aula, a professora passou para seu diário de classe as notas obtidas pelos alunos.

## c) Coleta de dinheiro para as festas da escola

Em algumas ocasiões, a escola organizou "festas", que consistiam na venda de cachorros-quentes, pizzas e sorvestes durante o recreio. Para adquirir estes produtos, os alunos deveriam fazer o pagamento adiantado para a professora, que fazia a coleta do dinheiro durante o período das aulas, chamando por ordem de fileira os alunos interessados

#### d) Organização de dinheiro

Em certos períodos que os alunos estavam ocupados com suas tarefas, a professora organizou o dinheiro coletado para as festas promovidas pela escola.

#### e) Entrega dos cadernos de artes

Os alunos não levavam seus cadernos de artes para casa, deixando-os na sala de aula após serem utilizados. Assim, em todos os dias que havia aula de artes, estes materiais foram entregues aos alunos. Não houve um método único de entrega dos cadernos. Em algumas vezes, a professora os entregou em sua mesa, chamando os alunos um a um; entregou chamando os alunos até o cantinho da leitura, lugar onde estes cadernos eram guardados, ou pediu para que alunos que soubessem ler, especialmente Luísa e Bruna, fizessem a entrega. Deste último modo, evitava-se que muitas crianças ficassem andando pela sala.

# f) Entrega de material escolar em geral

Esta atividade foi observada durante todo o período da pesquisa. Os alunos pediram muitos lápis, borrachas, apontadores e alguns cadernos durante o ano. No

começo, a professora os entregava mais tranquilamente, porque havia mais material. Porém, com o passar do tempo, isso começou a irritar a professora, ainda mais pelo fato de serem sempre os mesmos alunos a pedir. Os alunos pediam muitos lápis por dois motivos: por perderem estes materiais com muita frequência e pela baixa qualidade dos lápis e apontadores. No entanto, a qualidade do material dado pelo governo não era ruim para os cadernos, cadernos de artes, cola, tesoura e borracha. Mais ao final do ano, a professora começou a dar lápis, também dados pelo governo, feitos de um tipo de madeira emborrachada, de qualidade bem superior, cujas pontas quebravam mais dificilmente e eram mais fáceis de serem apontadas.

## g) Entrega dos livros EMAI 2

Foi observada a entrega dos livros EMAI II pela professora, logo após todas as atividades do livro I terem sido feitas.

## h) Entrega de crachás

Os crachás eram retângulos de cartolina colorida dobrados ao meio em suas arestas menores, de modo a formar duas faces. Em uma delas havia ou nome das crianças em letra cursiva, na outra, em letra de forma. A professora os entregou chamando os alunos um a um até sua mesa. Depois do meio do ano esta atividade deixou de ocorrer.

## i) Entrega dos cartões para a Feira do Livro

Foram entregues pequenos cartões, similares a cartões de crédito, que continham certa quantidade de dinheiro, para que os alunos comprassem livros na Feira do Livro.

## j) Entrega de gibis, livros e revistas

A professora entregou gibis, livros e revistas aos alunos, para que fizessem leitura individual. Em algumas vezes, foi permitido aos alunos levarem estes materiais para a casa.

## k) Entrega de autorizações para visita à Feira do Livro

Foram dadas autorizações aos alunos para visita à Feira do Livro, que deveriam ser assinadas pelos pais ou responsáveis.

#### 1) Entrega ou coleta de bilhetes

A professora entregou ou coletou bilhetes chamando os alunos até sua mesa. Em uma ocasião, os bilhetes foram colados nos cadernos dos alunos.

### m) Distribuição de doces para o dia das crianças

A professora distribuiu pirulitos e bombons para os alunos, em comemoração ao dia das crianças. Foi um período bastante tranquilo, e as crianças pareceram muito felizes.

### n) Organização de materiais

A professora organizou materiais em sua mesa, no cantinho da matemática, no cantinho da leitura e a sala como um todo, pedindo ou não a ajuda dos alunos.

# o) Pendurar enfeites para a copa do mundo.

A professora pediu ao pesquisador, durante a realização das atividades cotidianas, que montasse cinco bolas de papelão que ela havia comprado para enfeitar a sala para a Copa do Mundo. Depois da montagem, o pesquisador pendurou as bolas nos cantos superiores da lousa onde ocorriam as atividades.

## p) Cartaz de aniversário

A professora foi até o cartaz de aniversariantes e mudou o nome da criança para o próximo a completar anos.

## q) Apresentação de dança

Toda a escola desceu até o pátio para ver uma apresentação de dança.

# r) Filme "Paranorman"

Em comemoração ao dia das crianças, o primeiro, segundo e terceiro ano se reuniram na sala de vídeo, para assistir ao filme de terror infantil "Paranorman".

### s) Atividade com dentistas

Estagiários de odontologia ensinaram os alunos a escovar os dentes, a passar o fio dental, os nomes dos dentes e mostraram o que acontece se um dente ficar imerso por 15 dias em um pote com refrigerante.

## 4.3 Análise da entrevista com a professora

A análise da entrevista será feita em seis temas, sendo que os temas receberam os mesmos nomes dos cartões de estímulo já descritos no Método. Eles foram divididos em categorias de conteúdo, que são a descrição e explicação de trechos do que foi dito pela professora. A entrevista será relatada na íntegra, sendo que foram omitidas apenas os trechos em que houve repetição de significados nas falas.

### 4.3.1 Tema I: Minha Formação e Minhas Experiências Anteriores

Este tema concentra 13 categorias. Aqui é contada a trajetória profissional da professora que, evidentemente, não está separada de sua vida pessoal. Antes de dar aulas, ela trabalhou em um Tabelião, no reconhecimento de firmas, e em empresas como secretária. Sua carreira escolar começou mais tardiamente e apenas com o curso de magistério. Recentemente, ela terminou o curso de Pedagogia e, atualmente, estuda Letras.

## a) Emprego no tabelião

Nesta categoria, a professora relatou que começou a trabalhar aos seus 17 anos, em um tabelião, no reconhecimento de firmas. Ela não planejava trabalhar neste local e conseguiu o emprego por indicação de uma prima. De início, ela pensou que seria muito difícil realizar o serviço devido à necessidade de memorizar as assinaturas de vários advogados, mas, com o passar do tempo, acostumou-se e obteve sucesso. Trabalhou lá por um ano e saiu porque queria um emprego com carteira assinada.

Professora: Não, por incrível que pareça eu comecei a trabalhar num tabelião, com 17 anos. Então a minha prima dizia pra mim assim: "você precisa ir trabalhar... Ai eu falava, "nossa, mas sem experiência nenhuma?". Porque na minha época a gente tinha que aprender datilografia. Eu aprendi tudo, mas eu não tinha experiência nenhuma, né? Ai ela parou num tabelião e conversou com o advogado lá, que me deu o emprego.

### b) Trabalhos com registro em carteira

Em sua busca por um trabalho com registro, a professora conseguiu um emprego no escritório de uma loja. Por ambicionar ganhar mais, mudou novamente de trabalho, que conseguiu na União do Proprietários.

P: Então queria trabalhar registrada, então eu procurei outro emprego. Eu fui trabalhar no escritório das lojas (...) que agora nem existe mais. Era aqui na esquina.

Entrevistador: AH, que legal!

P: Ai depois eu sai, porque eu sempre ambicionava mais. Eu sempre fui assim. Eu ambicionava ganhar mais. Consegui na União dos Proprietários, ai eu fui trabalhar na União dos Proprietários.

### c) Mudança de cidade e trabalho como secretária

Após certo tempo, a professora se mudou para outra cidade, onde trabalhou de secretária em um comércio de produtos hospitalares. Neste período, ela se casou.

P: Porque ai depois eu mudei pra (...). Eu casei e fui morar em (...). Em (...) eu era secretária. Eu era secretária do (...), que já é falecido?

*E: É advogado?* 

P: Não, não. Ai já é outro ramo.

## d) Trabalho como alfabetizadora.

Quando retornou da outra cidade para Ribeirão Preto, em uma conversa com a mesma prima que a indicou para trabalhar no tabelião, esta perguntou à professora se ela gostaria de trabalhar em uma escola, como professora. Dona Tereza aceitou contente a oferta, pois foi para isto que ela estudou, conforme disse. Até este momento, ela só havia feito o curso do magistério. Sua saída desta escola foi dolorosa, pois gostava muito de lá. Isto aconteceu porque houve no período um decaimento na produção de uma indústria automobilística, o que diminuiu o orçamento da escola e gerou um consequente processo de demissões.

P: Então, antes, eu falei: "Eu quero.". Eu comecei três meses, um mês, até eu conseguir classe. Ai eles falavam o ET. Ai eu consegui, eu fiquei bastante tempo. Só que o que aconteceu? A (...) decaiu e repercutiu no (...). Mandou não sei quantos professores novos da escola embora. Eu estava incluída. Fiquei tão chateada, eu gostava demais de lá, onde fiquei dez anos, que eu não queria mais saber de dar aula. Até que falei: "Ah! Que que isto! Eu ficar parada?". Eu não sirvo pra isso.

## e) Período sem atuar como professora

Após a saída da sua primeira escola, a professora ficou dez anos sem atuar, trabalhando como dona de casa e cuidando dos filhos.

P: Eu fiquei dez anos parada, sem atuar em nada.

## f) Entrada e atuação nas escolas da Rede Estadual de Ensino

Há onze anos, a professora entrou na Rede Estadual de Ensino, atuando em diversas escolas como professora substituta, assumindo uma sala efetivamente somente em 2012.

P: Eu falei: eu vou começar tudo de novo. Então eu entrei no Estado. Comecei do zero.

E: Há quanto tempo?

P: Ah, isso já faz uns dez anos. Era aquele sacrificio. Eu pequei numa escola lá no Jd. (...). Neste tempo, tive que acordar todos os dias às 7h00.

E: Lá no (...)?

P: É. Eu comecei lá. Depois eu fui pro (...), porque era mais perto da minha casa. Eu morava no Jd. (...). Depois eu fui para outras escolas, até chegar no (...). Lá eu trabalhei bastante tempo como substituta. Agora, que eu peguei aula no Estado pra valer foi a partir do ano retrasado, que eu peguei um quinto ano. Não, antes do ano retrasado. Eu peguei um terceiro ano, como substituta também. Depois eu peguei um quinto ano. Então vim pra cá, peguei um segundo ano, ano passado. E agora esse ano eu peguei o primeiro, que é a classe que eu mais gosto de trabalhar.

P: O primeiro ano?

*E: É, o primeiro ano.* 

### g) A formação em Pedagogia e o curso de Letras.

Nesta categoria, a professora falou sobre sua formação em Pedagogia, que fez em uma cidade próxima, e sobre o curso de Letras, que faz atualmente na cidade onde mora. Dona Tereza destacou as dificuldades que teve em se locomover para realizar seu primeiro curso e o fato de não ter obtido uma bolsa, que conseguiu, por idade, para seu curso de Letras; também salientou seu gosto pelos estudos e o desejo de sempre estudar mais.

P: Pedagogia? Ah, foi sacrificado, né? Porque eu tinha que arrumar bolsa e eu não tinha idade. E acho que lá também não tem bolsa pra quem tem idade. Eu era a mais velha da minha classe. Mas isto não tem importância, nunca foi um limite para que não fizesse o que quero. A idade não me atrapalha para eu estudar o que quero. Eu tenho a impressão de que se meus filhos deixarem eu vou estudar ainda por muitos anos.... Eu começo a achar curso. Eu adoro estar sempre aprendendo alguma coisa.

## h) O sonho de ser bailarina

Após descrever sua trajetória acadêmica, dona Tereza disse qual seu verdadeiro sonho: o de ser bailarina quando mais nova. Segundo ela, não empreendeu nesta carreira

por não ter recursos para se manter no curso. Já mais velha, considerou que a carreira no magistério era a melhor a seguir.

P: Mas sabe, na época em que eu quis ser bailarina, eu não tinha dinheiro para estudar esta dança, era muito caro. Então eu deixei de lado. Mas o meu sonho mesmo foi esse. Eu gosto. Agora, na minha família toda só tem professores. E eu fiquei naquele meio e achei que o certo seria eu fazer também. E fui.

#### i) "Eu sou Caxias"

Então, a professora disse que não gosta de fazer nada de maneira ruim e que se esforça para atingir seus objetivos.

P: Mas assim, tudo que eu pego pra fazer, eu corro atrás. Eu faço direito. Eu não gosto, por exemplo, de trabalhar numa coisa e fazer mal o serviço. Eu sou Caxias mesmo!

# j) A delimitação dos empregos pelas circunstâncias

A professora, neste momento, salientou que sua vida profissional seguiu o que as circunstancias permitiam. Contudo, disse que tudo valeu como experiência.

P: Então eu fui secretária, que é uma coisa que eu nunca sonhei ser, né? Mas, de acordo com as circunstâncias, meu primo me arrumou lá em (...), porque eu fui morar lá. Ele me arrumou nessa firma. Eu gostei. Era uma coisa completamente diferente, mas valeu. Valeu como experiência.

### k) A decisão de não retornar à primeira escola onde trabalhou

Dona Tereza, após fazer um breve resumo de tudo o que foi dito, prosseguiu dizendo que, enquanto trabalhava em casa, a supervisora da primeira escola onde trabalhou ofereceu uma nova oportunidade de trabalho. Mas, por estar muito magoada com a demissão, rejeitou a oferta.

P: Aí depois eu voltei pra (...). Depois de alguns anos que eu estava aqui eu fui trabalhar no (...). Então parei 10 anos. Eu trabalhei sete anos e meio na primeira escola. Depois, quando aconteceu essa demissão eu me chateei, eu me desencantei. Sabe como é? Jamais passou pela minha cabeça que eu ia ser demitida. Depois de alguns anos a supervisora quis que eu voltasse, e eu não quis. Porque eu fiquei magoada. Eu não quis voltar. Não voltei. E comecei no estado, do zero.

#### 1) As incertezas na Rede Estadual de Ensino

A decisão de recomeçar a carreira docente na Rede Estadual de Ensino trouxe um período de incerteza profissional para a vida da professora, pois só recentemente ela

atingiu a categoria F, que a dá direito a uma sala. Antes havia a preocupação constante sobre se conseguiria ou não um local para lecionar.

- P: Mas agora eu sou categoria F, né? Então agora todo ano eu vou pegar classe. Mas antes não era assim.
- E: Ficava em dúvida se ia pegar ou não.
- P:Sim, pegava só algumas aulas Mas é isso ai.

### m) A realização do sonho de estudar Letras

Por fim, a professora, após a desilusão de não ter estudado dança, da dura demissão da primeira escola e do grande período de incerteza e instabilidade na Rede Estadual de Ensino, finalmente realizou um sonho quanto à sua carreira profissional: o seu curso de Letras.

P: Eu posso incluir aqui também Letras, que foi o meu sonho. Porque eu não queria fazerPedagogia. Eu queria fazer Letras. Mas o governo estava exigindo que os professores fizessem Pedagogia. Para não ficar desempregada novamente, eu fiz Pedagogia. Mas é de Letras o que eu gosto.

Estou gostando do curso. Por incrível que pareça, parece que estou em um momento de passeio quando vou à faculdade.

#### 4.3.2 Tema II: Meu Emprego Atual

Este tema concentra seis categorias. Aqui são dados os relatos da professora acerca de seu emprego atual: suas satisfações, insatisfações, mais um pouco de sua história profissional e os critérios que a fizeram escolher a escola onde trabalha.

### a) Satisfação em trabalhar com o primeiro ano

A professora começou destacando que se sente gratificada ao trabalhar com o primeiro ano, seu ano favorito, e que já fez uma série de cursos sobre ele, o que a faz se sentir especializada.

P: O meu emprego atual é muito gratificante, porque eu alfabetizo as crianças. Por isto a minha classe preferida sempre foi o primeiro ano. Na minha primeira escola, eu pegava sempre primeiro ano. Já fiz vários cursos sobre este ano. Eu me sinto especializada.

### b) As dificuldades de ensinar às crianças desde o mais básico

Ao ser perguntada sobre as características de sua sala, a professora disse que as

crianças estavam em níveis diferentes de preparo, com algumas mais adiantadas do que outras. Isto criava certa dificuldade para ela, pois fazia com que algumas crianças necessitassem mais de atenção.

#### E: E esta classe, como é?

P: To gostando. Você sabe, todos os alunos são diferentes: tem crianças que requerem mais atenção. Outras já estão prontinhas pra aprender a ler e escrever. E outras você tem que ensinar coisas que eles poderiam já vir com essa bagagem, mas geralmente não vem. Antes, você pegava o primeiro ano e a criança já vinha com certas bagagens. Agora não. Agora você tem que ensinar muita coisa. Por exemplo, tem crianças que não sabem o número do sapato, que não conhecem as cores, não sabem pegar no lápis.... Este tipo de criança quase não teve contato com escola. Que tem uns que fizeram jardim e ai tudo fica mais fácil.

### c) A precocidade da entrada dos alunos na escola

Ao ser perguntada sobre a existência de pré-escola, a professora disse que ela ainda existe, mas que alguns alunos não a cursavam e acabavam entrando muito pequenos na escola, o que tornava os alunos ainda mais diferentes. Segundo a professora, isso era uma dificuldade que evitava o avanço com os alunos, porque todos tinham que acompanhar as mesmas tarefas.

### E: Existe pré ainda?

P: Agora ficou diferente. Na minha opinião, parece que o primeiro ano é que ficou responsável por essas coisas. Há o jardim I, jardim II e pode ter até pré. Mas com a idade que eles estão entrando, estão meio imaturos.

### E: HUMMM

P: Você tem que ensinar muitas coisas que eles poderiam já saber. Antigamente a gente entrava no primeiro ano sem saber nada. Agora voltou essa era. Eu, por exemplo, fiz o jardim, mas não fiz pré. Alguns professores até preferem que a criança venha assim, pra ensinar tudo o que precisa. Eu tenho duas aluninhas que, até mais, que já vieram preparadas, que estão deslanchando. Só que eu não posso correr muito porque tem os outros que já requerem mais atenção minha. Mas dá pra conciliar!

### d) A relação positiva com a escola atual

A professora qualificou sua relação com a escola como positiva, pois seria uma continuação de seu trabalho anterior.

#### E: E em relação à escola?

P: Em relação à escola, eu gosto daqui. Aqui eu gosto pelo seguinte, é uma continuação da escola que eu trabalhei.

#### e) Sofrimento ao deixar a escola anterior

Contudo, deixar a escola anterior não foi fácil para a professora, que criou um vínculo com ela parecido com o que havia criado com a primeira escola em que trabalhou.

P: Agora, quando eu sai da escola que eu trabalhei, eu chorei, foi dificil pra mim. Porque eu estava acostumada lá, como eu estava na primeira escola.

### f) Critérios para optar pela atual escola

Prosseguindo, e finalizando este tema, a professora justificou sua mudança de escola apontado os critérios que a fizeram escolher a atual: a proximidade da escola, o fato de já a conhecer e o de sua mãe já haver estudado nela há oitenta anos.

P: Eu optei por vir pra cá, porque também fica perto da minha casa, não fica muito longe e pelas coisas que eu também sei da escola. Eu já trabalhei como aula eventual aqui. Já tinha contato. Minha mãe estudou aqui oitenta anos atrás.

### 4.3.3 Tema III: Minhas Práticas nas Aulas de Alfabetização

Este tema concentra 14 categorias. Aqui são expostos os relatos da professora acerca de suas práticas pedagógicas.

### a) Cursos que participou pela primeira escola e pela Rede Estadual de Educação

A professora iniciou este tema reiterando a série de cursos que já fez em sua carreira, seja pela primeira escola onde atuou, seja pelo Estado.

P: Então a minha prática mesmo eu comecei no (...) e eu só pegava primeiro ano. E quando chegava julho, como eu acabei de falar pra você, a gente fazia curso, encontrava professores de ouros lugares... O (...) geral é ai. Depois a gente fazia muito curso no (...). Ai eu fui pro Estado, depois de 10 anos. No Estado, a gente também tem muita preparação. Apesar de pegar outras classes: eu peguei quinto ano, eu peguei segundo ano, terceiro...

# b) Experiência como estagiária

Ainda reafirmando sua experiência de ensino, a professora relatou que já participou de um estágio em uma sala de aula onde lecionava uma professora que possuía o diploma do livro Ler e Escrever.

P: Mas antes disso, eu estagiei numa sala do primeiro ano. E a professora ela tinha o diploma do Ler e Escrever. E eu adquiri muita prática com ela, porque assistindo as aulas

dela, e ao mesmo tempo trabalhando, eu consegui muita experiência. Por parte dela e pra mim.

## c) Experiência no "Pacto"

Continuando a citar os cursos que fez, a professora disse que ganhou experiência no curso do "Pacto"

P: E agora teve também o Pacto. Eu participei esse ano da matéria de português. A gente também adquiriu muita experiência pra trabalhar com a criança, né

## d) Trabalho de matemática com o livro EMAI

Dando início à descrição de sua prática, a professora apontou atividades realizadas com base no Projeto EMAI, de matemática.

P: O projeto Emai é o de matemática, ele se baseia assim: gráfico de alunos, quantos alunos tem na sala, quantos meninos, quantas meninas... A gente trabalha com o calendário... Então a gente trabalha os meses, por exemplo, o mês de março. Este, por acaso, não é deste ano, mas é pra eu lembrar. Olha só: quantos dias teve sol, quantos dias choveram. Ou então, quantos dias ficou nublado, quantos dias o sol saiu depois. Então a gente marca tudo e coloca a data alusiva ao calendário. Por exemplo, a Páscoa. A páscoa, o mês que caiu a Páscoa e a data que vai cair. Pra eles aprenderem a mexer com calendário.

### e) Atividades dadas em Português

Em seguida, após uma pergunta feita pelo entrevistador, a professora citou as atividades de português: a leitura de letras de músicas e identificação de palavras encontradas nelas, lista de palavras começadas com as mesmas letras e atividades com os nomes dos alunos.

P: De português, agora no início a gente trabalha, por exemplo, com música. Agora no carnaval a gente trabalhou aquela música "mamãe eu quero". Eu dei para eles palavras levarem para a casa, para eles procurarem na música. Por exemplo: chupeta, mamãe... Quantas vezes a palavra mamãe apareceu... Eu também dou lista de nomes, por exemplo, com a letra "b", ai só escreve com a letra "b". Cada dia a gente faz uma coisa, ontem eu dei para casa uma lista de nomes e palavras que começam com "b", agora hoje eu já dou outro e assim vai. E nós trabalhamos com o livro que o governo manda, o Ler e Escrever coletânea de atividades. Eu comecei muito pouquinho, mas é assim: a gente canta a parlenda com eles, lê a parlenda, eles escolhem uma letra.... Aqui eu mandei que eles recortassem a etiqueta, colocassem o nome completo, que é o objetivo deles: escrever o nome completo. Então leva pra casa, escreve o nome completo, e vai escrevendo até aprender. Só que agora eu trabalho com eles a letra de forma. Letra manual eu vou ensinar eles aos poucos. Agora só letra de forma. E assim vai dando sequência. Ai trabalho com nomes próprios, o nome de dois amigos, ai eles têm que colocar o nome de dois amigos.

147

### f) Atividades com parlendas

Também por uma pergunta realizada pelo entrevistador, a professora explicou brevemente como era o trabalho com as parlendas, que era basicamente o acompanhamento pelos alunos da leitura feita pela professora, na tentativa de que aqueles reconhecessem as palavras que estavam sendo lidas.

P: Eu leio com eles e eles vão acompanhando. Eu falo: "que palavra que eu tô lendo agora?", aí eles falam, e vão acompanhando com o dedinho. E também tem umas que são mais conhecidas, deixa eu ver se tem... Tem umas que eles conhecem, aqui oh! "Dedo mindinho", que são mais conhecidas. E também trava língua, e assim vai. Tem cantiga de roda, tem essa do "atirei o pau no gato" que toda criança conhece, a galinha do vizinho.... Eu vou cantando com eles e falo: "oh, agora eu vou passar a primeira linha". E eles vão falando.

### g) Tarefas dadas todos os dias

Em seguida, dona Tereza passou a descrever algumas atividades que tinha que realizar todos os dias com a turma: escrita do alfabeto, leituras, escrita da rotina, elaboração oral dos alunos do resumo da história lida pela professora, cópia deste resumo e ilustração da história. Por fim, a professora disse que falava para os alunos que a leitura era importante para excitar a imaginação, destacando a sensação de "viagem" proporcionada por esta atividade.

P: E depois aqui eu vou ler textos com eles. Nós temos um objetivo traçado, que é de dar o alfabeto, todos os dias, ou quase todos os dias. Também ler parlendas, cantar as letras com eles é importante. Hoje eu fiz uma roda de conversa, mas eu nem fiz a roda, sabe, tem uns danadinhos que atrapalham. Eu costumo acompanhar esse jornalzinho com eles, que vem no Jornal A Cidade. Então sábado ou domingo dessa semana veio no jornalzinho que ler é tudo de bom. Eu falei pra eles que o menino tem só seis anos, mas ele já sabe escrever, porque os pais liam pra ele, contavam histórias... E nós aqui todos os dias damos a rotina na lousa e, olha a primeira coisa, leitura permanente. Leitura permanente, eu coloco o nome da leitura. Hoje eu li o Alice no País das Maravilhas, mas ele tem uma sequência, então eu li "O Coelho Manda Alguém", e quem escreveu foi Lewis Carroll. Então a producão, que que acontece, eu copio, ou eu mando eles contarem, e eu fico como escriba, escrevendo na lousa. Hoje não deu tempo de fazer isso ainda. Para escrever o resumo, eu vou perguntando: "que aconteceu hoje no começo da história?", aí... uma fala, o outro também, e falo "que que eu devo por aqui agora?", aí, eles copiam. Só que eu tenho uns quatro, mais ou menos, que chegaram agora que eles não conseguem, e eles não fizeram o pré. Eles não conseguem fazer, escrever direito ainda, mas eu mando fazer a ilustração da história, aí, eu coloco o livro aqui, que nem ontem eu coloquei. Porque esse é o livro da Alice no País das Maravilhas, mas ele tem diversas histórias, em sequência, né? Ai, o "O Coelho Manda Alguém", aí, tem a ilustração. Eu abro o livro e mando eles fazerem a ilustração e como eles imaginaram. "O que é que tem na história?", "Ah, falou que tem o coelhinho, o ratinho a tartaruga...", então eles desenham. Aqueles que sabem escrever já, copiar pelo menos... aqueles que não sabem copiar, eu só exijo a ilustração. Aí, faz a ilustração da história. Porque é como eu falo pra eles, hoje a gente fez essa roda de conversa, que ler é bom porque faz a gente imaginar. Conforme eu tô lendo pra vocês, eu falo pra eles, você tá imaginando o que eu tô falando. Então a gente tá viajando".

### h) Objetivo da leitura em sala

Então, a professora declarou o objetivo da leitura em sala de aula, que era despertar nas crianças o gosto pela arte de escrever e contar histórias. Contudo, ela alegou que o que realmente chamava a atenção das crianças: as ilustrações e produção de ilustração. Segundo ela, as figuras eram mostradas somente ao final da leitura, para que elas não modelassem a imaginação das crianças.

P: Então a gente tem o nosso objetivo: a gente tem que fazer a criança gostar, por intermédio da história, dessa arte de escrever a historinha ou fazer a produção da historinha, né? Agora, o que chama a atenção deles é a ilustração. Só que eu não mostro a ilustração antes. Primeiro eu leio, deixo eles imaginarem, depois eu mostro.

### i) Cursos sobre os livros didáticos

Após este relato das práticas, a professora falou sobre o curso que fez do livro Ler e Escrever, no qual também foram tratados temas como o manejo de sala, e do curso que faria sobre a disciplina de matemática.

P: É, o ler e escrever é muito interessante. Eu tive aula do Estado, lá na escola, como chama? (...), que a professora só dava coisas de português: como a gente deveria agir com a criança, como que a gente deve proceder com a criança pra fazer a criança criar cada vez mais a história, né? Bom, isso é português, mas matemática nós vamos ter esse ano. Aí, ao invés de eu ir na sala do segundo ano, lá com a professora, eu vou na sala do primeiro ano, porque esse ano eu estava com o segundo e agora eu tô com o primeiro.

# j) Retorno às práticas de matemática

Terminado o comentário sobre os cursos dados sobre os livros didáticos, a professora retornou ao tema das práticas em matemática e mostrou algumas atividades.

P: Agora eu dei esse calendário do dia: "quantos somos hoje?". Contamos na sala quantos meninos, quantas meninas, ai coloca aqui. "Contando meninos e meninas quantos deu?", Com isso, já vamos entrando na adição. E aqui tem o livro que o governo mandou: o EMAI, matemática, né? A gente trabalha com a matemática. Na minha impressão, não é que nem na época que eu estudei, que eu era criança. As contagens são com brincadeira. A criança vai aprendendo o número. Olha o primeiro exercício aqui. Depois vem esse aqui, por exemplo, olha: "Henrico que brincar de amarelinha e riscou no chão a amarelinha, mas ficaram faltando alguns números. Vamos escrevê-los?". Eles têm que escrever os números que tão faltando. É tudo assim, sabe... Aqui é pra desenhar a velhinha no bolo, quantos anos o aluno tem.

### k) Diferenças entre as práticas de ensino antigas e atuais

Após descrever as atividades, a professora fez um breve comentário sobre as diferenças entre as práticas de ensino antigas e atuais, enfatizando que hoje o ensino é baseado em atividades prazerosas e não "chatas", como antigamente

P: É tudo assim, é criativo, e a criança vai aprendendo. É prazeroso. Não é assim, aquele jeito chato que a gente aprendia. Que nem, a tabuada que a gente tinha que gravar. Eu não sou de decorar, então eu ficava: "AH! Qual é agora?".

### 1) Disciplinas além de português e matemática

Perguntada pelo entrevistador, a professora explicou que não há outras disciplinas além de português e matemática, mas que eram dados textos sobre assuntos de ciências e que havia o uso de dadas comemorativas para lições que contenham história e geografia.

E: E só tem aula de português e matemática?

P: Português e matemática no primeiro ano. E ciências nós temos que dar, mas nós aproveitamos, incluindo nas duas matérias a ciências. A gente pode fazer, às vezes, uma leitura ligada a isso. Mas o que é mais exigido da gente é português e matemática. Principalmente no primeiro ano....

*(...)* 

P: Mas, por exemplo, em datas comemorativas, como a Páscoa, eu posso incluir na tarefa algum tipo de estudos sociais.

### m) Descrição do modo do uso do calendário e telefones úteis

Em seguida, a professora retomou a descrição de práticas e descreveu o calendário que havia na lousa auxiliar, contou como usa o nome dos alunos para ensiná-los e disse que passava tarefas de telefones úteis para os alunos, como o do SAMU.

P: Aqui, calendário do mês que estamos e eles têm que colocar os números.

E: decora o mês, tudo certinho...

P: É, mas todo dia eu tenho que por na lousa: hoje é quinta-feira. O dia está o que?

E: Ta meio ensolarado.

P: É, ai fala: "ta ensolarado", quando ta chuvoso. Quando tá ensolarado, desenha o sol. E assim vai...

*(...)* 

P: Então eu falei assim pra eles: "vocês já sabem colocar o nome, então eu vou colocar o do (...). Só o (...) vai copiar o nome dele, vocês já sabem.". Ai eles põem o nome deles ai no lugar. Tem dia que eu coloco, hoje eu não coloquei, a gente põe boa tarde, ou as palavras mágicas: obrigado, bom dia, boa tarde... Essas coisas, né? Que mais que tem?

Ah! E e tem muita criança que não sabe o número do sapato, aqui na classe. Então eu to ensinando eles a perguntarem pra mãe. Porque, às vezes, na casa deles, não tem esse jeito de falar. Eu falo: "quando a mamãe vai comprar o sapato, você não observou que número ela falou pra comprar o seu sapatinho? Então assim vai, a gente vai ensinando... Número de telefone, ou então telefones úteis, A gente põe o SAMU, o Bombeiro... eu ainda vou dar isso, pra eles copiarem no caderno.

## n) Exemplo de exercício de português

Para finalizar este tema, a professora exemplificou um exercício de português.

P: Deixa eu ver que mais eu posso te falar... Que nem aqui, ó, é aquele exercício que eu te falei. É a Macaca Sofia. Meio dia, Panela no Fogo, Barriga Vazia. É de riscar as palavrinhas. Eu falo: "onde está escrito a palavra 'macaca'?". Então eles vão interligando. Se eles não sabem, eu falo...

### 4.3.4.Tema IV: Facilidades e Dificuldades nas Minhas Aulas de Alfabetização

Este tema concentra cinco categorias. Aqui são expostos pela professora os fatores que considera facilitarem ou dificultarem suas aulas, seja no âmbito disciplinar ou pedagógico.

### a) Alunos preparados e despreparados

Nesta categoria, a professora, para dar sua resposta, leu por um momento um caderno que continha lições aprendidas em um curso dado pela Secretaria de Ensino. Quanto às dificuldade e facilidades, a professora apontou o preparo ou despreparo prévio dos alunos, devido à necessidade de dar diferentes níveis de atenção aos alunos.

P: (lendo caderno) Alunos prontos "porque não podemos esperar que todas as crianças aprendam tudo o que lhes é falado ao mesmo tempo", mas tem os alunos prontos que já vem pra você trabalhar o primeiro ano realmente; já tem alunos que não fizeram pré e não conhecem cores, não sabem o número do sapato. É claro que a criança já vem pro primeiro ano sem saber isso, mas ai a gente nota que é o ambiente familiar. Porque a criança aprende no ambiente familiar dela. Por exemplo, o dia do aniversário dela, que mais?, o número do sapato. Tem uns que não sabem. Porque a gente faz uma sondagem pra ver como eles estão. Então, os alunos não são todos iguais:, tem aluno que você tem que seguir uma coisa em diante, outro que já ta avançado você pode seguir o que quiser com o Ler e Escrever, e vai embora...

#### E: E vai embora...

- P: Mas, ao mesmo tempo, eu não posso perder a vista daqueles que precisam de muita atenção pra seguir adiante, né?
- E: O aluno pronto seria uma facilidade e o aluno não pronto seria uma dificuldade nas aulas?

P: Isso, isso....

## b) A participação da família como fator facilitador

Em seguida, a professora disse que o tipo de família do aluno também interferia no processo de aprendizagem dos alunos, exemplificando com um caso.

P: (..) às vezes a mãe trabalha e não pode dar muita atenção. Então tem coisas que eles já poderiam vir pra escola já com um patamar melhor. Tem um que agora que ele ta melhorando, porque nós, eu trabalhei com ele, a professora de artes com as linhas... E ele tinha dificuldade até em como pegar no lápis, agora ele já deu uma melhorada, ele ta melhor. Mas ainda precisa de muita coisa pra ele chegar no grau de uns ai que já tão bem avançadinhos; fizeram o pré, jardim I, jardim II...

E: Chegaram mais preparados...

P: É chegaram mais preparados pra começar um primeiro ano. A gente tem aluno de todo jeito, tem aluno que vem preparado, tem aluno que não vem.

### c) A indisciplina como dificuldade

Em seguida, após uma pergunta do entrevistador, a professora apontou a indisciplina de alguns alunos como dificuldade, exemplificando como a indisciplina acontecia durante as atividades de leitura.

P: Eu acho isso uma dificuldade, porque, por exemplo, eu to fazendo a leitura, é uma hora que eles têm que ficar quietinhos prestando atenção. Não, eles não ficam. Eles ficam conversando, fazendo barulho... Atrapalha a aula.... Eu faço assim, eu leio a história e pergunto o que eles entenderam e eu vou escrevendo na lousa, pra eles copiarem. Então tem uns que não conseguem falar nada porque não prestaram atenção, né? Então eu começo a contar de novo a história, falo "é, aconteceu tal coisa, a Alice tá conversando com a lagosta e não sei o que, é um bichinho conversando com o outro, e não sei o que, e tal...". Então eles vão lembrando e sai a história do dia que foi lida. E assim eu faço todo dia.

#### d) O uso de diferentes atividades para alunos em diferentes níveis

Em meio à sua fala sobre a indisciplina dos alunos, a professora relatou que para alunos que tinham dificuldades de escrever ela pedia para que fizessem ilustrações sobre o que entenderam da história lida por ela. Isto indica como a professora lidava com as dificuldades dos alunos.

P: E agora esse menininho que veio do (...), e tem um outro também que tem dificuldade, aquele lá eu não posso fazer isso. Eu mando ele fazer só a ilustração, o que ele entendeu da história, qual bichinho ele entendeu eu falar pra ele desenhar. Até ele ir pegando o ritmo.

#### e) A idade dos alunos como dificuldade

Por fim, a professora falou novamente sobre o preparo e despreparo prévio dos alunos, mas incluiu outro tema em sua fala, o da idade dos alunos.

P: Apesar que no primeiro ano, a gente começa desde o início, a gente tem que ensinar tudo pra eles, mas se a criança vir pronta já com o pré, facilita.

E: Facilita.

P: É que agora eles estão entrando com pouca idade. Então tem uns que não fizeram o pré, outros que já fizeram, mas que tem uma idade mais... mais vai.

### 4.3.5 Tema V: A Criatividade nas minhas Aulas de Alfabetização

Este tema concentra oito categorias. Aqui são dadas as impressões que a professora tem do lúdico (apesar dela utilizar um caderno com textos para embasar suas respostas), suas práticas que podem favorecer a criatividade em sala, o espaço e o tempo que há para o lúdico na sala, os materiais utilizados em atividades lúdicas e o curso onde obteve instruções sobre a importância do lúdico e seus efeitos na vida das crianças.

### a) O Lúdico na sala de aula

Para responder a esta categoria, a professora também fez uso da leitura de seu caderno, que ela mesmo escreveu durante o curso. Segundo a professora, com o lúdico "as crianças aprendem conceitos, atitudes e desenvolvem atividades diversas integrando aspectos cognitivos, sociais e físicos", além deste "evocar na criança o sentimento de liberdade e espontaneidade de ação". Por fim, o definiu como um instrumento auxiliar que complementa a educação, por facilitar o ensino e motivar os alunos.

P: Da ludicidade na sala de aula, quando as crianças brincam, elas aprendem também, né? (lendo caderno com anotações que trouxe de casa) Então elas aprendem conceitos, atitudes e desenvolvem atividades diversas integrando aspectos cognitivos, sociais e físicos. Isso aqui eu que escrevi.

E: ahhhh

P: Então, é favorável a ludicidade a toda a criança na aprendizagem. E o lúdico evoca na criança o sentimento de liberdade e espontaneidade de ação. Então conforme eles estão fazendo algum joguinho, alguma coisa, eles estão aprendendo e estão socializando entre um e outro, e ver a diferença entre um e outro, porque nem todos são iguais, né?

*E: e na aula, como é que isto acontece?* 

153

P: Na aula? (lendo ainda), são coisas, é um instrumento auxiliar o lúdico, é um instrumento auxiliar que complementa a educação, e representa um recurso que facilita a gente poder ensinar e motivar eles, e pra eles terem mais criatividade. Então é muito interessante, né?

### b) Momento para o lúdico

Quanto ao momento para o lúdico, a professora respondeu que havia um horário marcado para que ele ocorresse e "que não poderia ser o tempo todo". Destacou também o momento da leitura como momento para a expressão da criatividade, pois ele permitiria às crianças contarem as histórias de maneiras diferentes e inventar desenhos. Assim, também seria possível verificar os alunos que "são criativos e os que não são".

E: Qual é o momento da aula que a senhora acha que isso acontece?

P: Olha, a gente tem que deixar esse lúdico acontecer, a gente tem que escolher um horário, um dia na semana, pra deixar fazer isso, não pode ser todo dia, né?

Mas através da leitura que eles fazem, que eu faço e a gente conversa, dá pra perceber a criança que é criativa, ela cria, por exemplo, você manda ela fazer uma ilustração, ela faz uma ilustração bonita e faz mesmo aquilo que tem na história. Agora outros, fala assim: "posso desenhar meu pai e a minha mãe?", então você viu que ele não pegou a história direito.

*E*: a senhora acha que isso acontece mais na hora da leitura?

P: Na hora da leitura é a hora que a gente consegue ver a criatividade deles, porque, às vezes, alguns vão contar a historinha de uma maneira, de uma maneira criativa, que ele inventou do jeito dele, então a gente vê quem é criativo e quem não é. Tem outros que não conseguem nem contar a história.

#### c) Descrição de um momento lúdico

A pedido do entrevistador, a professora descreveu como eram os momentos reservados ao lúdico. Ela respondeu que naquele ano ainda não havia ocorrido tal momento, mas que no ano passado ela deu dominós e outros joguinhos para os seus alunos do segundo ano, tal como a opção de irem ver os livros da prateleira no cantinho da leitura. Além disso destacou que este momento servia para a avaliação dos alunos, "para ver quem gosta e quem não gosta de ler", conectando esta fala à descrição de uma avaliação por ditado feita em todos os anos.

P: Olha, esse momento do lúdico, eu ainda não comecei, porque março, fevereiro, é assim um mês que a gente ficou analisando eles, vendo como eles estão, o que eles sabem e o que eles não sabem, de onde eu devia partir, como eu vou fazer o meu planejamento, né? Mas o lúdico ele interage as crianças uma com as outras, né? Eu vou começar ainda. Com eles eu ainda não fiz, mas eu fiz no ano passado com o segundo ano.

#### E: E como era no ano passado?

P: O ano passado a gente dava dominó pra eles, o ano passado a gente tinha esse cantinho da leitura, então ficava os livros expostos ai, e aquele que termina mais rápido, eu mando ele pegar o livrinho e ele vai lendo. Então você nota aquela criança que gosta de ler, aquela que não gosta. E todo mês a gente faz uma análise dos alunos, a gente tem que ditar palavras pra eles que são enviadas pela DM, igual para o quarto, terceiro, é a mesma coisa... Só os probleminhas que são diferentes dos outros anos, cada um tem o seu. Mas no primeiro ano, a gente dita palavras pra eles, pra ver em que hipótese que eles estão. Dá pra gente notar que um tá no silábico, que o outro tá no pré silábico, pela maneira que eles escrevem.

### d) A utilização dos espaços da sala para a aprendizagem

Em seguida, o entrevistador perguntou novamente se os cantinhos da matemática e leitura facilitavam o aprendizado dos alunos. A professora respondeu que sim, pois armazenava lá gibis dados pela Secretaria de Educação, mas disse também que os alunos não frequentavam estes espaços com frequência, sendo mais utilizados quando os alunos já haviam terminado suas tarefas.

E: Professora, e a senhora acha que ter este cantinho da matemática e esse cantinho da leitura facilita as atividades dos alunos, ter este espaço?

P: Ah, ajuda. Ajuda sim. Aqui a gente tem esse cantinho da leitura. Então eles ganham gibi que o Estado manda, aquela revista Recreio... Eu deixo algumas aqui, e outras mando pra casa

*E: E as crianças frequentam bastante esse cantinho?* 

P: Não, no momento eu do dando pra criança levar pra casa.

E: hãããã

P: Mas quando tem um aluno que termina mais rápido, pra ele não ficar sem fazer nada, eu mando ele ocupar o cantinho.

#### e) A origem dos materiais dos cantinhos

Em pergunta do entrevistador, a professora confirmou que era o governo que mandava os materiais dos cantinhos, apesar de algumas coisas serem dadas por ela também.

E: a senhora acha que tem bastante material para as crianças?  $\acute{E}$  o governo que manda o material?

P: É o governo que manda. Olha, lá é o cantinho da matemática. É o governo que dá, às vezes, é a gente que traz...

#### d) Materiais e incentivo à criatividade

Após exclamação do entrevistador sobre o número de cartazes pendurados nas paredes da sala, a professora disse que eles serviam para estimular a criatividade dos alunos. Em seguida, descreveu como funcionava a classificação dos alunos segundo as hipóteses e como era uma sondagem de matemática.

#### *E*: *E* tem bastante coisa na parede!

P: Sabe o que que é? A gente tem que incentivar eles, pra eles ficarem criativos, principalmente na leitura. Fazer eles gostarem da leitura, daquilo que eu conto, pra procurar chamar a atenção. Agora aqui no caso, é a sondagem da matemática. Quinze não reconhecem número, nem número da casa, nem a rua, nem o número da roupa; tem uns que sabem o número do telefone, tem uns que não sabem. O peso, a altura... A gente tem que anotar tudo isso e entregar na mão da coordenadora. E tem essa folha de matemática que a gente tem que escrever do jeitinho que, ai eu ditei todos estes números pra eles, embora eles ainda não aprenderam ainda, mas eu tenho que ditar e ver como eles se saem. Dois mil e quatorze, ó, eles escreveram...

### e) A mentalidade da criança

Neste trecho, a professora disse que, para o aprendizado, a mentalidade da criança poderia ser mais importante que a idade.

P: E esse aqui, é como eu te falei, silábico-alfabético. Tem um que tem 5 anos ainda.

E: Ele é bem novinho.

P: Mas você sabe que ele é danadinho, que ele é espertinho. Às vezes, ele é mais esperto que um de seis anos. E tem uma menina, agora o nome dela não consta aqui, ele entrou há pouco tempo, que ela é bem grandinha pro primeiro ano. Essa que está me dando trabalho. Ela deve ter uns oito anos, é que eu não tenho acesso à papelada dela ainda. Porque a mentalidade é outra, né?

#### f) Liberdade na sala de aula

Após a fala sobre o lúdico na sala de aula, a professora passou a dizer suas impressões sobre a liberdade na classe, também se baseando no caderno que trouxera. Segundo ela, o lúdico evoca o sentimento de liberdade, que é a criança agir como quiser durante seus jogos. Vale destacar que ela considerou que as crianças poderiam aprender umas com as outras durante os jogos, dando uma dimensão diferente ao lúdico do que só como uma diversão após as tarefas.

P: AH! Da liberdade, da liberdade, é que nem aqui, ó, quer ver... "O lúdico refere-se a uma dimensão humana que evoca o sentimento de liberdade", porque a criança ta

jogando o joguinho dela, ela fala alguma coisa, o outro aprende lá com o outro, então interage um com o outro. Eu acho importante a liberdade que cada um tem de agir como quer pra fazer determinado jogo, né?

## g) O brincar e o convívio social

Sobre a importância do brincar, a professora disse que as crianças ao brincarem juntas poderiam perceber os comportamentos de seus colegas.

P: As atitudes, olha... dá até pra incluir o lúdico aqui, mas é o seguinte, a quando uma criança interage com outra, ela pode entender melhor porque que aquele menino é daquele jeito, porque o Lucas é daquele jeito, porque o (...) é daquele jeito. Eles brincando vão perceber as atitudes de um e de outro. Eles já perceberam. Tanto é que incomoda. Essa menina de oito anos, ela não consegue ver o Lucas fazer toda essa papagaiada que ele faz e ficar quieta. Ela quer levantar do lugar, ai eu mando ela sentar... Ele não para, e quando ele levanta, já é pra fazer gracinha. Outro dia ele falou pra mim: "eu venho na escola sabe pra que, e riu, eu venho na escola pra bater.". Sabe, ta difícil pra eu convencer ele. Então o que que eu comecei a fazer? Eu comecei a escrever elogio no caderno dele, ele tem a letra bonita e ele tem entendimento bom. Eu comecei a elogiar pra ver o que vai surgir disso. Ao invés de ficar criticando, eu mudei o baralho.

## h) O curso do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa

Quando perguntada pelo entrevistador sobre o caderno que estava utilizando para responder a entrevista, a professora disse que os conteúdos escritos nele foram dados em um curso do Pacto Nacional Pela Alfabetização da Idade Certa. Neste curso, foram dados conteúdos sobre como lidar com determinadas situações, análise linguística, apropriação de sistemas de escrita alfabética e foram estabelecidas as capacidades que os alunos devem ter.

E: Professora, o que é isso que você escreveu? Foi a senhora que escreveu isso aqui?

P: Foi.

E: e como a senhora desenvolveu isso aqui?

P: Ah, não, eu fiz o curso do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa, na parte de português. A secretaria de educação proporciona isso pra gente. Lá, eles ensinam pra gente como agir em relação à determinada coisa. Então mandava a gente fazer trabalho, escrever sobre isto...

*E: E esse foi um trabalho seu?* 

P: E aqui foi a tarefa que ela deu: análise linguística, apropriação de sistemas de escrita alfabética, que é do segundo ano, que eu dei ano passado. Então ela deu a tarefa de analisar os alunos, levava o trabalhinho, ela trazia xerocado e dava pra gente analisar como o aluno escrevia. Então tem alguma coisa escrita que eu não tô lembrando se foi dos meus alunos, ou se nós analisamos. Eu só sei que escrevi aqui, ó.

E: Ah, sei.

P: Todos os alunos sabem escrever seu nome, sabem enumerar e escrever as letras do alfabeto, diferenciá-las dos números e dos outros símbolos, mas não são todos que sabem dize-las na ordem ou o uso delas nos dicionários ou em alguns livros paradidáticos. A maioria escreve com letra bastão. Ah, acho que é da classe que eu tinha. Eles, eu tinha, por exemplo, em julho, a coordenadora falava pra mim que eles tinham que escrever com letra de mão, mas nem todos conseguiam. Um que eu consegui convencer, outros não conseguiram e foram escrevendo em bastão.

### 4.3.6 Tema VI: Interação Professor-Aluno nas Minhas Aulas

Este tema concentra oito categorias. Aqui são expostas a opinião da professora sobre sua relação com os alunos e as maneiras como lida com as interações dificultosas.

### a) A interação positiva da professora com os alunos

A professora afirmou que tinha uma boa relação com as crianças e com seus pais; contudo, havia três alunos com quem não conseguia lidar, pois estes atrapalhavam a aula e a desmotivavam. Além disto, falou que não era a função dela educar as crianças, sendo esta uma função de seus pais e familiares.

P: A relação professor e aluno nas minhas aulas é até muito boa, eu tenho alunos que eu falo: "agora eu vou fazer a leitura", eu já chego a leitura, que é a leitura permanente, e ai a interação é boa, mas tem um ou dois que são alunos-problema. Problema porque atrapalha, ai, por exemplo, eu to lendo uma história, pode ser esta que eu estava lendo hoje – Banca de Neve – Que que acontece? Eu tenho que parar na parte boa da história, pra chamar a atenção do aluno, ai tira toda aquela beleza que a gente tá inspirado em falar. Tira. Ai a gente fica... Já fala, mas não fica a mesma coisa, atrapalha o coleguinha, né? Aqueles que tão quieto, querem ouvir, mas uns alunos... eu tenho aqui, ó, uns dois ou três, mais ou menos. É o caso daquela menina tá incluído, ela não para, não sei, ela não tem sossego. Eu falo assim: "agora nós vamos fazer a leitura". Eu não digo ficar assim que nem um múmia, não precisa, mas ficar quietinho, ouvir a história. Ai eu vou perguntar a história, e ela não sabe, porque ela não ouviu, ai eu fico brava. É a única coisa que a gente pode fazer como professor, né? Conversar com a mãe quanto tem reunião... mas geralmente, estes alunos que dão trabalho a mãe não vem. Mas a relação com as outras mães, comigo é muito boa. Eu recebo na agenda, elas escrevem, agradecem e tal; e já outras, aquelas que o filho é problema, aquelas têm hora que num me sei.... Entendeu? Eu acho assim: o meu dever é fazer a criança, assim na pedagogia, fazer a criança entender, ter paciência – eu até tenho – mas a criança tem que também trazer de casa um pouquinho de educação, não a gente ficar ensinando tudo, né? Porque estes três eu tenho que falar tudo, e quando tem problema a mãe não entende, a mãe vem, a mãe queixa, a mãe fala, mas ele não entende que o filho ta dando trabalho. Então a interação é boa, eu tenho uma interação boa com os outros pais, mas geralmente com estes três, é difícil o entendimento entre eu e eles, e até mesmo a diretora com eles. Eles vêm, falam, queixam, mas não veem o que o filho fez antes.

### b) Ações educativas da professora

Nesta categoria, a professora comparou o comportamento de seus filhos em sala de aula, quando eram crianças, com os de seus alunos e disse que as crianças não sabiam se comportar, porque não aprenderam isto em casa. E então, na tentativa de compensar essas possíveis falhas educativas, a professora trouxe um livro que continha lições de boas maneiras para as crianças.

P: Como é que eu sinto? Eu sinto assim. Eu penso que é meu dever, é minha obrigação até de ver o que eu posso fazer pra amenizar isso. Ai eu mando sentar. Senta, ai dai a pouco ta de pé de novo. Contando assim, dá a impressão de que eu to aumentando, mas só estando aqui pra ver. Aquela professora que teve aqui, a (...), ela vai ficar como professora auxiliar. Ela ficou nervosa, porque é difícil, né? Porque a gente, se é filho da gente, você fala bravo e o filho entende, apesar de que parece mentira, mas com os meus filhos eu não tinha esse tipo de problema não, eu... assim, nem na escola eu precisava ir, eu ia nas reuniões, mas nunca tive problema. Então o aluno que é problema é porque, geralmente, não recebe em casa a devida instrução, pra ele saber como agir. Que nem hoje, hoje eu trouxe um livro aqui, até eu vou dar esse livro, pra ver se eles me entendem pelo menos um pouco; por exemplo, essas regras: por favor, obrigado... uns entendem, outros não. Eu acho que a criança, por mais que a mãe trabalhe, eu sempre trabalhei pra fora, eu ensinava meus filhos. Olha, o nome do livro é Despertando Valores, então, ó, eu trouxe um trabalho aqui, eu precisei apagar aqui porque era da minha sobrinha. Então ensinar as crianças boas maneiras, as palavras mágicas: por favor, com licença... Eles não sabem ler, mas tem uns quadrinhos aqui com os números certinhos pra eles colocarem. Eu fico aqui pensando, o que é que eu vou fazer pra ensinar eles boas maneiras? Porque tem uns que não tem, sabe? Então ontem a diretora veio aqui na sala e ela ficou nervosa com eles, falou com eles que não pode fazer assim, porque o barulho vai lá, ó, e ela fica chateada e eu também, porque eu quero fazer parar, mas tem criança ai que é difícil. Por mais pedagogia que você tenha, não é fácil. A hora que você ficar ai, você vai ter a oportunidade de ver.

### c) Frequência de indisciplina na sala de aula

Quando perguntada pelo entrevistador quanto à frequência da indisciplina na sala de aula, a professora disse que acontecia todos os dias, principalmente com os alunos que chegaram depois, os três já relatados.

P: Todo dia, todo dia. No começo, até que estava calmo, ai começou a entrar. Antes, eu até dizia lá na escola que eu trabalhei, que os alunos são as florzinhas da escola, mas agora eu não posso dizer, porque tem uns aqui que chegaram que não são fáceis. Sabe?

### d) Dificuldade para atrair a atenção dos alunos

Em resposta a mais uma pergunta do entrevistador, a professora declarou que tinha dificuldades para atrair a atenção dos alunos, principalmente na hora da leitura, já que não podia dar sempre o que eles gostam. Além disto, ela disse também que passou a usar técnicas de recompensa, na tentativa de incentivar os alunos.

P: Não, é que nem por exemplo, eu não posso só dar o que eles gostam, mas eu tenho que achar uma maneira, principalmente da leitura de atrair mais a atenção deles. Mas estes que são danados, tá difícil eles entrosar na coisa, porque eles querem é brincar, bagunçar, né? Mas eu vou fazer de tudo. Que nem agora, o Lucas, que é esse que eu to te falando, eu to conseguindo mais vezes. Eu trouxe umas figurinhas que eu ganhei, que eu participo, que vem lá de (...), figurinha que as crianças pintam. Então, eu colo no caderno ele eles gostam. Então eu falo que só vou por pra quem tá quieto, quem ta bagunçando eu não vou colocar. Ai no fim eu acabo colocando.

### e) A motivação dos alunos para irem para a escola

Após uma pergunta do entrevistador sobre um livro didático, e uma breve explicação da professora sobre as atividades nele contidas, ela declarou que algumas crianças vinham à escola com o intuito de brincar, e não de estudar. Contudo, declarou também que entendia que as crianças não precisam ficar paralisadas em sala de aula.

E: Esse livro é dado pros alunos?

P: É o governo que manda. É o projeto EMAI. É matemática.

E: Mas é do aluno o livro, ou tem que devolver pra escola?

P: É do aluno. Então tem todo os trabalhinhos do primeiro ano, em sequência, né? Então ativa bem a memória das crianças, tem até o calendário, que faz parte do EMAIL também. Eles têm que saber o número do sapato, qual é menor, qual é maior. Tem um bom entrosamento, mas tem a criança que já vem pra escola, que já vem com o intuito de brincar, ela não vem com intuito de prestar atenção ou ficar quietinha... é claro que não vai ficar que nem múmia na carteira, mas tem que fazer as coisas.

### f) Os modos de interação da professora com os diferentes alunos

Em certo ponto da entrevista, a professora descreveu o seu relacionamento com crianças. Segundo ela, com algumas crianças ela podia ser mais aberta e demonstrar afeto.

P: Mas quanto aos outros, eu não to tendo problema, mas quanto a estes três ai, tá difícil. Que é aluno problema mesmo, que a gente tem que ficar arranjando maneiras pra resolver. Quem olha assim pra mim acha que eu não sou brava, eu sou brava, mas na hora que tem que ser. Mas assim, eu gosto de conversar com a criança. Entende? Tem uns que gostam, eu chego, quer me abraçar, falam que passaram batom, ahh! Mas tem outros que eu não posso ser assim, eu tenho que me fechar, porque eles são danados.

# g) Esperança da ajuda de outras pessoas

Já ao final da entrevista, a professora declarou que tinha esperança de que as coisas melhorassem, pois haveria pessoas na sala de aula para ajudá-la com a disciplina dos alunos: o entrevistador e professora auxiliar.

P: Eu acho assim, que agora a tendência é melhorar, porque eu vou ter pessoas na classe, no caso você, que vai ficar ai dois dias, né?

## h) Preocupação da professora quanto ao aprendizado dos alunos indisciplinados

A professora terminou a entrevista dizendo que no primeiro ano as crianças eram mais fáceis de serem controladas, o que mudava com o passar do tempo, pois elas já ficam com "opinião própria". Contudo, por trás disto estava a preocupação de não conseguir prestar contas sobre o fato de não poder ter passado os conteúdos aos seus alunos.

P: Não, eu acho. Eu termino assim. A minha interação com os alunos é boa, mas sempre tem um ou dois que dão mais trabalho, isso ai a gente sabe, como dois mais dois são quatro. Mas tem horas que chateia, porque a gente quer seguir a matéria e a gente tem que prestar contas daquilo que a gente dá. Como que eu vou prestar conta do que eu dei, daquele aluno que não quer aprender, que quer ficar badernando? Então é isso que eu fico estudando lá na minha casa. Mas, quanto ao resto ta indo bem, até eu acho que no dia de hoje a minha classe não é uma das piores, porque eu penso dessa forma, quanto mais o aluno o aluno é grande, pior. Eu acho que o primeiro ano você amolda. É mais fácil amoldar. Agora no segundo, no terceiro, no quarto, então! Eu já dei aula no quinto, eu sei como é que é. Ai eles têm a opinião própria deles e fica difícil você convencer o contrário.

## 5 DISCUSSÃO

Os dados encontrados revelam que, na sala de aula observada, foi dado grande valor às atividades de cópia, como fica evidenciado pela Categoria 1 da Classe de Categoria A do Tema I da seção de resultados. Como mostra o Quadro 6, há inúmeras atividades de cópia que se repetiram cotidianamente: cópia do cabeçalho, cópia de resumo de história, cópia da rotina, cópia de parlendas e outras. Há ainda as outras atividades que não eram, à princípio, propostas como tal, mas que que foram transformadas em atividades de cópia, como, por exemplo, a de cópia de legendas de fotografias (Quadro 6, atividade i,) e a de completar os nomes dos contos de fadas (Quadro 9, atividade d). Além das atividades de escrita também houve cópias nas atividades de desenho, como visto na tarefa de ilustração da leitura inicial (Quadro 18, Cat. 1, atividade a). Deste modo, foram verificadas poucas atividades que favoreceriam o surgimento de criatividade nos alunos, ou de aprendizagem por cognição inventiva. Assim, os resultados desta pesquisa corroboram os de Cassiano (2011).

Além disto, foram observados muitos desentendimentos entre os alunos e entre os alunos e a professora, em meio a recorrentes casos de indisciplina. Para lidar com estes desentendimentos e indisciplina, a professora se utilizou das técnicas descritas no Quadro 20, do Tema II, como grito, ameaça de deixar sem aula de artes e rearranjo de sala, por exemplo. Tais desentendimentos tiveram um papel importante do desenvolvimento das atividades ao logo do ano.

Com base nisso, a discussão terá como foco três grandes eixos: 1- o da adequação das atividades às diretrizes do Ministério da Educação (MEC) e da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo, pois é necessário averiguar se as atividades propostas e a maneira como foram executadas estavam de acordo com as normas de ensino vigentes no país e no Estado; 2- o da criatividade e cognição inventiva, para análise de como as atividades puderam ou não ter favorecido à criatividade; e 3- o da questão da disciplina e indisciplina na sala observada, para melhor entendimento do papel executado pela indisciplina na sala, na economia dos relacionamentos, tendo em vista maior compreensão dos acontecimentos durante as atividades propostas.

#### 5.1 As Diretrizes de Ensino

Com as novas diretrizes de ensino, foram sancionadas leis que obrigaram as escolas a matricularem as crianças na idade de seis anos (Lei n° 11.114/2005) e a acrescentarem um ano no Ensino Fundamental – Ciclo I (Lei 11.274/2006). A escola adicionou este ano extra e já estava matriculando crianças de seis anos na ocasião da coleta de dados. (Quadro 2).

As diretrizes indicam as maneiras como estas crianças devem ser recebidas na escola, para se adaptarem da melhor maneira possível ao ambiente escolar, pois, com o adiantamento da entrada das crianças na escola, há uma mudança no estilo de suas vidas, que passam a viver mais cedo certas responsabilidades, o que gera o medo de que as crianças percam certas fases da infância, ou que tenham esta fase da vida reduzida, como alerta Valiengo (2008). O objetivo das propostas didáticas inseridas nas diretrizes é evitar que isto aconteça. Sendo assim, a escola também tem que se adaptar a estas normas e, no primeiro ano, além oferecer o ensino do letramento e alfabetização, deve, principalmente, valorizar as diversas formas de expressão dos alunos, promover o desenvolvimento das crianças e integrar o lúdico ao aprendizado (Ministério da Educação, 2007).

Durante as observações, não ficou claro se havia atividades exclusivas para que fosse promovido o "desenvolvimento das crianças" ou se se tinha a noção de que esta promoção aconteceria naturalmente durante o período letivo. Quanto à valorização da expressão das crianças, foi observado que nem sempre ela ocorreu, principalmente quando as crianças faziam algo que feria as normas disciplinares. Tal nota é importante, porque tal valorização pode fazer com que seja mais propício o aparecimento de criatividade em sala de aula. Isto é referendado não só pela teoria do aprendizado por cognição inventiva (Kastrup 1999), que pede liberdade para que os alunos possam colocar novos problemas a si mesmos, mas também pelas teorias clássicas da criatividade vistas na Introdução, como a teoria Humanista (Alencar, 1986) ou as teorias modernas (Alencar & Fleith, 2003).

Em relação ao lúdico, poder observar como a dimensão foi inserida no ano letivo é de especial interesse para este estudo, uma vez que o lúdico pode estar associado ao conceito de "afecção alegre", conceito cunhado pelo filosofo holandês Baruc de Spinoza, e largamente utilizado por Deleuze (2002) e Deleuze e Guatarri (2010, 1995). De forma simplificada, as afecções alegres são decorrentes de encontros entre corpos, que fazem com que aconteça um aumento da potência de agir e da vontade de existir, ao contrário

das afecções negativas. Aplicadas à escola, estas afecções, que se dão entre os alunos e o conhecimento, fazem com que aumente a potência e a vontade de aprender

Foi observado que, na maioria das vezes, a professora tentou separar um momento para as atividades lúdicas e um momento para as atividades didáticas, não integrando a ludicidade ao aprendizado, tal como ela própria declarou na entrevista. Tal tipo de separação foi visível na própria estrutura física da sala, que possuía os cantinhos da leitura e da matemática, que eram coloridos e guardavam materiais didáticos diferentes e pouco utilizados, e o centro da sala, voltado às disciplinas e atividades não lúdicas. Em outras palavras, tentou-se inserir o lúdico, mas este não foi integrado ao ensino.

Ainda em relação ao lúdico, durante as visitas houve duas atividades em que esta tentativa de integração foi realizada: o projeto das brincadeiras (Quadro 10, atividade a) e a atividade da copa do mundo (Quadro 10, atividade b). Contudo, como foi observado nas análises destas atividades, ambas as atividades acabaram por se tornar mais atividades de cópia. Tais fatos corroboram o que foi dito por Oliveira e Guimarães (2014) quanto à dificuldade de integrar o lúdico no primeiro ano do ensino fundamental, ainda que haja exemplos de sucesso como o apontado por Molon e Albuquerque (2012).

A dificuldade para o inserir o lúdico nas atividades também está expressa na entrevista, tal como a concepção de que há um momento para o lúdico e um momento para o aprendizado. Pode-se ver também na fala da professora que, seja para ela ou para a escola, o momento do lúdico também está ligado à avaliação dos alunos criativos ou não.

Por fim, um fator importante que pode ter prejudicado a integração do lúdico foi o excesso de obrigações para crianças pequenas. No entanto, isto é compreensível, pois como foi previamente mostrado nas diretrizes da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo (2008), as crianças têm metas de aprendizado e determinados tipos de tarefas a cumprir e, caso não forem cumpridas pela escola, esta deverá dar explicações. Isto pode ser melhor observado quando a coordenadora pediu à professora que parasse de escrever os pequenos resumos da história lida na lousa, a fim de dar prioridade às atividades dos livros didáticos. Tal fato também evidencia o esforço da escola para cumprir todas as metas curriculares, que se espera que sejam alcançadas com o cumprimento dos livros didáticos. É importante ressaltar, no entanto, que há atividades sugeridas para as escolas nestes documentos que não foram observadas nas visitas e que o esquema de aula foi, quase sempre, rigidamente mantido.

Portanto, foi observado durante a realização desta pesquisa que a escola está

adaptada às novas leis e se esforça para se adaptar às diretrizes pedagógicas, tentando equilibrá-las com o cumprimento das atividades cuja realização pelos alunos é exigida pela Secretaria, sem conseguir integrar o lúdico ao aprendizado.

### 5.2 A Criatividade em Sala de Aula

Os conceitos de criatividade e de aprendizagem que fundamentam este estudo são ambos tomados como uma quebra no funcionamento da cognição, seguido da criação de um novo modo de funcionamento da mente que já não toma e interpreta os dados do real à maneira dos antigos. Em razão disso, permite o acesso a um novo campo de experiências por parte dos indivíduos, como os campos da leitura e da escrita, não necessariamente concomitante à destruição de esquemas antigos. Isso porque aprender a escrever "árvore" não significa esquecer como desenhar uma (Kastrup, 1999). Partindo desse pressuposto, é possível considerar que poucas atividades observadas tiveram a qualidade de proporcionar esta quebra, seja por características intrínsecas à própria atividade, seja pelo modo pelo qual elas foram apresentadas.

Por haver tão poucos momentos propícios à aprendizagem por cognição inventiva, será feita a análise das atividades pelos fatores que podem ter dificultado o aparecimento destas e, conforme estas dificuldades forem descritas, serão apontados os exemplos contrários, que poderiam ter funcionado. Importante ressaltar que o objetivo não é ditar à escola o que é certo ou errado, mas sim analisar as atividades sob o olhar de como elas poderiam ter incentivado a criatividade nas crianças, com base nos dados coletados e na literatura especializada da área.

Além do excesso de atividades de cópia, de maneira geral, de acordo com as observações, os principais problemas encontrados e que podem ter dificultado o aparecimento de criatividade em sala de aula foram os seguintes: 1) a proposta de atividades muito difíceis para os alunos, dando a impressão de que os alunos já deveriam ter alguns conhecimentos prévios, como é possível observar em algumas atividades propostas nos livros; 2) a forma de planejamento das atividades, pois houve momentos em que não parecia haver um plano de ensino e algumas matérias pareciam dadas aleatoriamente, como a didática utilizada como controle de comportamento; 3) a repetição em demasia das atividades; 4) as atividades feitas de maneira apressada e em meio a longos períodos de inatividade, atividades que não foram precedidas de exposição oral e aquelas cujas respostas eram dadas pela própria professora; e 5) o uso pouco frequente de

materiais auxiliares, como ábaco e letras móveis. As atividades que apresentaram estas características serão descritas a seguir.

## Atividades muito dificeis

As atividades muito difíceis e que, em sua maioria, exigiam um conhecimento prévio dos alunos, podem ser apontadas tanto na disciplina de Português quanto na de Matemática. Das atividades de Português, pode-se citar as que os alunos tinham que escrever palavras sem copiá-las, sendo que a maior parte dos alunos ainda não conseguia escrever. Como exemplo, podem ser citadas as atividades de elaboração de escrita de legendas (Quadro 6, atividade s), a de completar os nomes dos contos de fadas (Quadro 9, atividade d) e outras do mesmo tipo. Quanto às atividades de Matemática, podem ser citadas as atividades de subtração (Quadro 12, atividade c), multiplicação (Quadro 12, atividades d, e e), e a de divisão (Quadro 12, atividade f). Para boa parte dos alunos mesmo as atividades de adição pareciam difíceis (Quadro 12, atividade a). Além destas, ainda podem ser citadas atividades como a da elaboração de estratégias de contagem (Quadro 11, atividade d) ou a de resolução de problemas envolvendo numerais ordinais (Quadro 14, atividade b).

Além disso, algumas atividades pareciam não ter um objetivo pedagógico claro, como as de caracterização de unidade, dezena e centena dos numerais (Quadro 12, atividade g), pois muitos alunos não pareciam ter conhecimento intuitivo claro dos números, de sua ordem e grandeza. Como um aluno poderia identificar a unidade e dezena em "20", por exemplo, se ele não sabia ao menos escrevê-lo? Considerando a necessidade de maior preparo dos alunos mais a fundo, foi possível observar que alguns ainda tinham dificuldade para utilizar seus cadernos de maneira correta, sem pular folhas e espaços grandes. Isto pode ser observado na alta frequência com que alguns alunos perguntavam tanto ao pesquisador quanto à professora onde deveriam começar a escrever.

A dificuldade das atividades pode ser uma possível causa do desinteresse de boa parte dos alunos ao longo do ano, e o desinteresse é uma das barreiras à promoção da criatividade apontadas por Alencar e Fleith (2004). Com tal afirmação, no entanto, não se pretende dizer que os alunos já deveriam estar previamente interessados, uma vez que o interesse pelas atividades é produto das relações entre os alunos e estas. Além disto, há diversos autores que defendem a necessidade de um conhecimento prévio suficiente para que as pessoas possam criar, como Sternberg & Lubart (1995), Nickerson (2008), Reilly (2008) e Gardner (1999). Um argumento clássicos dos autores que defendem esta tese é

de que ninguém compõe uma sinfonia sem conhecer música. O estudo de Cho et. al (2013) descreve que os diferentes tipos de criatividade que podem emergir durante uma aula têm sempre algum tipo de conhecimento prévio ou mesmo experiência de vida como base. Por fim, a dificuldade excessiva também pode ser um fator que pode ter prejudicado a interação do lúdico com o aprendizado.

Considerando as atividades preparatórias de Português, para que os alunos fossem capazes de escrever sozinhos, como relatado pela professora ao pesquisador, era esperado que as atividades de cópia fossem didaticamente preparadas para tal. Contudo, tais atividades não pareceram suficientes para que os alunos escrevessem sozinhos, elaborando textos. Porém, estas atividades poderiam ser satisfatórias para preparar os alunos para escrever de forma adequada no caderno, respeitando os espaços e parágrafos e os familiarizassem com as letras. É de valor ressaltar o caso ocorrido com Caio. Certa vez, o garoto copiou em uma folha inteira do caderno a primeira linha do cabeçalho e veio mostrar feliz ao pesquisador que estava fazendo alguma lição. O pesquisador o acolheu e perguntou a ele o que estava escrito, mas o aluno não soube dizer.

Para matemática, foram dadas atividades preparatórias para a adição, como a adição com símbolos (Quadro 12, atividade a) e a adição com ábacos (Quadro 12, atividade a); porém estas atividades de grande valia foram observadas apenas uma vez. Não foram observadas atividades preparatórias para subtração. Foram observadas atividades preparatórias para multiplicação (Quadro 12, atividades de e), que envolviam a adição. Talvez as atividades de multiplicação fossem preparatórias para a de divisão (Quadro 12, atividade f). Para as atividades de contagem (Quadro 11), foram dadas as atividades de escrever os números (Quadro 13, atividades a e b), que também serviam como preparação para as atividades de identificação dos numerais representativos da unidade, dezena e centena (Quadro 12, atividade g) e atividades de matemática em geral. Contudo, pelas observações, pareceu que o tempo entre a preparação e o avanço foi muito curto, às vezes concomitante, como no caso das adições e subtrações e conhecimento dos números.

A questão do preparo e do despreparo dos alunos foi discutida pela professora na entrevista, sendo o preparo dos alunos considerado um fator que facilitava as atividades. Segundo ela, o andamento das atividades acontecia mais facilmente com aqueles alunos que haviam cursado o jardim e a pré-escola. Os alunos preparados também exigiam dela menos atenção em relação aos que estavam em seu primeiro contato com a escola, no primeiro ano do ensino fundamental.

É possível avaliar que houve atividades preparatórias para as crianças, mas não foi dado sequência o suficiente para que elas realmente preparassem, já que as atividades mais avançadas foram dadas concomitantemente a elas. E aqui pode-se questionar se estão sendo dadas atividades muito difíceis para alunos muito pequenos.

## A forma de planejamento das atividades

Entre as tarefas aparentemente não sequenciadas dentro de um planejamento ou que poderiam ser melhor executadas, mesmo dentro de um planejamento, desconsiderando as muito difíceis, é possível citar três tipos de tarefas: 1) as tarefas realizadas como meio de controle de comportamento dos alunos, o que as deixava descontextualizadas; 2) aquelas realizadas poucas vezes e sem um aprofundamento adequado, mas que poderiam ser boas tarefas; e 3) as atividades que poderiam ter sido melhor executadas.

Em relação às tarefas realizadas como meio de controle de comportamento, estão principalmente atividades em que os alunos tiveram que escrever números de zero a 100, de zero a 50, ambas presentes no Quadro 13, ou outras do tipo. Alguns alunos chegavam a completá-las, mas a adesão era pouca. Isto pode ter acontecido por diversos motivos, como a professora pedir sentada em sua mesa enquanto a sala estava muito agitada, e por isso não ouviam ou simplesmente ignoravam; ou por alguns alunos não conseguirem fazer o que foi pedido ou até mesmo como forma de resistência às tarefas, visto que alguns alunos diziam que queriam ir embora da aula por causa do barulho e da bagunça.

Em relação às atividades pouco levadas adiante, mas que poderiam ter um bom efeito pedagógico, pode-se citar, em Português, as atividades de enunciar palavras que começavam com determinada sílaba (Quadro 8). Estas atividades poderiam ajudar os alunos a pensarem a relação entre grafema e fonema e favorecerem a aprendizagem de leitura e escrita. Contudo, as famílias de sílabas não foram sistematicamente trabalhadas e estas pareciam ser escolhidas aparentemente ao acaso. Isto também ajudaria os alunos a conhecerem todas as letras, já que foram poucas as vezes em que o alfabeto foi trabalhado e, quando foi trabalhado, foi na forma de cópia pura (Quadro 6, atividade h). As atividades de caracterização de personagens (Quadro 6, atividade f) também poderiam ter sido melhor trabalhadas e não serem puramente cópia, já que são o rudimento da análise literária, o que poderia instrumentalizar as crianças para compreenderem melhor as histórias lidas. Outra atividade assim foi projeto pedagógico proposto pela Secretaria (Quadro 10, atividade a). Foi pedido às crianças apenas que citassem e copiassem nomes

de brincadeiras. Poderia ter sido muito mais proveitoso se os alunos jogassem os jogos e aprendessem a escrever seus nomes, os objetos utilizados, as regras, etc. Assim, talvez, eles pudessem interagir melhor com as atividades por estas serem mais atraentes, e não tornar estas atividades como simplesmente mais uma tarefa de cópia.

Ainda em relação às atividades dadas sem o aprofundamento adequado, talvez seja possível dizer que, em Matemática, *todas* ou a maioria das atividades do livro EMAI, com exceção das de contagem (Quadro 11) e comparação de tamanho (Quadro 16, atividade a), podem ser enquadradas neste quesito, como as de medição de volume (Quadro 16, atividade b) e distância (Quadro 16, atividade c), as de identificação de formas geométricas (Quadro 17, atividade a), as de elaboração de tabelas (Quadro 17, atividades c, d e e), as de números ordinais, etc. Todas seriam boas atividades, mas foram dadas de forma bastante rápida. Assim, também é possível notar a grande quantidade de temas a serem trabalhados em sala de aula, o que faz com que estes sejam estudados rápida e superficialmente.

Por fim, em relação às atividades que poderiam ter sido melhor executadas, podese dizer, com base nas observações, que algumas atividades pareceram não ter acompanhado a velocidade de aprendizado dos alunos. Como exemplo, as atividades de leitura de parlendas (Quadro 7, atividade c), com as quais aparentemente esperava-se dos alunos que deduzissem a linguagem escrita e aprendessem a ler observando palavras e associando a elas um som. As parlendas foram lidas muito rapidamente para muitos alunos que tinham pouca ou nenhuma habilidade de leitura, o que impossibilitava que estes alunos reconhecessem alguma palavra, e mesmo para os que possuíam tal habilidade, caso reconhecessem algumas sílabas, teriam que raciocinar rapidamente para decifrar o que estava escrito. Isto também foi observado em relação ao alfabeto e aos números: o primeiro era passado somente por completo, nunca sendo analisado letra a letra; quanto aos números, foram ensinadas somente as dezenas (10, 20, 30...). Em matemática, um bom exemplo de atividade deste tipo foram as atividades de medição de volume (Quadro 16, atividade b). Em uma delas houve a tentativa de mostrar aos alunos que o volume de líquidos se mantém apesar da forma dos recipientes. Contudo, para isto, foram utilizados somente desenhos, o que faz questionar a efetividade mesmo desta tarefa, a qual, para ser melhor aproveitada, deveria ter sido realizada com recipientes reais, ao contrário do que foi sugerido pelo livro.

## A repetição das atividades

Em relação à repetição das atividades, é importante ressaltar que este princípio de que a repetição leva ao aprendizado parece ter norteado o plano pedagógico, segundo a fala da professora e com base nas observações. Tal fator também pode ter gerado desinteresse nos alunos (Alencar & Fleith, 2004). Como apontam Davies et. al (2013), o ambiente pedagógico que melhor oferece oportunidades para o surgimento de criatividade propõe atividades com certo caráter de novidade e sentido.

Logo no começo do ano, por exemplo, foi observado que se esperava que os alunos aprendessem os números através de repetições ostensivas, como quando copiavam inúmeras vezes o mesmo número (Quadro 18, Cat. 2, atividade a), ou escreviam de 0 a 100 (Quadro 13, atividade b) com pouca ou nenhuma explicação sobre o que estavam fazendo, já que os alunos tinham dificuldade para copiar os números ou mesmo para identificá-los em um quadro. Todos os dias foram repetitivos: leitura, cabeçalho, cópias da lousa e atividades do livro de matemática. Isto pode ter tornado a escola desinteressante, nada era novo, até o que era novo era dado de um jeito velho: o da cópia sem explicação.

Como foi possível observar, as atividades cotidianas foram quase sempre as mesmas, seguindo a ordem: leitura, cabeçalho, cópias da lousa e leitura e cópia de parlenda (com a introdução destas duas últimas atividades mais ao final do ano, conforme foi descrito nas Contextualizações do Cotidiano da Sala). Além disto, as crianças não demonstravam muito interesse nestas atividades. Sobretudo, em meio a estas atividades desinteressantes, havia longos períodos de tempo no quais os alunos brigavam, corriam, gritavam e tudo isso deixava a professora muito irritada. Estes momentos foram muitas vezes interrompidos por atividades repentinas que, após seu término, era retomada a bagunça. É possível afirmar que este modo de conduzir as aulas também não tenha sido favorável ao aparecimento da criatividade, exceto quando nestes momentos as crianças se deslocavam até o cantinho da leitura, folheavam os livros e brincavam de escolinha. Se "nunca se sabe como como uma pessoa aprende", como diz Deleuze (2003, p. 21), também não se pode dizer que alguém não está aprendendo. Estes momentos poderiam ser de aprendizado ou de oportunidades para bons encontros entre as crianças e os livros?

A insistência na repetição se deve à crença na aprendizagem enquanto recognição (Deleuze, 2006). Segundo o filósofo, nunca se aprende repetindo; pelo contrário, a repetição vem após o aprendizado, após a criação. Os métodos didáticos que defendem que a aprendizagem vem pela repetição estariam invertendo a ordem do aprendizado,

colocando na relação sujeito-objeto a sua primazia, quando, na verdade, o aprendizado se daria no encontro entre os signos e pontos notáveis da mente que acontecem inconscientemente, para só depois vir a ser consciente, quando é estabelecida a díade sujeito-objeto. Neste sentido, talvez seja possível dizer que a cópia pura e simples é o antiaprendizado, a anticriação.

# As atividades feitas com pressa

Outro importante fator observado, que pode ser levantado como um dos possíveis fatores para a baixa ocorrência de criatividade, foi a falta de explicação oral das atividades, focadas quase que exclusivamente nas cópias das respostas, que eram dadas quase de imediato pela professora, sem procurar fazer o aluno pensar. A pressa para dar a resposta também pode ser observada nos alunos, que muitas vezes respondiam aleatoriamente, sem considerar o que estavam dizendo, e sem serem provocados a pensar sobre suas respostas.

De forma muito semelhante a isto, estava o pouco uso dos erros dos alunos como forma de explicar a eles o que deveria ser aprendido, forçando-os a pensar. Isto acontecia principalmente quando era pedido algum tipo de resposta oral: quando um aluno dava uma resposta errada, tal resposta não era corrigida e explicada, mas, por vezes, ignorada, o que não os forçava a rever seus conhecimentos ou forçava-os a pensar, como na atividade de dizer palavras iniciadas com a sílaba "BA" (Quadro 8, atividade g). É como se os alunos só pudessem participar se já soubessem as respostas. Bem próximo a isto está também o fato de que os alunos só podiam participar quando era solicitada a sua participação, visto que a professora impedia a participação daqueles que não eram chamados por ela para falar. Contudo, pode ser feita a ressalva de que a professora desejava algo em específico dos alunos que ela chamava.

A questão do uso do erro na escola já vem há muito sendo discutida, seja em uma perspectiva piagetiana (Queiróz, Dias, Chagas et al, 2011), ou na perspectiva de Ausubel ou Paulo Freire, como aponta Moreira (2000). Este autor (Moreira, 2000) destaca que a aprendizagem é sempre a superação daquilo que sabemos de forma errada, evidenciando mais uma vez a importância dos conhecimentos prévios. Também é possível dizer que a valorização dos erros faz parte da valorização da expressão dos alunos, conforme as diretrizes do MEC já apresentadas, e a sua não aceitação prejudica o clima para expressão das ideias, fator apontado por Alencar e Fleith (2004) como facilitador da expressão da criatividade em sala de aula. Por fim, também é possível afirmar que a atenção recognitiva

foi predominante durante as observações, como também foi observado por De-Nardin e Sordi (2007).

### O uso pouco frequente de materiais auxiliares

Por fim, foi observado que o uso de materiais auxiliares parecia instigar os alunos a fazerem as tarefas, como foi visto na tarefa de adições com ábaco (Quadro 12, atividade a) e na de escrita com letras móveis (Quadro 6, atividade p); contudo, eles foram pouco utilizados. Nesta última atividade, os alunos pareceram motivados a escrever as palavras, ainda que estivessem "colando" das outras duplas. Por que este não poderia ser um momento para a aprendizagem? Pode-se relembrar aqui a repetição das tarefas e o pouco espaço para o aparecimento do diferente ou o uso do diferente. Em relação ao uso de materiais diferentes, no estudo de Bolden, Harries e Newton (2010), foi apontado que algumas professoras têm a concepção de que o uso de matérias tecnológicos também favoreceria a criatividade nos alunos. Neste caso, nem a alta tecnologia seria necessária.

Houve também o pouco uso dos diferentes espaços da sala, como os cantinhos da matemática e da leitura, os quais foram utilizados por alguns alunos de maneira espontânea, quando não havia atividades. Em relação à esta segmentação do espaço da sala, Davies et. al (2013) apontam que deve-se evitar ambientes temáticos para os anos mais novos, de forma que os alunos utilizem a imaginação. Ainda segundo estes autores, o ambiente físico da sala deve propiciar segurança aos alunos, para que eles o explorem; o ambiente também deve apresentar pouca mobília, para facilitar a expressão de criatividade. Como observado, a sala era tradicional, cheia de cadeiras e mesas. A questão da segurança para explorar também remete à teoria de Winnicott, exposta na introdução.

Portanto, de acordo com os objetivos deste trabalho, foi averiguado que praticamente não houve estratégias de ensino que favorecessem tanto a criatividade como a aprendizagem por cognição inventiva, durante o ano letivo da sala observada. No entanto, foi possível observar os fatores que contribuíram para que isto não acontecesse, conforme já foram apontados: 1) a proposta de atividades muito difíceis para os alunos 2) a forma de planejamento das atividades, 3) a repetição das atividades; 4) as atividades feitas com pressa em meio a longos períodos de inatividade, sem explicação e com as respostas dadas pela própria professora; e 5) o uso pouco frequente de materiais auxiliares como ábaco, etc. Além do excesso de atividades de cópia. Concluídos estes apontamentos, cabe aqui a questão: foram dadas aos alunos atividades que os ensinassem algo ou de

forma a promover o aprendizado?

Cabe aqui refletir sobre o papel do professor e do ensino. Uma boa reflexão pode ser extraída de uma entrevista dada por Deleuze (2001), o *Abecedário*. Na letra P, o filósofo discorre sobre o professor. Nesta parte da entrevista, ele conta sua vida acadêmica e, durante sua fala, levanta alguns pontos sobre o ensino, apresentados para a meditação de tudo o que foi apresentado até agora. Os pontos destacados são: 1) a preparação das aulas; 2) a paixão por aquilo que é ensinado; 3) o que é uma boa aula; e 4) a igual valorização que dava tanto ao ensino no ensino médio quanto ao ensino no ensino superior. No primeiro ponto, Deleuze (2001) destaca a preparação como um momento para inspiração: "se você quer 5 minutos, 10 minutos de inspiração, tem de fazer uma longa preparação. Para ter esse momento de... se não temos... eu vi que, quanto mais fazia isso... sempre fiz isso, eu gostava"; e mais adiante: "como tudo, são ensaios. Uma aula é ensaiada. É como no teatro e nas cançonetas, há ensaios. Se não tivermos ensaiado o bastante, não estaremos inspirados. Uma aula quer dizer momentos de inspiração, senão não quer dizer nada".

No segundo ponto destacado, em decorrência do primeiro, Deleuze (2001) afirma:

Não, cada atividade tem seus modos de inspiração. Mas não há outra palavra a não ser pôr algo na cabeça e conseguir achar interessante o que é dito. Se o orador não acha interessante o que está dizendo... Nem sempre achamos interessante o que dizemos. E não é vaidade, não é se achar interessante ou fascinante. É preciso achar a matéria da qual tratamos, a matéria que abraçamos, fascinante. Às vezes, temos de nos açoitar. Não que seja desinteressante, a questão não é essa. É necessário chegar ao ponto de falar de algo com entusiasmo. O ensaio é isso. Eu precisava menos disso. E as aulas são algo muito especial".

E mais:

É preciso estar totalmente impregnado do assunto e amar o assunto do qual falamos. Isso não acontece sozinho. É preciso ensaiar, preparar. É preciso ensaiar na própria cabeça, encontrar o ponto em que... É muito divertido, é preciso encontrar... É como uma porta que não conseguimos atravessar em qualquer posição.

No terceiro ponto é dito que:

Para mim, uma aula não tem como objetivo ser

entendida totalmente. Uma aula é uma espécie de matéria em movimento. É por isso que é musical. Numa aula, cada grupo ou cada estudante pega o que lhe convém. Uma aula ruim é a que não convém a ninguém. Não podemos dizer que tudo convém a todos.

Nesta mesma entrevista, Deleuze declarou que ensinava seus alunos a tocarem serrote, com um determinado fim pedagógico, assim como afirmou que era consciencioso em relação ao programa escolar. Por fim, Deleuze destacou que as preparações das aulas para o ensino médio eram tão intensas quanto as preparações para a faculdade e afirmou que não seria uma derrota voltar a dar aulas ao ensino médio, após dar aulas no ensino superior.

Ainda nesta mesma entrevista, na letra seguinte, a Q, foi tratada o tema "o que é uma questão". O filósofo faz a distinção entre uma interrogação e uma questão. Para ele, uma interrogação é uma pergunta do tipo: "como vai você?", ou "que horas são?", ou qualquer outro tipo de pergunta que não exija passar da simples constatação do óbvio, o mero oferecer de uma opinião banal. Em oposição a isto, a questão seria algo problemático do qual temos que nos livrar, pois aí também é dito que não se trata de responder questões, mas de se livrar delas. Tomando isto para a escola, o que está acontecendo? São postas interrogações ou questões? São as questões, os problemas que fazem o pensamento ir além de si mesmo, para que se livrem deles.

#### 5. 3 A questão da disciplina

As técnicas disciplinares utilizadas na sala de aula observada são as descritas no Quadro 22. Elas vão da reorganização da posição dos alunos no espaço à aplicação de castigos, seja punindo, como colocar o aluno para pensar, seja tolhendo um prazer, como deixar as crianças sem aulas de artes, passando pelo incentivo ao constrangimento mútuo (como foi observado uma vez) (Quadro 22, categoria 2, atividade. a), registro dos indisciplinados, além das atividades avaliativas: a prova e a sondagem (Quadro 20).

Os meios de vigilância e controle na escola, apontados na seção sobre Foucault e a disciplina, são claros. É necessário estudá-los ao limite de compreender de que forma eles podem bloquear a criatividade, uma vez que eles aplacam multiplicidade, conceitos quase irmãos. Há uma vasta literatura sobre este assunto, que discute a função da disciplina na escola e o fato de que crianças disciplinadas não necessariamente aprendem.

Este é um tema vasto e importante, mas que vai além dos objetivos deste trabalho.

Contudo, também é necessário identificar o que propiciou nesta sala o elevado número de desentendimentos observados e até mesmo a *função* da indisciplina na sala de aula. São os alunos *intrinsecamente* pouco adaptados e indisciplinados? É necessário que passem por um processo disciplinar ainda mais severo? Há de se tomar este cuidado, porque talvez este tipo de afirmação possa servir apenas como pretexto para a utilização de tais técnicas de controle, baseadas em um discurso do fracasso das instituições disciplinares, como aponta Moura (2010), citando Foucault, em *Vigiar e Punir*:

A penalidade, a vigilância e o controle seriam então uma maneira de gerir as ilegalidades, de riscar limites de tolerância, de dar terreno a alguns, de fazer pressão sobre outros, de excluir uma parte, de tornar útil outra, de neutralizar estes, de tirar proveito daqueles. (Foucault, 1987, p. 230)

Para responder a tais questões, é necessário relembrar alguns fatos observados. O primeiro é o de que Ângela repetia os atos da professora quando "brincava de escolinha" com as outras crianças. Ângela era uma professora dura e rígida, que exigia o mais absoluto silêncio dos alunos. Ângela não seguia as ordens disciplinares da professora, mas sabia aplicá-las com perícia. O segundo fato consiste na incrível coordenação e ordem observada na ação de certos alunos quando planejavam agredir ou provocar algum outro aluno: havia o líder e estrategista e os agentes, que executavam e até enganavam de início quem seria prejudicado, para que este não desconfiasse que estava em apuros e fosse pego de surpresa. Nestes casos, os alunos exigiam de si mesmos a mais ordenada disciplina.

Apesar disso, houve momentos de harmonia entre as crianças. Por exemplo, quando elas ajudaram umas as outras a contar os ovos desenhados no livro EMAI, mesmo após terem se desentendido, quando se ajudaram a contar com o ábaco e a manusear as letras móveis para formar palavras ou quando ensinavam uns aos outros (ainda que alguns quisessem apenas copiar). Mas não seria esta também uma forma de aprender? É importante destacar que os alunos pareciam satisfeitos ao realizarem estas tarefas.

Dessa forma, pode-se considerar que os fatos apresentados demonstram: 1) que os alunos sabem ser disciplinados e sabem mesmo como exigir disciplina; 2) que os alunos agiam em ordem e ainda de maneira *altruísta* quando havia uma atividade que os interessava; e 3) que a falta de atividades pode ter sido, em muitos casos, o que propiciou

os desentendimentos. Isso porque os piores momentos de indisciplina ocorriam quando não havia atividades e, especialmente no final do dia letivo. Além disso, vale ressaltar que alguns alunos vinham constantemente até a mesa do pesquisador para dizerem que queriam ir embora e que não queriam mais ficar na sala.

Com base nessas observações e considerações, é razoável supor que os conflitos interpessoais não ocorreram por falta de disciplina, mas devido aos afetos que perpassavam a sala de aula e não davam escolha aos alunos e à professora senão agirem daquela maneira.

Tal posição baseia-se no conceito de agenciamento, de Deleuze e Guatarri (2005), encontrado no volume 2 de *Mil Platôs*:

Segundo um primeiro eixo, horizontal, um agenciamento comporta dois segmentos, um de conteúdo, outro de expressão. De um lado ele é agenciamento maquínico de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; de outro, agenciamento coletivo de enunciação, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas atribuindo-se aos corpos. Mas, segundo um eixo vertical orientado, o agenciamento tem ao mesmo tempo lados territoriais ou reterritorializados, que o estabilizam, e pontas de desterritorialização que o impelem. (Deleuze e Guatarri, 2005, p. 29)

Deste modo, os atos de disciplina ou indisciplina não estavam intrinsecamente ligados aos alunos, mas à maneira de como estavam se conectando aos conteúdos escolares: tudo ocorre *entre* os dois polos, os alunos e os conteúdos escolares. Se os agenciamentos são alegres, se são bons encontros, eles vão até o fim em sua realização, naquilo que eles podem, na expressão do desejo. Se são tristes, cria-se uma linha de fuga, de abolição, de destruição e de revolta, também conhecida como indisciplina.

## 6 CONCLUSÕES

Entre os principais pontos levantados, o mais importante é que praticamente não houve espaço para a ocorrência de criatividade ou, ainda, de aprendizagem por cognição inventiva. Foi dado grande valor às atividades de cópia e praticamente não houve atividades em que os alunos pudessem forçar o pensamento para além dos seus limites, o que implicaria em aprendizagem e criação. Isso não ocorreu somente pelo excesso de atividades de cópia, mas também pelo fato de as atividades serem muito difíceis, propostas, em sua maioria, subitamente após longos períodos de inatividade e com alta taxa de repetição.

Além disto, foi observado com frequência que sentimentos negativos foram predominantes durante boa parte do ano letivo, como a raiva, o tédio, o medo e a vontade de sair da sala de aula e ir embora. Tal fato pode ter prejudicado o andamento das atividades e favorecido as cenas de agressão e indisciplina observadas. Porém, foi observado que em certos tipos de atividades os alunos se interessavam e se ajudavam. Isto mostra que se certos tipos de tarefas fossem manejadas de forma mais adequada, tanto a aprendizagem quanto os relacionamentos poderiam ter se desenrolado de maneira diferente.

Estes dados mostram o quão importante é a didática e o preparo dos educadores para o âmbito escolar. Não foi observada a falta de materiais escolares, de merenda e a estrutura escolar era satisfatória, ainda que a sala fosse bastante quente. Mesmo assim, houve pouco espaço para a experiência de aprendizado.

Por fim, pode-se questionar o quão adaptativo foi este primeiro ano para estes alunos e quais as implicações que isto pode gerar no decorrer da vida escolar destas crianças. Os anos iniciais do Ensino Fundamental são decisivos no sentido de que podem influenciar o desempenho acadêmico e psicossocial dos alunos ao longo da sua trajetória escolar. A maneira como um aluno vivencia esta inserção, assim como os desfechos resultantes deste momento, pode influenciar seu desenvolvimento em anos posteriores (Correia-Zanini, 2013).

# 7 IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS

Se não há aluno perfeito, nem professor perfeito, nem condições perfeitas para o ensino, também não há aula perfeita, ideal, que funcionará sempre, já que, como diz Deleuze, "nunca se sabe como alguém aprende". Todos os alunos são diferentes. Suas mentes se acoplam e se modificam de maneira diferente quando em contato com o conhecimento, que são signos e códigos. Assim, produzem e criam também de maneira diferente, em áreas de interesse diferente. Tal como é descrito por Deleuze em Crítica e Clínica (1997), no capítulo Espinosa e as Três Éticas: "as características comuns a todos esses signos são a associabilidade, a variabilidade e a equivocidade ou analogia. As afecções variam segundo as cadeias de associação entre os corpos (o sol endurece a argila e derrete a cera, o cavalo não é o mesmo para o guerreiro e para o camponês)" (p. 179).

Deste modo, se os agenciamentos entre as mentes e os signos acontecem em meio a uma multiplicidade e geram uma multiplicidade incontrolável, pois cada pessoa têm o seu próprio devir, qual a função do professor? O que ele pode fazer em meio a estes inúmeros fluxos e forças que atravessam a sala de aula? Propiciar bons encontros, que façam com que haja na classe a exaltação da vida, da alegria, da vontade de saber de conhecer. Esta é a ética da Esquizoanálise: propiciar, valorizar a vida, o aumento da vontade de viver.

Estes bons encontros também são incontroláveis, o que resta ao professor é emitir muitos signos, de modo que muitos alunos possam se apropriar deles, já que "uma aula ruim é aquela que não propicia nada a ninguém", em paráfrase de Deleuze, como já apontado no *Abecedário*. Também Goethe, no prólogo do *Fausto*, diz algo neste mesmo sentido: "quem oferece muita coisa oferecerá alguma coisa para muitos".

Sem o desejo de traçar um ideal de aula, é possível elencar certas práticas que possam facilitar o aprendizado, com base no que foi observado em sala de aula, como forma de sugerir diretrizes que contribuam para o aparecimento de bons encontros, tendo em mente a ética do aumento da potência dos corpos e da vontade de viver e aprender. São elas:

 O preparo das aulas: preparar tudo com antecedência, com os temas e objetivos das aulas em vista, de modo que os conteúdos sejam passados por diversas estratégias, para que o maior número possível de crianças possa se apropriar e ser modificado pelos conhecimentos. O professor é um emissor de signos, os quais podem ser emitidos das mais diversas formas, tal como o calor pode ser emitido por uma fogueira ou pelo sol.

- Diversificar as atividades: em consequência da diversidade de estratégias utilizadas, a diversidade das atividades tende a acontecer naturalmente. O novo tem o poder de gerar curiosidade, interesse, de instigar, quebrar a monotonia. E depois de descoberto o que interessa e aumentar a vontade de aprender das crianças, naturalmente elas desejariam repetir aquela experiência.
- Diversificar os materiais: o uso de materiais diferentes pareceu instigar as crianças. Não só materiais escolares clássicos, mas também plantas, pedras, brinquedos, instrumentos musicais, extraindo deles tudo o que pode ser ensinado às crianças, como novos emissores de signos, de conhecimento.
- Utilizar corretamente o tempo: dar tempo para que as crianças explorem o conhecimento, se misturem às letras, números, conceitos, experimentem, testem, brinquem, enfim, possam realmente estar nas atividades que participam.
   Isso estaria incluído no preparo das aulas, de modo que as crianças também percebessem que uma atividade foi iniciada.
- Utilizar o espaço da sala de aula: as crianças são vivas, cheias de energia, prontas para sair, brincar, correr, explorar, aprender. Tal energia não pode ficar estancada, aprisionada, sentada em uma cadeira, imóvel. É preciso espaço para que esta energia flua. A energia das crianças está presente e, invariavelmente, vai se expressar, basta dar a ela uma boa direção. Como diz Nietzsche (2010), na *Genealogia da Moral*: "exigir da força que não se expresse como força, que não seja um querer-dominar, um querer subjugar, um querer vencer, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força" (p. 32).
- Valorizar o erro das crianças e trabalhar a partir deles: ninguém acerta de primeira, o ensaio e erro fazem parte da vida de estudos e experimentos até dos grandes vultos do pensamento humano. Isso implica liberdade de se expressar,

de investigar de ir a fundo até onde é possível no aprendizado.

- Compreender a indisciplina das crianças: ao invés de taxar e julgar, de chamar inspetores cada vez mais rigorosos para reprimir, vale compreender e estudar a sala: perguntar pelo motivo das ações e transformar o que está sendo um empecilho.
- Por fim, paixão para ensinar, educar, aprender. A razão vem sempre depois. O "porquê" de se estudar, de se fazer certas atividades. Tal como diz Nietzsche (2015), no aforismo 18 do *Crepúsculo dos Ídolos*: "quem não sabe colocar sua vontade nas coisas ainda insere nelas ao menos um sentido: isto é, crê que uma vontade já esteja nelas (princípio da "fé")" (p. 20).

### REFERÊNCIAS

- Alencar, E. M. L. S. (1986). Psicologia da criatividade. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Alencar, E. M. L. S., & Fleith, D. S. (2004). Inventário de práticas docentes que favorecem a criatividade no ensino superior. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 17*(1), 105-110.
- Alencar, E.M.L.S. & Fleith, D.S. (2003) Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 19*(1), 01-08.
- André, M. E. D. A. (2001). Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus.
- Barbosa, J. I. C. (2003). A criatividade sob enfoque a análise do comportamento. *Revista brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5(2), 185-193.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1977)
- Batey, M., Chamorro-Premizic, T., & Furnham, A. (2009). Intelligence and personality as predictors of divergent thinking: The role of general, fluid and crystallised intelligence. *Thinking Skills and Creativity*, 4, 60-69.
- Batey, M., Furnham, A., & Safiullina, X. (2010). Intelligence, general knowledge and personality as predictors of creativity. *Learning and Individual Differences*, 20, 532-535.
- Birman, J. (2008). Criatividade e sublimação em psicanálise. *Psicologia Clínica*, 20(1), 11-26.
- Boden, M. A. (2004). *The creative mind myths and mechanisms*. London: Routledge.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Bolden, D.S., Harries, A.V., Newton, D.P. (2010) "Pre-service primary teachers conceptions of creativity in mathematics". *Educational studies in mathematics.*, 73 (2),143-157.

- Briceno, E. D. (1998). La creatividad como un valor dentro del processo educativo. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2(1), 43-51.
- Carraro, P. R. (2003). Crenças e representações dos professores sobre o construtivismo, os parâmetros curriculares nacionais (PCN) e as inovações pedagógicas no contexto das diretrizes propostas para o ensino fundamental a partir da nova LDB. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Carraro, P. R. (2008). O professor do ensino fundamental em grupos reflexivos em uma abordagem sociodramática. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Cassiano, P. M. D. (2011). Recognição e criatividade, como cognição inventiva, nos processos de interação em uma sala de aula do ensino fundamental. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofía Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
- Cho, Y., Chung, H., Choi, K.,Seo, C. & Baek, E. (2013). The emergence os student creativity in classroom settings: a case study of ementary schools in Korea. *Journal od Creative Behavior*, 47(2), 152-169.
- Corner, C. (2012) into another world: from creativity to creative learning. *Improving Schools*, 15(2), 116-129.
- Correia-Zanini, M.R.G. (2013). Um estudo prospectivo sobre o percurso escolar de crianças nos três primeiros anos do Ensino Fundamental. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofía, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo USP, Ribeirão Preto/SP.
- Davies, D., Jindal-Snape, D., Collier, C., Digby, R., Hay, P. & Howe, A. (2013). Creative learning environments in education a systematic literature review. *Thinking Skills and Creativity*, 8, 80-91.
- Deleuze, G. (2001). O Abecedário de Giiles Deleuze. Entrevista concedida a Claire Parnet. Editado no Brasil pelo Ministério da Educação, "TV Escola", série Ensino Fundamental.
- Deleuze, G. & Guatarri, F. (2005). *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, volume 2 (Ana Lúcia Oliveira e Lúcia Cláudia Leão, trads). São Paulo: Editora 34. (Originalmente publicado em 1980).

- Deleuze, G. & Guatarri, F. (2005). *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, volume 2 (Ana Lúcia Oliveira e Lúcia Cláudia Leão, trads). São Paulo: Editora 34. (Originalmente publicado em 1980).
- Deleuze, G. & Guatarri, F. (2010). *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia* (Luiz B. L. Orlandi, trad.). Rio de Janeiro: Editora 34. (Originalmente publicado em 1972).
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs* (Vol 1, 1ª ed. ). Oliveira A. L., Guerra, A. Neto & Costa, C. P. Trads.) São Paulo: Editora 34. (Trabalho original publicado em 1980).
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2005a). *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, volume 1 Oliveira A. L., Guerra, A. Neto & Costa, C. P. Trads.) São Paulo: Editora 34. (Trabalho original publicado em 1980).
- Deleuze, G. (1997). Crítica e Clínica (Peter Pál Pelbart, trad.). Rio de Janeiro: Editora 34. (originalmente publicado em 1993).
- Deleuze, G. (2002). *Espinosa: Filosofia Prática* (Daniel Lins e Fabien Pascal Lins, trads.) São Paulo: Escuta. (Originalmente publicado em 1981).
- Deleuze, G. (2006). *Diferença e repetição*. (L. Orlandi & R. Machado, Trads). Rio de Janeiro: Graal. (Trabalho original publicado em 1968).
- Deleuze, G. (2008). *Política*. In Gilles Deleuze, *Conversações* (209-226) (Peter Pál Pelbart, trad.). Rio de Janeiro: Editora 34. (Originalmente publicado em 1972).
- Deleuze, G. (2003). *Proust e os Signos*. (Antônio Piquet e Roberto Machado, trads.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Originalmente publicado em 1971).
- De-nardin, M., & Sordi, O. R. (2007). Um estudo sobre as formas de atenção na sala de aula e suas implicações para a aprendizagem. *Revista Psicologia e Sociedade, Porto Alegre, 19*(1), 99-106.
- Dias, T. L., & Enumo, S. R. F. (2006). Criatividade e dificuldade de aprendizagem: avaliação com procedimentos tradicional e assistido. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1), 69-78.

- Dias, T. L., Enumo, S. R. F., & Azevedo Junior, R. R. (2004). Influências de um programa de criatividade no desempenho cognitivo e acadêmico de alunos com dificuldade de aprendizagem. *Psicologia em Estudo*, *9*(3), 429-437.
- Fleith, D. S., & Alencar, E. M. L. S. (2005). Escala sobre o clima para criatividade em sala de aula. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(1), 85-91.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão* (Lígia M. Ponde Vassalo, trad.). Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1975).
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso* (Laura Prado de Almeida Sampaio, trad.). São Paulo: Edições Loyola. (Originalmente publicado em 1971).
- Foucault, M. (2009). *A História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber* (Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, trads.). São Paulo: Edições Graal. (Originalmente publicado em 1976).
- Freire, P. (1981). Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz & Terra.
- Garde, M. (2003). Criatividade: um estudo sobre as crenças e representações dos professores do Ensino Médio. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Gardner, H. (1999). Arte, mente e cérebro: uma abordagem cognitiva da criatividade. (Costa, S., Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Hammershooj, L. G. (2014). Creativity in education as a question of cultivating sensuous forces. *Thiking Skills and Creativity*, 13, 168-182.
- Hoseinifar, J., Siedkalan, M. M., Zirak, S, R., Nowrozi, M., Shaker, A., Meamar, E., Ghaderi, E. (2011) An investigation of the relation between creativity and five factors of personality in students. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, *30*, 2037 -2041.
- Jung, C. G. (2008). *O homem e seus símbolos*. 2ª edição especial brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Originalmente publicado em 1964).

- Karswowski, M. & Soszynki, M. (2008). How to develop creative imagination? Assumptions, aims and effectveness of Role Play Training in Creativity. *Thinking Skills and Creativity*, 3, 163-171.
- Kastrup, V (2000) O devir-criança e a cognição contemporânea. *Psicologia Reflexão e Crítica, Porto Alegre, 13*(3), 373-382.
- Kastrup, V (2005). Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir mestre. *Educação & Sociedade, Campinas, 26*(93), 1273-1288.
- Kastrup, V. (1999). A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo no estudo da cognição. Campinas: Papirus.
- Kastrup, V. (2001). Aprendizagem, arte e invenção. Psicologia em Estudo, 6(1), 17-27.
- Kastrup, V. (2004). Aprendizagem da atenção na cognição inventiva. *Psicologia & Sociedade, Porto Alegre*, 16(3), 7-16.
- Kastrup, V. (2007) A invenção na ponta dos dedos: a reversãoda atenção em pessoas com deficiência visual. *Psicologia em Revista, Belo Horizonte, 13*(1), 69-90.
- Kastrup, V. A (2009). *A aprendizagem inventiva*. Entrevista por Juliano Reis Silveira. Edição Willian Puper Machado. Disponível em: <a href="http://www.youtube.com/watch?v=Sz7-cLdgsVk">http://www.youtube.com/watch?v=Sz7-cLdgsVk</a>. Acesso em: Fevereiro de 2013.
- Kastrup, V., Passos, E., & Escócia, L. (Orgs.). (2010) Pistas do método da cartografia:pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina.
- Kim, K. H. & VanTassel-Baska, J., (2010) 'The Relationship Between Creativity and Behavior Problems Among Underachieving Elementary and High School Students', *Creativity Research Journal*, 22 (2), 185-193.
- Lei nº 10.172. (2001, 09 de janeiro) Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República.
- Lei 11.114. (2005, 16 de maio) Torna obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade. Brasília, DF: Presidência da República.

- Lei 11.274. (2006, 06 de fevereiro) Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Brasília, DF: Presidência da República.
- Luciano, E. A. de S. (2006). Representações de professores do ensino fundamental sobre o aluno. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Mariani, M. F. M., & Alencar, E. M. L. S. (2005). Criatividade no trabalho docente segundo professores de história: limites e possibilidades. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(1), 27-35.
- Matos, D. R, Fleith, D. Z. (2006). Criatividade E Clima Criativo Entre Alunos De Escolas Abertas, intermediárias e Tradicionais. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, 10(1), 109-120
- Minayo, M. C. S. (1998). O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco.
- Ministério da Educação. (2007). Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. DF: FNDE. Recuperado em 29 de fevereiro de 2016, de <a href="http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf">http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf</a>
- Molon, S. I. & Albuquerque, A. S. (2012). Brincadeiras, atividades e interações das crianças do primeiro ano do ensino fundamental. *Revista de Educação PUC-Campinas*, 17(1), 55-63.
- Moreira, M. A. (2000). Aprendizagem significativa crítica. In *III Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa* (pp. 33-45). Peniche, LIS.
- Moura, T. M. (2010). *Foucault e a Escola: Disciplinar, Examinar, Fabricar.* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Mozzer, G. N. S. & Borges, F. T. (2008) A criatividade infantil na perspectiva de Lev Vigotski. *Revista da Faculdade de Educação da UFG*, 33(2), 69-88.
- Murari, S. C. & Henklain, M. H. O. (2013). Criatividade em debate: algumas contribuições da Análise do Comportamento. *Temas em Psicologia*, 21(1), 17-29.

- Nakano, T. C. (2009). Investigando a criatividade junto a professores: pesquisas brasileiras. *Psicologia Escolar e Educacional, 13*(1), 45-53.
- Nakano, T. C. (2012). Criatividade e inteligência em crianças: habilidades relacionadas? *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 28*(2), 149-160.
- Nakano, T. C., & Castro, L. R. (2013). Relação entre criatividade e traços temperamentais em estudantes do ensino fundamental. *Psico-USF*, 18(2), 249-262.
- Nakato, T. C., & Silva, T, F. (2012). Criatividade no contexto educacional: análise de publicações periódicas e trabalhos de pós-graduação na área de psicologia. *Educação e Pesquisa*, 38(3), 743-759.
- Newton, D. P. (2013). Moods, emotions and creative thinking: a framework for teaching. *Thinking Skills and Creativity*, 8, 34-44.
- Nickerson, R.S. (2008). *Enhancing Creativity*. In: Sternberg, R.J. (Ed.). Handbook of creativity (pp. 392-430). New York: Cambridge University Press. (Originalmente publicado em 1999).
- Nietzsche, F. W. (2009). *Crepúsculo dos Ídolos, ou, Como se Filosofa com o Martelo* (Renato Zwick, trad.). Porto Alegre: L&PM Pocket. (Originalmente publicado em 1889).
- Nietzsche, F. W. (2010). *Genealogia da Moral: Uma Polêmica* (Paulo César de Souza, trad.). São Paulo: Companhia de Bolso. (Originalmente publicado em 1887).
- Oliveira, D. R. & Guimarães, C. M. (2014). A dimensão lúdica desafia a prática docente no primeiro ano do Ensino Fundamental de nove anos. *Revista Contrapontos Eletrônica*, 14 (2), 275-288.
- Oliveira, Z.M.F. (2010) Fatores Influentes No Desenvolvimento Do Potencial Criativo, Estudos de Psicologia (Campinas), 27(1), 83-92.
- Otaviano, A. B. N., Alencar, E. M. L. S. & Fukuda, C. C. (2012). Estímulo à criatividade por professores de Matemática e motivação do aluno. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 61-69.

- Peng, S., Cherng, B. & Chen, H. (2013). The effects of classroom goal structures on the creativity of junior high school students. *International Journal of Experimental Educational Psychology*, 33(5), 540-560.
- Peres, C. M. (2006). *Atividades extracurriculares: representações e vivências durante a formação médica*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Petersen, T. V. (2008). Percepções dos Alunos do Ensino Médio sobre o Professor Real e Ideal, em Relação às suas Características Pessoais e profissionais e à interaçãocom os alunos. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Pires, L. H. S. (2008). *Representações e vivências de estudantes de psicologia sobre sua formação*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Pupin, R. C. (2009). Habilidades metacognitivas em matemática: desenvolvimento por meio de problemas aritméticos verbais com história no ambiente lúdico de aprendizagem de realidade suplementar. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
- Pupin, R. P. (2014). A música no Ensino Fundamental: condições de oferecimento e sua contribuição para o processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva dos professores. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
- Queiroz, S. S., Dias, L. P., Chagas, J. D. e Nepomoceno, P. S. (2011). Erros e equilibração em psicologia genética. *Psicologia Escolar e Educacional*, 15(2), 263-271.
- Reilly, R.C. (2008). Is expertise a necessary precondition for creativity? A case of four novice learning group facilitators. *Thinking Skills and Creativity*, 3, 59-76.
- Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. (2008). Orientações curriculares do Estado de São Paulo. (2008). São Paulo: FDE. Recuperado em 02 de janeiro de 2016, de http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/18/arquivos/proposta\_ciclo\_I.p df

- Silva, T. F. & Nakano, T. C. (2012). Criatividade no contexto educacional: análise de publicações periódicas e trabalhos de pós-graduação na área da psicologia. *Educação e Pesquisa*, 38(03), 743-759.
- Soleimani, N. & Tebyanian, E. (2011). A study of the relationship between principals' creativity and degree of environmental happiness in Semnan high schools *Procedia Social* and Behavioral *Sciences*, *29*, 1869 -1876.
- Spradley, J. P. (1980). *Participant Observation*. Orlando-Florida: Harcourt Brace Jovanovich College Publishers.
- Sternberg, R.J. & Lubart, T.I. (1995). *Defying the crowd. Cultivating creativity in a culture of conformity.* New York: The Free Press.
- Valiengo, A. (2008). Educação Infantil e Ensino Fundamental: bases orientadoras à aquisição da leitura e da escrita e o problema da antecipação da escolaridade, (2008). Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Marília.
- Wang, A. Y. (2012). Exploring the relationship of creative thinking to reading and writing. *Thinking Skills and Creativity*, 7, 38-47.
- Webb, A. N., & Rule, A. C. (2012). Developing Second Graders' Creativity Through Literacy-Science Integrated Lessons on Lifecycles. *Early Childhood Education Journal*, 40(6), 379-385.
- Wechsler, S. M. (1998). Avaliação multidimensional da criatividade: uma realidade necessária. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2(2), 89-99.
- Wechsler, S. M., Nunes, M. F. O., Schelini, P. W., Ferreira, A. A., & Pereira, D. A. P. (2010). Criatividade e inteligência: analisando semelhanças e discrepâncias no desenvolvimento. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 15(3), 243-250.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. (J. O. A. Abreu e V. Nobre, trads.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1971)

# **ANEXOS**

### **ANEXO A**

# UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA PROFESSORA)

<u>Título da Pesquisa</u>: Criatividade e cognição inventiva no primeiro ano do Ensino Fundamental

Pesquisador responsável: Sergio Alexandre Lemos Giannetti

Orientador: Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade.

Descrição das informações obrigatoriamente prestadas aos participantes da pesquisa:

Professora, você está sendo convidada a participar do projeto "Criatividade e cognição inventiva no primeiro ano do Ensino Fundamental", que tem por objetivo verificar se há o desenvolvimento de estratégias para a implementação da criatividade no processo de alfabetização, verificar como acontecem os processos que favorecem a criatividade e buscar uma forma de favorecer ainda mais a ocorrência desta. Não será realizada nenhuma forma de avaliação da escola, sua, ou dos alunos. Este projeto poderá ajudar o desenvolvimento de práticas que favoreçam a alfabetização e servir de suporte para estudos posteriores. Para a realização deste projeto, o pesquisador acompanhará as aulas de sua turma como observador e eventualmente lhe solicitará entrevistas informais.

É importante salientar que você poderá retirar seu consentimento e deixar de participar em qualquer momento, caso precise ou queira, sem que isso acarrete nenhum prejuízo. Todos os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados pelo pesquisador responsável, com o comprometimento de sempre manter o sigilo de todos os participantes. Caso os dados venham a ser publicados, o sigilo continuará mantido. Não há previsão de riscos e desconfortos durante o estudo, porém é possível que haja algum tipo de constrangimento ou inibição devido à presença do pesquisador, que tendem a diminuir, ou desaparecer, com o passar do tempo. Caso seja de seu interesse, ao final da pesquisa, comprometo-me a disponibilizar um relatório final com as principais conclusões e sugestões que podem favorecer a criatividade no processo de alfabetização. Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido lhe será fornecida, após as devidas assinaturas. Para mais esclarecimentos sobre os aspectos éticos desta pesquisa você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP – USP¹.

1 Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto –USP. End.: Av. Bandeirantes, 3900 - Bloco 3 - Sala 16 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP. Fone: (16) 3602-4811 / Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br

Eu,\_\_\_abaixo assinado, tendo sido devidamente esclarecido sobre todas as condições de que trata

abaixo assinado, tendo sido devidamente esclarecido sobre todas as condições de que trata o projeto de pesquisa intitulado "Criatividade e cognição inventiva no primeiro ano do Ensino Fundamental", cujo pesquisador responsável é Sergio Alexandre Lemos Giannetti, especialmente no que diz respeito aos objetivos e procedimentos da pesquisa, declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram asseguradas, a seguir relacionadas:

- 1. A garantia de receber esclarecimentos a qualquer etapa do trabalho, dos riscos e benefícios que a técnica utilizada poderá trazer.
- 2. A liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento sem que isso traga

prejuízo à continuidade do trabalho.

3. A segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade.
4. O compromisso de que me será prestada informação atualizada durante o estudo.
Declaro, ainda, que concordo inteiramente com as condições que me foram apresentadas e que, livremente, manifesto a minha vontade em participar do referido projeto. Ribeirão

Preto, \_\_\_de \_\_\_\_\_\_.

Assinatura do Professor

Pesquisador: Sergio Alexandre Lemos Giannetti
Fone: (16) 98141-0831
E-mail: l.giannetti@hotmail.com

# ANEXO B

# TEMAS DESENVOLVIDOS NA PRIMEIRA SESSÃO DA ENTREVISTA:

"Minha Formação e Minhas Experiências Anteriores"
"Meu Emprego Atual"
"Minhas Práticas nas Aulas de Alfabetização"
TEMAS DESENVOLVIDOS NA SEGUNDA SESSÃO DA ENTREVISTA:
"Interação Professor- Aluno nas minhas aulas"
"Facilidades e Dificuldades nas minhas Aulas de Alfabetização"
"A Criatividade nas minhas Aulas de Alfabetização"

### ANEXO C

# UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS DOS ALUNOS)

Título da Pesquisa: Criatividade e cognição inventiva no primeiro ano do Ensino Fundamental

Pesquisador responsável: Sergio Alexandre Lemos Giannetti

Orientador: Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade.

Descrição das informações obrigatoriamente prestadas aos participantes da pesquisa:

Prezados pais ou responsáveis de alunos, pedimos por meio deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a autorização para a realização de uma pesquisa na sala de aula onde vossos filhos ou crianças que estão sob vossa guarda estudam. O projeto de pesquisa tem por objetivo verificar como acontecem os processos que favorecem a criatividade em sala de aula

Não será realizada nenhuma forma de avaliação dos alunos. Este projeto poderá ajudar o desenvolvimento de práticas que favoreçam a alfabetização e servir de suporte para estudos posteriores. Para a realização deste projeto, o pesquisador acompanhará as aulas da turma como observador e eventualmente realizará entrevistas com a professora e/ou alunos.

Você poderá retirar seu consentimento e seu filho deixar de participar em qualquer momento, caso precise ou queira, sem que isso acarrete nenhum prejuízo. Todos os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados pelo pesquisador responsável, com o comprometimento de sempre manter o sigilo de todos os participantes. Não há previsão de riscos e desconfortos durante o estudo, apesar de as crianças poderem ficar um pouco inibidas ou constrangidas com a presença do pesquisador na sala ao longo do ano letivo. Porém, é esperado que a inibição e o constrangimento diminuam com o passar do tempo. Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido lhe será fornecida, após as devidas assinaturas. Para mais esclarecimentos sobre os aspectos éticos desta pesquisa você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP USP<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto –USP. End.: Av. Bandeirantes, 3900 - Bloco 3 - Sala 16 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP. Fone: (16) 3602-4811 / Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br

abaixo assinado, tendo sido devidamente esclarecido sobre todas as condições de que trata o projeto de pesquisa intitulado "Criatividade e cognição inventiva no primeiro ano do Ensino Fundamental", cujo pesquisador responsável é Sergio Alexandre Lemos Giannetti, especialmente no que diz respeito aos objetivos e procedimentos da pesquisa,

declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram asseguradas, a seguir relacionadas:

- 1. A garantia de receber esclarecimentos a qualquer etapa do trabalho, dos riscos e benefícios que a técnica utilizada poderá trazer.
- 2. A liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento sem que isso traga prejuízo à continuidade do trabalho.
- 3. A segurança de que o aluno não será identificado e que será mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade e de meu filho (a)
- 4. O compromisso de que me será prestada informação atualizada durante o estudo.

Assinatura dos pais ou responsáveis

Sergio Alexandre Lemos Giannetti
Fone: (16) 98141-0831/E-mail:
1.giannetti@hotmail.com

### **ANEXO D** – Carta explicativa aos pais e mestres sobre a pesquisa

Ribeirão Preto, 21 de fevereiro de 2014

Srs. Pais ou Responsáveis

Dentro deste envelope encontra-se, em duas vias, um documento denominado: "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido", que é um pedido de permissão para que uma pesquisa seja realizada na sala de aula onde seu(s) filho(s) ou criança(s) sob sua tutela estudam. Pedimos que o leia com atenção, e após isto, assinem as duas vias, caso concordem com a participação de suas crianças no estudo, e o devolvam. Caso não concordem, pedimos que o devolva em branco. Se houver alguma dúvida, entrem em contato com a escola ou pesquisador, para que estas sejam esclarecidas.

### ANEXO E

# UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA FUNCIONÁRIOS)

Título da Pesquisa: Criatividade e cognição inventiva no primeiro ano do Ensino Fundamental

Pesquisador responsável: Sergio Alexandre Lemos Giannetti

Orientador: Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade.

Descrição das informações obrigatoriamente prestadas aos participantes da pesquisa:

Prezado funcionário da escola, este é um convite para que você participe de uma pesquisa que será realizada em uma sala de aula desta escola e que tem o objetivo de verificar em quais condições de aula os alunos são criativos. Pedimos que você assine este Termo de Consentimento, caso concorde em participar, porque, apesar de o pesquisador realizar sua pesquisa durante um ano dentro da sala de aula, ele também poderá sair e conversar com as demais pessoas que trabalham na escola. Assim, é essencial que todos saibam quem é o pesquisador e o que ele está fazendo. Importante dizer que não será feita nenhuma avaliação sua, da escola, da professora ou dos alunos.

Caso você não queira assinar o termo, ou desista de participar ao longo da pesquisa, não haverá nenhuma forma de prejuízo a você e não ocorrerá nenhum tipo de punição. Também, durante a pesquisa, não há a previsão de nenhum risco ou malefício para você, apesar de poder existir algum tipo de inibição ou constrangimento, devido à presença do pesquisador, que poderão diminuir ou desaparecer ao longo do tempo.

Esta pesquisa é importante porque, a partir dos dados colhidos, novas estratégias de ensino poderão ser traçadas, que poderão ajudar as crianças a aprenderem melhor.

Caso os dados venham a ser publicados, seu nome não aparecerá de maneira alguma. E se for de seu interesse, poderei, depois de terminado o estudo, lhe dizer o que foi encontrado, seja por uma conversa ou por um escrito, dependendo do que você escolher.

Qualquer dúvida sobre este estudo poderá ser tratada com o pesquisador. Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido lhe será fornecida, após as devidas assinaturas. Para mais esclarecimentos sobre os aspectos éticos desta pesquisa você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP – USP¹.¹ Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto –USP. End.: Av. Bandeirantes, 3900 - Bloco 3 - Sala 16 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP. Fone: (16) 3602-4811 / Fax: (16) 3633-2660. E-mail: coetp@ffclrp.usp.br

Eu, abaixo assinado, tendo sido devidamente esclarecido sobre todas as condições de que trata o projeto de pesquisa intitulado "Criatividade e cognição inventiva no primeiro ano do Ensino Fundamental", cujo pesquisador responsável é Sergio Alexandre Lemos Giannetti, especialmente no que diz respeito aos objetivos e procedimentos da pesquisa, declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram asseguradas, a seguir relacionadas:

- 1. A garantia de receber esclarecimentos a qualquer etapa do trabalho, dos riscos e benefícios que a técnica utilizada poderá trazer.
- 2. A liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento sem que isso traga prejuízo à continuidade do trabalho.
- 3. A segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade.
- 4. O compromisso de que me será prestada informação atualizada durante o estudo.

Assinatura do Funcionário Sergio Alexandre Lemos Giannetti Fone: (16) 98141-0831

E-mail: l.giannetti@hotmail.com